



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
CURSO DE DOUTORADO**

**LUZIA VALLADÃO FERREIRA**

**A CRISE DO PODER E DA OBEDIÊNCIA NA VIDA  
RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA:  
uma abordagem psicossocial e político-religiosa**

**RECIFE**

**2021**

F383c

Ferreira, Luzia Valladão

A crise do poder e da obediência na vida religiosa consagrada feminina : uma abordagem psicossocial e político-religiosa / *Luzia Valladão Ferreira*, 2021.  
241 f.

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2021.

1. Vida monástica e religiosa de mulheres. 2. Catolicismo. 3. Voto de obediência. 4. Autoridade - Aspectos religiosos - Cristianismo. 5. Subjetividade. 6. Psicologia e religião.  
I. Título.

CDU 271

LUZIA VALLADÃO FERREIRA

**A CRISE DO PODER E DA OBEDIÊNCIA NA VIDA  
RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA:  
uma abordagem psicossocial e político-religiosa**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Curso de Doutorado da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito final para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa: Tradições e Experiências Religiosas: Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

RECIFE

**2021**

**LUZIA VALLADÃO FERREIRA**

**A CRISE DO PODER E DA OBEDIÊNCIA NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA  
FEMININA: uma abordagem psicossocial e político-religiosa.**

Tese apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

COMISSÃO JULGADORA:

*Rubemilda Maria Rosinha Barbosa*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rubemilda Maria Rosinha Barbosa (UFPE)  
1<sup>a</sup> examinadora externa

*Anderson de Alencar Menezes*

---

Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes (UFAL)  
2<sup>o</sup> examinador externo

*José Tadeu Batista de Souza*

---

Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza (UNICAP)  
3<sup>o</sup> examinador interno

*Newton Darwin de Andrade Cabral*

---

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral (UNICAP)  
4<sup>o</sup> examinador interno

*Luiz Carlos Luz Marques*

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques (UNICAP)  
Presidente da Banca Examinadora (Orientador)

**Recife, 15 de dezembro de 2021**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, da saúde, dos amigos, pela possibilidade e disposição de continuar buscando conhecimentos.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Marques Luz, atual orientador, pela atenção, acolhimento e orientações na conclusão deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Luiz Alencar Libório, meu orientador antecedente, pela presença capacitada, amiga, confiante e motivadora.

A todos os professores do doutorado da UNICAP que, de perto, compartilhando conhecimentos, dignificam esta instituição, incentivam novos pesquisadores e contribuem para o aprimoramento cultural e social dos seus estudantes. A todos parabênzo de modo especial.

Ao primo e amigo Carlos Gonçalves pelas importantes sugestões quanto à elaboração do texto final.

Aos meus irmãos e familiares que acompanharam de perto esse processo formativo.

Às religiosas entrevistadas, pela confiança e disposição em colaborar com essa pesquisa. A cada uma, em particular, um sincero agradecimento pelas enriquecedoras contribuições.

“A pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a *rigidez*, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o *rigor*, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais”.

(Pierre Bourdieu, 2001)

## RESUMO

Esta tese reflete acerca do poder *versus* obediência na Vida Religiosa Consagrada Feminina e sua relação com a vivência do poder como serviço cristão à luz dos princípios da corresponsabilidade em níveis psicossociais e político-religiosos. O objeto da pesquisa é a reflexão de como se processam os entraves, e suas possíveis razões, geradores de crises, conflitos ou dificuldades em gerir comunidade de religiosas consagradas. Neste sentido, versa sobre a formação das subjetividades, com enfoque na figura da mulher com suas vulnerabilidades; de pressupostos teológicos da doutrina da Igreja Católica sobre o voto da obediência; da necessidade de preparo técnico para lideranças; além de confrontar, com o mundo laical, a percepção de como crises são vivenciadas na esfera conventual. Em se tratando de um grupo específico, incorporado ao mundo religioso, integrante do cristianismo católico, vida e trabalho, ambos com acepção única, têm sentido transcendente. Por ter experienciado essa conjuntura e sentido as dificuldades da gestão conventual, surgiu o interesse pela temática. Todo contexto vivenciado nesse campo é permeado de simbologias que exercem poder, por vezes, sem uma clara percepção de alguns dos participantes, inclusive por quem exerce o poder. No desenvolver desta tese, questões foram ancoradas na teoria de Pierre Bourdieu sobre a violência simbólica, presente em campos diversos. A corresponsabilidade é fator primordial, mas deriva das subjetividades bem ou mal formadas e/ou despreparo técnico das gestoras assim como das demais integrantes da comunidade. Assim, na visão de autores diversos com Anthony Giddens, Lev Vygostsky, Sören Kierkegaard e outros, foi dada atenção à formação das subjetividades com abordagens sociológicas, psicopedagógicas e filosóficas, em convergência com o pensamento de Bourdieu. Pela aplicação da metodologia qualitativa, entrevistas trouxeram à tona a prática vivenciada no exercício da liderança, revelando-a próxima ou distante do considerado “ideal”. Doze religiosas, missionárias no Nordeste brasileiro, de comunidades diversas, participaram das entrevistas. Os dados coletados e confirmados pelas entrevistadas foram categorizados e analisados apreciando-se a estrutura conventual. Formação específica, metas, dificuldades e superação foram examinadas como constituintes do exercício da liderança canônica e revelaram crises vivenciadas capazes, no entanto, de emanar paciência, compreensão e humildade. A teoria de Bourdieu oferece elementos para o entendimento do fenômeno ao tratar das violências simbólicas que ocorrem neste campo social (*locus numinoso*), permeado de estruturas mentais (*habitus*), formando crenças as quais se estruturam como indiscutíveis (*doxa*). Nessa perspectiva, como resultado, detectamos o que diferencia a crise de poder e obediência, de natural manifestação na vida religiosa consagrada, conquanto nela, ao contrário das organizações laicais, as subjetividades são induzidas a “sublimar” conflitos e diferenças, ensejando humildade, resignação, serviço, obediência, submissão.

**Palavras-chave:** Obediência; Serviço; Subjetividade; Corresponsabilidade; Poder simbólico.

## ABSTRACT

This thesis reflects about power and obedience in Consecrated Women's Religious Life and its bond with Christian service according to the principles of co-responsibility at psychosocial and political-religious levels. The object of the research is the reflection on how the obstacles happen and the causes that can generate crises, conflicts or difficulties in managing a community of consecrated religious. In this sense, it deals with fundamentals about the formation of subjectivities focusing on the figure of the woman with her vulnerabilities; of theological presuppositions on the doctrine of the Catholic Church on the vow of obedience; the need for technical skill for leaders; in addition to confronting with the lay world, the perception of how crises are experienced in the conventual environment. As a specific group incorporated into religious world, part of Catholic Christianity, life and work, both with a single sense have a transcendent meaning. Having experienced this situation and felt the difficulties of convent management, my interest in the subject arose. Everything experienced in this context is permeated with symbologies that exercise power, sometimes without a clear perception of some of the participants, including those who exercise power or authority. In developing this thesis, questions were anchored in Pierre Bourdieu's theory on symbolic violence, present in different fields. Co-responsibility is an important factor among the members or the community, but it derives from the well -or poorly- formed subjectivities and/or technical unpreparedness of managers. Thus, in the view of different authors such as Anthony Giddens, Lev Vygotsky, Soren Kierkegaard, and others, attention was paid to the formation of subjectivities with sociological, psychopedagogical and philosophical approaches, in convergence with Bourdieu's thought. By applying the qualitative methodology, interviews brought to light the practice experienced in the exercise of leadership, revealing it close to or far from what is considered "ideal". Twelve sisters, missionaries in Northeast Brazil, from different communities were interviewed. The data collected and confirmed by the interviewees were categorized and analyzed, taking into account the conventual structure. Specific formation, goals, difficulties and overcoming were examined as constituents of the exercise in canonical leadership and revealed experienced crises capable, however, of emanating patience, understanding and humility. Bourdieu's theory offers elements for the understanding of the phenomenon, present in this social field (*locus numinosum*), permeated by mental structures (*habitus*), forming beliefs that are structured as indisputable (*doxa*), called by him as symbolic violence. From this perspective, as a result, we detect that crises are natural to consecrated religious life, such as crises of power and obedience. However, they are different from those of lay organizations because subjectivities are induced to "sublimate" conflicts and differences, which brings humility, resignation, service, obedience, submission.

**Key words:** Obedience; Service; Subjectivity; Co-responsibility; Symbolic power.

## LISTA DAS SIGLAS UTILIZADAS

CDC	Código de Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DA	Documento de Aparecida
ET	Exortação Apostólica <i>Evangelica Testificatio</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Sí</i>
PC	Decreto <i>Perfectae Caritatis</i>
VC	Exortação Apostólica <i>Vita Consecrata</i>
VRC	Vida Religiosa Consagrada
VRCF	Vida Religiosa Consagrada Feminina

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
PROLUSÃO .....	22
Mulher .....	23
O mundo feminino .....	23
A mulher religiosa, que se doa como consagrada.....	25
Vocação primeira da mulher.....	26
Mulher na liderança canônica.....	27
2 CAPÍTULO 1: O PODER .....	29
1.1 Apreciações sobre o poder.....	29
1.2 A construção da subjetividade.....	36
a) Concepção de Anthony Giddens.....	41
b) Concepção de Lev Vygotsky .....	45
c) Concepção de Kierkegaard .....	48
1.3 Vulnerabilidade.....	54
a) Vocacionadas no enfrentamento cultural .....	55
b) Vítimas ou intrépidas na vulnerabilidade.....	55
1.4 Mulher – Subjetividade – Poder .....	57
3 CAPÍTULO 2: CONSAGRAÇÃO – EXPRESSÃO DE FÉ.....	62
2.1 Vida Consagrada – Expressão de Fé.....	62
2.2 Religiosas na estrutura da Igreja .....	63
2.3 A essência da vida religiosa consagrada .....	67
2.4 Vida Consagrada – Dom de Deus.....	72
a) Vida Religiosa – doação.....	72
b) Vida Religiosa - discipulado .....	79
c) Vida Religiosa – aggiornamento.....	85
2.5 Obediência na Vida Religiosa Consagrada .....	91
4 CAPÍTULO 3: A VIVÊNCIA DA AUTORIDADE <i>VERSUS</i> PODER.....	98
3.1 A religião como difusora de poder .....	98
3.2 Entre o ideal e a prática.....	100
5 CAPÍTULO 4: O PODER NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA .....	115
4.1 Poder subordinado .....	115

4.2 A estrutura religiosa conventual .....	117
a) O político na vida religiosa consagrada .....	120
b) O social na vida religiosa consagrada.....	125
c) O psicológico na vida religiosa consagrada .....	131
d) O espiritual na vida religiosa consagrada .....	135
4.3 Religiosas no exercício do poder .....	139
a) Nossas líderes entrevistadas .....	140
b) Formação para a liderança canônica .....	142
c) Metas na liderança .....	150
d) Dificuldades e superação na liderança .....	154
e) Crise ou Conflito na Comunidade .....	160
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	165
REFERÊNCIAS.....	173
ANEXOS .....	180
ANEXO 1 - ENTREVISTAS.....	180
Entrevistada 1 .....	180
Entrevistada 2 .....	184
Entrevistada 3 .....	188
Entrevistada 4 .....	193
Entrevistada 5 .....	196
Entrevistada 6 .....	200
Entrevistada 7 .....	207
Entrevistada 8 .....	213
Entrevistada 9 .....	218
Entrevistada 10 .....	223
Entrevistada 11 .....	226
Entrevistada 12 .....	229
ANEXO 2 – DINÂMICA .....	234
GLOSSÁRIO .....	234
PREPARADA PARA PARTICIPAR DO SÍNODO?.....	235

## 1 INTRODUÇÃO

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) tem sido alvo de publicações sob diversos aspectos. De acordo com o Código de Direito Canônico (CDC), respaldada na inspiração divina, mas constituída numa especificação humana, suscitada e inserida na grege do povo de Deus, recebe da hierarquia católica a aprovação de pertença como meio de proclamar, através de um estilo próprio de vida, as feições de Jesus pobre, casto e obediente (CDC, cân. 573).

Na perspectiva de contribuir com o despertar e o fortalecimento de vocações comprometidas com as propostas carismáticas das ordens, congregações ou institutos, temas são desenvolvidos seja por cientistas da área ou mesmo pastores que se preocupam com a considerada “crise de vocações”, perceptíveis nas falas.

Percebe-se uma busca pelas razões que justifiquem o declínio no número de vocacionados e vocacionadas à VRC e aqui nos detemos ao universo feminino. Esse é um fato observável na contemporaneidade e ocorre, por vezes, o julgamento de que já não cabe, nos tempos atuais, o rigor de um estilo de vida que pede pobreza, renúncia à prática sexual e cessão da vontade própria. Há quem supõe estar na exigência de corresponder a esses conselhos evangélicos, a razão da crise pela qual passa a Vida Religiosa Consagrada Feminina (VRCF).

Tenhamos claro que o campo da religiosidade, como qualquer outro, também está sujeito a crises. Consideremos ser, a religiosidade, um atributo correlato ao ser humano, no entanto apesar da vivência religiosa, a pessoa está permeada de possíveis adversidades. Conduzir bem as adversidades é uma das mais difíceis tarefas, principalmente para quem exerce liderança numa determinada comunidade, ainda que de religiosas.

Ainda que, numa comunidade de religiosas consagradas, todas as integrantes sintam-se atraídas pelo carisma<sup>1</sup> fundacional, cada uma enxerga a doação da sua vida em perspectivas individuais, conceituações próprias e, em consequência, práticas inquestionáveis no entender de cada uma delas.

---

<sup>1</sup> Inspiração do Espírito Santo, concedida ao fundador e repassada aos demais membros da instituição.

Na busca por razões, reflexões são desenvolvidas sem que se esgotem os temas analisados. Parca, entretanto, é a atenção dada a estudos sobre relações de poder no interno da vida conventual feminina e, por assim observar, surgiu meu interesse em investigar, seguindo um percurso já empregado em pesquisas sobre casos evidenciados como sendo de interesse pessoal.

Na Ciência da Religião, muitos projetos selecionam os seus materiais empíricos ou casos, não devido a alguma questão teórica ou problema fundamental, mas porque o estudante ou o pesquisador se interessa por algum fenômeno específico (ENGLER; STAUBERG, 2013, p. 69).

Um cuidado especial levou-me a investigar, não por dedução própria, mas por interlocução, o que pensam algumas religiosas a respeito da obediência *versus* autoridade como fator de possível crise na VRCF. Acredito que, quando o sentido do poder *versus* obediência na VRC é assimilado entre os integrantes de uma comunidade na sua verdadeira essência, autoritarismo e submissão deixam de existir.

Tendo professado os votos de pobreza, castidade e obediência por vários anos numa congregação religiosa de vida ativa<sup>2</sup>, desempenhei funções de liderança assumindo, inclusive, a de líder canônica<sup>3</sup> em algumas comunidades. Nessa trajetória foi possível observar que existe distância entre o “poder *versus* obediência” e o “poder *versus* submissão”. Como exige um trabalho de exploração científica, decidi pelo exercício do distanciamento do objeto pesquisado, com a pretensão de ser fiel aos parâmetros acadêmicos a fim de que esta pesquisa seja válida.

Ao ingressar na instituição religiosa, cada Irmã, ao fim do noviciado<sup>4</sup>, emite, publicamente, um compromisso conhecido como os “votos religiosos”. Na maioria dos casos, em consonância com os moldes da instituição, livremente obrigam-se a cumprir os votos, submetidos a critérios bíblicos, de castidade, pobreza e obediência, daí porque são também chamados de “conselhos evangélicos”.

Dentre esses três votos, o da obediência, que está diretamente interligado às relações de poder, apresenta-se mais desafiante. Não encontramos, na escritura

---

<sup>2</sup> Congregação religiosa de vida ativa – aquela em que os membros, além dos momentos contemplativos, exercem missão apostólica junto ao povo.

<sup>3</sup> Termo aplicado ao tradicional “superiora”, por ser uma função de liderança nem sempre nata, mas institucional.

<sup>4</sup> Período de discernimento vocacional em preparação ao ingresso na congregação como membro efetivo.

bíblica, disputas quanto à pobreza ou à castidade entre os discípulos de Jesus. No entanto, em Lc 22, 24-26 temos, entre alguns deles, a busca de espaço num jogo de concorrência. Independente do campo em que atores atuam, as disputas existem para que seja obtida, com legitimidade, uma posição representativa na hierarquia. Pierre Bourdieu entende que o campo social é um espaço no qual os interesses encontram estratégias para a conquista do poder. Diz ele que “o campo enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo, de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1983, p. 122-155).

A considerar que não faz sentido pensar num indivíduo isolado, principalmente em se tratando de uma comunidade de religiosas, sabe-se que para o ser humano, como um indivíduo de relação, esteja ele em diferente local, estágio ou forma de vida, sempre haverá, na convivência, a presença de um envolvimento mútuo e a necessidade de um mínimo de organização a fim de regular o grupo. Berger e Luchmann (2004, p.75) afirmam ser “impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano”.

Portanto, também numa comunidade de VRC, importa a necessidade de ser estabelecida uma sistematização das atividades além de critérios para o alcance dos objetivos institucionais. Segundo os princípios do Direito Próprio<sup>5</sup> de cada Instituição, uma comunidade se forma na perspectiva da construção de um espaço social o qual sugere responsabilidade compartilhada entre todos os seus componentes e uma liderança canônica a contribuir com eficácia para a integração e convivência harmoniosa baseada no seguimento evangélico de Cristo, tendo em vista a vocação e o carisma comum a todas. Em consequência, um poder que pode, ou não, ser circulante.

Contribuir com eficácia, papel específico de quem exerce a autoridade canônica, exige, entretanto, um contínuo desprendimento e competência. Nem sempre ocorre, mas é possível que dificuldades nesse desempenho tenham sua origem na incompetência e/ou apropriação da autoridade e, por isso, interessa buscar elementos os quais permitam responder à indagação da Ir. Queila Teles feita no artigo

---

<sup>5</sup> O direito próprio regula e disciplina a organização, estruturação e funcionamento da congregação religiosa.

publicado na Revista Convergência: “Quais elementos evidenciam a existência de conflitos de poder em nossas comunidades religiosas?” (TELES, 2013, p. 179). Assim, ampliando o campo de investigação, interroguei-me: Sentem-se preparadas as religiosas nos tempos atuais para liderar uma comunidade, obedecendo, também, regras definidas e estabelecidas com raízes milenares?

Pelo que pude perceber, estudos realizados não se detêm nas dificuldades pelas quais passam as líderes canônicas para atenderem, com eficiência, os requisitos próprios da missão que lhes compete. Sendo esta uma questão de foro íntimo no convívio comunitário religioso, sei que da parte das Irmãs existe uma certa restrição no trato explícito, e aberto ao público, das dificuldades vivenciadas. Acredito, entretanto, que abrir espaço para uma reflexão séria e livre de tabus, trará benefícios às Instituições na organização dos seus quadros e equipes de ação.

A questão problema sobre a ocorrência de crise na VRCF se evidencia em: “Existe crise de poder e obediência na VRCF? Quais elementos evidenciam essa crise?”. A partir desta indagação entendi que seria interessante refletir sobre essa crise considerando a relação com a vivência do poder como serviço cristão à luz dos princípios da corresponsabilidade, em níveis psicossociais e político-religiosos”. Com argumentos referendados nessa reflexão, defendo a tese de que na VRCF existe a ocorrência de crise, diferenciada, porém, das existentes em organizações não religiosas, nas quais a conjuntura se desenvolve apenas em níveis psicossociais e políticos.

O objetivo geral está expresso em “Refletir sobre a crise de poder e da obediência na VRCF e sua relação com a vivência do poder como serviço cristão à luz dos princípios da corresponsabilidade, em níveis psicossociais e político-religiosos”, foi subdividido em quatro objetivos específicos: 1) Elencar concepções acerca das subjetividades femininas atuais, como possíveis agravantes ao exercício e acolhimento da autoridade numa comunidade religiosa feminina; 2) Apresentar os pressupostos canônicos e teológicos da eclesiologia católica, inerentes ao voto de obediência e intrínsecos à prática do poder no cotidiano da comunidade religiosa consagrada; 3) Confrontar a vivência do poder/autoridade na VRCF, através de uma análise descritiva à luz dos autores estudados, considerando o ideal e a prática, segundo os dados da pesquisa de campo e 4) Apresentar, a partir dos depoimentos,

a visão das depoentes sobre a vivência e acolhida da autoridade institucionalizada, no contexto da organização psicossocial e político-religiosa da comunidade religiosa feminina.

A reflexão sobre a crise de poder e obediência, nesse campo específico, foi desenvolvida com base em conceitos elaborados por Bourdieu, buscando uma convergência com os princípios formulados por Kierkegaard embora, à rigor, não exista uniformidade em suas respectivas teorias.

Campo e *habitus* são elementos integrantes na teoria de Bourdieu, numa relação de conjunto entre as estruturas objetivas (campo) e as estruturas subjetivas (*habitus*). Para esse sociólogo, a estrutura distintiva no espaço de um campo, sistematiza o como as relações entre os pares acontecem. Os campos seguem normas um tanto próprias, filtradas daquelas mais amplas da sociedade. Assim,

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada (BOURDIEU, 2004, p. 20-21).

Importa, entretanto, perceber a posição que um agente ocupa no campo para compreender a fala, e o proceder dele. As disposições adquiridas pelos agentes em sua história de vida e formação, podem levá-los a uma resistência às forças do campo. Isso significa dizer que os agentes, pelo capital que detém, intervêm na estrutura do campo. O capital que Bourdieu aborda é o capital simbólico retratado pelo reconhecimento de uma competência no interno da relação social entre os pares.

Este capital, de um tipo inteiramente particular, repousa, por sua vez, sobre o reconhecimento de uma competência que, para além dos efeitos que ela produz e em parte mediante esses efeitos, proporciona autoridade e contribui para definir não somente as regras do jogo, mas também suas regularidades, as leis segundo as quais vão se distribuir os lucros nesse jogo (BOURDIEU, 2004, p. 27).

Segundo esse raciocínio, o *habitus* de uma pessoa que intervém significativamente num campo resulta de uma subjetividade específica que adquiriu considerável capital simbólico e por meio desse capital se projeta, nesse mesmo

campo, ante os pares. Assim, ainda que Bourdieu não se detenha no estudo das subjetividades, em seus conceitos, a ela confere valor de destaque.

É no trato sobre a subjetividade que se torna possível uma aproximação entre Bourdieu e Kierkegaard, não por identidade de conceitos, mas pela resultância das possibilidades que lhe são inerentes.

Kierkegaard enxerga a existência sob a ótica do estético, ético e religioso. A filosofia deste pensador considera a existência concreta do indivíduo na sua singularidade tendo presente suas angústias, possibilidades e escolhas. Segundo Campelo (2018, p. 92) Kierkegaard afirma: “a realidade da existência é contingência, é subjetividade, e todo conhecimento dessa realidade perpassa pela interioridade do indivíduo, seus dilemas, limites, angustias, enfim, pela vida”.

Apesar de complexo, em poucas palavras, diríamos que o conceito de subjetividade em Kierkegaard envolve a totalidade do indivíduo, e não apenas sua contingência histórica. Ele afirma que “[...]o espírito é interioridade, a interioridade é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão e, em seu máximo, paixão que sente um interesse pessoal infinito por sua beatitude eterna” (KIERKEGAARD, 1971, p. 213).

Ambos, como teóricos voltados para a complexidade do ser humano, consagram à subjetividade parcial responsabilidade pelo seu devir. Enquanto um destaca, na subjetividade, o aspecto social que pode levar o indivíduo ao transcendente, o outro destaca a religiosidade que o habilita à vida social numa convivência fraterna.

Ao desenvolver uma pesquisa cujo principal objetivo é refletir sobre um fenômeno de ordem política, social e psicológica, em um campo específico religioso, considere a necessidade de sintetizar o entendimento da formação das subjetividades que, no universo desta tese congrega religiosas que exercem ou exerceram a função de líder canônica numa instituição detentora de pesos simbólicos.

A metodologia empregada fundamentou-se com base em duas vertentes: qualitativa, reflexiva.

Sendo qualitativa interessa o que diz M. Cecília Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Com a pretensão de ser reflexiva, buscou-se o uso da triangulação que consiste no uso de múltiplas técnicas na coleta de dados numa tentativa de superar possíveis deficiências de interpretação dos fatos. Pela confirmação dos entrevistados o resultado se torna mais objetivo e próximo da realidade.

A prática da pesquisa reflexiva propõe que o entrevistador compartilhe sua compreensão com o participante, lhe dê uma devolutiva, possibilitando uma interação perceptual do outro e de si. Nesse processo, a reflexão da fala do entrevistado oportuniza uma abertura para o entrevistado concordar, discordar ou reformular suas proposições. Assim, vislumbra-se uma participação ativa de ambos no resultado final (DIAS et al., 2019, p. 6).

A coleta de dados para uma posterior análise se deu através de uma pesquisa de campo realizada entre religiosas consagradas, membros ativos em Congregação tradicional, atuante no Nordeste do Brasil. O universo da pesquisa foi constituído de uma amostra composta de até 12 (doze) religiosas que exercem ou exerceram função de liderança canônica em comunidade local ou provincial.

Trabalhar com depoimentos orais pressupõe um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e nesse procedimento aplicado, destacou-se o cuidado e o respeito à ética, conforme indica Cabral nas seguintes palavras:

consideramos mais ética a postura de somente receber o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, devidamente preenchido e assinado, junto com a devolução, por parte de cada depoente, da transcrição que lhe deve ser enviada do seu depoimento. Tal postura possibilita a cada um fazer retificações no texto, cortar trechos que não quer que sejam publicados – alguns até explicitam o tempo da interdição – ou mesmo desistir da participação ao não enviar o documento citado (CABRAL, *In*: BRANDÃO; MARQUES; CABRAL; MORAES. Orgs., 2010, p.275).

Neste propósito, foi assegurada a confidencialidade (reserva) sobre a identificação das religiosas objetivando a colheita de dados expressivos e livres de temores. Atendendo a esta finalidade, todas são identificadas por pseudônimos

relacionados a flores. Nesse aspecto, levei em consideração o que orienta Egberto Turato (2000, p. 105) quando diz: “o pesquisador qualitativo deve complementar a redação com observações emergentes no setting da entrevista sempre perguntando a si próprio o porquê dos detalhes da linguagem verbal e não verbal daquele entrevistado”.

O roteiro das entrevistas foi previamente elaborado, pois uma pesquisa científica implica “a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25). Assim, por ter a conotação de semiestruturada, a entrevista permitiu a possibilidade de minhas interferências com questões focalizadoras de esclarecimentos, ou de aprofundamentos no desenrolar do discurso (TOLEDO; GONZAGA, 2011, p. 185).

Como parte da metodologia, numa ação paralela, durante os contatos pessoais foi sugerido às entrevistadas uma dinâmica formulada por uma situação fictícia com questões desafiantes para quem exerce liderança religiosa. Devidamente informadas sobre o funcionamento do esquema intitulado “Preparada para participar do Sínodo?” (Anexos, p. 232), a cada uma, por sua vez, foi dada a liberdade de participar. Observei que, apesar de cientes de que se tratava de uma simulação, todas as que responderam às questões (uma delas preferiu não participar da simulação) fizeram-no com seriedade, considerando a atividade como algo de relevante importância.

A aplicação dessa ação paralela oportunizou conhecer melhor o desempenho das entrevistadas no contexto de liderança além disso, foi considerada muito interessante pelas participantes. Para a elaboração da atividade, por sugestão do Prof. Luiz Carlos Luz Marques, contei com a contribuição de Nicolas Küper Nóbrega, então estudante do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a quem foi explicado o objetivo a ser alcançado.

A estratégia permitiu retratar um perfil coletivo; identificar motivações psicossociais e político-religiosas bem como as representações que a religiosa faz de si própria e das autoridades instituídas na Congregação; as significações dos papéis e das funções a respeito de seus direitos e deveres. Permitiu, ainda, verificar a

presença de uma reconfiguração no interior da instituição de VRCF, quanto ao uso e à construção do poder.

Na fala das depoentes, busquei a relação entre o seu olhar de mundo (cosmovisão) e o entendimento da realidade do contexto em pauta. Os relatos semelhantes e contraditórios foram destacados para uma melhor compreensão e possível intuição de dados não revelados. Esse procedimento encaminhou para um processo de análise qualitativa dos dados coletados (MINAYO, 2002, p. 26).

Terminadas as entrevistas gravadas, transcrevi-as e retornei-as a cada participante para eventuais correções. Além da correção, algumas optaram por retirar tópicos tratados uma vez que se sentindo à vontade, no momento da entrevista, abordaram situações que, posteriormente, acharam por bem não divulgar. Uma segunda revisão foi realizada e por fim, assinada com a autorização para publicação.

Com base nos depoimentos, foi possível elaborar o terceiro e o quarto capítulo que serão mencionados a seguir.

Considero a importância dessa pesquisa, em primeiro lugar, pelas observações ao término das entrevistas. Sem exceção, embora de forma diferenciada, todas ponderaram a relevância do tema direcionado para essa missão de “superiora” conforme se expressou a Ir. Margarida: “Eu que agradeço por poder estar contribuindo com o trabalho da senhora, porque a gente não vê uma pesquisa direcionada para essa missão da superiora” (MARGARIDA, Anexo 1, p. 217); em seguida, destaco dois artigos publicados anteriormente. Um da Ir. Queila Teles, publicado na Revista Convergência, (Ano XLVIII – n. 459 – Mar. 2013, p. 167), com o título “Vida Religiosa e relações de poder - Autoridade e circularidade do poder”, e outro do Pe. Abimael publicado na Revista Convergência (Ano LIII – n. 509 – Mar. 2018, p. 80), “VRC e Autonomia do Sujeito”.

Tais artigos discorrem sobre o poder circulante, sobre o sujeito moderno e os desafios à VRC. De modo especial esses artigos incitaram uma análise caracterizada não por uma observação de quem está fora, mas a partir de quem observa as dificuldades sentindo, vivendo o processo, ou seja, das religiosas líderes canônicas. Consciente de não ter esgotado o tema, considero que foi importante dar

início a um trabalho com perspectiva de continuidade e ampliação por outros pesquisadores, dada a desafiante missão do ser líder canônica.

A formulação do trabalho ficou configurada em quatro capítulos sendo eles antecipados de uma prolusão em destaque ao perfil da mulher vocacionada à Vida Religiosa.

Edith Stein fala que “toda mulher tem aptidões e dons individuais que a fazem aspirar a uma vocação especial além da feminina em geral” (STEIN, s/d. p.139). Essa mulher, em qualquer ambiente que esteja, é capaz de atuar visando o ser humano completo, mas é preciso que ela mesma seja um ser humano completo (STEIN, s/d., p. 46). Além de consagrada, como líder canônica, tem a função primordial de favorecer e estimular a corresponsabilidade do grupo, em vista da missão institucional e da realização pessoal de cada membro (TELES, 2013, p. 172-173).

Saliento que, neste trabalho, tomei como âncora a teoria de Bourdieu fazendo uso de argumentos conceituais complementares encontrados nas teorias de Anthony Giddens, Lev Vygotsky, Sören Kierkegaard, Michel Foucault e outros que tratam da psicossociologia, antropologia e espiritualidade. Embora, como já falei, Bourdieu não se detenha quanto à formação das subjetividades, ele sugere que ela resulta da formação do *habitus* no indivíduo ao dizer que “todo o sistema institucionalizado produz e reproduz um arbítrio cultural [...] ao mesmo tempo que desconhece a origem dos mesmos, assim como as condições da sua reprodução” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 12-13).

No primeiro capítulo apresento, de modo sucinto, algumas apreciações sobre a construção das subjetividades e a vulnerabilidade como a outra face da solidariedade (MENESES, 2019, p. 32).

Sören Aabie Kierkegaard teve destaque nesse capítulo por compreender a pessoa humana na sua singularidade, ou seja, no seu entender é pelo mergulho em si mesmo que alcança a interioridade traduzida por subjetividade. Em se tratando de um campo específico de religiosas consagradas, a religiosidade e a espiritualidade são preponderantes, e esse aspecto é o ponto alto no pensamento deste filósofo. Considerei, também, interessante as concepções de Lev Vygotsky, o qual vincula a

formação da subjetividade ao convívio com outro ser social, e Anthony Giddens, por contribuir com o tema através de uma análise sociológica do mundo em mudanças (GIDDENS, 1994, p. 11).

No segundo capítulo apresento pressupostos canônicos e teológicos da eclesiologia da Igreja Católica inerentes ao voto de obediência e o acolhimento da autoridade numa comunidade religiosa feminina. Assim, reviso a vida religiosa como doação (CDC, Cân.607 - §1), como discipulado (DA 327, p. 149), como *aggiornamento* (PC 19) e como obediência voluntária (CDC 1983, Cân. 618).

No terceiro capítulo confronto a vivência do poder/autoridade considerando o ideal e a prática, segundo os dados obtidos nas entrevistas. A força dos símbolos serviu à pesquisa, assim como o posicionamento de autores, no relato a seguir.

A sociedade humana se organiza para procurar o bem comum. Em sua criteriologia porém, não se pergunta sobre o que propriamente é a Vontade de Deus. A comunidade religiosa se reúne para tentar explicitamente descobrir sempre esta Vontade. Só Deus pode dizer-nos o que Ele quer de nós. Ela está na origem de toda autoridade religiosa e, portanto, de toda obediência (AZEVEDO, 1977, p. 278-279).

O quarto capítulo foi destinado a categorizar os depoimentos coletados observando o perfil do grupo das depoentes; a necessidade de capacitação para o exercício da liderança, de modo especial quando não se é uma líder natural; as expectativas sobre o próprio desempenho como líder e; alternativas de superação das dificuldades. Que preparação foi oferecida para esse desempenho? Quais objetivos são prioritários: cumprir o regulamento, as normas canônicas ou possibilitar a realização da missão institucional e os projetos pessoais da equipe? Como superar determinadas dificuldades?

Para facilitar a compreensão do que comporta a vivência interna conventual, considerei pertinente verificar a abrangência de subcampos interligados e constituintes da estrutura da VRC, tais como o político (respeito às normas), social (convívio fraterno), psíquico (equilíbrio pessoal) e religioso (reverência à tradição e à crença).

A devolutiva realizada e comentada posteriormente, conforme o recomendado numa pesquisa reflexiva, oportunizou concordâncias e discordâncias das entrevistadas acerca das interpretações elaboradas pela entrevistadora.

Considero, enfim, importante ponderar que o desafio da consagração religiosa, considerada como um radical seguimento ao Mestre Jesus, envolve o estar em consonância com a vida comunitária, com os objetivos institucionais, mas também com a integridade da vida religiosa em níveis pessoal, social e ambiental. Neste entendimento, interessa deitar um olhar no que passa despercebido, todavia vivido muitas vezes em profundidade.

A expectativa que nutro, pelo empenho nesta tese, é a de que ele desperte novas contribuições, novas análises, confirmando ou corrigindo posicionamentos acerca das reflexões apresentadas.

## *PROLUSÃO*

Dizemos que o Brasil, além da gigantesca dimensão territorial, é um país multicultural marcado pela presença de etnias diversificadas em sua composição habitacional. Bastaria esse aspecto para justificar uma complexidade nas relações sociais. Reconhecidas de modo geral como pacíficas, essas relações são apresentadas ao mundo como decorrentes de uma prática receptiva e acolhedora do povo brasileiro, apesar de não estar isenta de casos de intolerância em vários aspectos.

As relações sociais, caracterizadoras de uma sociedade, têm a ver com o conjunto de particularidades e generalidades entrelaçadas e entrelaçantes, que fazem parte da vida das pessoas. Segundo Elias (apud MACIEL, 2010), “indivíduo e sociedade não são fenômenos separados” (ELIAS, 2010, p. 46). É isso que nos permite dizer que as subjetividades se formam na complexidade das relações entre a sociedade e o indivíduo, no processo da sua individuação.

Nossa pesquisa considera a formação das subjetividades, buscando um vínculo com o mundo específico da VRCF, na Igreja Católica. O que se analisa são

os possíveis fatores interferentes na formação das subjetividades, e acarretam dificuldades nas relações de poder numa comunidade de religiosas consagradas.

Condicionamentos de ordem psicossocial e político-religiosos desafiam o processo de maturação das pessoas. Esse é um dado que obtemos de autores renomados nas diferentes áreas do conhecimento e do saber. A literatura acadêmica também nos ajuda com suas perspectivas abrangentes e diferenciadas, através dos inúmeros artigos publicados sobre essa temática. Assim, buscaremos, em alguns autores, fundamentos para o entendimento das possíveis interferências que trazem dificuldades nas relações interpessoais relacionadas ao exercício do poder conferido à líder canônica numa comunidade de religiosas consagradas.

### *Mulher*

Muito se tem escrito sobre a mulher nos últimos tempos. Entretanto, os elogios em versos e em prosa, a elas dirigidos, não atendem suas justas expectativas, por não ser o caminho de conferir a dignidade das mulheres que se sentem ao largo dos seus direitos na sociedade e do reconhecimento em seus grupos sociais.

Inegavelmente, a luta travada nos últimos séculos em favor dos direitos sociais negados às mulheres contribuiu para uma reflexão. Desde o momento em que o movimento feminista tomou corpo, surgiram escritos sobre essa temática. Alguns resultados já podem ser confirmados, mas outros ainda se encontram em fase de expectativa.

### *O mundo feminino*

Referente às mulheres, interessa aqui compreender o mundo feminino independente das polarizações de gênero. Ser homem, ser mulher é ser criatura humana. Características específicas atribuídas às mulheres fazem parte, também, do universo masculino e vice-versa. Assim, ambos decorrem da mútua e igual natureza humana, diferenciando-se apenas na dosagem dos hormônios intrínsecos a cada um dependendo da carga genética específica, tornando-os semelhantes justamente por terem diferenças. Nas palavras de Edith Stein,

A diferença entre homem e mulher deve ser entendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano como tal pela diferenciação

sexual, ou a diferenciação diz respeito apenas ao corpo e àquelas funções psíquicas ligadas necessariamente aos órgãos físicos, de modo que o espírito ficaria livre dessa diferenciação, uma opinião que é defendida não só em muitos de mulheres como também por vários teólogos? [...] se, em cada indivíduo encontramos o elemento masculino e o feminino, sendo que apenas um deles predomina, precisamos então das duas espécies para desenvolver plenamente a espécie humana? Esta não poderia manifestar-se plenamente num único indivíduo? (STEIN, s/d., p. 200-201).

Portanto, não interessa enaltecimento, depreciação ou outro fator de comparação entre feminino e masculino.

Características próprias ao corpo da mulher revelam natural tendência ao se doar. Seguindo o percurso natural da sua constituição física e emocional, constata-se que o agir contrário a essa tendência demonstra uma desarmonia que afeta, inclusive, relacionamentos. Naturalmente, independente da sua aquiescência, o corpo feminino se dispõe a se doar para que surja uma nova vida. É nele que acontece o encontro dos elementos que concebem a vida de um novo ser. Apesar da medicina, com tecnologias científicas inovadoras, ser capaz de realizar a concepção da vida *in vitro*, o corpo feminino é o campo natural, propício a desenvolver por nove meses uma vida. É um corpo que acolhe, protege, alimenta e sofre para fazer nascer um novo ser. Após a separação física, continua doando-se através da amamentação e dos demais cuidados ao longo da vida. Edith continua, dizendo:

Parece-me que a alma da mulher está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece [...] A tarefa de abrigar dentro de si uma vida em formação e crescimento, de abrigar e de alimentá-la, leva a uma certa reconcentração sobre si mesma, e o processo misterioso da formação de uma nova criatura no organismo feminino é uma união tão íntima de elementos psíquicos e corporais que se pode entender facilmente que essa união se constitua em marca de toda a natureza feminina ( STEIN, s/d., p. 114).

Ser mulher indica tendência à doação. O gesto de doar não possui limites de concepções. Seja qual for o estado de vida ou a opção profissional, o doar-se é uma das características do ser humano que enobrece quem a desenvolve, pois trata-se de uma prática que não isenta esforço pessoal.

## *A mulher religiosa, que se doa como consagrada*

No contexto social do nosso tempo, a consagração religiosa de uma mulher soa estranho aos ouvidos não só dos incrédulos, mas também de cristãos, dentre eles, alguns assíduos aos preceitos litúrgicos da Igreja Católica. Muitos questionamentos surgem na tentativa de um possível entendimento, como se uma justificativa fosse necessária para aliviar o transtorno interno do ouvinte, causado pela decisão de uma jovem que se sente vocacionada ao claustro.

Poder-se-ia dizer que a sociedade do século XXI, com sua estrutura inovadora, não se coaduna com tal estilo de vida considerada, por alguns, repressora dada a imposição do compromisso de vivência na pobreza, castidade e obediência. Todavia, muitas foram as jovens que, no século passado, precisaram indispor-se com a família para realizar o projeto de seguir a Cristo, como religiosa consagrada. A incompreensão que acompanha o chamado à vocação religiosa não é privilégio de uma época. Desde sempre se fez presente, se bem que à medida que o mundo se seculariza, mais misterioso se torna o fato de uma jovem optar por tal estilo de vida.

Como entender o que se passa no coração e na mente de quem se sente vocacionada à vida religiosa? Não seria um sentimento semelhante ao de quem sonha com o exercício da medicina para aliviar a dor de quem sofre? Ou de quem pretende advogar com o objetivo de lutar pela justiça? Ou, ainda, de quem almeja formar um lar trazendo ao mundo novos indivíduos?

Cada uma dessas pessoas, tocada por um sentimento especial, disponibiliza tempo, dons, valores pessoais; entrega a vida pela causa em questão. Esperam retorno? Sim! Esperam um justo retorno, o da realização pessoal e profissional ao lado da satisfação pelo dever cumprido.

O mesmo sucede com quem entende ser sua missão entregar a vida em favor do testemunho de que é possível a toda humanidade, viver de forma altruística sem o acúmulo de supérfluos, sem se apoderar, ou deixar-se apoderar por alguém, sendo submisso ao projeto de Deus na sua vida. A teologia da espiritualidade na VRC esclarece que ser pobre não significa viver na miséria. Apenas viver com dignidade, consciente de que os bens da terra pertencem a todos indiscriminadamente e devem ser adquiridos pelo esforço pessoal; ser casto indica não ser apegado a nada nem a

ninguém, pois a liberdade da pessoa deve conduzi-la ao essencial que é Deus; ser obediente traduz a convicção de que, como criatura, é ser dependente do criador. Somente a Ele, total submissão.

Assim, os conselhos evangélicos são conselhos dirigidos a todos os cristãos. Alguns compromissados pelos votos, obrigam-se, livremente, a testemunhar que isso é possível de ser vivido.

Este é o aspecto prático que a Igreja Católica apresenta como expressão humana de um chamado divino, difícil de ser traduzido em palavras, mas um tanto esclarecido nas palavras de Pigna quando diz:

la sottolineatura che la povertà, la castità e l'obbedienza appartengono all'essenza del messaggio evangelico, farà meglio comprendere che i consigli non sono un qualcosa di marginale alla vita cristiana e aiuterà i consacrati a prendere più coscienza, che il loro tipo di vita è un "modo" di essere cristiani e, quindi, più profondamente inseriti nel popolo di Dio<sup>6</sup> (PIGNA, [s/d.], p. 5).

### *Vocação primeira da mulher*

A Escritura Sagrada diz que ao ser humano foi entregue a missão de "crescer, multiplicar e dominar a terra" (Gen 1, 26-28). Aqui, encontra-se o primeiro chamado, a primeira con(vocação). Vocação, sendo um chamado divino, e pessoal, a um estado de vida, significa que no projeto de Deus há necessidade de diversificação na forma de participar da gênese e da evolução da vida no mundo. Crescer, multiplicar e dominar são expressões fortes transcendentais ao entendimento do senso comum. Como relata Edith Stein,

O corpo e a mente do homem estão equipados para a luta e a conquista segundo sua vocação original de submeter a terra e de tornar-se seu senhor e rei. Nele atua o impulso de sujeitá-la pelo *conhecimento* e assim apropriar-se dela pelo espírito, mas de adquiri-la também como *posse*, com os *prazeres* que ela tem a oferecer e, finalmente, de transformá-la em sua própria *criação* pela *ação formadora* (STEIN, s/d., p. 88).

---

<sup>6</sup> o entendimento de que a pobreza, a castidade e a obediência pertencem à essência da mensagem do Evangelho, tornará mais claro que estes conselhos não são algo marginal da vida cristã e ajudará os consagrados a tomarem consciência de que seu tipo de vida é um "caminho" cristão e, portanto, devem estar mais profundamente inseridos no povo de Deus.

Temos nessa perspectiva todo um percurso que leva o ser humano a se tornar responsável pelo destino da criação. Apropriar-se da criação implica ao homem e à mulher, coparticipação, cumplicidade, flexibilidade para que, nas alteridades, a complementaridade seja exercida. Não se deve esquecer que os chamados particulares (vocações individuais) fazem parte de um único chamado, ou seja, de uma vocação comum a toda humanidade: participar ativamente da criação. O Papa Francisco alerta para essa causa que tanto tem preocupado, ultimamente, os ambientalistas do mundo inteiro. Suas palavras são:

Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. [...] Precisamos de nova solidariedade universal. [...] «são necessários os talentos e o envolvimento *de todos* para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus». Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades (LS, 14, p. 13-14).

Nossa reflexão caminha para a compreensão de que, mesmo sendo de valor para a vida da Igreja, a consagração pelos conselhos evangélicos compete a poucos. É um estilo de vida pretendido por uma minoria e pode ser comparado ao sal que em pequenas quantidades é suficiente para dar sabor aos alimentos.

A jovem que se consagra nem sempre tem clara percepção do que a espera, mas confia. Por isso, entrega-se partilhando do sentimento de Edith Stein quando afirma:

A entrega irrestrita e amorosa a Deus e o dom retribuição divina, a unificação plena e duradora, são as mais sublimes elevações do coração que nos tornou alcançável, o mais alto grau de oração. As almas que alcançaram esse nível são verdadeiramente o coração da Igreja: nelas vive o amor sacerdotal de Jesus. Ocultas com Cristo em Deus, nada mais pode fazer a não ser resplandecer o amor divino alcançado através da oração, e assim alcançar o coração das outras pessoas, coatuando assim na plenificação de todos, rumo à unidade em Deus, meta que constituía a grande intenção de Jesus (STEIN, 2002, p. 89).

### *Mulher na liderança canônica*

A VRC consiste num estilo de vida que reúne determinado grupo de pessoas sensibilizadas para manter presente, no mundo, a mensagem do Evangelho,

convictas de estarem respondendo a um chamado considerado divino, cujo objetivo é o seguimento de Jesus que viveu pobre, casto e obediente.

Próprio da organização de um grupo, é a necessidade de uma liderança, em vista do bom desempenho funcional previsto. Em se tratando de um grupo religioso, para a escolha da líder que chamaremos de canônica, naturalmente, vem à tona a pertinência de critérios diferenciados daqueles adotados para os líderes em instituições laicas.

Entendemos que estar na liderança significa, também, estar na responsabilidade maior das decisões. Em termos outros, dizemos que se trata de alçar um nível de autoridade e poder, a serem administrados em parceria com os demais membros do grupo. Autoridade e poder constituem o foco da nossa reflexão e assim, façamos algumas apreciações relativas aos termos.

## 2 CAPÍTULO 1: O PODER

O poder proporciona possibilidades e riscos. Quem não se sente atraído pelo “poder”? Assim como um sorvete, um saco de pipocas, um chocolate preenche certa lacuna emocional em uma criança, o poder, em algumas situações, complementa a individualidade (a subjetividade) em potencial do adulto, conferindo, a certos indivíduos, a sensação de plenitude, de poderio, dominação sobre si, sobre outros ou sobre uma determinada situação. Devemos considerar que desejar o poder, além de uma característica inata ao indivíduo, é algo justo e compreensível. Entretanto, na sua essência, oferece, a quem o possui, oportunidades (sentimentos) altruístas e/ou também egoístas. O que fazer com o poder, como conduzir a autoridade? Dependendo de quem legitimamente o assume, os efeitos podem trazer resultados estimulantes ou críticos para a vida e missão de uma equipe missionária.

Assumir a posição de comando exige grau de maturidade que nem todas as pessoas adquirem naturalmente. O ser humano, em sua individualidade, é fruto de uma complexa rede de interferências sociais em constante mudança de princípios e valores. Cada indivíduo age influenciado pelo que considera imperativo e suas convicções podem interferir na forma de conduzir a missão de liderança sobre uma comunidade. São, portanto, as subjetividades que vão determinar “o quê” e, principalmente, “o como” será o agir da líder canônica numa comunidade de religiosas consagradas composta de membros detentores, também de poder, ainda que em níveis e dimensões diferenciados. Aí encontra-se a chave a qual nos direciona ao cerne da nossa pesquisa, pois na VRC a legitimação do poder está vinculada ao serviço cristão à luz dos princípios da corresponsabilidade.

### *1.1 Apreciações sobre o poder*

A princípio interessa-nos uma ideia básica sobre o que se pode entender em relação ao poder e à subjetividade e como se estabelecem na formação de um indivíduo, possibilitando-o tornar-se um sujeito específico por meio das possibilidades e restrições as quais lhes são impostas. Sem um adequado grau de entendimento sobre a interferência da subjetividade no processo das relações sociais tornar-se-ia difícil verificar a complexidade do exercício da liderança canônica numa comunidade

de religiosas consagradas no espaço que lhe é próprio e construído na dinâmica das subjetividades ali inseridas.

Ainda nesse particular, é salutar que tenhamos uma visão mais abrangente das teorias (as estruturas) recaídas num campo específico e privilegiado como o nosso, em que diferentes ideias incorrem entrelaçando-se para formar um campo *sui generis*.

Essa concepção baseia-se no fato de que não é possível aceitarmos um conceito de poder sem admitir a amplitude que lhe é peculiar. Ao tratarmos essa temática num campo específico, no caso, o poder numa instituição religiosa feminina, limitar-nos-emos a conceitos condizentes ao tipo específico do campo em observação. Afinal, qual espécie de poder se adequa a uma estrutura de VRC pertencente à Igreja Católica? O que pode dificultar o exercício de uma liderança canônica?

Michel Foucault, conceituado autor, apresenta premissas que, sobretudo no meio acadêmico lhe conferem competência para tratar esse tema. Quando trata do poder, emprega a característica da disciplina presente nas instituições religiosas e, assim, seus pressupostos não se tornam estranhos ao nosso estudo.

De acordo com Foucault, o termo subjetivação é uma das traduções de *assujettissement* que, em outras variações seria “sujeição” ou até mesmo “subjugação”. No sentido das relações de poder, assimilamos a ideia de que o indivíduo é sujeito ou constrangido por tais relações (TAYLOR, 2018, p. 204). Entretanto, para o autor, estar sujeito e eventualmente constrangido por uma determinada forma de poder, não necessariamente significa repressão negativa. Seja punitiva ou disciplinar ambas permitem orientação comportamental adequada às normas sociais e culturais inerentes a um grupo social.

Dentre as formas do exercício do poder, a que caracteriza a modernidade é o poder disciplinar presente não apenas nas instituições totais, mas também na esfera familiar. Disciplinando automaticamente com normas estabelecidas e, sem aparente percepção, instituições conduzem o indivíduo a optar por um tipo de comportamento. No entender de Foucault,

as disciplinas criam um sujeito que monitoriza a si mesmo e que é preocupado com desenvolvimento, o objeto que se encontra na

interseção de numerosos vetores de gestão e coerção e que, acima de tudo, é útil, produtivo (TAYLOR, 2018, p. 207).

O estudioso defende esse conceito de poder disciplinar, apresentando quatro mecanismos-chave utilizados por instituições totais cujas características se assemelham às instituições religiosas. Também elas fazem uso de: espaço de vivência propício à gestão; atividade controlada e monitorizada; tempo meticulosamente programado e fracionado; composição de forças com trabalho em conjunto para maximizar resultados (TAYLOR, 2018, p. 207-208). Goffman (1961, p. 17), também reflete sobre instituição total e percebe-se que, segundo sua teoria, a estrutura conventual integra aspectos que a caracterizam como tal.

Em tempos idos, o claustro da VRC foi interpretado como refúgio do mundo e local de instrução. Na contemporaneidade, particularmente após o Concílio Vaticano II, a vida conventual sofreu mudanças significativas aliviando as estruturas anteriormente adotadas. Ainda assim, continuam prevalecendo antigos aspectos como vida comum e social direcionadas por uma liderança sendo essa, de modo geral, nomeada e não eleita; práticas comuns estabelecidas por horários e períodos regulares; atividades planejadas conjuntamente para atender aos objetivos da instituição; em alguns casos, vestes uniformizadas para identificar e revelar que pertence à instituição.

O que se pode observar diz respeito a uma normatização docilmente assimilada pelas integrantes no momento do ingresso a essas instituições conventuais. Como se comportarão as novas integrantes no decorrer da vida, será fruto das particularidades individualizadas e imprevisíveis, considerando diversos fatores contribuidores para a formação da pessoa. Subjetivadas por influências internas e externas, nunca se pode afirmar que as jovens estejam prontas para comprometerem-se fielmente às regras de convivência e trabalho missionário.

Na perspectiva de consolidar uma subjetividade desejada, segundo Taylor (2018, p. 208), três técnicas são apresentadas por Foucault. No caso de religiosas consagradas na Igreja Católica supõe-se que: a) os membros da comunidade estão sempre sob a observância de uma líder. Roteiros de trabalho, de viagem ou de repouso são sempre, e anteriormente, combinados e comunicados; b) se bem que não haja punição aplicada pela autoridade, a própria pessoa se penitencia na busca

da adequação às normas estabelecidas e não observadas. Punir-se adquire conotação de aprimoramento, dignidade e valoração conferida pelo sacramento da confissão; c) técnicas de avaliação fazem parte da estrutura conventual quando, periodicamente, são realizadas revisões de vida em caráter privado e, também, comunitário.

Acreditamos que estudar a formação da subjetividade num contexto conventual facilitará a compreensão da possível dificuldade do exercício do poder no sentido de acatá-lo ou exercê-lo sobre um grupo. Não que essa seja a única causa de alguma possível dificuldade. Entretanto, tecnicamente, tomaremos em consideração a suposta possibilidade de que a falta de uma formação adequada seja a raiz de qualquer outra razão.

Pela complexidade do ser humano, o entendimento da subjetividade supõe a utilização da psicologia associada à filosofia, sociologia, antropologia, história. Indo mais além, lembremo-nos de que a subjetividade abrange outras especificidades próprias do sujeito que incluem capacidade racional e imaginária, sensorial e afetiva diferenciando-o do animal irracional. É fundamental considerar esses aspectos os quais caracterizam o ser humano como um ser de necessidades, sentimentos, angústias e temores, capaz de interagir com o meio transformando-o mediante suas paixões ou racionalidades.

Tendo, no entanto, um campo específico a ser pesquisado, isto é, um campo permeado de devoções, a teoria adequada a nossa temática é a de Pierre Bourdieu. Sua noção de poder que se insere, particularmente, no aspecto do simbólico, como força de imposição praticamente invisível num campo de relações, explica o fenômeno, próprio do comportamento de fieis numa Instituição religiosa, no caso a Igreja Católica. Assim, privilegiamos esse autor em nossas futuras considerações.

Nas palavras desse sociólogo, o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica (BOURDIEU, 1989, p. 9). Mais adiante ele complementa:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social

que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral” (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Isso nos faz entender que a religião, repleta de simbologias, atua na vida dos indivíduos desde sua mais tenra idade, no âmago da família, onde e quando a criança entra em contato direto com a própria realidade. A religiosa consagrada, em sua grande maioria, é oriunda de uma família cristã e dessa primeira comunidade absorve elementos formativos sob os princípios da fé. São princípios estruturados e estruturantes nas (e pelas) ética e moral cristãs. Suas relações sociais tornam-se dependentes da simbologia além de impositivas no comportamento psicossocial e político-religioso.

Ainda na infância, a hierarquia na família se faz presente sendo, ou não aceita harmonicamente. A ordem, a disciplina, a responsabilidade e a corresponsabilidade, no âmbito familiar, são valores que se entrelaçam com os símbolos sagrados da fé fazendo os pais representantes de Deus e, por conseguinte, legítimos detentores de poder no espaço do lar, considerado santo. Esses valores são aspectos inerentes aos conceitos da teoria de Pierre Bourdieu, que abordaremos mais adiante. Tais valores, quando bem trabalhados no período de formação, favorece a maturidade da jovem a qual decide ingressar na Vida Consagrada. Caso contrário, pode produzir subjetividades avessas às autoridades com as quais se deparará o futuro.

A sociologia de Bourdieu nos fornece elementos capazes de favorecer uma reflexão não dicotômica no que diz respeito às relações homem/sociedade. A flexibilidade interativa que se estabelece quando o ser humano afeta a sociedade ao mesmo tempo que por ela é afetado, aplica-se de modo ajustado na teoria desse sociólogo ao expor seus conceitos sobre *habitus*, campo e capital.

A teoria de Bourdieu contribui para o entendimento da relação objetivismo/subjetivismo, considerado objeto epistemológico na sociologia vigente. Na sua concepção, esses dois polos se entrelaçam ao contrário do que enfatizavam outros estudiosos ao evidenciarem o caráter da ação do agente (dimensão subjetiva) ou da funcionalidade da estrutura (dimensão objetiva), de forma não entretecida.

O conceito de *habitus* aponta para a formação do mundo social representado, ou seja, o “espaço dos estilos de vida” em que, como uma estrutura estruturante pela interiorização dos capitais simbólicos propicia disposição, ou seja, capacidade de produzir práticas ao mesmo tempo que classifica tais práticas (classificação social) (BOURDIEU, 2008, p.162).

Dentro de uma economia simbólica, Bourdieu entende o *habitus* como uma superação de análises com conotação simplesmente objetiva e subjetiva. A posição do sujeito no espaço social é, num campo específico, de suma importância na relação entre as forças provenientes da estrutura e do indivíduo. Dessa posição, o olhar do sujeito identifica o espaço social. Conforme diz Bourdieu,

Se, para evocá-lo, bastasse o fato de que ele possa apresentar-se sob forma de um esquema, o espaço social tal como foi descrito é uma representação abstrata, produzida mediante um trabalho específico de construção e, à maneira de um mapa, proporciona uma visão panorâmica, um ponto de vista sobre o conjunto dos pontos de vista a partir dos quais os agentes comuns – entre eles o sociólogo e o próprio leitor em suas condutas habituais – lançam seu olhar sobre o mundo social. [...] No entanto o mais importante é, sem dúvida, que a questão desse espaço é formulada nesse mesmo espaço; que os agentes têm sobre este espaço, cuja objetividade não pode ser negada, pontos de vista que dependem da posição ocupada aí por eles e em que, muitas vezes, se exprime sua vontade de transformá-lo ou conservá-lo (BOURDIEU, 2008, p. 162).

Ao tratar sobre o poder simbólico, Bourdieu não se detém, especificamente, ao aspecto da formação das subjetividades. No entanto, sua perspectiva teórica torna-se uma contribuição que não foge ao tema. Ao contrário, apresenta implicações que fazem parte da subjetivação daqueles que integram relações interpessoais num espaço social, mormente esse que trazemos de uma comunidade de religiosas consagradas, vinculadas à Igreja Católica.

Apesar do simbólico em Bourdieu não estar voltado para a formação da subjetividade, é possível entender através da sua reflexão que a experiência religiosa confere sentido existencial àqueles que compõem um determinado grupo em que discursos e condutas coletivas funcionam como objetivações dessa experiência. O simbolismo religioso age de forma a tornar absoluto o relativo, inclusive legitimando o arbitrário. Segundo Bourdieu,

O poder simbólico, cuja forma por excelência é o poder de fazer grupos [...] está baseado em duas condições. Primeiramente, como toda forma de discurso performativo, o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. [...] Em segundo lugar, a eficácia simbólica depende do grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade: Evidentemente, a construção dos grupos não pode ser uma construção ex nihilo. Ela terá tanto mais chances de sucesso quanto mais estiver alicerçada na realidade (BOURDIEU, 2004, p. 166).

Um pouco mais adiante, ele continua:

O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. É somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem (BOURDIEU, 2004, p. 166-167).

Nessas circunstâncias, a religião, como linguagem e sistema simbólico de comunicação e pensamento fundamentados na noção do sagrado, impõe-se como força estruturante na formação dos indivíduos capaz de criar conflitos internos no fiel, quando ele se encontra em um embate sociocultural de interpelação conceitual diversa.

Esse conceito de poder, intimamente envolvido pelo sagrado, pelo capital simbólico que lhe é próprio, não se apresenta em forma de constrangimentos explícitos. Eles estão embutidos nas normas, nos rituais, nas convenções e envolvem a todos, indistintamente. Dessa forma, pode acontecer da líder canônica, ao determinar uma prescrição, ser atingida (ferida) em sua própria subjetividade. Segundo Bourdieu,

A dominação não é o efeito direto e simples da ação exercida por um conjunto de agentes (“a classe dominante”) investidos de poderes de coerção, mas o efeito indireto de um conjunto complexo de ações que se engendram na rede cruzada de limitações que cada um dos dominantes, dominado assim pela estrutura do campo através do qual se exerce a dominação, sofre de parte de todos os outros (BOURDIEU, 1996, p. 52).

Modificando o meio em que vive e sendo, por ele, modificado, segundo a teoria de Bourdieu, o indivíduo traz em si marcas que, da cultura vigente, apropriou-se. Embora seja essa lógica que constitui a subjetividade e que esse exercício ocorra

na contemporaneidade do indivíduo, consideremos que há, também, uma relação histórica subentendida no desenvolvimento da cultura na civilização.

Além da relação histórica, importa reconhecer que apreciações a respeito dessa formação baseiam-se em concepções diferenciadas de acordo com linhas privilegiadas de raciocínio. Nesse entendimento, trataremos de algumas concepções forjadas ao longo dos tempos para alcançarmos o que nos é apresentado atualmente.

### *1.2 A construção da subjetividade*

Costumamos dizer que a subjetividade é fruto dos correntes cenários sociais, porém devemos ter em mente que existe uma relação histórica implícita no desenvolvimento cultural da civilização.

As concepções relativas ao sujeito e à subjetividade foram, e são ainda, alvo de atenção por parte de estudiosos nas diversas áreas de conhecimento. Pretender uma apresentação pormenorizada das teorias construídas e analisar determinadas conceituações sobre esse tópico não é a nossa intenção. Contudo, uma breve apreciação sobre a construção cultural relativa ao sujeito merece ser outorgada em respeito à valiosa contribuição de renomados estudiosos ao longo do tempo.

Surgiram, na Grécia, os primeiros estudos filosóficos sobre a natureza e a origem do conhecimento humano que, mais tarde, vieram compor o que denominamos “pressupostos na formação das subjetividades”. Platão, como um dos mais conceituados filósofos da antiguidade, refletiu acreditando que, por meio do conhecimento, seria possível chegar à verdade do ser. Nessa perspectiva já tecia considerações sobre o sujeito. Segundo ele, o conhecimento ideal estaria no mundo das Ideias já que apenas através do intelecto poderia ser alcançado. Tudo que é conhecido através dos sentidos é um conhecimento irreal. Deus, como criador supremo, tem em si a verdade. Portanto, ao ser humano não cabe construir o conhecimento, apenas reconhecê-lo através de um paulatino processo de deslocamento do mundo das aparências para o das essências. Utilizando a alegoria

“o mito da caverna”<sup>7</sup>, Platão apresenta o percurso dos graus inferiores do conhecimento para os graus superiores: “sair da sombra, para a visão do Sol”.

Descartes, porém, em suas introspecções, trouxe questionamentos sobre essa “verdade absoluta” no sentido de que, aquilo que se torna algo de dúvida deixa de ser verdadeiro. O axioma “penso, logo existo”, tornou-se ponto de partida para Descartes tratar do conhecimento. Detentor de consciência pensante, afirma que é no próprio sujeito que se encontra a verdade. A partir dessa concepção filosófica, o ser humano assume o status de figura central e base de todo conhecimento na construção do mundo. A linha cartesiana centraliza a certeza do ser humano quando estabelece a impossibilidade da dúvida na questão da própria existência. Ao afirmar “sou, existo” a pessoa não pode estar errada. Como tal, a subjetividade surge quando a consciência passa a ser considerada como a artesã das verdades.

Na compreensão de Descartes, a produção do saber se dá pela razão, quando o indivíduo se volta para dentro de si, ou seja, quando se desvencilha das interferências provenientes do mundo externo povoado de emoções e sentidos. A razão é o fundamento do real; essencial porque vem primeiro. É o mundo interno do indivíduo, região onde se processa o pensamento que o faz lançar-se no mundo externo, objetivo, social, dando-lhe sentido e, assim, produzindo o real. Conforme diz Brandão, “considerado como uma exterioridade, o objeto passa a ser algo que é representado por um sujeito que lhe confere sentido” (BRANDÃO, 1998, p. 35).

Assim como pensou Descartes, para Kant, o ato do conhecimento, próprio do sujeito, é fundamental na questão da subjetividade embora não considere que a construção do pensamento esteja atrelada simplesmente ao fato do “eu penso”. Segundo Kant, a relação entre o sujeito e o objeto passa pela percepção individual, ou seja, essa construção se dá na relação que o indivíduo estabelece com o meio.

Temos querido provar que todas as nossas intuições só são representações de fenômenos, que não percebemos as coisas como são em si mesmas, nem são as suas relações tais como se nos apresentam, e que se suprimíssemos nosso sujeito, ou simplesmente a constituição subjetiva dos nossos sentidos em geral, desapareceriam também todas as propriedades, todas as relações

---

<sup>7</sup> O mito da caverna é uma alegoria escrita por Platão com o intuito de exemplificar, pela teoria do conhecimento, como o ser humano pode estar aprisionado numa escuridão, podendo se libertar por meio da luz da Verdade. A parábola encontra-se na obra intitulada “*A República*” (Livro VII);

dos objetos no espaço e no tempo, e também o espaço e o tempo, porque tudo isto, como fenômeno, não pode existir em si, mas somente em nós mesmos (KANT, s/d., p.25).

Na concepção de Kant, o ser humano não tem condições de conhecer a realidade pura, conforme ela é. Para ele, o mundo real é o mundo dos números e, como tal, inalcançável para nós. O que nos é facultado conhecer são os fenômenos, o objeto, na medida em que nos é apresentado e entendido pelo pensamento. Dessa forma, Kant limita a performance da razão. Inclusive, diz ele, pela razão não nos é possível provar a existência de Deus, da alma.

não podemos conhecer a Deus, porque este objeto, Deus, nunca se nos apresenta intuitivamente. Teremos, certamente, o seu conceito, mas não o seu conhecimento imediato, pois não é Deus um objeto sensível, um fenômeno, cuja intuição nos seja acessível. Tudo quanto se afirma de Deus no conhecimento, será negação, e ao dizer que é infinito, entender-se-á que não é finito, etc. O importante, pois, é não tirar da idéia que não existem conhecimentos propriamente ditos sem intuições, e intuições sem objetos, objetos sem fenômenos (KANT, s/d., p. 118).

Outro autor, Dürkheim, com um olhar sociológico, explorou a formação do sujeito na vivência do mundo social, com a lógica de que é na sociedade que o sujeito vai se constituindo.

Dürkheim estabelece uma relação íntima entre a elaboração do pensamento e a vida coletiva. O pensamento, segundo ele, é uma ação que acontece por influência externa e não simplesmente como fruto do ser individual. Assim, a consciência como subjetividade é adquirida; também se forma pelo que absorve do exterior, ou seja, de uma compreensão obtida coletivamente. Em suas palavras, é na

vida coletiva que o indivíduo aprendeu a idealizar. Foi assimilando os ideais elaborados pela sociedade que se tornou capaz de conceber o ideal. Introduzindo-o na sua esfera de ação, a sociedade fê-lo contrair a necessidade de se alçar acima do mundo experimental e forneceu-lhes ao mesmo tempo os meios de conceber um outro mundo. Pois esse mundo novo ela o construiu ao se construir a si mesma, visto que ela o exprime. Assim, tanto entre os indivíduos como no grupo, a faculdade de idealizar nada tem de misteriosa (DÜRKHEIM, 1993, p. 171).

Pela teoria de Dürkheim, o “eu” individual é apenas uma imagem do “nós”. Dessa maneira, o sujeito individual se forma e age impulsionado pela consciência

coletiva à qual está inserido. Suas ações, aparentemente, são determinadas por ele, mas efetivamente são resultantes de influências externas.

Até o século XIX, os autores acima mencionados e outros competentes aqui não citados, fizeram história e continuam sendo na atualidade, referência na área humanística.

Chegando ao século XX, as reflexões acerca da formação da consciência, cultura, comportamento humano, das subjetividades enfim, continuam a ocupar a pauta dos estudiosos contemporâneos. Observa-se que, com o advento da globalização, atingimos uma dinâmica altamente acelerada nas relações sociais afetada sobremaneira pela tecnologia disponível em grande escala, o que incrementa o estilo característico de uma ordem social pós-tradicional marcada pela força das instituições, públicas ou privadas, intentando, de certa forma, impor a ordem dos acontecimentos.

Theodor W. Adorno, filósofo contemporâneo o qual se aproxima à realidade atual, é um dos que analisa a dominação ideológica imposta aos homens do nosso tempo. Apresenta a noção da “Indústria Cultural” que impõe um caráter de alienação de massa para atender aos objetivos de uma determinada governabilidade social, fortemente determinante na formação das subjetividades.

Sua formação musical favoreceu a interpretação de como a arte pode ser utilizada para coisificar o ser humano sem que ele o perceba. Conceitos e verdades sutilmente introjetados através da arte, oportunizam uma recepção dócil de valores favoráveis a ideologias, fortalecendo assim a perpetuação de um sistema contrário à liberdade e autonomia do indivíduo. Neste sentido, afirmou:

Será o cinema não uma arte de massas, mas apenas algo manipulado para o engano das massas? Mas os desejos do público foram-se impondo no mercado; a simples produção colectiva garante já o carácter colectivo; só a estranheza em face do mundo permite ver nos produtores astutos maquinadores; a maioria deles carece de talento, mas onde os verdadeiramente dotados se reúnem o êxito estará assegurado, não obstante todas as limitações do sistema. O gosto das massas, a que o cinema obedece, não será das próprias massas, mas imposto? Falar, porém, de outro gosto das massas a não ser do que elas têm é insensato, e o que alguma vez se chamou arte popular foi sempre um reflexo da dominação. Só na competente adaptação da produção às necessidades existentes, e não na atenção a uma

audiência utópica, pode, segundo tal lógica, ganhar forma a anónima vontade geral. Será o cinema apenas a mentira da estereotopia? (ADORNO, 1992, p. 195).

Segundo Adorno, vivemos num mundo permeado de uma forte ideologia da submissão. Sutilmente introjetada, ela oportuniza que, passivamente, a recepção dos valores impostos seja percebida como verdadeiros e válidos. Em determinado momento, assim se expressou:

O princípio da dominação humana, que evoluiu para um princípio absoluto, virou assim a sua ponta contra o homem enquanto objecto absoluto, e a psicologia colaborou nisso aafiando tal ponta. O eu, a sua ideia directriz e o seu objecto apriórico, converteu--se sempre, sob o seu olhar, em algo ao mesmo tempo não existente. Enquanto a psicologia se pôde apoiar no facto de que o sujeito na sociedade de troca não é sujeito algum, mas sim, na realidade, seu objecto, conseguiu proporcionar a esta as armas para fazer deste um objecto e manter a sua submissão (ADORNO, 1992, p. 54).

Ele observa que, mesmo não exercida a violência física, a dominação tende a um esvaziamento da subjetividade identificada pela ausência de críticas, vindo a objetar esse processo de coisificação das pessoas e das relações sociais.

Ao longo do tempo, ampliaram-se as concepções sobre o sujeito, permitindo uma tal clareza sobre o que consideramos ser pertinente à formação da subjetividade. Produzir um modo de existência, que indica a subjetivação, tem a ver com a noção de ética e política próprias de um contexto histórico. A singularidade de cada um, vinculada a determinados fatores externos (cultura), delineia o ser em formação permanente. Com esse entendimento, não admira que, dentre os estudiosos, visões diferenciadas, coincidentes ou contraditórias, complementares ou não, sejam defendidas para a compreensão do objeto em estudo.

Assim, elegemos três concepções, a nosso ver complementares, com aspectos que se aproximam ao pensamento de Pierre Bourdieu, nosso teórico, julgando-as adequadas para nos fazer pensar sobre a formação da subjetividade de jovens que se sentem vocacionadas à VRC, participantes, portanto de um campo em que capitais simbólicos atuam numa “economia de trocas” com perspectivas de dominação e violência simbólica.

### a) *Concepção de Anthony Giddens*

O universo no qual vivemos ainda não é plenamente, por nós, compreendido. Essa concepção está nas entrelinhas da tese de Anthony Giddens, estudioso do aspecto social na contemporaneidade, quando, ao tratar das mudanças ocorridas nos últimos tempos, afirma que, “dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento acerca de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-los” (GIDDENS, 1991, p. 11).

Numa análise dos acontecimentos hodiernos, o nosso mundo é, para ele, um “mundo em disparada”. O ritmo das mudanças sociais apresenta-se bastante acelerado em comparação aos acontecimentos de outras épocas. O mesmo, diz ele, sobre a abrangência e a complexidade do sistema que vem se impondo na sociedade, trazendo consequências diversas para os tempos atuais. Sobre a ocorrência dessas mudanças ele afirma que

Tanto em sua extensionalidade quanto e sua intencionalidade, as transformações na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças características dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS 1991, p. 10-11).

Interessa-nos acompanhar o raciocínio de Giddens, pela contribuição que poderá nos oferecer na perspectiva de entendermos a distância entre as antigas e as novas gerações ocasionada pelas interferências as quais afetam a formação das subjetividades do novo mundo impactado por uma reflexividade social.

Segundo ele,

Não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas. Nos termos desta análise, pode facilmente ser visto porque a radicalização da modernidade é tão perturbadora, e tão significativa. Seus traços mais conspícuos — *a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente* — nos levam a um novo e inquietante universo de experiência (GIDDENS, 1991, p. 50-51).

Giddens considera que estamos vivendo a radicalização da modernidade, ou seja, o ponto alto da modernidade e justifica seu entendimento dizendo que o “eu” dos nossos dias é um “eu” atuante, responsável pela construção da sua identidade, isto é, um “eu” reflexivo, próprio de um contexto que marca uma ordem social pós-tradicional. Para ele não estamos entrando num novo período histórico, estamos, na verdade, vivenciando uma época “perturbadora e significativa” (GIDDENS, 1991, p. 51) em que “as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (GIDDENS, 1991, p. 9).

Na tentativa de compreender melhor o raciocínio de Giddens a respeito desse mundo que nos rodeia e, mais ainda, a influência das mudanças sociais na formação das identidades, voltemos nossa atenção para o que ele apresenta quando diz:

em eras pré-modernas, para o grosso da população e para a maioria das atividades da vida cotidiana, o tempo e o espaço continuavam ligados através do lugar. Marcadores de “quando” se ligavam não só ao “onde” do comportamento social, mas à substância mesma desse comportamento (GIDDENS, 2002, p. 22).

Independente do período em questão, a vida social tem sua sistematização efetuada através do tempo e do espaço com complexas relações entre ocorrências locais e contatos à distância. Em tempos passados essa sistematização se dava conjuntamente. Entretanto, as inovações tecnológicas produzidas no período pós-tradicional, como as comunicações, por exemplo, muito contribuíram para a separação do tempo e espaço, característica da modernidade. O mundo tornou-se pequeno transformando os padrões que regulavam a vida das pessoas pela facilidade de acesso a informações, produtos, conhecimento etc.

Se, em tempos idos, as atividades da vida cotidiana estavam em sintonia com o tempo e o espaço, ligados entre si através da própria ocorrência, melhor dizendo, numa situacionalidade do lugar, com o advento da globalização o tempo e o espaço perdem sua simbologia de funcionalidade generalizada e assumem sistemas especializados interferentes não apenas em áreas tecnológicas, mas invadem as “próprias relações sociais e as intimidades do eu” (GIDDENS, 2002, p. 24).

Tempo e espaço, não mais interligados, imprimem uma dinâmica na vida social muito mais acelerada e, em consequência, as relações, sejam elas com a natureza, com os semelhantes ou consigo próprio, causam situações de ansiedade em decorrência das incertezas pelos riscos impostos a todo contexto da humanidade. Assim sendo, concebemos que a modernidade está intrinsecamente correlacionada com a globalização. Não existe mais “distância” e nem “momentos específicos”. A globalização, através da tecnologia, faz com que tudo e todos estejam e mantenham-se conectados ininterruptamente.

Dizer que o mundo se tornou pequeno, significa fazer referência ao fenômeno da globalização resumida numa “ação à distância”. O resultado dessa ação provoca uma mudança na ordem social do período pós-tradicional e na formação das subjetividades, ou seja, a tradição não desaparece, apenas muda de *status* na sociedade; pois, se antes a tradição fundamentava as decisões, agora passa a ser questionada e reavaliada em função das escolhas institucionais ou pessoais. Quanto a esse aspecto, ele comenta o fato de que

nas primeiras fases do desenvolvimento das sociedades modernas, foi da maior importância recolocar a tradição em evidência para estabilizar a ordem social. Tradições grandiosas foram inventadas ou reinventadas, tais como a do nacionalismo ou da religião. Não menos importantes foram as tradições reconstruídas de um tipo mais terra-a-terra, relativas, entre outras áreas da vida social, à família, ao gênero e à sexualidade. Em vez de serem dissolvidas, elas foram reformadas de modo a fixar firmemente as mulheres no lar, a reforçar a divisão entre os sexos e a estabilizar certos cânones "normais" de comportamento sexual (GIDDENS, 1994, p. 11).

As distâncias deixaram de ser impedimento para as informações assim como o tempo para alcançá-las. À luz das informações, as práticas sociais são frequentemente estudadas e renovadas, o que significa dizer que na modernidade as decisões deixaram de se sujeitar, intrinsecamente, às tradições, às rotinas, às crenças. Para Giddens (1994, p.11), “Nossas atividades cotidianas são cada vez mais influenciadas por eventos acontecendo do outro lado do mundo; e, de forma recíproca, hábitos locais de estilo de vida tornam-se globalmente consequentes”.

A humanidade, em tempos idos, baseava-se na tradição – dependia de forças externas. Por sua vez, hoje, as tradições continuam presentes, mas não determinam as ações porque os ambientes são moldados a partir dos

questionamentos, avaliações e redefinições do contexto, o que Giddens chama de “reflexividade institucional”. Vale salientar que essa reflexividade faz uso do conhecimento acadêmico proveniente da influência das ciências sociais. Conforme ele analisa,

A sociologia e as ciências sociais em termos mais amplos são elementos inerentes à reflexividade institucional da modernidade — um fenômeno fundamental para a discussão feita neste livro. Não só estudos acadêmicos, mas todo tipo de manuais, guias, obras terapêuticas e de auto-ajuda, contribuem para a reflexividade da modernidade. Em diversas ocasiões, portanto, farei extensas referências à pesquisa social e a "guias práticos de vida" não como meios de documentar um tema definido, mas como sintomáticos de fenômenos sociais ou tendências de desenvolvimento que procuro identificar (GIDDENS, 2002, p. 10).

Giddens considera que não nos transportamos para outro estágio, mas experimentamos uma fase de maior radicalização. Estamos vivendo um período de radicalização da modernidade. São transformações que, na contemporaneidade, significam um processo de amadurecimento da modernidade. E afirma:

Devo analisar a pós-modernidade como uma série de transições imanentes afastadas — ou "além" — dos diversos feixes institucionais da modernidade que serão distinguidos ulteriormente. Não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas (GIDDENS, 1991, p. 50-51).

Nesse entendimento, no mundo pós-tradicional, o processo de reflexividade institucional tem, por um lado, conotação de positividade – o sujeito se reveste de mais autonomia, tem mais possibilidade de escolhas e decisões – em contrapartida – está sujeito às incertezas, aos riscos, o que pode provocar dificuldades para a auto identidade, porquanto o “eu” passa a ser um intento, um empreendimento, um projeto. No seu entender,

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991, p. 39).

À medida em que o sujeito passa a ser um projeto cogitado e definido por si só, as incertezas são prováveis, portando os riscos entram em cena, já que a

previsão de riscos são fatores de profunda interferência nas decisões coletivas e mais fortemente nas individuais.

Podemos perceber que, de certa forma, Giddens e Bourdieu entendem o mundo social susceptível de mudanças através da interferência dos indivíduos numa ação social em constante processo de estruturação e reestruturação.

Por caminhos diferenciados, porém paralelos, traçam um percurso delegando ao indivíduo a capacidade de, em determinado espaço social, acatar ou insubordinar-se às estruturas. Ambos consideram a ação do indivíduo como a capacidade de atuar em determinada situação, conferindo-lhe “poder” pela possibilidade de intervir no curso dos acontecimentos.

#### *b) Concepção de Lev Vygotsky*

Vygotsky dedicou grande atenção ao estudo da criança, especificamente para o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas e adaptativas, diferenciadas daquelas que podemos observar no mundo animal. Convicto de que esse estudo era o meio teórico e elementar para esclarecer os complexos processos humanos de individuação e, para mostrar que não existe uma real distinção entre a psicologia básica e a psicologia do desenvolvimento, mergulhou na observação de como reagem as crianças em tenra idade, fazendo uso de experimentos voltados à aprendizagem.

Suas publicações dão ênfase às capacidades humanas permitindo transformações e dinâmicas funcionais nos diferentes ambientes culturais e históricos. Segundo ele,

Ao longo do desenvolvimento das funções superiores – ou seja, ao longo da internalização do processo de conhecimento – os aspectos particulares da existência social humana refletem-se na cognição humana: um indivíduo tem a capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros de seu grupo social o entendimento que ele tem da experiência comum ao grupo (VYGOTSKY, 1991, p. 87).

Considerando o ser humano na sua complexa trajetória de vida enquanto um ser em formação buscamos, em Vygotsky, elementos que nos permitam penetrar na dinâmica processual da sua especificidade, fruto das (inter) e (intra) relações sociais experienciadas.

No entendimento dele, as funções psicológicas superiores são elaboradas no decurso da vivência da criança pelas mediações com os outros, na perspectiva de uma interação social em que as experiências culturais diferenciadas das da criança, oportunizam ampliação da aprendizagem mediada por símbolos e signos diversos, sendo a linguagem, em seu entender, a mais importante.

Todas as funções psíquicas de grau mais elevado são processos mediados e os signos são os meios fundamentais utilizados para os dominar e orientar. O signo mediador é incorporado na sua estrutura como parte indispensável a bem dizer fulcral do processo total. Na gênese do conceito, esse signo é a palavra, que a princípio desempenha o papel de meio de formação de um conceito, transformando-se mais tarde em símbolo (VYGOTSKY, 2001, n.p.).

É interessante a contribuição de Vygotsky, no entendimento da formação do sujeito e da sua subjetividade ao relacionar a operacionalização das atividades humanas pelos signos. São eles as mediações das funções psicológicas superiores.

Penetrando no seu pensamento, somos levados a cogitar que a subjetividade do indivíduo decorre das suas relações com o outro. Em outras palavras, a subjetividade se constitui tendo em consideração o fator histórico-cultural uma vez que a cultura é parte substancial da natureza do ser humano. Pouco a pouco, a criança assimila e se apropria das significações apreendidas na convivência com os adultos.

Bourdieu, entrevistado por Roger Chartier, revela sintonia de entendimento com este autor e a ele se refere nos seguintes termos:

um psicossociólogo russo muito importante, Vygotsky, que se inspira em Piaget mas introduz uma dimensão sociogenética que Piaget deixa em segundo plano, tenta analisar o efeito próprio da educação escolar e diz coisas realmente apaixonantes. Por exemplo, ele examina o caso da aquisição da linguagem, que pode ser generalizado: as crianças vão à escola já conhecendo sua língua e, no entanto, aprendem a gramática, e um dos efeitos mais importantes da escola seria o de autorizar o acesso a uma prática que é uma metaprática (BOURDIEU, 2006, p. 95).

Na sua teoria, o *habitus* é um sistema aberto que permite transformações constantes a depender das experiências vivenciadas pelo indivíduo. Tentando desfazer mal-entendidos, ele continua:

o *habitus* se revela apenas – é um sistema de disposições, ou seja, de potencialidades, de virtualidades – em referência a uma situação e,

contrariamente àquilo que com frequência me fazem dizer, é apenas na relação com certas estruturas que o *habitus* produz práticas e discursos. Ele é como um mecanismo, mas necessita de um ativador e, dependendo da situação, o *habitus* pode produzir coisas inversas (BOURDIEU, 2006, p. 96).

Importante ressaltar que, a apreciação de Vygotsky não absolutiza as determinações sociais como única constituinte da subjetividade (individuação) porque, além dessa perspectiva, considera as características orgânicas da criança no sentido de que, o desenvolvimento cultural se estrutura, também, nos recursos de maturação biológicos, ou seja, numa agregação tal que, esse desenvolvimento vai decorrer da mútua convergência entre o biológico e a cultura. Para ele,

o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem (VIGOTSKI, 1991, p. 20).

Vygotsky afirma que, não isoladamente, mas na convivência com outras pessoas, é que o indivíduo, ao trocar informações, compõe e aprimora seu conhecimento, construindo novos conceitos, segundo o desenvolvimento psicológico e biológico que o distingue. Assim se refere:

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico.

As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a *fala* humana. Isso, por si só, coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural ((VYGOTSKY, 1991, p.34).

Na visão dele, a subjetividade do indivíduo se desenvolve singularmente, num processo histórico, no qual internaliza as relações sociais que lhe são externas adquirindo e provocando novos saberes. Também Bourdieu insere a historicidade do indivíduo na formação da subjetividade socializada.

Os estudos realizados por Vygotsky no campo da subjetivação são complexos e se estendem em uma vasta reflexão a qual explora, em detalhes, todo um sistema que envolve aspectos biológicos e sociológicos. Enriqueceríamos, sobremaneira, a nossa explanação se tratássemos, aqui, dessas deduções acerca da

formação e atributos da consciência, com sua tríplice natureza (pensamento, sentimento e vontade) perpassando pelo psicológico consciente e o psicológico inconsciente bem como pelas mediações semióticas nos estudos da intersubjetividade; sobre como se estabelece o mecanismo dos reflexos reversíveis que permite ao homem refletir sobre si próprio; sobre a importância dos instrumentos e dos signos como mediadores da relação social além de outras contribuições. Entretanto, precisaríamos discorrer largamente com o risco de adentrarmos num viés de ótica pedagógica à qual o autor se deteve especificamente.

Interessa-nos, mormente, nesta tese, entender o pressuposto que Vygotsky oferece, por meio de seus experimentos, sobre a formação da subjetividade como resultado das interconexões produzidas na consciência através das mediações semióticas materializadoras de aspectos potencialmente inerentes ao indivíduo, sejam elas: a cognição, a vontade, a imaginação, o inconsciente, o simbólico.

A proximidade, em alguns pontos, da teoria Vygotskyana com a de Pierre Bourdieu, nos traz elementos significativos no estudo das subjetividades.

### *c) Concepção de Kierkegaard*

A proximidade de Søren Aabye Kierkegaard com a teologia, em princípio na casa dele e, depois, na universidade, propiciou ao jovem estudante um saber crítico do cristianismo vivido em seu tempo. Extremamente rigoroso em suas análises e sujeito à influência da religiosidade do pai, procurou aprofundar-se nos conhecimentos teológicos tendo como consequência uma angústia, fruto da percepção da distância entre a doutrina cristã que era pregada e a vivência dos adeptos ao cristianismo, na época.

Tanto quanto crítico que era, tanto foi criticado por sua teologia provocativa, ou seja, a incitação através de seus textos, a fim de que o leitor viesse a pensar sobre si mesmo, o seu lugar no mundo e o próprio mundo, num viés cristão.

Radical, criticou o cristianismo da sua época, um cristianismo domesticado, dogmatizado, convencionalizado (ajustado) e funcional, no qual, aos cristãos, em suas práticas, faltava o testemunho da fé. Assim se expressou:

Será certo que cada um dos meus contemporâneos é capaz de realizar os movimentos da fé? A menos que me engane redondamente a tal respeito, tendem eles a orgulhar-se de cumprir aquilo de que seguramente não me crêem capacitado: o imperfeito (KIERKEGAARD, 1984, p. 128).

Para Kierkegaard, a fé ultrapassa o sentido metafísico. No entendimento dele, fé não significa apenas uma virtude teologal. Na vida do cristão, a fé se concretiza como um encargo, uma missão que exige empenho constante.

É uma experiência pessoal que permite ao cristão dar um salto no escuro e assim, encontrar o verdadeiro significado da própria existência. Em outras palavras, a fé não é algo que se possa possuir. Pelo contrário, sendo uma experiência, é algo adquirido numa luta reflexiva do entendimento de si próprio como um ser finito e pecador distante de Deus, do Absoluto. Segundo ele (1979, p. 236), “Não é permitido a ninguém fazer acreditar aos outros que a fé tem pouca importância ou é coisa fácil, quando é, pelo contrário, a maior e a mais penosa de todas as coisas”.

Nessa perspectiva, “uma pessoa pode fazer muitas coisas por outra, mas não pode dar-lhe a fé” (KIERKEGAARD, 2001, p. 31). A fé, enfim, não traz certezas nem tranquilidade; é uma tarefa sempre presente do cristão, cujo escopo é converter-se e alcançar a sua plenitude.

Neste processo de interioridade a pessoa se constrói; atinge sua singularidade, o seu eu, a sua inteira subjetividade. É a essa interioridade apaixonada, considerada como subjetividade, que consiste para o indivíduo existente, a verdade. Embora a equivalência entre verdade e subjetividade constitua o centro do pensamento kierkegaardiano, essa conceituação não deve conduzir o leitor ao subjetivismo ou arbitrariedade porque a verdade, concernente ao indivíduo existente, significa criteriosamente a subjetividade entendida como interioridade apaixonada. Numa de suas obras “*Post-Scriptum às Migalhas Filosóficas*”, o que ele diz sobre a fé, pode se referir à verdade como interioridade apaixonada:

Sem risco não há fé. Fé é justamente a contradição entre paixão infinita da interioridade e a incerteza objetiva. Se posso conceber a Deus objetivamente, então eu não creio; se quero conservar a fé, devo ter sempre presente no espírito que mantenho a incerteza objetiva ‘sobre uma profundidade de setenta mil pés de água’ e que, não obstante, eu creio (KIERKEGAARD, apud Gimenes, 2011, p. 33).

Numa correspondente reflexão sobre “fé apaixonada” como experiência envolta num paradoxo absoluto, Kierkegaard compreende e trata de subjetividade com um conceito distinto do psicológico, sociológico e até mesmo cognitivo. Podemos, inclusive, deduzir que, para ele, crer em Deus significa a experiência de uma fé que prescinde a prova de sua existência. Para Kierkegaard, “a fé implica em risco e não em qualquer tipo de segurança ou justificação” (GIMENES, 2011, p. 33).

Para ele, a pessoa na sua interioridade apaixonada abre-se à vida desprezando verdades objetivas, exteriores a si própria. Segundo raciocínio dele, não existem normas para que se possa atingir a própria dignidade. Conflitos a serem solucionados no âmbito da interioridade podem ser elementos tais que configuram tribulação íntima, para os quais a chave de resposta consiste na experiência cristã da subjetividade, ou seja, responder a um chamado pessoal ou mesmo transcendente. Neste sentido, ele fala sobre a fé:

como se pode ver quando a verificamos supondo o seu contrário: a definição da fé pela qual me guio em todo este escrito, como por uma segura boia. Ora crer, é: sendo nós próprios e querendo sê-lo, mergulhar em Deus através da sua própria transparência (KIERKEGAARD, 1979, p. 380).

Entender o pensamento de Kierkegaard supõe alta capacidade de apreciação quanto às ponderações apresentadas por ele ao expor ideias, por vezes, contraditórias. Em se tratando de subjetividade, especificamente, utiliza trajetórias claramente paradoxais. Encontrar-se numa dimensão subjetiva para ele é conhecer paradoxos. Conforme comenta, “A realidade da subjetividade implicada na fé consistiria em algo finito, mas dependente de uma infinitude essencial que é a infinitude de Deus. Como conciliar as duas é o grande paradoxo do cristianismo (KIERKEGAARD, 1979, p. 13).

Vivendo conscientemente sua história, o indivíduo se depara com práticas mescladas do que é justo e injusto, do que é certo e errado. E é nessa tomada de consciência que, segundo Kierkegaard, a pessoa percebe e consolida a subjetividade dela; noutras palavras, conhece de fato a si mesma.

É nesse se encontrar que se chega à verdade. Concebendo que a verdade está no indivíduo, e não na multidão, somente na subjetividade, ou melhor, na

interioridade de cada um, é possível encontrar a verdade. É nessa perspectiva que ele afirma que subjetividade é a verdade, dado que, ao se converter, o cristão, pela fé, tem a possibilidade de alcançar a Verdade plena que é Deus.

Para Kierkegaard, o sentido de completude existencial vem do interior do indivíduo, mas seu olhar privilegia uma existência concreta, singular. Examinando a própria vida, enxergou fases expressivas, nas quais os valores vivenciados indicavam busca de inteireza nem sempre alcançada. Em “Temor e Tremor” explanou sobre os estágios estético, ético e religioso em que as subjetividades se diferenciam com suas significâncias e seus limites.

A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela. Se se encontram ou não muitos homens do nosso tempo que não a descubrem, não posso decidi-lo, porque apenas me é lícita a referência a mim próprio, e não devo ocultar que me resta ainda muito que fazer, sem por isso desejar trair-me, ou trair a grandeza, reduzindo isto a um assunto sem importância, a uma doença infantil, de que se espera estar curado o mais depressa possível. Mas mesmo para aquele que não chega até a fé, a vida comporta suficientes tarefas, e se as aborda com sincero amor, a sua vida não será perdida, mesmo que não possa ser comparada à existência dos que aprenderam e alcançaram o mais alto (KIERKEGAARD, 1979, p. 297-298).

Nesta sua teoria, a cada estágio um desejo de plenitude se apresenta configurando a busca de sentido inerente ao ser humano. Diz ele, privilegiar o belo, o prazer, a ânsia de viver o momento presente faz parte o estágio estético. Quem neste estágio se encontra, vivendo na ilusão, pouco se preocupa com os relacionamentos, as interações e encontra, ao final, solidão, insatisfação (Kierkegaard, OC IV, p.149). Para quem assume uma vida baseada na ética, a preocupação se volta para o cumprimento do dever e antepõe as normas da moral sobre suas lícitas preferências (Kierkegaard, OC IV, p.190 ou p. 230). Apesar de louvável, esse estágio tende a reter a pessoa no vazio da multidão (Kierkegaard, OC V, p.162). Segundo discorre, apenas no estágio religioso é possível realizar a presença da eternidade no tempo (Kierkegaard, OC XVI, p.236). É neste estágio, no espiritual, que a pessoa conhece a sua limitação existencial. Chega, enfim, ao conhecimento de si própria não pela razão, mas por decisão radical, compromisso apaixonado no abandonar-se inteiramente nos braços de Deus, o Absoluto.

A incitação dos textos de Kierkegaard, num convite ao leitor para que pense sobre si mesmo, traz um *background* intencional. Seja qual for a filiação religiosa adotada, existe sempre a possibilidade da não reflexão que induz a pessoa a se deixar levar pela domesticação institucional e comportar-se de forma automática, funcional.

Não basta estar atento à complexidade das mudanças sociais, como dizia Giddens, embora isso seja de fundamental importância, sobretudo nesta nossa contemporaneidade em que tudo ocorre numa velocidade intensa. Para não ser tragada pelos efeitos da globalização, o caminho é a reflexividade. Ponderar é um verbo adequado quando se faz uso, até mesmo, do conhecimento acadêmico, necessário como elemento e parte do amadurecimento pessoal. Não basta, também, associar-se a grupos que, pela troca de informações, contribuem na formação de novos conceitos e aprimoram o desenvolvimento biopsicológico.

Impossível contestar a teoria Vygotskyana sobre a influência e importância dos relacionamentos os quais desde a infância provocam saberes. Entretanto, convenhamos que, levando em conta apenas essas premissas, as subjetividades poderão ser constituídas com as características, equilibradas ou não, das associações e relacionamentos vivenciados.

Em Kierkegaard não encontramos exclusão dos fatores externos diagnosticados por Giddens e Vygostky, pois segundo eles, afetam a vida das pessoas na formação das suas subjetividades. Pelo contrário, a compreensão de Kierkegaard vai além, submetendo-os ao domínio pessoal de cada um. Enquanto as outras teorias apontam a presença dos tais fatores e recomendam atenção a eles, Kierkegaard avança, apresentando “o como” o indivíduo deve estar atento e “o como” refletir para um efetivo e consciente controle das situações.

Estar no controle das situações implica deparar-se com possibilidades de escolhas entre o bem ou o mal, o certo ou o errado, o razoável ou o melhor, o urgente ou o importante, o necessário ou o essencial. São situações que se apresentam indiscriminadamente exigindo uma resposta e, essa resposta será fundamentada na subjetividade de cada um. Preparar-se para decisões acertadas supõe interioridade que, no entender de Kierkegaard, se ajusta à verdade. Continuando a lógica dele, a subjetividade designa a dignidade da pessoa e ultrapassa a compreensão do

psicológico, sociológico e até mesmo da cognição e, então, é no mergulho em busca da VERDADE MAIOR que a verdade pessoal é encontrada.

Entre Kierkegaard e Bourdieu percebe-se o interesse na reflexão sobre o indivíduo tendo, porém, conotações distintas. Se para Bourdieu o que importa é o sujeito histórico, pensado como um elemento que, numa classe social vivencia a dialética entre estrutura e indivíduo, para Kierkegaard, essa análise incorpora uma necessidade existencial. Em resumo, seu entendimento segue o raciocínio de que tornar-se sujeito só é possível pelo relacionamento com Deus e nesse sentido, é primordial e importante a verdade subjetiva do sujeito, quer dizer: sua interiorização e transformação pessoal.

Bourdieu interessa-nos por suscitar um olhar específico para situações de cunho profano na gestão de pessoas em instituições confessionais. Kierkegaard, entretanto, tem estreita ligação com a nossa proposta, considerando que estaremos refletindo situações vivenciadas por religiosas consagradas.

Acreditamos ser uma subjetividade interiorizada aquela dispõe de elementos para respostas acertadas em casos como os descritos acima. Entretanto, nem sempre isso se dá de forma confortável. Somos todos vulneráveis e, nem sempre prontos a controlar situações. Existe sempre a possibilidade de uma resposta incoerente com a subjetividade que foi construída. Circunstâncias externas contribuem para que a vida humana esteja vinculada a ideais inalcançáveis. Sem que haja o compartilhamento com os demais, uma subjetividade bem construída não é garantia de independência total, de controle dos resultados. Como explica Meneses,

A autodeterminação depende de circunstâncias exteriores, dado que não existe vida autónoma sem o mundo ou sem o contexto social. Por isso, actuar razoavelmente é independente até um certo ponto do resultado que se alcança. [...] A capacidade de governar a nossa própria vida depende de condições que não estão ao nosso alcance, assim como a própria fragilidade (MENESES, 2006, p. 16).

Seria, então, uma irracionalidade pretender idealizar uma vida invulnerável porque as incertezas e as inevitáveis contingências são partes intrínsecas da natureza nas várias dimensões físico-psíquico-emocional e, componentes do organismo social.

### 1.3 Vulnerabilidade

Dando continuidade à reflexão acima, não se pode gerir, em plenitude, a universalidade dos acontecimentos sucedidos no decorrer da vida pessoal. Isto, porém, nos traz a riqueza das oportunidades oriundas da distância entre o ideal pretendido e o real possível, como possibilidades de ocasiões comprobatórias do caráter e do equilíbrio razão/emoção.

A vulnerabilidade tem sido apresentada e entendida como uma fragilidade moldando no indivíduo, em função dos riscos, uma silhueta inferiorizada diante do que lhe parece mais potente, mais dominador. Inegavelmente, verifica-se, com frequência, no corpo social, essa imagem de dependência e passividade que, em alguns casos, expressa o ser como um inepto ao sabor dos acasos.

Kierkegaard diz que o sofrimento humano é condição necessária para a existência e, considerando o homem como um “animal patético” /(*pathos*), entende-o como *pathos* existencial e paixão pelo Absoluto.

O *pathos* estético se distancia da existência ou está nela de um modo ilusório, enquanto que o [*pathos*] existencial aprofunda-se no existir, penetra toda ilusão com a consciência do existir, e se torna cada vez mais concreto ao transformar a existência pela ação (KIERKEGAARD, 2016, p. 363).

Podemos, entretanto, conceber que, a vulnerabilidade proporciona o encarar oportunidades ou possibilidades. Não apenas fecha caminhos, mas também pode abrir espaços para inovações e crescimentos pessoais. Com um fundo axiológico, é o momento em que a pessoa expressa o comprometimento interligado à subjetividade construída. Seria oportuno considerar que há um valor intrínseco a essa condição que, entendida como fragilidade, constringe, todavia se entendida como provocativa, enaltece aquele que, nesse impulso, usando da sua autonomia, decide governar a própria vida.

Considerando as palavras de Meneses (2006, p. 20), “Uma longa tradição ética coloca a excelência humana como se fossemos de facto seres invulneráveis ou como se o ideal ético consistisse em conquistar essa invulnerabilidade”. Vulnerabilidade, portanto, faz parte do ser como um “*thumós*” (energia vital) “que se realiza em dois polos: o do prazer e da felicidade” (2006, p.15). O perigo consiste na

fraqueza de quem permite conduzi-la à insuficiência de racionalidade. Neste caso, ao ceder a condução do próprio agir, cede também a sua distinção como pessoa.

Numa correlação com a temática a ser trabalhada, ou seja, direcionando o olhar para a inserção de uma jovem na VRC, interessa observar a relação de cedência do estar e do fazer, própria de uma “teologia da vulnerabilidade” que Meneses (2006, p. 31-32) desenvolve embasado na parábola do Bom Samaritano: “quanto menos vulnerabilidade, maior será a solidariedade (2006, p. 32) [...] A solidariedade é a outra face da vulnerabilidade” (2006, p. 32).

#### *a) Vocacionadas no enfrentamento cultural*

Estar vulnerável é, não necessariamente, estar condicionada a crises, mas com largas probabilidades de sua efetivação. Vivenciar uma crise, portanto, pode representar um momento de crescimento na formação da subjetividade.

Curiosamente, ao se decidir pela VRC, uma das formas de vivenciar a vulnerabilidade está na eventualidade da jovem se expor a julgamentos de leigos e de alguns religiosos. Várias interrogações surgem duvidando da intencionalidade da vocacionada. Leigos, por vezes, comentam: será uma decepção amorosa? Qual foi o desgosto? Como, atualmente, vocações surgem mais frequentemente nas classes populares, tanto rurais como de periferia das cidades, religiosos podem interpretar: estará, essa jovem, buscando promover-se... estudar... ter segurança? Com isto queremos dizer que a vulnerabilidade se apresenta sob formas, as mais variadas: explícitas ou veladas.

Observa-se que, sendo inexperiente a jovem vivencia essa realidade sem uma clara percepção do processo que ultrapassa. Instintivamente enfrenta suas dificuldades contornando, mas nem sempre superando as intempéries. Marcas podem permanecer projetando-se negativamente ao longo da vida comunitária.

#### *b) Vítimas ou intrépidas na vulnerabilidade*

A tentativa de analisar a juventude na contemporaneidade implica considerar a pluralidade de juventudes diante do contexto sociocultural que abrange a vivência dessa classe social com suas etnias, religiões, ambiente urbano ou rural, gênero, escolaridade, poder aquisitivo e outras especificações.

Isto, porque a dinâmica social da atualidade provoca diferenças entre grupos de jovens, ainda que ocupem uma mesma área geográfica. As oportunidades favoráveis ao acesso a uma qualidade de vida impõem estratégias particulares e buscas diferenciadas à sobrevivência e pertença ao clube dos que possuem bens de consumo.

Interessa, em particular, neste estudo, ponderar a situação das jovens vocacionadas à VRC num cenário de vulnerabilidade ante a decisão pela vida conventual. Evidentemente, não comporta adentrar em todas as variáveis dessas juventudes face à complexidade de fatores que envolve cada uma, de *per si*. Entretanto, uma visão de relance merece atenção, pois permite presumir o difícil desafio dos jovens de modo geral para projetar um futuro promissor, especialmente no mundo atual que não oferece garantia de solidez aos empreendimentos por eles sonhados. Para muitos, as dificuldades se iniciam pelas próprias aptidões e individualidades contrastantes com o perfil estigmatizado pela sociedade, “marginalizando-os” desde muito cedo.

É próprio da juventude estar em ação e se as oportunidades não são favoráveis à obtenção dos objetivos, muitas vezes são as possibilidades que determinam o caminho, podendo comprometer a retidão dos comportamentos. Segundo Gebara,

A mudança qualitativa de comportamentos pessoais e sociais é, na maioria das vezes, acompanhada de uma mudança conceitual e de uma mudança na compreensão de nossos pressupostos, embora isso não se faça de forma automática. Uma não é anterior à outra, mas é como se uma preparasse a outra e dependesse dela, ou ainda, é como se as mudanças de comportamentos criassem uma predisposição para uma ulterior mudança conceitual (GEBARA, 2007, p. 47-48).

Dentre as mais veementes buscas do jovem, destaca-se a pretensão da autonomia seguida do desejo da valorização e respeito. Faz parte, ainda, dele, o impulso para mudar as regulações familiares e sociais julgadas opressoras. A subjetividade, embora não saibam com clareza em que consiste, adquire um caráter de supervalorização que pode comprometer a própria formação pela escolha dos grupos aos quais pertencem.

Contribui para fortalecer essa característica juvenil os valores atribuídos ao que é moderno, tais como a obstinação, valentia, vaidade, exclusividade e outros que, embora tenham concepções positivas, jogados na mídia de forma distorcida, tornam-se protótipos a serem seguidos.

Na ânsia por novos horizontes, sentem-se impulsionados fazendo uso dos valores mencionados acima, por vezes alcançando bons resultados e, por vezes, sofrendo as consequências das ações impensadas. São vulneráveis, já que partícipes da natureza humana.

A vulnerabilidade não faz acepção de pessoas, no entanto atinge mais fortemente algumas classes vitimando-as em níveis diferenciados. As questões de gênero, etnia, opção sexual são as mais afrontadas pelos preconceitos, mas o poder aquisitivo, o nível acadêmico, a profissão exercida, também são alvos de discriminação. Os que se enquadram nessas condições, seja pela condição familiar ou por características individuais, precisam estruturar-se com elevada persistência para superarem as dificuldades que lhes são impostas tanto pelos insuficientes recursos materiais, quanto pelo desestímulo nas relações entre os pares.

Atualmente, tem-se observado Congregações Religiosas de vida ativa, no Nordeste brasileiro, em que vocações surgem provenientes do meio social menos favorecido economicamente. São meninas que se dizem vocacionadas, mas atingidas por uma vulnerabilidade não só pessoal como, também, familiar. Quando velada, a vulnerabilidade torna-as vítimas; quando percebida, pode transformá-las em intrépidas. Bem intencionadas, atendem ao chamado considerado divino, precisando, no entanto, realizarem um trabalho de crescimento pessoal a ser direcionado pela instituição acolhedora. A subjetividade que contribuiu para a escolha e ingresso na VRC, continuará influenciando a caminhada dela por toda sua trajetória como religiosa, favorecendo ou dificultando seu crescimento e o convívio com seus pares. Essa realidade tem sido percebida ao longo do processo de formação, quando formadoras capacitadas atuam com eficácia.

#### *1.4 Mulher – Subjetividade – Poder*

O mundo globalizado que Giddens nos apresenta é marcado, hoje, por uma sociedade desvinculada da solidez na família. Muitas das nossas jovens provêm de

famílias “recompostas”, “congregadas” ou “defectivas”. São famílias cujos filhos têm pais e mães separados formando, ou não, outras famílias. Isso se reflete na forma como a jovem se relaciona com a figura da autoridade.

A família, ao longo do tempo, foi considerada a responsável para a preparação e adaptação da criança e do jovem, ao exercício de submissão e respeito à autoridade. Na modernidade, com as novas configurações familiares, duas situações podem ocorrer, sendo uma a presença de uma autoridade despótica causando no indivíduo rejeição a toda e qualquer autoridade; contrário a essa situação tem-se a ausência de normatividade familiar, em que os pais deixam de ser vistos como “líderes”, ocasionando permissividade e, conseqüentemente, um afrouxamento de autoridade e de poder. Ambas, as situações, representam perspectivas negativas nos relacionamentos futuros com as autoridades constituídas.

De acordo com o pensamento de Foucault, marcas da infância ou adolescência podem dificultar, mas também facilitar as relações de poder na vida adulta. Assim,

se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber (FOUCAULT, 1979, p. 148).

Segundo ele, o poder produz efeitos não apenas repressivos, opressores, com percepção negativa. Contém em si também um enfoque positivo no sentido de situar a pessoa na sua realidade. A partir de um poder disciplinar, exercido com vislumbres de afetividade pela autoridade familiar, as chances da formação de uma subjetividade autoconfiante e com princípios morais são maiores.

No mundo em mudanças aceleradas, tal como Giddens nos apresenta, essas subjetividades femininas personificadas realizam um trabalho ético pela conquista de um espaço social negado às mulheres, por séculos. Sem exceção, todas as instituições, inclusive religiosas, ainda encontram dificuldades para aderirem a uma ordem social e política que implique em novas relações de gênero. De acordo com Gebara,

Uma nova maneira de pensar e viver as diferentes tradições religiosas têm crescido em diferentes lugares do mundo mesmo que as instituições religiosas oficiais tenham dificuldades de aceitá-las. E, não se pode esquecer que as instituições religiosas fundadas em estruturas patriarcais de pensamento e comportamento são as que mais têm resistido ao diálogo com os movimentos feministas e às mudanças em curso (GEBARA, 2004).

Em contrapartida, em função de fatores diversos, persiste uma lentidão para que se imponha uma nova compreensão do ser humano em suas diferenças complementares. Como diz Ivone Gebara, até mesmo nós, mulheres, “habitadas aos sistemas hierárquicos autoritários temos dificuldade de integrar existencialmente as novas formas de exercício do poder” (GEBARA, 2004).

O exercício do poder num ambiente religioso feminino tem suas particularidades que o diferencia do masculino e precisa ser respeitado em sua forma de ação porque, em nada, um se sobrepõe ao outro. Antes, pelo contrário, são complementares. Em Michel Foucault procuraremos entender as dinâmicas a ele pertinentes.

Soa estranho quando Foucault afirma não ser teórico do poder. “Não é o poder, mas o sujeito que constitui o tema de minhas pesquisas”<sup>8</sup>. Noutra ocasião, “Não sou de modo algum um teórico do poder”<sup>9</sup>. Respeitar suas alegações, afinal, não significa concordar integralmente com sua apreciação. Vale reconhecer e ressaltar que importa, sobremaneira, a contribuição que o autor nos proporciona, e que nos será útil mais à frente.

Ao tratarmos de “subjetividade, mulher e poder” não tencionamos englobar toda a conjuntura que o tema envolve. Cada um desses termos se desdobra em categorias, sendo que algumas delas não dizem respeito à especificidade da VRC.

No contexto conventual, melhor especificando, na condução da comunidade religiosa feminina, por vezes, acontece de a líder canônica sacrificar aspectos da sua subjetividade feminina assumindo atitudes masculinas a fim de exercer seu poder, como acontece em instituições de mercado competitivo. Além do mais, ainda que não seja o foco primordial da instituição, há que se admitir a

---

<sup>8</sup> DE, IV, n 306: “Le Sujet et le Pouvoir” (1982), p. 223, in: *Hermenêutica do Poder*, p. 463.

<sup>9</sup> DE, IV, n 330: “Structuralisme et post-structuralisme” (primavera de 1983), p. 451, in: *Hermenêutica do Poder*, p. 463.

pertinência da preocupação necessária com o aspecto econômico e financeiro. Não há como escapar da responsabilidade no providenciar o indispensável para a sobrevivência da instituição e da comunidade em si. Nessas circunstâncias é possível aflorar a busca do poder do conhecimento e o poder da comunicação que induz à semelhança de uma gestão laica com sintomas de dominação.

Trazendo a temática para a vida privada de comunidades religiosas, segundo Foucault, esse poder se constitui no conjunto de relações de forças que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas distintas.

O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta (FOUCAULT *in* Deleuze, 1991, p. 37).

Sem nos determos, ainda, na prática da espiritualidade, lembramos o poder aquisitivo familiar, a constituição biopsicológica, o nível cultural adquirido, a história de vida, as aspirações em processo e outras características que contribuem para a subjetividade da mulher (vocacionada–consagrada–vulnerável), que assume a liderança canônica de tantas outras mulheres também subjetivadas, vocacionadas, consagradas e vulneráveis.

A jovem, foco da nossa reflexão, vem de um contexto histórico que envolve particularidades provenientes do meio social vivenciado.

Considerando os conceitos citados quanto à formação das subjetividades, voltemos à importância de um acompanhamento da instituição para o crescimento pessoal da jovem ingressante. Formação é um processo que nunca atinge a plenitude. Ela se dá paulatinamente ao longo da vida e sempre no convívio social.

Tal encargo, para ser bem desempenhado, deve ser assumido supondo uma preparação básica que permita, à líder canônica, abertura de visão psicossocial e político-religiosa. Compete à instituição favorecer o preparo adequado conferindo, indistintamente, oportunidades de aprimoramento específico para que, na emergência de uma necessidade, haja Irmãs aptas ao exercício da função. Neste sentido, paralelo às noções básicas da psicologia, antropologia e política de gestão, destacamos o estudo aprofundado dos princípios que regulamentam e normatizam o todo da VRC

contidos no Código do Direito Canônico e demais documentos conciliares e pós conciliares que trataremos a seguir.

### **3 CAPÍTULO 2: CONSAGRAÇÃO – EXPRESSÃO DE FÉ**

Os pressupostos canônicos e teológicos inerentes à VRC, com destaque no voto de obediência, permitem-nos perceber o significado, a dimensão, a amplitude e as consequências de assumir um compromisso com Deus através das normas de uma instituição humana.

#### *2.1 Vida Consagrada – Expressão de Fé*

Em termos rigorosos, segundo a concepção da Igreja Católica, a Vida Consagrada configura-se numa forma de vida que radicaliza a consagração batismal. Pela adesão ao batismo, assegurada pelo sacramento da Confirmação, o fiel já é chamado a ser discípulo missionário e participa da comunhão trinitária na Igreja (DA 153, p. 78-79). Neste sentido, segundo a visão da hierarquia, como detentora, intérprete da mensagem e gestora dos bens espirituais, a VRC pretende ser resposta a um convite, um sinal de perfeição (LG 44) no seguimento de Cristo enquanto “sal” e “luz” no mundo (Mt 5, 13-16), capaz de atrair os cristãos ao cumprimento da sua missão na Igreja.

Como tal, sentindo-se responsável por tudo que envolve a vida de fé dos cristãos, a hierarquia católica normatiza e apresenta sua hermenêutica bíblica, considerando também a tradição dos primeiros séculos, com o intuito de manter uma unidade na diversidade dos carismas, todos eles dons de Deus.

Essa diversidade de carismas sinaliza a comprovação de que, em se tratando de particularidades específicas, a vida espiritual do cristão está envolta na sua ampla condição de vida com aspectos estudados, há algum tempo, pela antropologia, sociologia, psicologia e outras ciências voltadas para o comportamento humano.

Não obstante as normas e orientações para a VRC, fornecidas pela Igreja de Roma através do Código de Direito Canônico, documentos conciliares e pós conciliares, sejam dignas de menção sublime, é válido considerar que a prática, ou melhor, a aquiescência e seguimento por parte das consagradas, nem sempre corresponde ao ideal preconizado pelas orientações dadas.

Se levarmos em consideração a diversidade cultural com suas interposições sociais no psíquico de cada indivíduo, encontraremos ambientes estruturados e estruturantes nos quais, consensos determinam o que vale e o que não vale ser vivido. Nessas situações é muito provável que comportamentos sejam aceitos e praticados sem a real consciência do seu valor, mesmo em se tratando de uma comunidade de religiosas consagradas.

Estamos, aqui, tentando assimilar e introduzir a ideia de que, ao tratarmos da VRC como expressão de uma fé levada à radicalidade da mensagem evangélica, em conjunto com a análise de aspectos normativos para essa experiência, estamos trabalhando sobre “relações”, sobretudo “relações de poder” que, segundo Pierre Bourdieu, sobrevive num espaço social onde se forma um campo, e nesta tese o campo religioso com poder simbólico. Segundo ele,

o espaço social é um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos directo ao campo de produção econômica: no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão, ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas) (BOURDIEU, 1989, p. 153).

## *2.2 Religiosas na estrutura da Igreja*

O poder simbólico, inerente ao mundo religioso institucional, precisa ser considerado mesmo quando estudamos grupos e comportamento de religiosas consagradas. A antropologia, como ciência, nos permite adentrar nos contextos em que o ser humano é, simplesmente humano.

Os registros que narram a vida dos primeiros cristãos apresentam fontes de inspiração para o estilo de VRC. Sabe-se que os discípulos, em seu primeiro ardor, louvando a Deus, renunciavam aos bens materiais, colocavam em comum tudo o que possuíam e, ajudando-se mutuamente, formavam uma comunidade de irmãos (At 2, 44-47) sob a direção de um líder que, além de unificar, exercia um serviço de ajuda no cumprimento da vontade de Deus (At 15, 7). A exemplo dessa prática e com o espírito de seguidores, ainda hoje, jovens, segundo seus depoimentos, entregam suas vidas na busca de obedecer à vontade divina, através um representante humano.

Também em uma comunidade de consagradas, por questões de organização, impõe-se a existência de uma líder que estimule o ardor da vocação e conduza a missão institucional a ser desempenhada por cada membro.

O desempenho exercido por uma líder canônica numa comunidade de religiosas consagradas difere daquele empreendido nas instituições profanas que visam resultados financeiros, assim como difere da liderança hierárquica, considerada como tal pela força do sacramento da Ordem. Enquanto essa, originalmente, é reputada como vertical em função do sacramento, aquela canônica é entendida como horizontal, pois corresponde a uma solicitação intrínseca e natural pelos seus membros para o bom andamento da comunidade.

Isso significa que uma líder canônica em nada se diferencia das demais coirmãs, enquanto membro integrante da instituição. Essa paridade resulta da elementar isonomia de serem todas irmãs pelo batismo. A autoridade que lhe é atribuída, quando associada à liderança nata, vem da construção particular da sua vida pregressa. Em muitas situações, entretanto, a autoridade é imposta por determinada regulação, o que dificulta o bom resultado das ações podendo trazer prejuízo para todo o trabalho da comunidade.

Habitualmente as lideranças canônicas são delegadas por instâncias maiores na Congregação e, portanto, nem sempre atendem às expectativas das comunidades. Acreditando na ação da providência divina, conforme as orientações regulares, os membros da comunidade esforçam-se para reconhecer essa liderança revestindo-a de autoridade, delegando e autorizando-a ao serviço espiritual expresso na função de corrigir, ensinar e santificar as coirmãs (PAIVA, 2004, p. 18-19).

Em tempos idos, o poder atribuído a uma líder canônica confundia-se com o de uma autoridade suprema em que o seu parecer era, automaticamente, considerado inspiração divina. Com amplos domínios, esse poder situava-se acima do consenso comunitário. Quanto mais autoridade mais poder de cobrar humildade. Quanto mais humildade, mais santidade de quem se fazia submisso. Para provar a santidade das coirmãs, tornava-se justo criar situações que pudessem provocar humilhações. Essa regra de conduta, que perdurou por longos anos, embora já não

faça parte da espiritualidade da VRC atual, deixou marcas em algumas Irmãs que foram admitidas no período em que reinava essa práxis.

Essa forma de vida encontrou destaque no Concílio Vaticano II, o que se pode comprovar pelos vários documentos conciliares e pós conciliares publicados, dentre eles alguns diretamente voltados para aspectos a ela relacionados. Como nenhum dos anteriores, esse Concílio conferiu importância a essa vivência específica, distinguindo-a das demais formas de vida, pela sua radicalidade evangélica. Tal distinção não estabelece posição superior (e nem inferior) a nenhum outro estado de vida (VC 38, p. 73), todos eles justificados pela diversidade dos chamados (1Cor 12, 4-11). A “objetiva excelência da Vida Consagrada”, segundo a exortação apostólica *Vita Consecrata* (VC), está no fato de conter, como princípio, seguir a vida “casta, pobre e obediente” assumida por Jesus como expressão da relação de Filho, com o Pai e o Espírito Santo (VC 18, p. 34). Como um pressuposto no cristianismo, o chamado à santidade é dirigido a todos os batizados indistintamente e a hierarquia da Igreja Católica traz a público a compreensão de que, aos leigos cabe a missão de seguir o Mestre Jesus evangelizando; aos clérigos, de ministrar e administrar os bens da economia da salvação; e aos religiosos, o testemunho de um discipulado a ser vivenciado, também, pelos leigos e clérigos.

Assim, nestes termos, pode-se afirmar que a Igreja Católica diz considerar a diversidade de vocações, mas não uma desigualdade que atribui maior dignidade ou valorização a qualquer dos chamados, pois todos são caminhos à santidade (LG 32).

Apesar disso, em contrapartida, considerando o universo constitutivo da Igreja, que engloba um campo formado por clérigos e outro formado de leigos (dentre estes, os religiosos), por força da cultura, uma certa distinção de gênero se evidencia nas representações sociais. Uma vez que, historicamente, o patriarcalismo se impôs e o sexo masculino tornou-se condição para o ingresso ao clericalismo, a distinção se faz legitimada pelas típicas convenções estabelecidas. Com isso, apesar da mesma dignidade e valorização como caminho de santidade, entre os clérigos e as religiosas, enquanto elas fazendo parte do laicato, as distinções são perceptíveis. Como diz Bourdieu,

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige,

preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos (BOURDIEU, 2012, p. 71).

Sem a pretensão de criticar, apenas ressaltamos a refutação das distinções, por parte de lideranças feministas, dentre elas, teólogas católicas, num posicionamento claro e direto, tal como se manifesta Elizabeth Fiorenza. Em determinado momento, falando sobre a “luta contra o patriarcado religioso”, afirma que as feministas religiosas precisam decidir em que empenhar suas energias e talentos a fim de, mudando ou não sua denominação religiosa, pertencendo ou não a alguma instituição religiosa, nunca “renunciar ao direito à autoridade espiritual”. Apesar dos passos dados pelo Concílio Vaticano II, focando uma relação de igualdade de direitos para ambos os sexos na estrutura da Igreja, a teóloga deixa explícito que, as correções teológicas referentes à compreensão constantiniana da Igreja sobre hierarquia não são suficientes para que as mulheres sejam reconhecidas. Também não é lutando para ocuparem posições nos graus inferiores da hierarquia que estarão promovendo estratégias adequadas para a igualdade de direitos. Recomenda a possibilidade de estudos de teologia em níveis avançados de mestrado e doutorado que lhes permitam poder de permanência da consciência histórica feminista (FIORENZA, 1995, p. 11-12).

Enquanto feministas discutem sobre possibilidades de ingresso da mulher na estrutura hierárquica, Fiorenza opta por “reconstruir todas as formas hierarquizadas, clericalizadas e sacralizadas de ministérios da Igreja” (FIORENZA, 1995, p. 47), fazendo valer, com reconhecimentos e confirmação, os ministérios batismais já exercidos por mulheres na Igreja. Para ela, a questão não é a admissão das mulheres aos ministérios, a exemplo a incorporação como diaconisas, no mais baixo escalão da hierarquia. Trata-se, no entanto, de uma reconceitualização da Igreja e do ministério (FIORENZA, 1995, p. 42). Referindo-se à noção de sacerdócio no Novo Testamento, ela define a quem é dado o direito de exercer liderança litúrgica e eclesial:

O que é decisivo para o ministério na Igreja não é o sacerdócio cultural, mas as “dádivas” do Espírito Santo. Todos os membros da comunidade cristã são chamados a exercer suas “dádivas espirituais” para a edificação do Corpo de Cristo, da comunidade cristã. Uma vez que as dádivas do Espírito não se restringem a um certo grupo dentro da comunidade, todos estão capacitados e autorizados, no poder do

Espírito, a pregar, profetizar, perdoar pecados e participar ativamente da celebração da Ceia do Senhor. Assim é que todos os membros do povo de Deus, em virtude do seu “sacerdócio” batismal, adquirem a capacidade e o direito de exercer funções de liderança litúrgica e eclesial (FIORENZA, 1995, p. 44).

### 2.3 A essência da vida religiosa consagrada

Nos trabalhos conciliares, “a vida consagrada foi identificada como parte viva e fecunda da vida de comunhão e de santidade da Igreja” (PERSCRUTAI, 4, p. 19). O decreto *Perfectae Caritatis* reflete e apresenta a preocupação da Igreja no que tange à atualização da vida religiosa convocando-a a um *aggiornamento*<sup>10</sup> necessário que inclui a formação, inicial e permanente, dos consagrados. Como princípios para essa atualização, estabelece que, primordialmente, os institutos devem priorizar o seguimento de Cristo, seguido da fidelidade ao espírito e às intenções dos fundadores (PC, 2b, p. 489).

Assim, é que, a exortação apostólica *Evangelica Testificatio* (ET), insiste na atenção dos religiosos quanto à fidelidade “ao espírito dos seus fundadores, às suas intenções evangélicas e ao exemplo de sua santidade” (ET 11, p. 12) que não devem ser perdidos no tempo, mas atualizados a serviço da humanidade. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), o capítulo VI é todo dedicado aos religiosos e, em determinado ponto assim se expressa:

A profissão dos conselhos evangélicos se apresenta como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja para o cumprimento dedicado dos deveres impostos pela vocação cristã. Como, porém, o Povo de Deus não possui aqui morada permanente, mas busca a futura, o estado religioso pelo fato de deixar seus membros mais desimpedidos dos cuidados terrenos, ora manifesta já aqui neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens celestes, ora dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo, ora prenuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste. Este mesmo estado imita ainda mais precisamente e representa continuamente na Igreja aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo para fazer a vontade do Pai e propôs aos discípulos que O seguiam. Finalmente, patenteia de modo peculiar a transcendência do Reino de Deus e seus altos destinos sobre tudo o que é terreno. Demonstra, ao mesmo tempo, a todos os homens, a supereminente grandeza da força de Cristo-Rei e o infinito poder do Espírito Santo que opera admiravelmente na igreja (LG 44, p. 94).

---

<sup>10</sup> A palavra “*aggiornamento*” quer significar uma adaptação dos princípios da doutrina católica ao contexto do mundo atual. Mais especificamente, uma atualização.

Com isso, a Igreja Católica, como instituição, tendo acolhido a VRC em sua estrutura, alega ser ela inspiração do Espírito Santo, e estabelece, para a sua sustentação, parâmetros embasados nas Sagradas Escrituras. Interpreta particularidades desse estilo de vida comparando-as com o ensinamento dos apóstolos, aqueles que foram os primeiros destinatários da mensagem de Jesus. Assim, aos poucos e ao longo do tempo, vem apresentando pressupostos inerentes a este estado de vida dos quais, alguns, trataremos a seguir.

Em princípio, interessa-nos aflorar a acepção do que seja, para os teólogos católicos, a essência da VRC enfatizando a prática da obediência como um voto de dependência total a Deus através de uma autoridade humanamente visível. Indiscutivelmente, pela interpretação bíblica, ao dispor-se à Vida Consagrada, o religioso se obriga de forma automática à vivência dos três votos: pobreza, castidade e obediência, a exemplo do Mestre Jesus. Como afirma Pereira, o voto de obediência

é um dos votos mais desafiadores que temos dentro da vida religiosa e em comunidade, pois sem ele não é possível viver em comunidade. Ele é essencial para a vida religiosa e dele derivam todos os demais votos. Quem vive a obediência naturalmente vive todos os demais votos. Quem não vive a obediência dificilmente vive os demais votos, ou abre brecha para não viver os demais votos (PEREIRA, 2015, p. 18).

Embora o voto de obediência na Vida Religiosa seja a submissão irrestrita à vontade de Deus, tem-se que, a partir da consagração e admissão a uma comunidade, de certa maneira considerada um grupo sociorreligioso, fica evidente a existência de uma autoridade a quem é devida uma sujeição. Nesta perspectiva, a própria hierarquia da Igreja se coloca como credora dessa obediência. No contexto da vida eclesial, a religiosa deve obediência à autoridade imediata, sua líder local e sua líder congregacional que por sua vez, deve obediência à autoridade hierárquica, nesse caso, de estrutura patriarcal.

Segundo Ivone Gebara, a simbologia tradicional que nos faz cogitar e anunciar Deus tendo o masculino como pressuposto, fortalece a crença de que a masculinidade se sobrepõe, impossibilitando mulheres de assumirem posições de autoridade dentro da Igreja. Assim, escreveu:

Embora haja biblistas e teólogas que acreditem ser possível superar essa tradição, apelando para um Deus que estaria “além da

sexualidade”, tal postura acaba sendo *pensada*, mas não *dita*, pois continuamos a falar de Deus a partir do masculino, e há sempre reação contrária ao se empregar imagens femininas de Deus. [...] Por outro lado, há muitas características que atribuímos a Deus e que pertencem ao mundo das relações pessoais, impossibilitando o uso de símbolos pessoais para se falar do divino. Aqui a relação de gênero tem um papel importante, pois não basta uma simples correção da linguagem androcêntrica apenas no nível do conceito, mas é necessário introduzir outras imagens que possam destruir a exclusividade da metáfora masculina que continua dominante e perdura na imaginação das pessoas, mesmo quando se usa uma linguagem em relação a Deus destituída de gênero. [...] Os nomes divinos na Bíblia são todos masculinos, como também suas representações, com funções patriarcais e Kyriarcais. Os nomes e os símbolos masculinos de Deus são importantes e acabam legitimando a autoridade do ser humano masculino (GEBARA, 2003, p. 124-125).

Desta forma, fica subentendido que todas as menções contidas nos pressupostos, supõem essa condição inerente, pois se fundamenta na autoridade suprema do sucessor de Pedro, cabeça da Igreja, com poderes sobre todos, quer pastores, quer fiéis. Segundo consta no documento *Lumen Gentium*, “o romano Pontífice, em virtude do seu múnus de Vigário de Cristo e Pastor de toda a Igreja possui na Igreja poder pleno, supremo e universal” (LG 22, p. 64). Em comunhão com o Sumo Pontífice, também os pastores ordenados gozam do múnus de ensinar, santificar e governar em benefício de todo o povo. Isto significa o dever que cabe aos ministros ordenados de coordenar, animar sem, no entanto, esquecer que sua autoridade precisa ser uma atitude estimuladora de harmonia entre os diferentes carismas, resultando na edificação da comunidade dos fiéis. Nesta perspectiva não convém a eles assimilar os recursos utilizados pelos que coordenam segundo o modelo profano no qual uns se sobrepõem a outros (Mc 10, 42-45).

Embora acreditemos que a vida Religiosa é inspiração do Espírito Santo, tem-se pela história que a hierarquia católica, em determinadas épocas, cerceou essa inspiração. Mulheres que desafiaram sua época e lançaram iniciativas de vida religiosa com normas diferenciadas daquelas tradicionais, tiveram que, forçosamente, reestruturarem suas formas de vida. Algumas, originalmente, não usavam veste uniformizada, outras não viviam em clausura ou não emitiam votos. Por determinação da hierarquia, todas precisaram adaptar-se ao que era estabelecido a fim de permanecerem reconhecidas oficialmente. Em 1566, através da Constituição *Circa Pastoralis*, Pio V exigiu que as religiosas emitissem votos solenes, o que implica em

clausura. Dentre algumas renovadoras, podemos citar Ângela de Mérici, fundadora das Ursulinas, Mary Ward, inglesa, fundadora do Instituto da Bem-aventurada Virgem Maria, presa como herege e, séculos depois, reabilitada publicamente por Pio X (CODINA, 1987, p.52-54).

Também Ivone Gebara faz referência à história como responsável por aspectos determinantes na cultura que, perdurando no consciente coletivo faz do patriarcalismo algo legítimo e aceito. Conforme explica,

A História é compreendida como absolutamente dependente da vontade do Ser Supremo com imagem masculina. Este parece tomar partido e embora nem sempre se identifique de que lado está, o mundo bíblico situa-o frequentemente junto dos amantes da justiça e da misericórdia (de gênero mais masculino que feminino). Assim, as grandes decisões sociais e políticas e as obras de justiça e misericórdia proviriam do sexo masculino. O mundo doméstico, território das mulheres, não entraria na grande aventura de fazer acontecer a justiça, a solidariedade e a paz. Ao contrário, é o lugar de violentos castigos de Deus. Exemplos típicos são a história de Eva e de Miriam, irmã de Moises e Aarão.

Phillis Tribble analisa tal situação: “Miriam se muda com o povo de Israel para o deserto enquanto desaparece do Êxodo. Mais tarde ela retoma na Bíblia, em conexão com um possível choque de liderança, do qual emerge. Esse ressurgimento ocorre no Livro dos Números, em que Miriam e Aarão são ouvidos acerca da autoridade de seu irmão. ‘Será que o Senhor falou apenas através de Moises?’ Javé não puniu Aarão, mas Miriam: por sua rebeldia, foi atingida por uma doença de pele, talvez lepra, vindo a morrer mais tarde por causa dela.”

Comportamentos semelhantes se reproduzem hoje em nossa cultura patriarcal. As mulheres são sempre acusadas e consideram-se culpadas quando sua família não cresce harmoniosamente, quando os filhos têm problemas escolares e outros. A história oficial é sempre masculina, mas suas consequências nefastas com frequência recaem sobre os ombros femininos.

O mesmo se dá nas igrejas. As mulheres são sempre mais responsabilizadas do que os homens. Ver o ensinamento que se refere a limitação da natalidade e ao planejamento familiar. Os juízes masculinos são mais condescendentes com seus semelhantes! (GEBARA, 1997, p. 46-47).

Em princípio, obedecer enquanto fiel e enquanto ministro ordenado significa estar atento, captando a vibração divina, o *Ruah*<sup>11</sup> que move aquele que foi escolhido, suscitando uma missão criativa do eu e dinâmica na coletividade. A obediência, quando devida a quem hierarquicamente a detém, deve ser funcional, ou

---

<sup>11</sup> *Ruah*, palavra de origem hebraica que significa sopro divino.

seja, circunscrita ao desempenho do múnus; está limitada ao que é legal; e restrita ao âmbito da missão. Quando devida a Deus, de quem se origina o mandato, será cega, fundamentada na fé e na adesão.

Os bispos do Brasil, reunidos em assembleia, pronunciaram-se anunciando o compromisso de fidelidade ao que consideraram ser da sua competência. Sentindo-se chamados a “fazer da Igreja uma casa e escola de comunhão” (DA 188, p. 94-95), assim publicaram:

Junto com todos os fiéis e em virtude do batismo somos, antes de mais nada, discípulos e membros do Povo de Deus. Como todos os batizados e, junto com eles, queremos seguir a Jesus, Mestre de vida e verdade, na comunhão da Igreja. Como Pastores, servidores do Evangelho, somos conscientes de termos sido chamados a viver o amor a Jesus Cristo e à Igreja na intimidade da oração e da doação de nós mesmos aos irmãos e irmãs, a quem presidimos na caridade (DA 186, p. 94).

Com essa promulgação, afirmaram a pretensão de atestar o reconhecimento de que seu ministério é, basicamente, o serviço. Neste serviço, comprometeram-se seguir o Mestre Jesus como todos os demais ministérios dentro da Igreja. Sumariamente, na católica, obedecer significa servir.

A rigor, nenhum ministério dentro da Igreja garante a salvação almejada pelo cristão. Arriscamo-nos a argumentar que apenas o serviço que compete a cada um, quando executado nos preceitos da vontade divina, são merecedores da salvação. Seja ministro ordenado, religioso(a) consagrado(a) ou leigo(a), em qualquer estado de vida, a justiça e a misericórdia são as chaves que abrirão as portas do Reino dos Céus. Assim dizem as Escrituras (Mt 7, 21-23).

Diante dos enunciados, inferimos que irmanados pelo batismo, chamados ao ministério sacerdotal, à vida consagrada ou ao apostolado leigo, cada um deve se sentir convocado a um serviço necessário e valoroso sendo, ainda, um dom a ser partilhado na alegria e na confiança no único que tem poder: Deus, a quem todos devem obediência.

Tem-se, então, que, em concordância com os pressupostos da eclesiologia católica, a VRC é um dom de Deus. Como tal, para que seja eficaz, alguns princípios precisam ser considerados pelos seus integrantes: a) aprender o significado de

doação; b) tornar-se um discípulo pelo constante aprendizado das verdades divinas; c) buscar uma constante atualização para se fazer presença no mundo; d) compreender o significado da obediência religiosa. Tentaremos, a seguir, refletir sobre cada um desses princípios.

#### 2.4 Vida Consagrada – Dom de Deus

A VRC a qual se caracteriza por uma forma específica de viver o amor radical, expresso pela vivência dos conselhos evangélicos, é acolhida por toda a Igreja como um dom de Deus. As diversas famílias religiosas, pelo carisma fundacional, procuram trazer presente ao mundo um aspecto do amor que Jesus dispensou à humanidade. Os chamados a esse estado de vida “usufruem de um dom especial na vida da Igreja” para, nas suas limitações, “ajudarem na missão salvadora”. Ajudando à humanidade, ajudam a si próprios, como interpreta a *Lumen Gentium*:

Porquanto essas famílias garantem a seus membros o apoio de uma vida mais estável e segura, proporcionando-lhes uma doutrina comprovada para adquirir a perfeição, o amparo de uma comunhão fraterna na milícia de Cristo, bem como a proteção de uma liberdade robustecida pela obediência, para que deste modo eles possam cumprir com segurança a profissão religiosa, conservá-la fielmente e progredir jubilosamente na senda da caridade (LG 43, p. 92-93).

##### a) Vida Religiosa – doação

A VRC, no entendimento de quem a ela se entrega, tem o sentido de doação. Doação a Deus, tendo como primado a contemplação do sagrado através da oração e das ações humanitárias pela justiça e dignidade para todos. Nas palavras das autoridades eclesiais,

A vida religiosa, enquanto consagração da pessoa toda, manifesta na Igreja um admirável consórcio estabelecido por Deus, [...] Deste modo o religioso consuma a sua doação plena como sacrifício oferecido a Deus, pelo qual toda a sua existência se torna contínuo culto de Deus na caridade” (CDC, Cân. 607 — § 1, p. 110).

Sua origem se deu com homens e mulheres, individualmente ou em grupos, nos primeiros séculos, numa vivência mais radical dos conselhos evangélicos, procurando imitar Jesus, libertando-se das prisões simbólicas que o convívio social lhes impõe. Desde o início, apresentou-se com uma característica profética ao renunciar bens materiais, assim como direitos lícitos e legítimos para privilegiar os

bens espirituais. Para essas pessoas, o mundo se apresentava como um entrave às coisas de Deus e, assim,

O monge oriental foi definido como alguém que se separou do mundo e renunciou definitivamente a todas as suas comodidades para seguir somente a Cristo. Seu coração está com Deus porque se afastou dos assuntos terrenos. [...] A fuga do mundo passou a ser atitude tipicamente cristã: mortificação dos prazeres temporais, abandono das relações familiares, renúncia à própria vontade, atenção desviada da ciência para estar mais disponível para meditar a palavra de Deus dia e noite (GOFFI, 1989, p. 823).

Tendo nascido espontaneamente nos desertos da Palestina, sua especificidade estava na busca do silêncio propiciador da escuta. Solitários, os eremitas se contrapunham aos valores éticos então adotados. Conforme narra Oliveira,

Por volta do final do terceiro século e início do quarto século de nossa era, quando, em função de sua aproximação com o império romano, acontece a primeira grande crise do cristianismo, surge nos desertos do Egito, Síria e Palestina uma experiência cristã radical que foi a origem do fenômeno eclesial que mais tarde irá se chamar Vida Religiosa Consagrada (VRC) ((OLIVEIRA, 2001, p. 8-9).

A obediência, até então, não devida como condição explícita, veio, mais tarde, integrar sua prática como necessária a esse estilo de vida, como critério indispensável para sua organização a fim de se adequar aos princípios bíblicos e evitarem-se aspectos inusitados.

Com o decorrer do tempo, e de acordo com as exigências locais, a vida eremítica foi se tornando anacorética e, depois, cenobítica. Os anacoretas eram os eremitas que buscavam uma vida solitária numa total radicalidade enquanto os cenobitas se permitiam momentos em que, com poucas palavras, trocavam experiências durante a refeição noturna.

Extravagâncias pitorescas fizeram parte da vida monástica em seu início, com a existência de grupos como os giróvagos (monges vagabundos que iam de um mosteiro a outro) e os sarabaítas cuja regra, a ser seguida, consistia em atender a caprichos deles. Por essa razão, São Bento insistiu na estabilidade e obediência à vida monástica (CODINA, 1987, p. 34).

A primeira legislação canônica sobre esse estilo de vida, deu-se no ano de 817, designando e reconhecendo a vida monacal como uma única forma oficial de Vida Consagrada. Até o Código de Direito Canônico de 1983, oficialmente, apenas monges e monjas com votos solenes e clausura pertenciam à Vida Consagrada. Leão XIII (1900) e a Congregação para os Bispos e Regulares (1901) oficializaram também as congregações de votos simples. Somente em 1948, os Institutos Seculares foram oficializados por Pio XII, através da Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia* (OLIVEIRA, 2001, p. 140).

O Concílio Vaticano II priorizou a vida monástica como vida consagrada (VC 6), mas nela, incluiu, conforme expressa a Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, a ordem das virgens, os eremitas e a viúvas (VC 7, p. 14).

Se, no princípio, afastavam-se para o deserto na busca de introspecção, mais tarde, formando famílias religiosas, alguns com liderança natural procuraram ocupar-se das carências sociais estabelecendo uma forma de vida afastada das benesses, mas inserida nos problemas específicos da época.

A VRC, na estrutura da Igreja Católica, por ser entendida como um dom de Deus, é mencionada, merecedora de atenção. Neste sentido percebe-se, da hierarquia romana, a disposição de defini-la, conduzi-la, instrui-la através de normas gerais. Embora demonstre respeito pelas motivações originárias de cada Instituto, conforme é possível observar em alguns documentos, considera-se autoridade máxima sobre toda e qualquer estrutura dela, de forma organizacional. Apesar de fundamentar-se nos ensinamentos de Jesus, narrados nas Escrituras Sagradas, as justificativas nem sempre convencem os fiéis que seguem, subalternos, as determinações emanadas das autoridades, segundo o critério de que

Jesus Cristo, ao fundar a sua Igreja como uma sociedade visível e organizada, apresentou algumas normas concretas de tipo disciplinar e estabeleceu vários princípios, que receberam depois uma terminação normativa mais concreta. Essas normas e princípios estabelecidos por Cristo receberam o nome de direito divino. Nota-se ainda que os apóstolos dirigem as comunidades cristãs por meio de leis. Corrigem dissensões surgidas a respeito da fé e costumes, repreendem abusos e os corrigem, excluem da comunidade os que naufragaram na fé ou cometeram alguns delitos mais graves e públicos (PAIVA, 2004, p. 27).

Sendo uma organização hierárquica, a Igreja Católica funciona como um corpo estruturado, e também estruturante ao trabalhar e construir uma realidade estabelecendo, na sociedade dos fiéis, concordância entre o sujeito e objeto. Em termos clássicos, diríamos que estabelece uma ordem gnoseológica. Rica de sistemas simbólicos, o conhecimento e a comunicação extrapolam seus sentidos primários. Segundo Bourdieu,

Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, [...] eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral” (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Em outro momento, ele afirma que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Em conformidade com o expresso na Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, de João Paulo II, a VRC é, hoje, parte integrante da missão da Igreja Católica (VC 1, p. 1), como uma forma de vida institucionalizada, na qual leigos e/ou clérigos (CDC, c. 597, p. 109) se inserem por sentirem-se chamados a um apostolado específico na radicalidade. A Igreja acolheu e incorporou, à sua estrutura mística, essa prática concebida e difundida entre os cristãos dos primeiros séculos.

No que se refere ao apostolado radical intrínseco à VRC, tem-se como justificação a imitação da vida de Jesus que se fez pobre, casto e obediente. Na vivência correta destes três preceitos, o(a) religioso(a) cultiva sua liberdade em proveito da integral disponibilidade para a missão pretendida, conforme, a seguir, instrui o Código de Direito Canônico.

O estado dos que em tais institutos professam os conselhos evangélicos pertence à vida e à santidade da Igreja, e conseqüentemente por todos deve ser fomentado e promovido na Igreja.

A este estado são chamados por Deus de um modo especial certos fiéis para que desfrutem na vida da Igreja deste dom peculiar e, segundo o fim e o espírito do instituto, sirvam à missão salvífica da mesma (CDC, c. 574, p. 106).

Não encontramos, entre os religiosos dos primeiros séculos, registros que associem tal radicalidade com a emissão dos três preceitos (pobreza, castidade e obediência). O que se sabe é que, por moção do Espírito Santo, homens buscaram o isolamento no deserto ou fundaram famílias religiosas sem a pretensão de projetos sociais ou motivos pastorais (BAGGIO, 2012, p. 70). Dentre os primeiros e considerado pai dos monges, temos Santo Antão, do Século IV. Ele transmitiu aos anacoretas a importância da partilha de vida; e Pacômio, instruiu os cenobitas sobre o valor da *Koinonia*, ou seja, colocar tudo em comum (OLIVEIRA, 2001, p. 139).

Com o passar do tempo, através de uma vida ascética, muitos cristãos, assumindo uma vida pobre, casta e obediente a Deus, dedicavam-se ao serviço de pessoas desfavorecidas sem, no entanto, vincularem-se à Igreja como instituição. Essa forma de vida, mais tarde, foi incorporada à regulamentação da Igreja que se diz responsável pela instrução e condução dos procedimentos básicos a serem vivenciados pelos seus seguidores.

Francisco de Assis, Clara, Camilo de Lelis, e tantos outros, são exemplos de cristãos que escolheram priorizar o seguimento de Jesus pobre, casto e obediente mantendo aproximação com o povo de Deus necessitado de apoio, sobretudo o espiritual. Com especial abnegação, atraíram companheiros e companheiras em seus projetos apostólicos.

Segundo a história relata, toda iniciativa na formação desses grupos parte de um chamado divino direto a um cristão. Deus convoca um serviço específico em determinado local e temporalidade. Esse entendimento reflete o cuidado de Deus, que inspira alguém no meio do seu povo para, diante das necessidades humanas, minorar sofrimentos. Não cabe, portanto, à instituição hierárquica o mérito da inspiração fundacional. À hierarquia cabe o acolhimento da convocação divina, passando a ser considerada profética, tornando-se pertinente a toda a Igreja, quando dirigida a um fiel.

Nesse aspecto, até 1917, o Código de Direito Canônico, na Parte II do Livro II que trata dos Religiosos, no seu cânone 487, limitava-se a estimular o apeço pelo estado religioso com os preceitos e conselhos evangélicos sem considerar, nem mencionar, a intenção e o espírito dos fundadores. Com o Concílio Vaticano II esse

detalhe é observado, passando a figurar nos cânones 576 e 578. Os propósitos dos fundadores expressos na natureza, finalidade, espírito e índole das Congregações são patrimônios que os distinguem dentro de uma única vocação (CDC, c. 576 e 578, p. 106-107). Cada chamado, particularizado por uma proposta específica, pretende ser uma resposta às necessidades de uma época, região ou cultura bem como ser presença viva do Mestre Jesus apontando possibilidades de restauração. Observada por esse ângulo, a VRCF converte-se numa expressão de profecia, cujo sentido é impactar o mundo, através de posicionamentos que viabilizem tornar visível o amor de Deus invisível. Pela fé e pelas atitudes, pretende sugerir a confiança numa nova vida a ser conquistada dia a dia. A importância desta menção consiste na oportunidade de ser apresentada a fisionomia profética da VRC.

As múltiplas formas em que a VRCF se apresenta (VC 5, p.10) são vistas como embelezamento para a Igreja: “como esposa adornada para o seu esposo” (Apocalipse 21, 2) e como enriquecimento “de todos os meios para cumprir a sua missão no mundo” (VC 19, p. 37). Pelos vocacionados, é reconhecida como um dom divino concedido ao povo de Deus; pela Igreja institucional é acolhida como um ornamento.

Por tal visão, explica-se a posição ocupada pelas religiosas na dinâmica hierárquica da Igreja. Estatísticas indicam que o número delas ultrapassa acentuadamente o de religiosos. A VRC, assim, está praticamente no mundo feminino, historicamente considerado um mundo subalterno, dependente, destinado a servir. Embelezar e tornar-se ornamento é um conceito que reforça a permanência da religiosa solícita como parte de um capital, de fácil aquisição para colocar em prática as propostas elaboradas por quem de direito. Para a continuidade dessas programações sua persistência na doação precisa ser enaltecida.

Nesse sentido, faz-se necessário a manutenção de um campo favorável ao sistema estabelecido através das trocas simbólicas, conforme observamos nas palavras de Bourdieu:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpus*’ *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto

raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2007, p.39).

A partir do Concílio Vaticano II, documentos específicos sobre a natureza, caráter, formas de expressão da VRC apresentam interesse em demonstrar a importância e o valor que a Igreja de Roma deseja atribuir ao serviço dos consagrados em favor do povo de Deus. Orientações são incluídas, no sentido de protegê-la, de excentricidades advindas de possíveis subjetividades bizarras intencionadas em liderar grupos de fieis vocacionados (PEREIRA, 2015, p. 39-40).

A doação, característica própria da mulher, é estimulada ao nível da crença, adquirindo uma eficácia simbólica na qual tem influência direta as funções e os efeitos psicológicos. Essa doação torna-se consagrada no sentido de, a ela, serem atribuídos reconhecimento e notoriedade. Para tanto, a essa característica reserva-se a ideia de carisma que designa as propriedades simbólicas ou poder simbólico por “conferir o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico” (BOURDIEU, 2007) e, assim, de certa forma, ocultar toscos processos político-sociais.

Bourdieu segue afirmando:

tendo em vista que o princípio do efeito de consagração reside no fato de que a ideologia e a prática religiosa cumprem uma função de conhecimento-desconhecimento, basta perceber que os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmo e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos (BOURDIEU, 2007, p. 54).

Dissemos, anteriormente, que um dos princípios a serem considerados para que a VRC, como dom de Deus seja eficaz, importa aprender o significado de doação. Embora pareça algo natural do ser humano, sendo destaque na psicologia do feminino, doar-se é resultado do amor incondicional. Este amor é fruto de uma espiritualidade trabalhada. Inclui o desenvolvimento do caráter e se expressa na responsabilidade como um ato voluntário e significativo: ter de “responder” sem descurar o “respeito”.

O aprendizado do que seja doação implica, portanto, estar atenta à formação da própria subjetividade para que o doar-se não seja uma ação induzida por crenças implantadas, mas pelo verdadeiro dom divino. Neste sentido, ainda que alguma indução tenha ocorrido, a consciência esclarecida será capaz de se decidir, tornando a doação um ato verdadeiramente autêntico.

#### *b) Vida Religiosa - discipulado*

A VRC, no entendimento de quem a ela se entrega, tem também o sentido de seguimento. Em termos teológicos, seguimento significa aderir à pessoa de Jesus e entrar no caminho proposto por Ele, em completa dependência do Pai. É uma proposta dirigida a todos indistintamente e, na Igreja Católica, isso se inicia com a recepção do batismo. Pelo sacramento do Batismo, todos são chamados a segui-Lo, identificando-se com a Sua missão, independente da forma de vida a ser adotada: clerical, consagrada ou laical. Segundo a doutrina católica, ao ser batizada, a pessoa é inserida à Igreja como um ramo ligado à videira. Tendo Jesus como cabeça, participa, assim, do corpo místico de Cristo, como um membro a serviço da vida (Jo 15, 4-5).

Entretanto, segundo o ensinamento eclesiológico, o seguimento ao qual a consagrada se propõe, difere e, embora não se sobreponha aos demais, tem peculiaridades distintas. Precipuamente, é iniciativa de Deus e, portanto, o aceite refuta toda e qualquer forma de condicionamento. Como consagrada, um seguimento condicionado a algum aspecto não faz sentido porque seria negar a supremacia de Deus, autor do chamado (Jo 15,16). Neste sentido, a resposta da convocada, para ser autêntica, precisa ser dada na obediência e na liberdade.

Ao acolher o chamado, inicia-se uma nova vida. Por aceitar seguir o Cristo e assumir um novo estilo de vida, a jovem relativiza tudo o que possui: bens, afetos e autonomia. Assim, disponibiliza posses materiais, capacidade de amar, vontade própria, na busca de identificação à pessoa de Jesus Cristo tendo, no serviço de uma missão, a evidência de sua adesão ao convite divino (VC 18, p. 34).

Trata-se de uma forma particularizada no sentido de se tornar discípula em aprendizado constante junto ao Mestre. No entendimento teológico, remete à ideia de entrar numa escola dispondo-se a um aprendizado constante, sem nunca alcançar um

diploma e nunca oferecer um ensinamento de seu. Pigna s/d., esclarece uma particularidade do seguimento de Cristo, dizendo que

uma peculiarità della sequela in cui la chiamata introduce sta nel fato che non si entra nella scuola del Maestro con lo scopo di imparare e, poi, arrivare a gestirsi la vita da soli e, magari, diventare a nostra volta maestri, come succede nel campo umano. A questa scuola si impara solo ad essere discepoli; al punto che quanto più uno impara tanto più diventa discepolo<sup>12</sup> (PIGNA, s/d., p. 132).

Na prática, é a experiência de vida fraterna partilhada no amor em uma comunidade que coloca “tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e serviço criativo” (VC 42, p. 82).

Como discípula, a religiosa assimila a noção de que, mesmo inserida no mundo social, sua vida se estabelece num contexto tal que, sua família e sua profissão, passam a ser a pessoa e a missão de Jesus, o Mestre (Jo 13,13). Isto significa reproduzir a forma de vida de Jesus, não repetindo o que ele, historicamente, fez, mas adotando os critérios adotados, sem perder de vista a realidade vivenciada. As ações, por ela realizadas, são em nome do Cristo, irmão de toda a humanidade. Os ensinamentos não são dela, mas repetição dos ensinamentos de Jesus.

Nas Escrituras Sagradas são encontradas passagens em que Jesus é claro e objetivo revelando que o amor é o fundamento e a condição necessária para que alguém se torne discípulo d’Ele. Amá-Lo é condição indispensável. Em Lucas, não pode ser discípulo do Mestre quem não O ama em primeiro lugar. É preciso que o amor a Ele esteja acima de tudo e acima de todos (Lc 14, 26). Esse amor precisa voltar-se, também, para a Palavra de Deus (Jo 8, 31-32). Precisa, ainda, que esse mesmo amor abrace o irmão necessitado (Jo 13, 34-35) e, em decorrência, outra condição do discipulado é estar e permanecer com Ele (Jo 15,5-8).

---

<sup>12</sup> Uma peculiaridade do seguimento, inserida no chamado, está no fato de que não se entra na escola do Mestre com o objetivo de aprender e, depois gestar sua vida independente e quem sabe tornar-se um mestre como acontece no mundo profano. Nesta escola aprende-se, apenas, tornar-se discípulo; ao ponto de, quanto mais alguém aprende, tanto mais se torna discípulo.

Além da condição primordial ao seguimento, que a doutrina da Igreja Católica entende ser o amor, relatos nas Escrituras Sagradas demonstram a existência de uma mística pertinente ao discipulado de Jesus. A mística do discipulado expressa o relacionamento íntimo e eterno de Cristo com seu discípulo: relação de estima (Jo 15,15); de enaltecimento (Lc 5,8-10); de confiança (Jo 14,1); de desvelo (Mc 6,31-32); de disponibilidade para ouvir (Mc 6,30); de proteção (Jo 14,27); de presença (Mc 6,50-51); de intimidade (Mt 17,1-9).

Percebe-se, nos relatos bíblicos, que o modo de Jesus trabalhar seus seguidores priorizava uma transformação no ser de cada um. Não bastava entender uma nova visão de mundo, uma nova forma de estar no mundo, uma nova maneira de transformar o mundo. Importava, sobretudo, uma nova forma de “ser” para entender, estar e transformar o mundo. Assim, mais que uma técnica ou metodologia, um estreito vínculo de incorporação se criou entre mestre e aprendizes. O que aprender? De que forma aprender? Para que aprender? Aqui, entrevemos a formação de uma espiritualidade.

Como aconteceu com o grupo dos doze e dos setenta e dois, o primeiro passo para o discipulado é estar a caminho com Jesus. Os doze conviviam com Ele e d’Ele recebiam instruções. Não sendo possível ter a presença visível do Mestre, como tiveram os primeiros discípulos, a religiosa dos tempos atuais tem em mãos as narrativas bíblicas para fazer a experiência do caminho. Neste sentido, recomenda o Código de Direito Canônico a prática do ler, observar, refletir e avaliar-se. Assim, temos:

Tenham os religiosos como regra suprema de vida o seguimento de Cristo proposto no Evangelho e expresso nas constituições do próprio instituto (CDC, cân. 662, p. 121).

A contemplação das coisas divinas e a união assídua com Deus na oração seja o primeiro e o principal dever de todos os religiosos (CDC, cân. 663, § 1, p. 121).

Dediquem-se à leitura da sagrada Escritura e à oração mental, celebrem dignamente de acordo com as prescrições do direito próprio a liturgia das horas, mantendo-se para os clérigos a obrigação referida no cân. 276, § 2, nº 3, e realizem outros exercícios de piedade (CDC, cân. 663, § 3, p. 121).

Insistam os religiosos na conversão da alma a Deus, examinem também todos os dias a sua consciência e aproximem-se com frequência do sacramento da penitência (CDC, cân. 664, p. 122).

Considera-se evidente que esse percurso do ler, contemplar e avaliar-se requer mais do que o esforço da religiosa. Compete à instituição o acompanhamento alicerçado num projeto de formação, como parte da *Ratio Institucionalis*, capaz de subsidiar com eficiência, não só a jovem candidata, mas todas as religiosas, ao longo da vida de consagradas (VC 69, p. 136). A responsabilidade da instituição, quanto ao cultivo da vocação, não é menor do que aquela que compete à própria vocacionada. Em termos não eclesiais, diríamos que se forma uma parceria entre a religiosa e a instituição, na qual cada uma, à sua vez, disponibiliza favores tendo em vista a missão comum.

Convém ressaltar o valor positivo de uma pedagogia formativa que proporciona uma integralidade da pessoa através de conceitos relativos ao humano, intelectual, espiritual e missionário e, isto vem recomendado na Exortação Apostólica, nos seguintes termos:

Por isso nos Institutos de vida consagrada, durante o período da formação inicial, será útil realizar experiências concretas, prudentemente acompanhadas pelo formador ou formadora, para exercitar, no diálogo com a cultura circundante, as atitudes apostólicas, a capacidade de adaptação, o espírito de iniciativa (VC 67, p.133).

Não obstante a preparação no postulante e noviciado que antecede, oficialmente, o ingresso na VRC, tem-se que o ser humano é um ser inconcluso. É um ser em construção, em relação aos demais e sofre influências externas as quais afetam suas necessidades e possibilidades. Nas palavras de Benincá e Balbinot,

Necessidades podem ser tanto carências como potencialidades. Carência é uma privação. Algo que precisamos ser ou que desejamos ter, mas não temos ou somos. [...] Potencialidade é uma força contida. Podemos até chamá-la de realização contida. É algo que podemos efetivamente ser, mas, no momento, não somos (BENINCÁ; BALBINOT, 2012, p. 63-64).

Nessa perspectiva, para estar em consonância com a Exortação Apostólica, a proposta formativa precisa ser participativa para que abranja o intelecto, o espiritual, e alcance, satisfatoriamente, a missão da religiosa. O problema é que a Igreja se organiza hierarquicamente e, nessa organização, a autoridade pode julgar-se mais importante que a opinião coletiva partilhada. Ao imbuir-se da autoridade

institucional concedida, há sempre a possibilidade de uma liderança julgar-se poderosa dificultando a integralidade da formação pretendida. Como nos diz Benincá,

Os investidos nos papéis institucionais exercem o poder de decidir. Sentem-se como se fossem os protagonistas da evangelização e, não raras vezes, como que os portadores da verdade. Em contrapartida, os fiéis passam a aceitar uma posição subalterna, gerando atitudes de passividade (BENINCÁ; BALBINOT, 2012, p. 69).

No Documento de Aparecida (DA) encontramos instruções que reforçam a importância da formação daqueles que se entregam à missão no espírito de adesão à pessoa de Jesus e seguimento da sua proposta libertadora. A recomendação alerta sobre a necessidade do cuidado especial com a promoção vocacional no sentido de cultivar “os ambientes onde nascem as vocações ao sacerdócio e à vida religiosa, com a certeza de que Jesus continua chamando discípulos” (DA 315). A recomendação se estende para o compartilhamento da vida, do aprendizado entre os pares, de forma a propiciar o amadurecimento afetivo, o desapego de bens materiais além do efetivo compromisso com a proposta abraçada. Toda essa orientação se baseia na possibilidade da influência negativa da cultura imposta, sobretudo, pelos meios de comunicação que atingem e fragmentam subjetividades e enfraquecem a identidade espiritual do discípulo. Esse documento (DA 316), define as casas de formação de discípulos e missionários como um espaço privilegiado e, mais adiante, reforça dizendo que “As casas e os centros de formação da Vida Religiosa são também espaços privilegiados de discipulado e de formação dos missionários e missionárias, segundo o carisma próprio de cada instituto religioso” (DA 327, p. 149).

O Documento de Aparecida dedica especial atenção ao conceito de discipulado e reforça o sentido de que o fundamento desse seguimento está no convite que Jesus faz a alguém para que O siga, esteja com Ele e, apresenta nisto um diferencial do seu chamado; pois, na antiguidade, os mestres chamavam discípulos para vincularem-se a algo transcendente e aderirem à Lei de Moisés. Na convivência com Jesus, os discípulos entenderam que o convite a eles dirigido não foi para outra situação senão para segui-Lo (Mc 1, 17; 2,14). Um detalhe a ser destacado é que se trata de um seguimento como amigo, irmão e não, servo (Jo 15,15). Tendo ensinado tudo, tendo dado o testemunho de como realizar o projeto de Deus na vida em comum, cabia então aos discípulos agir como o bom Samaritano que se fez próximo daquele que necessitava da sua ajuda (Lc 10, 25-37).

De forma clara e objetiva, o Papa Francisco apela para que o religioso exerça seu ministério como verdadeiro discípulo, fazendo com que sua alegria, felicidade e autêntica fraternidade sejam suficientes a fim de atrair novos seguidores. Segundo ele,

A vida consagrada não cresce, se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem como homens e mulheres felizes. De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida na qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir o Cristo (FRANCISCO, 2014, p. 17).

Numa análise crítica, é possível perceber que os critérios inseridos nas formulações normativas dos documentos elencados seguem uma lógica coerente com a doutrina cristã. Não podemos, no entanto, descurar o fato de que tais critérios fazem parte de um sistema estruturado e estruturante, para ser vivido num campo específico que é o da vida conventual formado por mulheres. Pelas subjetividades a que foram submetidas e na exiguidade de um adequado poder de conhecimento oriundo da antropologia, psicologia, sociologia e até mesmo política, para algumas jovens, a forma de capital adquirido é, predominantemente, o simbólico. A forma de elas atuarem será o resultado da sintonia deste seu campo representativo com o *habitus* constituído, portanto, com uma visão de mundo, já estruturada na crença e na fé.

A formação inicial, e a continuada, têm suas bases na socialização com a força da linguagem também corporal. Através dessa formação estabelece-se a estrutura e a tendência a disposições. Criam-se significados para as práticas religiosas quando fazem referência ao sobrenatural. Bourdieu, em determinado momento, diz que a religião faz “a alquimia ideológica pela qual se opera a transfiguração das relações sociais em relações sobrenaturais, inscritas na natureza das coisas e, portanto, justificadas” (Bourdieu, 2007, p. 33).

Continuando, aborda que a eficácia simbólica da religião

contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo, e em particular do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2007, p. 33-34).

Queremos, com isso, assinalar a possibilidade da sacralização de momentos, práticas, normas ou outras situações inseridas nas esferas social, política, nas relações comunitárias, desfigurando o verdadeiro sentido do seguimento. Ocorre o perigo do seguimento desvirtuar-se pelo estrito cumprimento de leis, de normas, sacralizando-se fórmulas, horários, hierarquias, inclusive pessoas, em detrimento da mensagem de amor, respeito, atenção, cuidado com os necessitados conforme ensinou Jesus em Mc 2, 23-28.

### *c) Vida Religiosa – aggiornamento*

A VRC se faz na integração de uma comunidade de cristãos, homens e mulheres, saídos do povo, provenientes de uma comunidade marcada por estruturas sociais, culturais e políticas próprias de uma determinada época. Apesar de se fundamentar em princípios bíblicos, por sinal sempre atuais qualquer que seja o período da história, esse estilo de vida é passível de influências temporais, em função dos membros que a constituem com as subjetividades em constante mudanças.

Vivemos hoje uma realidade a qual, em determinados aspectos, contrasta com as de épocas anteriores. A dinâmica da sociedade atual, conforme foi verificado no capítulo anterior, exerce nas vidas e, em especial na juventude, influências significativas, impondo valores e contravalores manifestados nas subjetividades, também das religiosas consagradas. A Igreja institucional, através da hierarquia, sente-se no dever de interferir no processo da vida e formação das religiosas consagradas, representantes da VRC. Portanto, o Papa João Paulo II, no uso das suas atribuições declarou que,

O papel da vida consagrada na Igreja é tão notável que decidi convocar um Sínodo para aprofundar o seu significado e as suas perspectivas em ordem ao novo milênio, já iminente (VC 2, p. 6). Na verdade, a vida consagrada está colocada mesmo no coração da Igreja, como elemento decisivo para a sua missão, visto que « exprime a íntima natureza da vocação cristã (VC 3, p. 7-8).

A história da Igreja se insere na história universal. A estrutura patriarcal já estabelecida na sociedade da época de Jesus naturalmente predominou, inclusive nos relatos escritos sendo que, na Igreja, ainda segue predominando. Temos as Escrituras Sagradas, mas o próprio Jesus nada escreveu. Tudo que se tem são narrativas humanas de uma mensagem divina. São textos selecionados e validados por uma

cultura em que o poder também foi disputado. Dentre os apóstolos havia os que queriam altas posições (Mt 20, 20-24). O poder sempre foi alvo de desejo entre as pessoas. Embora Jesus tenha mostrado que, o “serviço” é o modelo do poder entre os cristãos (Mc 10, 42-45), tal modelo nem sempre entrou, ou entra, na concepção de quem assume o poder. Subjetividades excêntricas, para não dizer “psicopatas”, existem em todas as relações sociais e essas são difíceis de serem identificadas pelos indivíduos de boa índole. Como afirmou nosso teórico: “Há uma história da razão que não tem a razão como princípio; uma história do verdadeiro, do belo, do bem, que não tem apenas como motor a procura da verdade, da beleza, da virtude” (BOURDIEU, 1989, p. 71).

A cultura define os princípios de uma sociedade. A história universal é transparente no que se refere à cultura dominante perpetuada por séculos, na qual a força física se impôs sobrepujando qualquer outro dispositivo relacionado às relações humanas. Impossível determinar o momento preciso em que o mais forte dominou o mais fraco.

Dentre os mais fracos, estavam as mulheres. Por um longo período, submissa, a mulher assimilou a estrutura da estagnação. De certa forma, tornou-se cúmplice. Sem a segurança do consentimento feminino, homens não poderiam estabelecer relações de poder por tanto tempo. E, se ainda hoje ocorre essa dominação justifica-se pela visão subordinada e persistente, fruto da subjetividade construída. Podemos entender melhor pela explanação de Bourdieu traduzida por Colling, no sentido de que

as mulheres possuem uma visão colonizada de si mesmas. A mulher internaliza a naturalidade da discriminação, tornando-se difícil para ela romper com esta imagem de desvalorização de si mesma. Ela acaba aceitando como natural sua condição de subordinada, vendo-se através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina. Por este motivo Pierre Bourdieu lembra que não basta ser do sexo feminino para ter uma visão da história das mulheres porque a visão feminina é uma visão colonizada, dominada que não vê a si própria. Recomenda que um objeto maior da história das mulheres deve ser o estudo dos discursos e das práticas que garantem que as mulheres consentam nas representações dominantes da diferença entre os sexos. (Cf. BOURDIEU, 1995) O consentimento feminino é um produto perverso da dominação masculina (COLLING, 2015, p. 39).

Sem a percepção do dinamismo social e das mudanças ocorridas no mundo, as mulheres, principalmente de vida consagrada, fecharam-se mantendo um estilo de vida dissociado do que se tornava atualizado. A distância temporal cresceu sem apagar, mas embaçando o sinal luminoso que lhes competia ser como Igreja, inseridas junto ao Povo de Deus.

Erroneamente, muitas religiosas interpretaram o afastamento da vida mundana com a negação do seu ser feminino. A própria estrutura eclesial incentivou esse comportamento tornado visível sob diversas formas. Austeridade nas decisões, frieza nos contatos, subserviência e despreparo profissional marcam a percepção feita por muitos observadores. Inclusive a vestimenta utilizada, soma-se a esse aspecto. A manifestação da competência e a beleza do ser feminino, de possível provocação da sensualidade, interpretadas como vaidade, deviam ser combatidas. Algumas mulheres admiraram tal estilo de vida, mas não o quiseram para si. Em síntese, a aparência velou a essência da doação, do discipulado, fazendo-se necessário um *aggiornamento*. Na visão do Papa João XXIII, soou indispensável para a Igreja esse *aggiornamento*, sendo intensificado pelo Papa Paulo VI através do Decreto *Perfectae Caritatis* (19, p. 501), nas palavras seguintes: “Com critério peculiar, se promovam e cultivem nas novas Igrejas as formas de vida religiosa que tomem em consideração a índole e os costumes dos habitantes como também os usos e as condições do lugar.

Com esse intento, a fim de tratar da conveniente renovação da Vida Religiosa, assim se expressou: “A conveniente renovação da vida religiosa compreende não só um contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos, mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos” (PC 2).

Interessante notar os aspectos abordados no documento para uma renovação da Vida Consagrada. Tratou desde a sua natureza até a correspondência à graça da vocação, passando, ainda, por critérios necessários pela atenção às autoridades estabelecidas, pelas diversificadas configurações (ativa e contemplativa), pela observância dos votos e a importância da formação.

Percebe-se, na composição dos trabalhos conciliares, um benéfico apoio à dinâmica do processo, haja vista a amplitude das recomendações em cada aspecto

descrito. Logo de início, alerta para a fidelidade ao espírito e respeito às intenções dos fundadores e às sãs tradições do Instituto, ao mesmo tempo que reconhece a importância da atenção ao momento vivido pelos consagrados (PC 2b; 2d).

Se os valores inspiradores da fundação do Instituto religioso se perpetuam na humanidade, importa reconhecer que a vivência de tais valores precisa de adaptação cultural para se tornar capaz de minorar as carências específicas do momento. Um consagrado inepto, desconhecedor das características culturais e psicológicas que permeiam o mundo dos humanos, dificilmente contribuirá para o crescimento de si mesmo e daqueles que lhes são confiados.

Amiúde, interpretações definem a estrutura da VRC como uma forma de vida inconcebível no nosso tempo, impensável para a atual juventude, tendo em vista as renúncias inerentes. A Igreja, por sua vez, torna infundadas tais interpretações quando apresenta formas de vivenciar as renúncias adequando-as a pressupostos compatíveis com o que significa “ser humano”.

O documento *Perfectae Caritatis* (PC), traz orientações no sentido de que:

A organização da vida, da oração e do trabalho, há de adaptar-se, por toda parte e sobretudo nos territórios de missões, às condições físicas e psíquicas hodiernas dos membros e ainda, conforme o exija a índole própria do Instituto, às necessidades do apostolado e às exigências da cultura, como igualmente às circunstâncias sociais e econômicas. Segundo os mesmos critérios, examine-se igualmente a organização do governo dos institutos. Por essa razão, as constituições, os diretórios, os livros de usos, de orações e de cerimônias, bem como outros códigos da mesma ordem, sejam convenientemente revistos, e adaptados aos documentos deste Santo Sínodo, suprimindo-se as prescrições obsoletas (PC, 3, p. 489-490).

Ao ponderarmos esses critérios entendemos que, quando o governo de um instituto se esmera por atender a pressupostos, a religiosa pertencente ao instituto, encontrará espaço e caminhos para sua realização pessoal. Trata-se de uma questão político-religiosa a adoção de posicionamentos claros e bem definidos, capazes de criar uma organização que favoreça um crescente entusiasmo pela consagração.

Prescrições são necessárias ao bom funcionamento da comunidade religiosa, mas as obsoletas, como diz o documento, não fazem sentido. E o que não faz sentido, não cabe no projeto de vida de uma consagrada porque oportuniza

desencantos. Infelizmente, prescrições que funcionaram no século passado continuam em uso simplesmente porque “sempre deram certo”.

Ao ingressar na VRC, é comum iniciar-se um aprendizado relacionado ao novo estilo de vida. Em alguns casos, bloqueia-se iniciativas, dada a subjetividades com características tímidas ou inseguras. Pessoas assim contribuem pouco para uma renovação bem fundamentada como deveria acontecer, já que todos os membros da comunidade são responsáveis pelo saudável funcionamento da estrutura conventual. Logo, é de se esperar, da parte das lideranças, o bom senso e a capacidade de estimular a participação de todas, embora seja de sua competência, a responsabilidade maior. Conforme encontramos no documento,

A renovação eficaz e a adaptação conveniente não se podem obter sem a colaboração de todos os membros do Instituto. Estabelecer, porém, as normas e dar as leis desta renovação, assim como dar possibilidades para uma suficiente e prudente experiência, pertence somente às autoridades competentes, sobretudo aos Capítulos gerais, salva a aprovação da Santa Sé ou dos Ordinários de lugar, quando for necessária, segundo as normas do direito (PC, 4).

Vimos que, para a Igreja Católica, a VRC é chamada a ser um sinal. É apresentada como sinal do Reino de Deus (VC 7, p. 15); sinal de complementaridade dos dons do Espírito Santo (VC 12, p.20); sinal de Cristo no mundo (VC 25, p. 47); sinal escatológico (VC 26, p. 48); sinal de comunhão (VC 42, p. 81); sinal luminoso da Nova Jerusalém (VC 45, p. 86); sinal de diálogo sempre possível (VC 51, p. 98); sinal da ternura de Deus (VC 57, p. 107): sinal visível de renascimento (VC 63, p. 125).

Atribuir à VRC ser um sinal de tamanha amplitude implica reconhecê-la como um referencial para os demais estados de vida. Antes do Concílio Vaticano II, imprecisamente, dizia-se que era um “estado de perfeição”, um caminho de maior santidade. Sobressaia-se como uma forma superior à do laicato. Hoje, é entendida e aceita com o novo sentido dado pela visão teológica do último Concílio, mas se é um sinal, importa considerar que a ela cabe um papel diferenciado dos demais estados de vida. Nem o ministério sacerdotal, nem o apostolado laical tiveram tal reconhecimento e acrescenta-se: é um sinal também para eles. Com isso não tencionamos dizer que os(as) religiosos(as), em si, são sinais, mas sim, a VRC propriamente dita (VC 111, p. 215-216). Os que nela ingressam, têm o dever de corresponder ao que a ela é atribuído.

Quando a Igreja afirma, ser a VRC um sinal, entendemos que está querendo dizer que, como símbolo, ela tem a função de tornar visível algo concreto, mas nem sempre perceptível à maioria das pessoas. No seu simbolismo, a VRC contém em si a missão de provar que é possível, ao ser humano, abstrair-se do supérfluo, fazer o bem a todos indistintamente e respeitar o direito do outro quanto ao pensar, sentir e agir. Essas três condutas só são possíveis a quem não se coloca na superioridade quanto aos demais. É característica de quem encontra apenas Deus no comando e, a Ele obedece.

Pelas Escrituras Sagradas a Igreja interpreta que obedecer foi o gesto primordial de Jesus. A obediência ao Pai foi o seu mais importante testemunho para a humanidade. Por essa mensagem, o homem torna-se um eterno devedor da obediência ao seu Criador, e por essa prática, se converte num verdadeiro cristão. Todos, então, sem distinção, segundo a doutrina católica, devem essa obediência, a exemplo de Jesus.

Sem a pretensão de entrar no “viés de gênero”, consideremos que a hermenêutica bíblica, as diretrizes gerais, as autorizações emanadas pelo CDC e a teologia da espiritualidade, voltadas para a VRC, estão sob a guarda de subjetividades masculinas. Resta ao feminino encontrar, nas entrelinhas da Sagrada Escritura, o lugar que lhe concedeu o divino Criador na vida da Igreja, lugar esse corroborado por seu Filho Jesus, o Cristo.

A teologia da VRC, pelo que vimos até agora, apresenta pressupostos exigentes e audaciosos para quem se dispõe consagrar-se a Deus através dos conselhos evangélicos. Nessa determinação, segundo as orientações do Magistério, o(a) religioso(a) se compromete, de forma integral, ao serviço nas obras da Igreja. Nenhuma discriminação é encontrada nos documentos eclesiais, em se tratando das atribuições masculinas e femininas. Pelo contrário, a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* afirma que

Necessário é também que a formação das mulheres consagradas, da mesma forma que a dos homens, seja adequada às novas urgências e preveja tempo suficiente e oportunidades institucionais válidas para uma educação sistemática, alargada a todos os campos, desde o teológico-pastoral até ao profissional (VC 58, p. 109).

Os pressupostos apresentados nesse sucinto relato dignificam as formas particulares de responder à vocação cristã, ao mesmo tempo que imprimem compromisso vital dos que buscam, nessa resposta, a radicalidade da consagração batismal.

Nas reflexões elaboradas, a evidência de um simbolismo se faz presente aos conselhos evangélicos como um “caminho” que representa a resposta ao chamado e à missão específica da religiosa consagrada. Ampliar o entendimento da afetividade e da partilha sem limite de níveis ou instâncias, quaisquer que sejam, direcionando-as à coletividade, requer a percepção de que, na origem desse saber, está a clareza sobre o significado da obediência.

Neste intento, dedicaremos atenção ao que ressalta a hierarquia católica, em seus documentos, sobre a obediência da religiosa consagrada.

### *2.5 Obediência na Vida Religiosa Consagrada*

Indiscutivelmente, para a manutenção de um propósito, é imprescindível que este se legitime na configuração dos entendimentos. Assim, a obediência religiosa, nas determinações eclesiais, regula uma estrutura disciplinar e se impõe, com aquiescência dos seus integrantes mediante a fé, nos seguintes termos:

os religiosos, sob a moção do Espírito Santo, sujeitam-se na fé aos Superiores, vigários de Deus, e por eles são levados a servir todos os seus irmãos em Cristo, da mesma maneira que o próprio Cristo, por causa da sua sujeição ao Pai, serviu os irmãos e deu a sua vida para redenção de muitos (cfr. Mt. 20,28; Jo. 10, 14-18) [...] Portanto, os religiosos, em espírito de fé e de amor à vontade de Deus, obedeçam humildemente aos Superiores, segundo as próprias regras e constituições, colocando as forças da inteligência e da vontade bem como os dons da natureza e da graça na execução das ordens e no cumprimento dos cargos que lhes forem confiados, sabendo que estão a colaborar para a edificação do Corpo de Cristo segundo o desígnio de Deus. Desta maneira, a obediência religiosa, longe de diminuir a dignidade da pessoa humana, leva-a à maturidade, aumentando a liberdade dos filhos de Deus (PC, 14).

Contemplando, pelo que foi exposto, o sentido teológico da obediência na VRC pode ser entendido como libertação. Diz respeito a uma liberdade a qual, no contexto da vida religiosa, caracteriza-se como “mistério” e, portanto, diferenciada daquela cultuada na sociedade profana, que embora constituída num valor autêntico

e respeitoso à pessoa humana, é passível de indução à injustiça e violência. A Exortação Apostólica esclarece a seguir:

Uma resposta eficaz a tal situação é a obediência que caracteriza a vida consagrada. Esta apresenta de modo particularmente vivo a obediência de Cristo ao Pai e, partindo exactamente do seu mistério, testemunha que não há contradição entre obediência e liberdade (VC 91).

Assim, na perspectiva teológica, a liberdade é fruto de um caminho de obediência à vontade do Pai, expresso no comportamento do Mestre Jesus. A liberdade na obediência é, podemos dizer, um desafio diante de toda e qualquer circunstância que impeça a religiosa de repetir, no curso da história da humanidade, o modo obediente de Jesus, concernente ao projeto do Pai.

No uso da liberdade e, ainda como mistério, casos há em que a obediência assume o carácter de virtude, desde que seja fruto de uma opção pessoal. Em Foucault, o conceito de liberdade ultrapassa a simples resistência aos poderes opressores. Ser livre implica reformulação constante de si mesma. Se existem incontáveis formas de dominação existem, paralelamente, numerosos caminhos que conduzem à prática da liberdade para se contrapor à tal dominação, o que não significa resistência explícita. Diz ele,

A vontade do pastor é cumprida não por estar de acordo com a lei, e não apenas até o ponto em que está de acordo com a lei, mas, principalmente, por tratar-se de sua vontade. Nas Instituições Cenobíticas de Cassiano, há muitas histórias edificantes em que o monge encontra a salvação cumprindo as ordens mais absurdas de seu superior. A obediência é uma virtude. O que significa que ela não é, como para os gregos, um meio provisório para chegar a um fim, mas antes um fim em si mesma. É um estado permanente; as ovelhas devem submeter-se permanentemente a seus pastores: subiditi. Como diz São Bento, os monges não vivem de acordo com sua vontade; seu desejo é estarem submetidos à autoridade de um abade (FOUCAULT, 1990, p. 86).

Uma definição teológica, acerca do voto de obediência proferido pelas religiosas consagradas, nos é apontado em Cantalamessa apud Kearns (2002, p. 54,) quando escreve: “A obediência religiosa na sua dinâmica e no seu dinamismo interior, é a consagração total a Deus da própria vontade que causa comunhão intensa com a vontade salvífica do Pai, em imitação de Cristo Servo Sofredor.

Nessa sua definição, o autor nos impele à reflexão de que pela obediência religiosa cria-se uma íntima comunhão entre a criatura com seu criador, pelo fato de ser entregue a Deus o precioso dom da própria vontade, concedido por Ele a cada um dos filhos.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIC), a Vida Consagrada é um estado de vida no qual, aqueles que a ela são inseridos buscam, crendo na força do Espírito Santo, a perfeição do amor incondicional e, para isso, entregam-se totalmente a Deus pela prática dos conselhos evangélicos. “É uma resposta livre a um chamamento particular de Cristo” (CIC 192) e, por ser uma “resposta livre”, a obediência, nos termos da consagração religiosa, perde o conceito de submissão a um poder arbitrário, mesmo quando esse, assim, apresenta-se. Ampliando este conceito tem-se que

*A obediência, praticada à imitação de Cristo cujo alimento era fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4,34), manifesta a graça libertadora de uma dependência filial e não servil, rica de sentido de responsabilidade e animada pela confiança recíproca, que é reflexo, na história, da amorosa correspondência das três Pessoas divinas (VC 21, p. 39).*

A “dependência filial e não servil” quer simbolizar a liberdade própria da maturidade, expressa na responsabilidade de se fazer um entre, e com os demais. “Ser um entre, e com os demais”, reflete o sentido da unidade na diversidade que supõe conversão, comunhão e testemunho.

Tratar de obediência religiosa, implica tratar de poder simbólico. Os documentos eclesiais insistem na obediência e não se descuidam na instrução sobre a específica forma em que o poder deve ser exercido nos diversos níveis da estrutura eclesial. Antes de qualquer citação a respeito, é fundamental esclarecer que toda e qualquer orientação acerca do exercício do poder e da obediência, na doutrina da Igreja Católica, tem suas raízes nas palavras de Jesus, contida no relato do evangelista Marcos quando diz:

Jesus chamou-os e deu-lhes esta lição: “Sabeis que os que são considerados chefes das nações dominam sobre elas. Entre vós, porém, não será assim; mas todo o que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vosso servo; e todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja o escravo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos” (Mc 10, 42-45).

A partir desse enunciado, considerações vão sendo elaboradas, algumas justificadas, outras como direcionamentos ou ainda como normatização objetivando a reverência e, conseqüentemente, a prática efetiva da observância ao que é determinado.

O Código de Direito Canônico, por ser um documento essencialmente normativo, estabelece preceitos que apresentamos a seguir:

§ 1. Os institutos de vida consagrada, uma vez que estão dedicados de uma maneira particular ao serviço de Deus e de toda a Igreja, encontram-se por uma razão peculiar sujeitos à autoridade suprema da mesma. § 2. Todos e cada um dos seus membros estão obrigados a obedecer ao Sumo Pontífice, como a seu Superior supremo, mesmo em razão do vínculo sagrado de obediência (CDC 590).

§ 1. Os Superiores e os capítulos dos institutos têm sobre os seus membros o poder estabelecido pelo direito universal e pelas constituições (CDC 596).

Pelo Cânon 590, em seus dois parágrafos, podemos perceber a abrangência do poder apropriado pela hierarquia eclesiástica. Não apenas os religiosos, mas as instituições são devedoras de sujeição ao Sumo Pontífice, pelo “vínculo sagrado da obediência”. Já o Cânon 596, no seu parágrafo primeiro, delega o mesmo poder aos superiores e às assembleias segundo as normas constitutivas do Instituto.

O conselho evangélico de obediência, assumido em espírito de fé e de amor no seguimento de Cristo obediente até a morte, obriga à submissão da vontade aos legítimos Superiores, que fazem as vezes de Deus, quando mandam segundo as próprias constituições (CDC 601).

Apesar da característica normativa, este Cânon (601) envolve o aspecto do simbolismo que permeia o sentido da obediência. É pelo espírito de fé e de amor que a religiosa “se obriga à submissão”. Entretanto, o próprio cânon considera que o poder dos superiores é restrito ao que emana das Constituições e, portanto, sem procedência se exercido de forma arbitrária.

Os Superiores exerçam em espírito de serviço o seu poder, recebido de Deus mediante o ministério da Igreja. Dóceis portanto à vontade de Deus no exercício do seu múnus, governem os súbditos como filhos de Deus, promovendo, com reverência à pessoa humana, a sua obediência voluntária (CDC 618). [...] Os Superiores dediquem-se

diligentemente ao seu ofício e, em união com os religiosos que lhes foram confiados, esforcem-se por edificar a comunidade fraterna em Cristo, na qual, de preferência a tudo mais, se busque e ame a Deus (CDC 619).

De forma similar, nesses dois cânones, o simbolismo da fé e do amor marcam a prática do exercício do poder, e subentendem que também os superiores devem sujeição aos princípios básicos que fundamentam a existência da comunidade de religiosas consagradas. Nesta mesma diretriz, na exortação *Vita Consecrata*, temos que

Se a autoridade deve ser, em primeiro lugar, fraterna e espiritual e, por conseguinte, quem dela está revestido há-de saber associar, pelo diálogo, os irmãos e as irmãs ao processo decisório, convém, todavia, recordar que *cabe à autoridade a última palavra*, como lhe compete depois fazer respeitar as decisões tomadas (VC 43, p. 84).

Desta vez entende-se que, como forma de superação dos individualismos, é recomendado aos superiores conduzir toda comunidade, e cada um dos religiosos em particular sob sua jurisdição, a um discernimento compartilhado, seguido de respeito às decisões comuns e confirmadas, enfim, pela sua autoridade.

Em consonância com essa proposta, Azevedo discorre sobre a perspectiva da corresponsabilidade em que a líder canônica, como qualquer superior de comunidade religiosa

[...] consulta, ouve, intui, unifica a busca comunitária, verifica na visão mais global do conhecimento de todos a oportunidade maior de atinar com a vontade do Senhor. Ele é, pois o primeiro que obedece, na consciência de que toca a ele, ao termo do processo, ajudar ao grupo, a tomar as decisões, a avaliar e questionar as decisões tomadas, a enfrentar as grandes e graves decisões (AZEVEDO, 1977, p. 282).

O documento *Perfectae Caritatis* se apresenta como um sinal de reconhecimento de que não é saudável à vida da Igreja manter-se estagnada no tempo, quando o mundo, as sociedades, e cada pessoa individualmente acompanha o dinamismo vertiginoso e sempre crescente da modernidade. Entendendo que a Verdade Suprema e os valores cristãos precisam fazer parte desse dinamismo, o Papa Paulo VI, unido com os doutores ministros da hierarquia, promulgou tal decreto dirigido aos Institutos cujos membros professam os conselhos evangélicos. Conforme atesta a Igreja institucional, se são eles o sinal do Reino no mundo, devem estar

atualizados para continuarem a ser presença luminosa do Amor de Deus. Por isso, o documento é iniciado com a seguinte proposição: “Agora, porém, propõe-se tratar da vida e da disciplina dos Institutos, cujos membros professam castidade, a pobreza e a obediência, e prover as necessidades deles, segundo as exigências dos tempos atuais” (PC 1, p. 487).

O mesmo documento enfatiza a necessidade da renovação de todos os membros da comunidade que, num espírito de corresponsabilidade, devem contribuir para que as autoridades alcancem um harmonioso e efetivo critério de normatização para a vida comunitária e sua missão. A começar pela revisão das Constituições e Diretórios, procurando detectar o que se fez obsoleto, tudo precisa ser adaptado ao que propõe o Concílio que sugere um viver e trabalhar respeitando as condições físicas e psicológicas dos religiosos, sobretudo em terras de Missões, onde se fazem necessárias atenção à cultura e a situações sociais e econômicas.

O direcionamento é claro e distingue o limite das contribuições seja dos membros para com a líder canônica do Instituto, seja dos Institutos para com a Santa Sé ou autoridades hierárquicas e se apresenta com as seguintes palavras:

A renovação eficaz e a adaptação conveniente não se podem obter sem a colaboração de todos os membros do Instituto. Estabelecer, porém, as normas e dar as leis desta renovação, assim como dar possibilidades para uma suficiente e prudente experiência, pertence somente às autoridades competentes, sobretudo aos Capítulos gerais, salva a aprovação da Santa Sé ou dos Ordinários de lugar, quando for necessária, segundo as normas do direito. Todavia, os Superiores, nas coisas que dizem respeito a todo o Instituto, consultem e oiçam os seus súbditos de modo conveniente (PC 4).

A religiosa, ao assumir a liderança canônica, tal como o Mestre, precisa entender que sua presença e seu poder se tornam serviço.

Claramente é possível verificar que a normatização contida no CDC se fundamenta no testemunho de vida, presença e liderança exercida pelo Mestre Jesus. Percebe-se, ainda, o direcionamento que aponta para um trabalho de assimilação, introspecção e finalmente uma adoção espontânea da obediência, por parte da religiosa aos que se posicionam como representantes de Deus. Neste sentido,

o Baptismo, por si mesmo, não comporta o chamamento ao celibato ou à virgindade, a renúncia à posse dos bens, e a obediência a um

superior, na forma exigida pelos conselhos evangélicos. Portanto, a profissão destes últimos supõe um dom particular de Deus não concedido a todos, como Jesus mesmo sublinha no caso do celibato voluntário (VC 30, p. 56).

Se o seguimento de Jesus consiste em entrar no caminho proposto por Ele e estar na completa dependência do Pai, isto significa vida de obediência ao Pai e não simplesmente a uma lei ou a uma pessoa qualquer, ainda que hierarquicamente superior. Azevedo confirma esse entendimento, dizendo:

A obediência, pois, na vida religiosa, não é propriamente um instrumento ascético, para ser usado ao sabor do arbítrio das pessoas. Nem tampouco uma virtude que possa ser cultivada hoje e eclipsada amanhã. Menos ainda é uma forma de exercício de domínio de umas pessoas sobre outras, pela qual umas dispõem das outras segundo a índole de seus planos pessoais (AZEVEDO, 1977, p 277).

O seguimento do Mestre Jesus há que ser, na VRC, isento de interferências, pois o núcleo central deste seguimento é externar, ao mundo, que é possível realizar a vontade do Pai e que essa realização ocorre na comunhão com os demais.

A presença constante e ativa do Espírito Santo [...] se serve de qualquer um e não só dos constituídos em autoridade, para manifestar a todos o imperscrutável de seus desígnios. A atenção, portanto, seja dos Superiores, seja de toda a comunidade, à manifestação do Senhor através de cada um dos membros do corpo apostólico é algo de básico na perspectiva de obediência (AZEVEDO, 1977, p. 278).

#### 4 CAPÍTULO 3: A VIVÊNCIA DA AUTORIDADE *VERSUS* PODER

Tudo aquilo que é idealizado faz parte dos sonhos, dos projetos de alguém na busca de atingir o que é pretendido, despense energias, por vezes mal direcionadas. Neste capítulo pretendemos abordar a força dos símbolos no contexto da Vida Religiosa e confrontar a vivência do poder/autoridade, num paralelo entre o ideal e a prática, considerando posicionamentos de autores estudados e relatos de líderes canônicas. Nem sempre o esforço da religiosa garante alcançar objetivos, mas a consciência da fragilidade inerente ao ser humano proporciona condições de resiliência e constância na missão assumida.

##### *3.1 A religião como difusora de poder*

O poder simbólico, latente nas religiões, atua no indivíduo com o poder de fazê-lo ver, pensar, sentir e agir de acordo com conceitos predeterminados e de possíveis influências na sua vida. Ao nascer, a criança já encontra um ambiente estruturado e estruturante, onde desenvolverá sua singularidade. Na maioria, a trajetória a ser percorrida, pela formação adquirida em família e nos relacionamentos posteriores, obedece ao contexto da experiência vivenciada e muito dificilmente foge, na totalidade, dos preceitos ditados. Esse poder simbólico, culturalmente presente na humanidade está nas artes, na política, na literatura, na religião etc.

A religião católica, e tantas outras, utiliza-se de signos para fazer perceptível uma realidade não cognoscível. Os signos, ou símbolos, termo de origem grega, exprime o sentido de “lançar com, pôr junto com, juntar” (GIRARD, 2005, p. 26). De características próprias, na religião, os símbolos são portadores de revelação de um divino intangível. Assim, servem para regular a conduta dos indivíduos, por converter objetos ou termos comuns em especiais, munidos de significados sagrados.

Dentre os vários signos, no contexto da fé, a linguagem simbólica tem um papel de intenso poder por esclarecer e persuadir os fiéis conservando-os, resgatando-os ou trazendo-os para o mundo específico da instituição em foco.

Em consonância com a vida religiosa adotada, na prática, a vida social assume valores introjetados e, portanto, considerados únicos no sentido de viver. É

assim, também, que subjetividades se formam nos núcleos sociais em que a religiosidade se impõe como base para a constituição familiar.

Ao voltarmos a atenção para um mundo representativo do catolicismo, vamos encontrar setores menos ou mais rigidamente impactados pela força dos símbolos a ponto de fazê-los indispensáveis para o próprio equilíbrio vital da instituição. No contexto da VRC, algumas celebrações, como por exemplo, a missa diária, é de suma importância, assim como a leitura dos textos bíblicos. A presença de ícones e o uso de objetos sagrados são substanciais, e não se limitam a objetos de decoração. Está tudo impresso de forma categórica na estrutura que também estrutura o modo da vida conventual. De tal maneira natural, a ausência ou negligência de qualquer regulamento estabelecido nessa perspectiva, contrariaria a quem adere de corpo e alma a esse estilo de vida.

O poder simbólico, nesse sistema, se avulta com mais potência em alguns dos símbolos. Aquilo que é transmitido pelo Direito Canônico, Encíclicas, Cartas Pastorais se impõe nas comunidades religiosas com isenção de confrontos. A delegação de poderes, apesar de ser, em algumas situações, supostamente equivocada, é acolhida como vontade divina.

Nem sempre aqueles que são instituídos de um poder de gestão num corpo social religioso, têm a competência necessária para liderar. Sem que seja percebido por alguns, nessas organizações, crises se instalam no âmbito de poder e obediência, ocasionando sentimentos que vão do desconforto à desilusão. Há, porém, aqueles que, de tão imersos na estrutura da religiosidade, naturalizam situações e criam estratégias de sublimação, conferindo a outros níveis a razão da sua complacência. Esta imersão “naturalizante” corrobora nossa tese que afirma ser a sublimação um sistema de violência simbólica na vida religiosa consagrada, capaz de diferenciar o enfrentamento de crises ou conflitos vivenciados em organizações laicais.

Aos olhos do não crente, essa teoria bourdieusiana de uma “violência simbólica” em instituições, pode parecer alienação que naturaliza, legitima e autoriza uma sujeição (BOURDIEU, 2008, p. 139). Para quem participa inteiramente, imbuído do sentido de fraternidade e filiação divina, valores encontrados justificam a doação da própria vida no entendimento de que, ainda que exista sofrimento, essa é a forma

de seguir os passos do Mestre Jesus o qual deu o exemplo ao se sujeitar culminando na cruz. Esses continuam doando-se na busca de encurtar a distância entre a prática e o ideal.

### *3.2 Entre o ideal e a prática*

A VRCF tem uma história e, pela sua essência, merece consideração e respeito apesar das inconsistências provenientes de membros que, por vezes, destoam da proposta evangélica. A perfeição não faz parte das ações humanas, mas vale observar o esforço de tantas que se dedicam ao bem, num espírito altruísta e solidário. Quando tratamos de um destoante comportamento, não estamos querendo atribuir juízos de valor que possam ser entendidos como intencionais atitudes impróprias a quem se dispôs seguir o “Mestre Jesus”. Algumas vezes, ao invés de edificar, certos comportamentos de pessoas consagradas podem desestabilizar a fé de quem não amadureceu a religiosidade pessoal. Aqui, entretanto, o que levamos em consideração, nas destoantes condutas, é a fragilidade humana que faz parte, inclusive, daqueles mais fortalecidos.

Numa visão de consenso, as consagradas na Vida Religiosa admitem positiva a prática da vida em comunidade, organizada estruturalmente de acordo com o modelo de cada Congregação. Nos tempos passados era comum haver vinte ou mais membros numa mesma comunidade religiosa, dividindo o mesmo espaço, participando, conjuntamente, de diversas ações do dia a dia. Atualmente, com a redução no número de vocações e por outros motivos internos, é comum encontrarmos comunidades com até três Irmãs, apesar de continuarem mantendo a prática da vida partilhada como outrora, salvo casos especiais.

Note-se que, o ingresso da jovem na vida em comum se dá quando já se formou nela uma determinada estrutura de convivência. A forma de vida praticada na família, as assimilações feitas no convívio das amigadas ou de algum trabalho já exercido, a influência da mídia e muitos outros fatores interferem na aceitação de um outro estilo de convivência, sobretudo pelas diversidades de formação encontradas ao se unirem–vocacionadas oriundas de diferentes contextos. Da jovem, muito é exigido e, ainda que se esforce, não admira que falhas ocorram ao exercer suas funções como liderada ou mesmo como líder. Disso, podemos inferir que o ideal e a

prática nem sempre estão em harmonia no cotidiano das Irmãs, independente da formação, disposição e até mesmo religiosidade.

Ser atenciosa, tratar com respeito e delicadeza é o que se espera de uma religiosa, mas nem sempre isso acontece. Com a simplicidade que Ihe é típica, Ir. Violeta confessa dificuldades que nem sempre é fácil confidenciar. Segundo ela, “às vezes surge uma coisa, uma coisa ou outra que na hora a gente não está pensando e por estar cansada pode-se responder mal. Também, se já tive ocasião de responder mal a uma pessoa, depois eu peço desculpas (ANEXO 1, p. 202).

No primeiro capítulo desta pesquisa, buscamos entender a figura da mulher que sente um chamado considerado divino e decide renunciar a própria vontade para obedecer à vontade de Deus, através de suas líderes canônicas e normas estabelecidas na composição de entendimento da Igreja Católica Apostólica Romana, quanto aos conselhos evangélicos.

Assumindo a missão de liderança canônica, a religiosa, naturalmente, se reveste de um poder que a própria Instituição Ihe confere. Esse poder, pela própria estrutura eclesial, está carregado de simbolismo. Bourdieu diz que o poder simbólico “é um poder de fazer coisas com palavras” (BOURDIEU, 2004, p. 166-167).

Esse simbolismo, por vezes, induz a pessoa de formação rígida, a se perder na superficialidade contrapondo-se, inconscientemente, ao âmago do significado das recomendações eclesiais. Recorrer às mediações daqueles considerados santos pelas normas da Igreja Católica é uma prática estimulada e constante, com forte significado para os fiéis. Nos momentos de desalento ou dificuldades várias, a confiança no poder de auxílio dos santos memoráveis fortalece a esperança, pois eles simbolizam a importância e o valor de, na vida terrena, terem permanecido fiéis aos preceitos ditados pela Igreja.

Ir. Gérbera considera válida a prática de recorrer a quem “está nos braços de Deus” e, nas palavras de Jesus, goza das bem-aventuranças prometidas (Mt 5, 3-16). Entretanto, observa e considera desconectada, talvez protocolar, a forma dessa prática nos momentos de oração comunitária quando esta transparece uma mera repetição de fórmulas, apenas. Assim nos confidenciou:

Por exemplo, hoje, o santo do dia, Papa Pio X, diz: Me dê um exército de pessoas que rezam o terço todo dia e eu enfrento qualquer guerra no mundo. Eu acho que essa devoção a Nossa Senhora, não sei... não sei se não foi bem explicada... ou era como Ave Maria, Santa Maria... Ave Maria, Santa Maria. O fato é que, aqui por exemplo, nessa comunidade nós já combinamos, meia hora antes de começar a oração a gente se reúne pra rezar o terço. Mas eu sei de Irmãs que nunca rezam o terço. Acho que, não é o terço em si. É a devoção a Nossa Senhora. Acho que a devoção mariana poderia, poderá, deverá ser mais aprofundada. Principalmente na nossa Congregação porque, não só a devoção mariana, mas também as outras devoções, as jaculatórias por exemplo... parece que às vezes a gente diz assim só por dizer. É... “Senhor Deus, abençoei-nos! Nossa Rainha da Paz, rogai por nós! São José, rogai por nós! Santo Agostinho, rogai por nós!” Não sei que mais lá... parece uma ladainha. Eu já, aqui mesmo nessa comunidade, pensei... como é que eu vou dizer isso sem machucar as pessoas. Tem uma Irmã, em especial, que num dia eu contei seis invocações, depois da oração que ela estava fazendo. Então, pra mim, aquilo é automático. Por que que eu rezei? Ai, vem: “Nossa Senhora do Amparo, rogai por nós! Nossa Senhora Rainha da Paz, rogai por nós! Ai, vai Cristo Jesus...” mistura! Eu acho que fica assim uma coisa que... é uma devoção popular nossa, mas muitas vezes já fica automática (GÉRBERA, Anexo 1, p.121).

Como disse Bourdieu, “fazer coisas com palavras”, é o poder do que é simbólico mostrando uma certa distância entre o ideal e a prática. A ação seria a forma ideal de fazer as coisas? Não nos compete julgar ou estabelecer formas corretas quando tratamos, sobretudo, dos assuntos de fé. Apenas conversamos sobre o que se apresenta como um exercício de poder. Neste caso específico, o poder não estava na ordem da líder canônica, mas de uma das lideradas que, pela organização particular da comunidade assumia a função de coordenar a oração. A ela, foi dado um momento de conduzir o grupo na oração. Fê-lo de forma constrangedora para uma coirmã que ficou buscando uma maneira de remediar essa prática sem ferir a subjetividade da outra. O ideal e a prática nem sempre estão em harmonia, mas isso não significa desconexão entre o querer e o agir.

Conforme já mencionado, a carga de simbolismo que faz parte da religião influencia sobremaneira a vida dos cristãos católicos e de forma intensa a das religiosas consagradas. O que foi prometido a Deus ao ingressar no convento caminha junto, seja nos momentos específicos de oração, seja nos compromissos civis que seguem acompanhados de ética e responsabilidade. Segundo Ir. Clívia,

Os símbolos, os ritos, a espiritualidade da Congregação, inclusive as celebrações que a gente faz são coisas que a gente coloca no dia a

dia, nos trabalhos, entende? E tem influência, sim. A eucaristia, a missa diária, as orações litúrgicas, a santificação das horas, desde a manhã até à noite, tudo isso influi na vida interior (CLÍVIA, Anexo 1, p. 211).

Esse depoimento nos dirige ao que Kierkegaard nos fala ao dizer que o sentido metafísico não responde a todos os questionamentos do ser humano e que a fé ultrapassa essa questão. Pela fé, ainda que sem respostas e sem total entendimento, a pessoa assume encargos como uma missão que exige empenho constante. Trata-se de um salto no escuro para um “local” (para seu próprio íntimo), onde é possível encontrar o verdadeiro significado da própria existência.

Kierkegaard entendeu que a verdade está no indivíduo e não, na multidão; que é na interioridade de cada um que se torna possível encontrar a verdade. De forma similar Ir. Margarida comenta que “ser superiora não é o fazer, o construir. É ser quem você é, mostrar seu lado não tão bom, como o seu lado bom” (MARGARIDA, Anexo 1, p. 216). A fala dela, implicitamente, expõe uma subjetividade que privilegia a existência concreta na qual as falhas acompanham o desempenho diário. De certa forma, confirma uma distância entre o que se entende por uma meta idealizada e a concretude de uma prática. Mas é nesse contraste de situações, nas práticas mescladas do que é certo e errado, que a pessoa toma consciência da sua real história e consolida sua subjetividade. Para Kierkegaard, nesse processo, a pessoa passa a se conhecer com profundidade e caminha para o encontro da verdade maior, a verdade plena que é Deus. Com outras palavras Ir. Margarida depõe em sentido análogo ao dizer: “quando você abraça essa missão com fé, com dedicação, com amor, Deus vai fazendo a Sua parte” (MARGARIDA, Anexo 1, p. 217). Aqui, encontramos um caminhar atento ao “como agir” assegurando um perceptível, ainda que mínimo, controle das escolhas.

Diante de situações imprevisíveis, entre o certo e errado, entre o ideal e o razoável, ou ainda, entre o urgente e o importante, a escolha tenderá a ser mais correta quando definida por uma subjetividade com vislumbre de interioridade que, para Kierkegaard, como já foi dito, aproxima-se da verdade. À líder canônica, no exercício da autoridade, nunca faltam responsabilidades e, a noção de estar prestando um serviço, leva-a, muitas vezes, a desgastes de ordens variadas. Apesar dos contratempos, algumas não esmorecem e enfrentam momentos difíceis por

considerá-los necessários em benefício próprio ou de outrem. Ir. Gérbera nos revela, “tanto maior era a minha função, maior a responsabilidade de prestar aquele serviço” (GÉRBERA, Anexo 1, p. 221).

Assumir um poder pode, ou não, significar para a líder canônica, o exercício da autoridade nos conformes do que é pretendido para conduzir uma comunidade de religiosas consagradas nos moldes da Igreja Católica. Importa diferenciar poder de autoridade. Enquanto o exercício do poder pode levar a arbitrariedades, o exercício da autoridade se conduz na obediência a limites em busca do ideal projetado. Na opinião de algumas entrevistadas, a líder canônica não é aquela que manda. Pelo contrário, obedece sempre. Percebe-se, mesmo de forma implícita, a noção de que essa obediência está vinculada a uma dependência ao próprio Deus. Nas palavras de Ir. Violeta, “em tudo que faço, sempre tenho presente a fé. Obedeço a Deus” (VIOLETA, Anexo 1, p. 201). Segundo mencionado por algumas, existe a possibilidade de ser uma obediência advinda pela cobrança das coirmãs lideradas, das determinações prescritas pelo Instituto ou ainda dos documentos eclesiais. Há sempre algo a impor limites quando se exerce autoridade na busca de alcançar o ideal religioso estruturado que, por sua vez, está sempre condizente com as diretrizes da hierarquia eclesial.

Esse aspecto ligado às normas estabelecidas pela hierarquia da Igreja Católica, tratado no segundo capítulo desta tese, apresenta um esquema que consideramos sério, rigoroso e exigente para os consagrados nas Congregações ligadas à Igreja.

Apesar da seriedade e rigor no compromisso assumido com o voto de obediência, segundo depoimentos, constata-se que, da parte das religiosas, dificuldades existem, mas não significam entraves e, mesmo exigindo esforço, fazem parte do contexto. Não trazem desânimo, ao contrário, apresentam-se como desafios a serem transpostos.

Eu tive momentos bons, mas tive momentos de tempestade, não é? E os momentos bons que eu tinha era ficar com o grupo, me sentir parte do grupo. O grupo comigo. No momento em que alguém estivesse me fazendo oposição, eu me sentia muito mal porque eu não estava atingindo aquela pessoa e sentia que aquilo ali quebrava a harmonia do grupo. Porque tem sempre uma ou outra que toma partido e daí começa desafio de você ter resiliência pra suportar essas

diversidades, e pra gente ultrapassar essas dificuldades, só a gente se unindo a Deus, certo? [...] Eu encontro luz na oração. Eu encontro luz, também nas reflexões, nas leituras que a gente faz (CLÍVIA, ANEXO 1, p. 211).

Segundo relatos das entrevistadas, a maior dificuldade enfrentada gira em torno da convivência com pessoas de diferentes conceituações e subjetividades. Das normas institucionais da Congregação ou da Santa Sé em Roma, ninguém se queixou. Nesse sentido, é possível perceber uma certa homogeneidade de opiniões entre elas. Acrescente-se ainda, o regozijo expresso pela Ir. Magnólia, ao relatar sua coparticipação no processo de renovação das Constituições da sua Congregação.

As normas, para mim, são simples e não são difíceis. Outras pessoas podem achar. O fato de serem aprovadas por homens, não me incomoda. Eu fiquei muito feliz em participar do processo de renovação das nossas Constituições, tanto fazendo a síntese do que foi tratado na Província, quanto participando do Capítulo Geral da Congregação que estudou e que aprovou nossas intervenções. A gente percebe o quanto importante é, aquele processo. O quanto diz daquilo que a gente é, e daquilo que a gente acredita. Mesmo tendo peritos homens e, depois de ser encaminhada para a Santa Sé, ser analisada e aprovada por homens (MAGNÓLIA, Anexo 1, p. 190).

Sujeitar-se a normas não significa peso, conforme os depoimentos, mas ainda que nesse aspecto não haja ostensiva intolerância, não faltou comentário sobre a prevalência masculina dentro da hierarquia que detêm o poder de orientar e aprovar a forma de vida feminina. A Ir. Orquídea nos diz que

Muitas vezes, a mulher fica um tanto à margem, sem tanta vez ou tanta voz como tem um sacerdote. Sabemos que a Igreja tem uma linguagem um tanto machista deixando a mulher mais fragilizada. É sempre o homem que tem voz ativa, está à frente. No entanto, muitas vezes, em muitos lugares, é a mulher que faz mais. Ai da igreja, se não fossem as mulheres porque quem conduz mesmo a Igreja, são as mulheres (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 225).

Comentários dessa ordem fazem-nos captar pela entonação de voz, pelas pausas e meias palavras, o sentimento feminista interiorizado, mas dócil, talvez pela observância, fruto do poder simbólico, bem especificado por Bourdieu (1989), quando diz que

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea

do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 1989, p. 9-10).

Um pouco mais expressiva, se fez a Ir. Magnólia quando não se furtou a apresentar sua posição e sua “intolerância” a determinados comportamentos nos quais a mulher parece ser discriminada. Apesar de não se incomodar por ser a hierarquia masculina quem aprova as normas da Vida Religiosa Feminina, revela seu forte lado feminino com as palavras seguintes:

[...] a mim não incomoda a predominância masculina embora eu seja meio feminista. Eu sou... Principalmente quando se trata de encontros, de movimentos intercongregacionais como também na Educação que é a área em que atuo... Quando formam uma mesa só masculina, eu fico irritada. Quando, nos eventos da Educação Católica, estão lá só os homens compondo a mesa, eu digo: por que? Eu sempre brigo quando lá estão só os homens. Por que, se somos quatro mulheres e três homens e só os homens vão compor a mesa? Graças a Deus que a presidência da CRB Nacional está com uma mulher e, pelo menos, quando vai representar a instituição, está lá a figura da mulher. Ela agora, também foi nomeada para o Dicastério da Mulher (MAGNÓLIA, Anexo 1, p. 190).

Nada indica que, diante dos movimentos feministas da atualidade, a posição da Igreja mude em relação ao patriarcalismo mantido por séculos. Apesar de não convencer a maioria dos leigos e muitos religiosos, a perspectiva é a continuidade desse esquema elaborado por uma sociedade primitiva. As mulheres continuarão a fazer parte de uma “segunda classe”. Sabe-se que nenhuma palavra do Mestre Jesus, nas Sagradas Escrituras, induz a esse entendimento. Neste sentido, muito do que se configura como norma de condutas, diz respeito a interpretações, na hierarquia eclesiástica, dos gestos e atitudes do Mestre. Não resta dúvida de que qualquer suavidade no rigor institucional causaria satisfação em quem se reconhece distinguido.

[...] nosso processo foi analisado por uma mulher também. Isso é importante. Ter sido analisado por uma mulher que, também, faz parte da comissão. O Santo Padre convocou várias religiosas para entrarem nesse Dicastério para a Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica. É um passo grande! (MAGNÓLIA, Anexo 1, p. 190).

A existência de crise no contexto da VRCF não foi descartada na fala de algumas, logo torna-se significativo observar que não se trata de uma crise “da”, mas “na” VRCF. A diversidade, em alguns casos, pode ocasionar dificuldade de

relacionamento e até mesmo conflito que, segundo relatos, resulta da formação humana e independe da faixa etária. Algumas sabem lidar com tais situações enquanto outras, ainda tendo razoável formação religiosa, sucumbem diante do exercício do poder sendo alvo de críticas provenientes das coirmãs.

A credibilidade da líder tem preponderância para um bom desempenho entre suas lideradas. Sua humildade adquire status de sabedoria por não ser entendida como fragilidade ou inferioridade, mas no sentido de possuir capacidade para encontrar, na outra, a possibilidade de uma iluminação divina. Nem sempre essa característica está presente na figura escolhida para a função de liderança e, crescer nessa dimensão ainda se apresenta como algo fundamental e necessário. Detalhes importantes, por vezes, passam despercebidos, agora lembrados por Ir. Clívia.

quando você conquista o todo, aí a coisa sai de uma forma mais prazerosa, mais amistosa. A credibilidade é muito importante. Se você não tiver a credibilidade do grupo, você não consegue muita coisa não. Nessa credibilidade vai entrar a espiritualidade, tecnologia, vai exigir uma pessoa atualizada (CLÍVIA, Anexo 1, p. 210).

Os caminhos para esse crescimento estão disponíveis e aparentemente simples como se interessar pelo projeto missionário da Congregação. No entendimento de Ir. Violeta, a líder “precisa conhecer as coisas da Congregação, o seu projeto missionário. Como é a Congregação... dar-se para a Congregação” (VIOLETA, Anexo 1, p. 203). Pode parecer estranho uma líder não conhecer o projeto missionário da Congregação dela, mas é válido considerar a possibilidade de uma tal distância entre o aspirado e o praticado.

A VRCF, enfim, é constituída de pessoas humanas e, portanto, passíveis de fragilidades. Dessa disparidade é possível, inclusive, advir desencanto de algum dos membros. Não deve surpreender os admissíveis resultados contraproducentes desse desencanto que pode chegar à desistência da vida religiosa. Ao questionar sobre esse aspecto, obtivemos o seguinte depoimento:

a primeira pessoa a ser seguida é Jesus como modelo de perfeição, mas quando o seguimento se materializa na pessoa do líder como referência através do voto de obediência, e quando se começa a perceber a incoerência dela (líder), mesmo sabendo que é humana, não correspondendo à figura que se espera, pode causar um desencanto. É claro que a desistência pode ser fruto de uma fraqueza pessoal, falta de resiliência, mas se a religiosa não encontra um

testemunho autêntico da sua líder e do seu grupo, ela procura buscar a realização do seu propósito noutra forma de vida (PERPÉTUA, Anexo 1, p. 228).

A vida fraterna em comunidade, nos moldes vigentes do contexto da VRCF, tem valor inquestionável, mas não deixa de ser um desafio no sentido de se tornar escola de convivência, local de aperfeiçoamento e realização pessoal pela colaboração entre os pares. Viver, e conviver, conciliando o projeto pessoal e o institucional não é fácil, demanda compreensão de ambas as partes: instituição e vocacionada.

O chamado, considerado divino, que suscita numa jovem, a coragem de renunciar a determinados bens, acredita-se ser um chamado à felicidade de se tornar útil e nunca ao masoquismo que tolhe a possibilidade de realização pessoal. O chamado, segundo CDC (Cân. 574 — § 2), é reconhecido por um desejo particular que brota no íntimo da pessoa a ponto de contrariar o que, no senso comum é considerado “normal”. Nesse sentido, um veemente apelo é dirigido às religiosas na Exortação Apostólica do Santo Padre João Paulo II, a seguir.

Pessoas consagradas, idosas e jovens, vivei a fidelidade ao vosso compromisso com Deus, na mútua edificação e apoio recíproco. Não obstante as dificuldades que às vezes pudésses ter encontrado e a diminuição do apreço pela vida consagrada em certa opinião pública, vós tendes a tarefa de convidar novamente os homens e mulheres do nosso tempo a olharem para o alto, a não se deixarem submergir pelas coisas de cada dia, mas a deixarem-se fascinar por Deus e pelo Evangelho do seu Filho (VC 109, p. 213).

Como nos diz uma das depoentes, “acreditei que, ali, eu encontraria um campo muito mais vasto do que aquele da vida matrimonial, para realizar meu desejo de contribuir com a sociedade” (PERPÉTUA, Anexo 1, p. 225). A jovem que busca a VRC, sem sombra de dúvidas, busca ser feliz e sofre, caso não se sinta realizada em seu projeto de vida.

Algumas vezes pode acontecer que a VRC se furte a valorizar os carismas individuais, ferindo assim a individualidade e os anseios de seus membros. [...] As pessoas que deixam a VRC nem sempre o fazem por não terem uma vida autêntica, mas, às vezes, pelo contrário, por a buscarem; assim, a autenticidade da comunidade ajudará sempre cada membro a se colocar no mundo, a se colocar como sujeito que fez uma escolha, que se sentiu chamado e elegeu determinado carisma e missão para se realizar como pessoa, dentro do projeto do Reino de Deus (NASCIMENTO, 2018, p. 84).

Interessante observar que é importante desde o início, por parte da Instituição, propiciar uma formação para as vocacionadas, formação essa a ser continuada por todo o desenrolar da vida, na perspectiva da consciência de si e da própria existência num novo “ninho”, diferente daquele vivenciado na família de sangue. Não se trata de plasmar características pessoais, mas alinhar capacidades, limites, emoções, desejos e sonhos na nova vida escolhida. Optando por um determinado estilo de vida, a vocacionada não elimina características adquiridas anteriormente, mas acentua aquelas mais condizentes com o novo estilo de vida, como nos diz Rossi, no texto a seguir.

É imprescindível ter consciência de que, ao se fazer uma opção de vida, se escolhe que valores do mundo serão priorizados e abraçados e quais aqueles que serão deixados num plano longínquo, uma vez que não é possível anular nenhuma parte do mundo, mas apenas escolher o que será mantido em foco. E muitas escolhas estarão envolvidas na escolha de um estilo de vida (ROSSI, 2011, p. 100).

A religiosa que se sente realizada, emocionalmente desenvolvida, flexível no percurso da sua história e interiormente adulta, consciente do seu lugar no mundo, enriquece sua comunidade e produz harmonia na vida pessoal e na comunitária. “É preciso desenvolver recursos para se instalar no mundo escolhido, de forma satisfatória, pois a vida necessita ser boa e confortável, uma vez que é o maior dom que recebemos ao nascer” (ROSSI, 2011, p. 120). Essa realização pessoal é resultado de um trabalho específico de cada uma, no próprio desenvolvimento humano, permeado de maturidade afetiva e emocional, mas também é responsabilidade da Instituição.

Nossas depoentes reconhecem o valor e a necessidade dessa formação. No decorrer das entrevistas não adentramos na conjuntura que trata da formação inicial e continuada na Congregação à qual pertencem, mas em se tratando do exercício da liderança canônica a tônica foi dada, por algumas, às dificuldades vividas pela ausência de preparação. Dentre elas, eis o que nos revelam Ir. Violeta e Ir. Gérbera: “Ninguém tinha formação para assumir a vida na função de superiora. A gente era escolhida pelas provinciais que mandavam e a gente obedecia” (VIOLETA, Anexo 1 p. 199); “Não. Naquele tempo não tinha preparação nenhuma. Era intuição. Hoje não, hoje se faz cursos para exercer liderança..., mas naquele tempo não” (GÉRBERA, Anexo 1, p. 218).

Depoimentos como esses acima, apontam o nível de dificuldades para o exercício do poder e da autoridade de uma líder, considerando que a missão, por si só, já é extremamente exigente. Quanto menos preparo maior a dificuldade pelo fato do indispensável comprometimento, também das coirmãs implicadas no processo e que devem ser conduzidas a tal atitude.

Paulatinamente, instituições religiosas sentiram que, numa adequação aos novos tempos, era chegada a hora de oferecer condições para que as líderes canônicas exercessem, com competência, a missão de conduzir as lideradas. Os relatos de algumas entrevistadas mostram essa compreensão por parte de suas autoridades maiores que perceberam a necessidade de um bom desempenho levando em conta a continuidade das obras sociais assumidas, mas revelam, também, certa fragilidade com o passar do tempo. Segundo algumas,

De início não houve preparo. Depois de alguns anos a Província sentiu necessidade, talvez partindo das próprias Irmãs. Por um tempo foi pensado numa preparação antes da Irmã assumir a função. Atualmente acho que está meio esquecido. Está necessitando retomar essa atenção e preparar mais as Irmãs para assumirem a liderança (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184).

a Provincial chegou pra mim dizendo, primeiramente, que estava precisando de mim para uma comunidade [...] Eu quero que você seja a superiora [...] Diante da minha insegurança ela me mandou a Brasília para fazer um curso de liderança, o que já era um primeiro passo. [...] Considero que fui privilegiada porque quantas são chamadas com apenas um “você vai ser superiora!” (MARGARIDA, Anexo 1, p. 213-214 ).

o processo para ser superiora é só no choro mesmo. É na pancada. Rsr rsrs. Certo dia você se vê superiora e aí... como é que eu vou fazer, não é? Obviamente que as Constituições têm orientações. Lí alguns documentos, alguns autores que falam sobre isso, participei de encontros, mas uma formação bem estruturada, organizada para essa função não existia quando iniciei esse serviço, como ainda hoje não existe. Não na minha Congregação. [...] Eu aprendi muito com as minhas primeiras superiores observando tanto as coisas boas que elas faziam e que eu pensava em copiar e também no que eu considerava errado para não fazer igual (MAGNÓLIA, Anexo 1, p. 188).

Se o passar do tempo permite que algum empenho seja arrefecido, que a fragilidade de algumas lideranças se acentue provocando recuo em determinados aspectos, por outro lado sempre haverá quem esteja atento, observando e encontrando formas de dar continuidade ao projeto convencionado. No entendimento

da Ir. Magnólia, é importante que a comunidade se sinta bem, estimulada e participativamente coordenada. Eis ponto de vista dela.

Eu escuto algumas que não querem ser superiores porque as Irmãs não obedecem mais e eu penso que nem tanto nem tão pouco. Acho que a comunidade, a fraternidade hoje é muito mais dialógica e é muito mais participativa, dividida. Acho que é necessário sim, alguém que coordene a comunidade. Seja ela chamada de superiora, coordenadora, qualquer denominação que seja, não é? Eu acho que a comunidade, pra viver bem, precisa de uma pessoa que una, que faça uma articulação e que saiba compartilhar. Mas também é necessário ouvir as outras. Saber tirar proveito das colaborações, e na maioria das vezes, as outras estão mais certas. Então, ponderar as opiniões é uma coisa difícil, mas é possível. É o bom senso agindo sempre! (MAGNÓLIA, Anexo 1, p. 190-191).

Isso sugere que uma autoridade favorecendo diálogo aberto, envolvimento de todas na missão institucional, respeito à autonomia de cada uma, amadurecimento para uma ativa participação, constrói uma relação frutificante no seio da comunidade, expandindo e atingindo todos os que, de fora, aproximam-se. Essa, diríamos, é uma autoridade que tem “poder”, ou seja, possibilita crescimento. Ao contrário de se apoderar, ela empodera pela compreensão de que o poder a ninguém pertence. Essa concepção nos é confirmada por Foucault quando diz que

o poder [...] não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT, 2017, p. 248).

A opinião do autor sobre o poder como prática, ou simplesmente relações entre os pares, faz-nos pensar no sistema, imperceptivelmente instalado em instituições religiosas, nas quais, na maioria vezes, os acontecimentos se sucedem de forma de aparente naturalidade. Uma *doxa* se firma sem questionamentos precisos, numa aceitação generalizada daqueles que compartilham do sistema, conforme explicitado nas palavras da Ir. Hortência quando disse: “pela vivência, pelo dia a dia a gente vai observando a convivência e vai tentando conviver bem” (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184). Confirma este quadro o depoimento a seguir.

devo dizer que nunca recebi instruções, preparação, um curso que dissesse: olhe, para ser superiora tem que dar esses passos. A gente foi usando, na prática, aquilo que a gente aprendeu das próprias Gerais e Provinciais, dos estudos que a gente fazia. Então, eu fui tirando a seiva de todos esses ensinamentos. Quais critérios que se usava para nomear, eu não sei (CLÍVIA, Anexo 1, p. 207).

Por algum tempo, no passado, foi comum entre religiosas, a máxima do “sempre foi assim”. Estruturas arcaicas eram conservadas por uma certa comodidade e receio de renovação que bloqueava, de certa forma, o aprimoramento da vida, trazendo consequências diversas. Sem que fosse observado, nesses casos, o poder estava sendo exercido por quem não se imaginava estar, por meio dele, dominando ou sendo dominado. Atenta ao fato, a Santa Sé promulgou documentos sugerindo e estimulando uma atualização aos novos tempos, como é possível verificar no documento *Vita Consecrata* (VC, 37; 45; 68; 93).

Encontramos, ainda, um outro aspecto de expressiva força dentro do sistema instalado no contexto da religião. São os elementos que exercem um sagrado poder e, em decorrência, um poder inquestionável na visão do fiel seguidor religioso. Trata-se do poder dos símbolos sagrados que se aloja na vida social seja qual for o ambiente: no lar, no trabalho e até no lazer. Uma palavra dita por alguém de peso assume verdade irrefutável, como as de Agostinho ao se referir sobre os sacramentos como “sinais visíveis de uma graça invisível” (AGOSTINHO, 2000, p. 201).

Os sacramentos, as locuções, as cerimônias, os rituais e gestos, fazem parte de um conjunto de símbolos com importante papel na representação do poder religioso. Bourdieu (2007, p. 33) fala de uma alquimia ideológica transfiguradora das relações sociais em relações sobrenaturais. Assim, é possível entender o que se passou com a Ir. Orquídea ao se sentir frágil e despreparada para assumir o comando de sua comunidade: “Para ser superiora não tive nenhuma preparação. [...] Então, eu rezei até dar o meu sim [...] coloquei Nossa Senhora para conduzir a comunidade e, eu falei a ela que eu ia ser só um instrumento” (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 223).

Para o devoto, a figura de Maria, mãe de Jesus, representa segurança, apoio, impossibilidade de recusa por parte de Deus, no atendimento às necessidades de ordem espiritual e até mesmo material daquele que recorre.

O mundo religioso possui um vasto campo de bens simbólicos. Quanto maior a possibilidade de administração desses bens, maior o poder legitimado a ser expresso no campo vivido. Nas palavras de Bourdieu,

a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na *medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social* (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização) (BOURDIEU, 2007, p. 46).

Com base neste raciocínio, arriscamos pensar que alguém, numa posição de autoridade por mais simples que seja, em alguns casos, pode sobrepor posicionamentos particulares e, por força do cargo assumido, colocar seu entendimento como regra para os demais. O amadurecimento pessoal, entretanto, pode funcionar como instrutor para um aprendizado de resgate. É o que se percebe quando alguém afirma que:

O maior desafio a ser enfrentado era quando eu via que uma Irmã não estava sendo sincera. [...] eu ia com muito jeito, rezava pra conversar com ela [...] parecia que, no fim, era eu que estava errada. Então, isso pra mim foi o maior, sempre foi o maior desafio [...] lidar com as diversidades porque eu queria que todo mundo fosse do jeito que eu pensava. Hoje eu não penso assim” (GÉRBERA, Anexo 1, p. 219).

Além de funcionar como instrutor, esse amadurecimento pessoal também possibilita o que chamamos de empatia, não significando, exatamente, colocar-se no lugar do outro, mas permitir que o outro seja diferente e, embora não concorde com seu modo de pensar e de proceder, respeita-o simplesmente por reconhecê-lo livre e autônomo. Aquele que tem empatia procura entender as razões que levam o outro a se posicionar de tal ou qual forma, abstendo-se de julgamentos precipitados. É ainda esse amadurecimento pessoal o qual permite o exercício de um poder que faz crescer oportunidades de desenvolvimento, inclusive, para si própria. Dentre elas está a capacidade de superar desafios, conforme podemos inferir pelas palavras da Ir. Magnólia, quando indagada neste aspecto.

Primeiro de tudo, essa consciência de que estamos lidando com gente. Cada um tem o seu jeito diferente de ser. Embora eu não tenha que aceitar que você é desse jeito, eu tenho que aceitar que, você é uma pessoa. Como pessoa você erra, como eu, também, erro. Em segundo lugar, ter procurado fazer leituras que me levassem a ver isso aí. Terceiro, conversar com outras pessoas, principalmente alguns sacerdotes amigos que também são religiosos. Eu gosto muito, por

exemplo, de ter um sacerdote religioso como nosso capelão porque é alguém que entende a Vida Religiosa e consegue nos fazer ver diferente algumas coisas que, às vezes, a gente não esteja entendendo. Isso me ajuda a superar. Também o encontro com a comunidade porque quando surge alguma coisa desafiadora é importante conversar. Por fim, a oração, a observância daquilo que é próprio da nossa vida, como as orientações que temos nas Constituições e Regras de Vida (MAGNÓLIA, Anexo 1, p. 189).

Ajuda neste entendimento, o que diz Vygotsky (2009), ao tratar da imaginação como elemento importante na formação dos conceitos e no desenvolvimento da pessoa humana. Segundo ele, pela imaginação torna-se possível ampliar a experiência de um indivíduo a partir da narração de outra pessoa. Segundo ele,

A imaginação [...] transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheia (VYGOSTKY, 2009, p. 25).

Os relatos ilustrados da nossa análise são parte de testemunhos virtuosos carregados de religiosidade e de estoicidade. São religiosas consagradas, que demonstram interioridade e enamoramento pela causa assumida, e na busca de aprofundamento pessoal, caminham sem esmorecimento diante das lacunas do saber. Marcadas pela vida, morte e ressurreição do Cristo, envolvem-se com (e por) Ele, construindo uma subjetividade digamos, apaixonada (KIERKEGAARD, 1989, p. 34-35).

## 5 CAPÍTULO 4: O PODER NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA

Nesta reflexão específica, não existe a pretensão de o poder ser analisado em toda a sua amplitude. O conceito de poder que interessa é o hierocrático, inerente à estrutura da Igreja Católica que, pelo seu agrupamento de doutrinas e bens simbólicos, exerce um poder a partir de bens espirituais como, entre outros, a Palavra de Deus e os Sacramentos (CDC, 1983 p. 36, cân. 213).

Este quarto capítulo pretende apresentar a visão desta realidade a partir de depoimentos de religiosas que vivenciam ou vivenciaram as responsabilidades da liderança canônica tendo como pressuposto a necessidade da preparação para o exercício da liderança; encontrar elementos que contribuam e/ou contribuíram para a superação das dificuldades ocorridas no exercício do poder.

### 4.1 Poder subordinado

Ao poder que classificamos de simbólico, está subordinado o poder que exerce a líder canônica numa comunidade de religiosas consagradas. Como simbólico, é um poder diferenciado, irreconhecível, mas legitimado (BOURDIEU, 1998, p. 15). Esse autor, adiante, acrescenta que:

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe (BOURDIEU, 1998, p. 188).

Por tal característica, numa comunidade de religiosas consagradas, o exercício do poder disciplinar, influenciador nos aspectos político, social e psicológico, próprios de qualquer grupo comunitário, adquire, também, um enfoque religioso pelo simbolismo de punição ou recompensa.

A força do sagrado atua, inclusive, na esfera disciplinar (FOUCAULT, 1987), com respectiva subordinação à estrutura hierárquica e doutrinária, contida nos documentos eclesiais, nas homilias e nas interpretações das Escrituras. Em Foucault,

todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus nenhuma imensidão é maior que um detalhe, e nada há tão pequeno que não seja querido por uma dessas vontades singulares. Nessa grande tradição da

eminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente, de treinamento. Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente, mas menos pelo sentido que nele se esconde que pela entrada que aí encontra o poder que quer apanhá-lo (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Na gerência do sagrado, relações políticas e sociais se transformam em relações sobrenaturais viabilizando um poder respaldado na força das relações sacramentais (PEREIRA, 2008, p. 89).

Considere-se que no universo desta tese, com particularidades próprias, tem-se a inclusão de um espaço sagrado, um campo religioso e um *locus numinoso*. A vida cotidiana das religiosas transcorre num espaço físico considerado sagrado no qual torna-se indispensável uma capela com a presença do “Santíssimo Sacramento”. O local adquire força de fé e de respeito supremo, frequentado em vários horários do dia para as devoções comunitárias e individuais. Outras dependências da residência adquirem, também, feição de sacralidade por acolherem encontros para estudos, reuniões e sociabilidade fraterna. O campo religioso, por sua vez, extrapola o espaço sagrado e adentra no imaginário por não se limitar ao que é real ou físico, configurando relações além de representações sociais estruturadas nos moldes do grupo. Espaço sagrado e campo religioso se complementam, suscitando o *locus numinoso*, onde ocorre a experiência do sagrado (PEREIRA, 2008, p. 103-104). Segundo ele,

Embora diferentes entre si, os conceitos de espaço sagrado e de campo religioso se complementam, oferecendo, assim, as ferramentas teóricas necessárias para a compreensão do poder simbólico da religião no que concerne ao domínio da ação religiosa sobre a vida social de indivíduos e grupos [...] Através da distribuição das diversas formas de bens simbólicos, configurados nos sacramentos e seus derivados, os fiéis, participantes dos espaços sagrados e agentes do campo religioso, são munidos com as capacidades adequadas para desempenhar as funções religiosas, enfrentando, assim, as lutas diárias da vida (PEREIRA, 2008, p. 104-105).

Os termos estudados acima, conceituam aspectos concernentes à religião como um todo, com os quais é exercido um poder simbólico. Entretanto, estes conceitos se ajustam ao que se observa da VRCF como dominada e dominante.

Vale ponderar que ela se insere na estrutura eclesial católica sistematizada em hierarquia. Embora não fazendo parte dessa própria hierarquia, segue uma

ordenação semelhante na sua composição administrativa. Constitui-se de estratos setoriais que viabilizam poder a quem, provisoriamente, os ocupam. De modo geral, no caso aqui estudado, esses setores são classificados em governo geral, provincial e local.

Como uma organização religiosa, mas também social, cada Congregação religiosa estabelece seus princípios e suas estratégias com o fim de atingir o objetivo imerso no carisma fundacional. Assim, naturalmente, surge a necessidade de confiar a condução dos propósitos a alguém capaz de acompanhar como líder canônica, o percurso das atividades a ser desenvolvido pelo grupo.

Encontrar a pessoa preparada, adequada a essa função, nem sempre é algo fácil, seja para quem confere a liderança canônica, seja para quem a exerce ou a ela deverá se submeter.

Neste sentido, no intuito de facilitar a compreensão do que comporta a vivência interna de uma comunidade de religiosas consagradas, importa verificar a abrangência de subcampos interligados e pertinentes ao campo específico aqui analisado, com suas especificidades próprias, constituintes da estrutura da VRC.

#### *4.2 A estrutura religiosa conventual*

A vivência da autoridade institucionalizada no contexto da VRCF, tem sua peculiaridade por se tratar de uma dinâmica estruturada no intender e, ao mesmo tempo, subordinar-se a diferentes instâncias. Considere-se, de início, a condição imposta pela Igreja institucional Católica, a qual exclui da mulher, o direito de acesso à hierarquia, esfera esta, que absorve a competência maior de poder.

A partir desse pressuposto, pode-se antever o quão exigente é assumir a condução de uma proposta de ação numa comunidade que supõe, para cada integrante, o alcance de plena realização pessoal e grupal. Por um lado, a submissão, inclusive de comportamento, a critérios estabelecidos por moções androcêntricas; ademais, o estreito relacionamento comunitário com pares de peculiares subjetividades.

Ao responder afirmativamente ao chamado divino de se doar numa consagração com o intuito de contribuir com a construção do Reino de Deus em

benefício dos irmãos carentes, é compreensível que a submissão de normas estabelecidas por uma hierarquia inteiramente masculina, passe despercebida pela jovem vocacionada. É possível ainda que, mesmo após anos de consagração, este fato permaneça inalterado, denotando a força das representações próprias que a crença imprime no fiel, fruto de um contexto permeado de simbologias.

Nas palavras de Durkheim,

o fiel [...] acredita-se obrigado a determinadas maneiras de agir que lhe são impostas pela natureza do princípio sagrado com o qual se sente em relação. [...] É por isso que a cada instante somos obrigados a nos submeter a regras de comportamento e de pensamento que não fizemos nem quisemos, e que às vezes são até contrárias às nossas tendências e aos nossos instintos fundamentais (DÜRKHEIM, 1989, p. 261).

Na concepção do autor, as crenças religiosas são representações coletivas e, a intuição de um sagrado, que nem sempre é algo sobrenatural, acaba por ser assumida com naturalidade. No entender dele, os princípios religiosos são fruto de razões sociais (DÜRKHEIM, 1989, p. 293), considerando que a força religiosa provém da coletividade, ou seja, da sociedade (DÜRKHEIM, 1989, p. 285).

Embasada nesse raciocínio, vale ponderar a força do social que interfere na estrutura organizacional daquelas que formam uma comunidade de religiosas consagradas. Tomando em consideração o alvo desta tese que reflete sobre “a crise nas relações de poder na VRCF”, o olhar se volta para o que foi tratado no primeiro capítulo sobre a formação das subjetividades, consentâneo à ilustração do que é pretendido. Fazendo referência aos aspectos inerentes à estrutura da VRCF, este tema foi abordado, considerando a sua importância em vista de um convívio harmonioso no interno da comunidade e extensivo aos demais grupos laicais. Um confronto entre o ideal e a prática da vivência da autoridade/poder, à luz dos autores estudados.

Outra atenção, entretanto, será dada ao enfoque político presente e necessário na organização; pois, em princípio, política é a arte e/ou ciência de encontrar soluções adequadas ao bem comum. Nesta circunstância, também a estrutura da VRCF inclui normas a serem seguidas e liderança que motive, garantindo, assim, a sobrevivência da instituição. Na VRCF, o político tem seu espaço garantido

ainda que, em princípio, difira daquele exercido na esfera laical. Segundo critérios bíblicos “não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande, seja vosso serviçal (Mt 26, 20).

Seguindo o raciocínio de que um líder é um ator determinante no interno de uma coletividade, há de ser considerada, ainda a importância de um esquema que envolva uma psicologia organizacional. A cultura da pertença contribui para gerar discernimento e comprometimento. Como via de mão dupla, na proporção do comprometimento com o todo da comunidade, tem-se a sensação individual de pertença e satisfação por fazer parte de tal grupo. O fator psicológico é, também, preponderante na estrutura da VRCF como estímulo ou desestímulo quanto ao desempenho das atribuições pessoais e até mesmo à permanência da vocacionada na Congregação.

Cabe ainda entender que, nessa estrutura distingue-se, sobremaneira, a relação pessoal de cada membro com o divino. Sentir-se vocacionada à VRC significa um encontro especial, diferenciado, capaz de conduzir a jovem ao inesperado, na contramão dos encantos profanos. Assim, de modo enfático, o espiritual ocupa um campo primordial na estrutura da VRCF, constituindo-se a razão dos enfrentamentos seja os da líder canônica seja os assumidos pelas lideradas.

Nas especificidades caracterizadoras de cada setor: político, social e psicológico, não obstante a interligação mútua em vista do bem comum proposto, está implícita a dimensão religiosa/espiritual que, segundo depoimentos, aparenta sobrepor-se às demais propiciando razões e disposições da religiosa consagrada, para uma entrega total da própria vida. No que concerne à natureza dos conselhos evangélicos emitidos, presume-se o propósito de demonstrar a possibilidade humana de viver com pureza de coração - “*Gesù è vergine perchè appartiene totalmente ao Padre e non dispone di se stesso*”<sup>13</sup> (PIGNA, s/d., p. 68); sem os supérfluos bens materiais - “*La povertà potrebbe essere definita come possesso del necessario e del sufficiente*”<sup>14</sup> (PIGNA, s/d., p. 70); e a obediência a Deus - “*La obbedienza non è altro*

---

<sup>13</sup> Jesus é virgem porque pertence totalmente ao Pai e não dispõe de si mesmo.

<sup>14</sup> A pobreza pode ser definida como a posse do necessário e do suficiente.

*che la accettazione, consapevole e libera, del fatto che 'si è di Dio'<sup>15</sup>* (PIGNA, s/d., p. 38).

A subjetividade do agente, adentrado com o sentimento de pertença a uma estrutura, no caso a religiosa, é resultado de alguns aspectos típicos, tais como a formação de valores relativos ao respeito às normas (político), ao convívio fraterno (social), equilíbrio pessoal (psíquico) assim como reverência à tradição e à crença (espiritual). Trataremos destes aspectos, a seguir.

#### *a) O político na vida religiosa consagrada*

Etimologicamente, o termo política se origina do grego *politiká*. *Polis* está relacionado ao que é público e *tikós* refere-se ao bem comum. De forma ampla, é entendido como um conjunto de regras, normas, diretrizes, regulamento de uma determinada instituição, com o fim de alcançar uma meta, um propósito comum, ou seja, critérios para que uma organização estabeleça um modo de vida.

A estrutura eclesial católica não se isenta a esse princípio e apresenta uma organização que define os limites de ação e decisão em todo o seu corpo de funcionamento. Por adotar o sistema hierárquico, cria submissão de todos os fiéis, seus integrantes, a uma autoridade ascendente, escalonada em diácono, presbítero, bispo, arcebispo, primaz, cardeal e papa. Como percebemos, os religiosos não fazem parte deste sistema e participam da estrutura laical da Igreja, submissos, em termos de testemunho de fé, aos integrantes da hierarquia e, conjuntamente a estes, submissos ao Senhor de todos, Jesus Cristo, segundo as prescrições do Novo Testamento.

Faz parte desse sistema político, a descentralização de poderes, que busca facilitar a viabilização dos procedimentos que visem o seguimento bíblico, como objetivo último.

Este esquema integra, também, o interno da VRC quando poderes são delegados pela hierarquia eclesial a religiosos a fim de que a ordem e os objetivos da Instituição sejam garantidos. Assim, as congregações religiosas, como no caso em questão, as femininas, organizam-se num escalonado sistema de poder ascendente,

---

<sup>15</sup> A obediência não é outra coisa, senão a aceitação livre e consciente do fato de que somos de Deus.

geralmente intitulado: superiora local, provincial e geral. Essas denominações variam, a critério de cada Congregação. A terminologia pode estar diferenciada, mas o sentido permanece idêntico, embora em algumas congregações seja adotado um sistema mais participativo com administração colegiada.

Tendo o entendimento de que uma política é uma deliberação prévia nas congregações religiosas, encontramos-la, normalmente, nos chamados “Direitos Próprios” que cada uma organiza fundamentando-se no Direito Canônico e demais documentos elaborados pela Santa Sé.

Como estrutura política, regras são estabelecidas, determinando competências, obrigações, direitos individuais e comunitários. O cumprimento dos deveres propicia a harmonia almejada e produz estabilidade à Instituição e, em consequência, o bem-estar de todas na comunidade.

A negligência, quando efetivada por algum dos membros, traz desconforto a todo grupo, não apenas pelos efeitos objetivos, mas também subjetivos, perceptíveis pela decorrente dificuldade de convivência com quem é descompromissada, portadora de uma subjetividade mal formada, porém com direitos pontifícios de permanecer membro ativo da Instituição, salvo situação de faltas graves, externas, imputáveis e juridicamente comprovadas, conforme CDC, indicado a seguir.

Deve ser demitido o religioso que tiver cometido os delitos referidos aos Câns. 1397, 1398 e 1395, a não ser que, tratando-se dos delitos mencionados no Cân. 1395, § 2, o Superior julgue que a demissão não é inteiramente necessária e que de outro modo se pode prover suficientemente à emenda do religioso, à restituição da justiça e à reparação do escândalo (CDC, Cân. 695 - § 1).

Pode ainda o religioso ser demitido por outras causas, contanto que sejam graves, externas, imputáveis e juridicamente comprovadas, como são: desprezo habitual das obrigações da vida consagrada; violações reiteradas dos vínculos sagrados; desobediência pertinaz às legítimas prescrições dos Superiores em matéria grave; escândalo grave procedente de modo culpável de agir do religioso; pertinaz defesa ou difusão de doutrinas condenadas pelo magistério da Igreja; adesão pública a ideologias infeccionadas de materialismo e ateísmo; ausência ilegítima referida no cân. 665, § 2, prolongada por seis meses; e outras causas de semelhante gravidade, porventura determinadas pelo próprio direito do instituto (CDC, Cân. 696 - § 1).

Observa-se neste ponto que, entre as religiosas entrevistadas, a organização política da Congregação não é questionada. Ainda que instigadas pela pesquisadora, nenhuma fez referência significando ser contrária ao estabelecido pelos particulares Direitos Próprios. Todas abordaram esse aspecto como algo natural, necessário dentro da Instituição para um eficaz funcionamento da ordem. As justificativas são diferenciadas, mas indicam uma consciente aceitação das normas.

Na visão de Ir. Amarílis, quando alguém decide seguir um estado de vida, vai enfrentar o que a ele é atribuído. As normas, para ela, têm um significado positivo por possibilitar a solução de problemas em alguma determinada situação. Ir. Rosa diz que o problema é que algumas pessoas têm dificuldade de colocar em prática alguns itens das regras. Ir. Hortência também não as considera difícil. Apenas acha que precisam ser atualizadas. Para Ir. Azaléia, pode ser difícil cumpri-las, mas por outro lado, imprimem segurança e proteção.

Essa aceitação remete ao que diz Bourdieu ao tratar das ações construídas a partir da percepção de mundo em que o poder simbólico exercido por agentes especializados, com estruturas verbais (faladas ou escritas), agregam ou dispersam podendo modificar a realidade social (BOURDIEU, 2001, p. 209).

O que se observa, em quem assume a liderança canônica numa comunidade de religiosas consagradas, é uma certa interiorização do que se faz necessário para que a ordem seja estabelecida e, a partir da própria postura dela como líder, não retira a responsabilidade de cada membro liderado. Segundo Ir. Hortência,

Seja nas novas ou nas antigas, existem as falhas. Acho que talvez o comodismo, a falta de cuidado com as coisas pequenas. A gente não valoriza as coisas pequenas e acho que para as mais novas precisaria uma formação mais específica, sei lá. Uma formação que ajudasse na convivência, que demonstrassem na prática que sabem e que têm condição de viver uma vida comunitária (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 186).

O exercício do poder atribuído à líder canônica supõe preparo adequado e acima do preparo intelectual, a disposição de ser a primeira no cumprimento das normas estabelecidas, visto num dos depoimentos acima.

Em sintonia com o que reza o CDC (Cân. 618), já mencionado no capítulo 1, percebe-se, no subentendido de alguns relatos, a noção de que o exercício da líder canônica deve fundamentar-se no serviço – um serviço impulsionado pelo compromisso pessoal, submisso à vontade divina. Nas palavras da Ir. Violeta,

Se a pessoa não ficar muito na humildade, não mudar e ter fé em Deus, isso atrapalha a vida das pessoas, mesmo. Quem está no poder pode se apossar e pode querer ser a dona da coisa. Porque a gente está para servir e não para mandar. Eu vejo assim (VIOLETA, Anexo 1, p. 205).

Este entendimento ajusta-se ao que reflete Azevedo quando diz que o superior deve estar em sintonia buscando sempre identificar a vontade de Deus e isto

torna a missão do Superior religioso, numa visão de obediência não meramente vertical, sumamente delicada e difícil. Mais do que qualquer outro, ele deve ser pela natureza de sua função de serviço ao grupo, uma pessoa extremamente atenta aos sinais de Deus: onde quer que eles se manifestem (AZEVEDO, 1977, p. 282).

Apenas algumas religiosas tornaram explícito a relevância do compromisso pessoal e submisso primordialmente a Deus. Transpareceram um entendimento de que os beneficiários desse serviço, o povo de Deus, e os instrumentos organizacionais que intermediam as ações beneficentes têm seu valor, mas ainda assim, são menos relevantes. O destaque é dado ao compromisso assumido através dos conselhos evangélicos professados em público. O cumprimento dos votos, nesta perspectiva, induz a um voltar-se para estar em total disponibilidade para o outro, para aqueles que estão sob sua responsabilidade cristã. Outras não fizeram referência a este aspecto considerando, primordialmente, a política organizacional no governo da comunidade. Segundo relatos,

Como sempre alimentei esse espírito de servir, sempre que sou convidada pela Província para servi-la, procuro me dedicar e servir com muito gosto. Quando era criança gostava de ler os evangelhos e gostei muito da passagem de Cristo que diz “eu vim para servir e não para ser servido” (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 183).

O desafio, eu digo que é entender que ser superiora é um serviço. Muitas Irmãs veem isso como um cargo. Eu já não vejo. Eu vejo isso como um serviço e um serviço muito árduo porque você está ali pra servir. De uma certa forma, pra mim foi um pouco difícil, a questão assim, das minhas limitações (MARGARIDA, Anexo 1, p. 214).

Nas palavras das entrevistadas, vê-se a ideia de que toda ação de serviço se volta para fazer a vontade de Deus. Mas a quem cabe interpretar a vontade d'Ele numa comunidade religiosa? Se a VRCF, em tempos passados, seguia uma estrutura monárquica com sistema autoritário (AZEVEDO, p. 292), e nesse particular a simples obediência a uma autoridade poderia significar para a religiosa, estar realizando a vontade de Deus, o entendimento atual, segundo Azevedo é que

A obediência, pois, na vida religiosa, não é propriamente um instrumento ascético, para ser usado ao sabor do arbítrio das pessoas. Nem é tampouco uma virtude que possa ser cultivada hoje e eclipsada amanhã. Menos ainda é uma forma de exercício de domínio de umas pessoas sobre outras, pela qual umas dispõem das outras segundo a índole de seus planos pessoais (AZEVEDO, 1977, p. 277).

Assim, obedecer por obedecer, não significa estar realizando a vontade de Deus supostamente confiada à autoridade, seja ela qual for. Empenhar-se na busca da vontade de Deus é encargo de todos. Continuando com o autor,

A concepção puramente vertical de obediência, que primou em tantos séculos de vida religiosa e centralizou exclusivamente no Superior a busca da vontade de Deus, negligencia dois aspectos teológicos fundamentais. O **primeiro é a presença constante e ativa do Espírito Santo** em cada um de nós, em todos nós.[...] Mas **há um outro aspecto** que ficou igualmente esquecido. É o **sentido da corresponsabilidade** pela retidão da missão do corpo apostólico, que incumbe a todos e não só aos superiores (AZEVEDO, 1977, p. 278).

Para a Irmã Ir. Margarida, uma das mais jovens entre as entrevistadas, esse aspecto da corresponsabilidade foi mencionado com ênfase em repetidas apreciações. Conforme disse,

não é fácil estar lá na frente. Eu dizia sempre que nasci para ser mandada e não para mandar. [...] Eu acho que ser superiora é ser responsável pela casa, mas as outras também são. Não é porque eu sou a superiora, que eu tenho que fazer tudo. Então, se estamos em comunidade, por que não a outra também fazer? (MARGARIDA, Anexo 1, p. 214).

Se, ao longo do tempo, a história da VRCF relata formas de entendimento diversificado do que atualmente se pensa, no sentido de caber à líder canônica interpretar a vontade de Deus e decidir na vida da comunidade, em Azevedo (1977, p. 278), dois aspectos teológicos são sublinhados para mostrar a inconsistência cultural de épocas anteriores, destacando, em primeiro lugar, a ação do Espírito Santo

que age em cada membro da comunidade servindo-se de qualquer um. Em suas reflexões (1977, p. 283), afirma que “a presença do Espírito que fala em cada um e a corresponsabilidade de todos pelo bem da missão, pressupõe um amplo e crescente conhecimento de cada um por todos e de todos pelo Superior”.

Enfatizando a subserviência do líder a Deus e o serviço respeitoso aos que estão sob sua condução temos uma admoestação aos superiores, nos termos seguintes:

os Superiores exerçam em espírito de serviço o seu poder, recebido de Deus mediante o ministério da Igreja. Dóceis portanto à vontade de Deus no exercício do seu múnus, governem os súbditos como filhos de Deus, promovendo, com reverência à pessoa humana, a sua obediência voluntária (CDC 618).

Consideremos, enfim, que embora as razões básicas se apresentem fundamentadas em princípios religiosos, a organização de uma comunidade conventual não foge do esquema político adotado também por organizações laicas. Apesar da seriedade e do esforço que a líder e lideradas estabelecem em suas posturas, isso não significa que, na prática, considerando as subjetividades, tudo funcione como o esperado.

#### *b) O social na vida religiosa consagrada*

Quando falamos a respeito da interação de indivíduos que compartilham de uma mesma cultura, estamos falando de “social”, termo com origem no latim “*socialis*”, relativo à sociedade.

Estudos comprovam que o ser humano, ao mesmo tempo que necessita de privacidade – “a privacidade é componente essencial da formação da pessoa [...] define propriamente o que é um indivíduo, qual seu grau de interação e comunicação” (DONEDA, 2008), precisa também da convivência com os demais – “os sociólogos sempre reconheceram que a linguagem é fundamental para a vida social (GIDDENS, 2008, p. 86). É da natureza do ser humano estar em comunidade e o próprio Colégio Apostólico afirma essa premissa quando diz,

Deus não criou o homem solitário. Desde o início, “Deus os criou varão e mulher” (Gn 1,27). Esta união constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por sua natureza

íntima um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes. Deus portanto, como lemos novamente na escritura Sagrada, viu “serem muito boas todas as coisa que fizera” (Gn 1,31) (GS, 12, p. 154-155).

Isto implica um determinado nível de adaptação, com limites e imposições pessoais em vista do bem-estar de todos. A esta convivência, que pode ocorrer direta ou indiretamente, é dado o conceito de sociedade. No entender de Giddens,

As sociedades modernas caracterizam-se, em grande medida, por transações interpessoais indirectas sem necessidade de qualquer tipo de co-presença. Tal conduz ao que foi já designado como compulsão da proximidade, a tendência para desejar uma presença face-a-face sempre que possível. As situações de co-presença fornecem uma informação muito mais rica acerca do que as outras pessoas pensam e sentem, e do seu grau de sinceridade, do que formas indirectas de comunicação (GIDDENS, 2008, p. 104).

Sociedade é entendida, então, como um conjunto de indivíduos que interagem entre si, compondo assim uma comunidade. Nessa composição tem-se o sentido de pertencimento, de partilha, responsabilidades com deveres e direitos.

Em se tratando de um campo social específico, por exemplo, o de uma Congregação religiosa, características se evidenciam com mais clareza e de forma explícita e/ou implícita mais grupal, dadas ao grau de homogeneidade de aspirações estabelecido entre seus integrantes. Espera-se que, nesse grupo especial, a partir das motivações comuns, a integração e interação se façam mais facilmente. Tal esperança, todavia, não significa garantia de sucesso, considerando a composição do grupo com subjetividades diversificadas, susceptíveis da influência de um mundo acelerado e multifacetado.

A sociedade que se forma no espaço religioso de um convento, e se expressa num campo com específicas representações, tem particularidades provenientes de outros campos nos quais cada religiosa adquiriu valores. A família, a escola, os grupos de pertença de antanho, têm força de convencimento que se enraízam, fortalecem-se no indivíduo e se apresentam nas mais variadas formas de pensar, falar, agir. Ainda que de forma inconsciente, esses valores funcionam como capital social nas articulações comunitárias, gerando ganhos ou perdas na luta por legitimar uma posição de pertinência.

Pierre Bourdieu trata desse aspecto dizendo que

A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes [...] ou se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores. Esta estrutura, que está no princípio das estratégias destinadas a transformá-la, está ela própria sempre em jogo: as lutas cujo lugar é o campo têm por parada em jogo o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, quer dizer, em última análise, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico (BOURDIEU, 2003, p. 120-121).

Independente da função que exerce na comunidade, seja a líder sejam as lideradas, cada membro traz em si suas singularidades com desejos, inclusive o de realização pessoal. Não havendo a possibilidade do alcance dessa realização, a religiosa pode caminhar para um estado de desencanto, frustração ou indignação comprometendo o bem-estar pessoal e afetando toda a comunidade. Como diz uma das entrevistadas,

na relação de poder é importante que as lideradas não sejam apenas submissas, sem um ponto de vista crítico, sem estudo, sem participação. Se for assim, a líder vai tomar uma decisão melhor ou pior sozinha e ela nem sempre está com a verdade. Daí, se o modelo for “o superior falou, está falado” pode haver uma decadência. Pessoas vão passar por um processo de não realização, de sofrimento e essa não seria uma comunidade ideal (AZALÉIA, Anexo 1, p. 181).

Acredita-se que ao ingressar na vida religiosa, a jovem esteja buscando doar-se por uma causa nobre, tendo como retorno imediato a sensação de elevada autoestima ocasionada pelo desempenho pessoal e coletivo da missão. A energia que circula na comunidade, quando positiva, impulsiona o crescimento da vocacionada retratado nas ações, nos gestos, desde os mais simples aos mais rigorosos. Ao contrário, faltando confiança, compreensão, compartilhamento, parceria, entreaduda, as perspectivas promissoras sofrem em consequência de um possível desestímulo. Não podemos pensar que a vocação à VRC seja algo incólume às agressões sociais. A agressão pode, inclusive, ser efetivada no silêncio, como narrada por Ir. Gardênia: “As superiores antigas têm dificuldades em entender algumas irmãs jovens e vice-versa. Há superiores novas que excluem as irmãs idosas. Isso é fato” (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 230). Esse depoimento é um alerta a ser considerado em qualquer grupo organizado.

Cada pessoa é passível de reveses e uma das atribuições da comunidade religiosa é ser apoio, estímulo, acolhimento para seus pares. A fragilidade humana permanece no indivíduo independente das suas boas intenções. Isso nos leva a compreender o que Ir. Azaléia acrescenta.

As pessoas pensam que a vida religiosa é um lugar onde não pode existir isso [abuso na liderança]. Nós mesmas, quando a gente vem para o convento a gente pensa que ali é uma instituição de anjos. A gente vem tão inocente, pura, depois vai descobrindo que é como no filme “anjos e demônios” rsrsrsrs. (AZALÉIA, Anexo 1, p. ).

Entendemos que a metáfora é forte o suficiente para mostrar que o ato da consagração pelos votos evangélicos não transforma o ser da pessoa. Ele representa um esforço o qual pode estar além da capacidade de algumas. Nestas situações, cabe ao grupo, por inteiro, fazer-se solidário pela ausência de animosidade. Se dizemos que cabe ao grupo por inteiro, naturalmente não se deve eximir o papel da líder canônica nesse empreendimento, considerando que dela se espera o exemplo. Com expressivo sentimento de pesar algumas entrevistadas lamentaram comentar que conhecem

pessoas angustiadas em outras comunidades achando, por exemplo, que aquela Irmã jovem não tem muita consideração às Irmãs idosas e é ela que está à frente da comunidade. Como superiora, não reconhece que aquela Irmã foi uma pessoa que já trabalhou tanto pela Província, que se doou tanto e ela não tem o menor apreço por ela, porque não se liga muito dentro daquele grupo que ela está. Por exemplo, duas, três pessoas que se identificam muito bem e é com essas que ela resolve tudo. Mas a vida comunitária fica esfacelada (CLÍVIA, Anexo 1, p. 209).

Eu percebo que tem Irmãs que mesmo sem uma formação intelectual, acolhem, têm atenção e respeito para com as Irmãs mais novas, mesmo as que são espalhafatosas. Mas têm outras que não. Do mesmo jeito já têm Irmãs jovens que acolhem a Irmã que foi de outro tempo. Vai depender muito da formação de cada uma (MARGARIDA, Anexo 1, p. 216).

As pessoas idosas têm o acúmulo da sabedoria dos anos que os mais novos não têm. É que, muitas vezes a Província não sabe aproveitar dessa sabedoria e riqueza e deixam as irmãs idosas sem ocupar nenhuma tarefa nas comunidades dizendo que não têm mais condições (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 231).

Uma das gratas peculiaridades da sociabilidade, principalmente dentro de um campo religioso, é a capacidade de incluir, envolver, incorporar, aproximar a

pessoa do contexto na vida partilhada pelos que integram a coletividade (o corpo social).

Nesse sentido a responsabilidade que recai sobre a pessoa da líder canônica a fim de bem conduzir suas lideradas, no que concerne ao convívio fraterno, exige, portanto, grau elevado de discernimento, compreensão, maturidade, equilíbrio e, por que não dizer, um expressivo exercício da autoridade.

A importância desse proceder está retratada nos depoimentos seguintes:

A vida comunitária, a meu ver, é um elemento forte de motivação. Quando existe compreensão, apoio, convergência de objetivos, os erros não pesam tanto. Mas quando aparece uma Irmã mal resolvida disposta a atrapalhar, até os acertos perdem o colorido. Neste caso, como superiora, nossa reponsabilidade é maior na comunidade. Entretanto, ainda que o importante seja a consciência de estar fazendo o melhor que se pode, por sermos humanas não escapamos a esses sofrimentos (PERPÉTUA, Anexo 1, p. 226).

Não sei se a Superiora, por ser muito jovem... falta maturidade humana. Aí, faltando maturidade humana, como é que você pode? Isso é básico, básico! Tem gente que continua ainda na idade infantil. [...] Acho que o humano da gente ainda precisa ser muito trabalhado (GÉRBERA, Anexo 1, p. 221).

Outro ponto que vale considerar é que o contato direto com pessoas alheias pode induzir uma consagrada, mesmo sendo a líder canônica, a relativizar conceitos de fé, ética ou moral, proporcionando ocasiões em que comportamentos se apresentem inadequados a quem se consagrou como religiosa. Num determinado nível de proximidade com os leigos, seus irmãos em Cristo, atitudes podem fugir do serviço que lhe é próprio ao ferir princípios de sobriedade, discrição, respeito, dentre tantos outros que são atributos das pessoas consagradas na religião.

quando eu vejo, por exemplo, uma superiora que cuida muito suas coisas, passa o dia inteirinho dentro do seu quarto, fazendo aquilo que lhe apraz enquanto as outras coisas estão aí necessitando de atenção, ou alguém precisando de cuidados ou alguma coisa que está faltando dentro de casa, coisas corriqueiras. A gente percebe que ela está desligada. Não sei até se esse novo meio de comunicação, essa tecnologia está atrapalhando, porque a pessoa pega o celular e fica o dia todinho naquele celular e esquece os afazeres. Hoje não está havendo acúmulo de trabalho. Está havendo uma dedicação aos meios de comunicação (CLÍVIA, Anexo 1, p. 209).

A depender do fervor em função da correspondência à devoção pelo carisma da sua instituição, o cuidado se expande em todos os sentidos. Importa que dentro ou fora do claustro, as atitudes imprimam sóbrias e saudáveis propostas de vida. Reflete essa preocupação, o que nos diz a Ir. Perpétua.

Algumas vezes, para tornar-se próxima de amigos, até mesmo com familiares, a Irmã partilha de conversas com termos inadequados a uma religiosa ou faz uso de bebidas que, para algumas pessoas, parece estranho. Considero que tudo é permitido, mas dentro de limites. Talvez, por questões de educação básica, esses limites sejam desconsiderados e esquecem que devem ser testemunho (PERPÉTUA, Anexo, p. 227).

A Irmã Hortência, sem entrar em detalhes, insinua que se preocupa em motivar suas lideradas ao serviço dentro e fora da comunidade. “Como meta, eu diria que foi fazer a comunidade motivada para servir aqui dentro e lá fora” (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184). Implicitamente refere-se à forma do comportamento que todas devem apresentar quando em contato com as pessoas, independente da ocasião. Importa uma postura digna da missão assumida seja no exercício formal da evangelização, seja nos momentos de sociabilidade, quando a descontração proporciona certo relaxamento no falar, no gesticular, ou mesmo no degustar e consumir aperitivos.

Na VRC, aquela que desempenhou função de destaque com liderança canônica, após seu prazo de atuação, volta a ocupar posição de liderada como as demais que, por sinal, estiveram sempre como súditas. Essa dinâmica, facilita a observação do seu próprio desempenho quando era líder, assim como lhe chama atenção com mais diligência, o desempenho de outras.

Independente da função ocupada na Congregação, o entendimento do ser e da missão da religiosa consagrada se revela no comportamento de respeito, apreço e reverência para com o todo que a envolve. Percebe-se, nos depoimentos, o cuidado para que seja evitada qualquer atitude que possa tornar-se testemunho negativo aos olhos dos demais. Como diz a Ir. Violeta,

A gente investe na fé quando se fala com a outra pessoa sobre a própria fé. Quanto mais a gente fala, mais nos fortalecemos. A oração não atinge somente a mim ou ao ambiente em que estou, mas vai até o final do mundo porque a força que é da oração não é uma força minha, não é uma força só daquela pessoa, mas a força de alguém

que abraça todo o mundo, ou seja, do próprio Deus (VIOLETA, Anexo 1, p. 201).

O social está intrinsecamente presente na vida das religiosas consagradas. Se, no passado, a vida da religiosa consagrada foi interpretada como “fuga do mundo”, hoje tem-se um conceito totalmente contrário a essa visão, principalmente quando tratamos de Congregações de vida ativa. Ainda que nos reportemos às monjas enclausuradas, tal reclusão está longe de se caracterizar como fuga, porquanto, mesmo reclusas, em penitências e orações, é o mundo que as move e dá sentido à opção de vida que escolheram.

### *c) O psicológico na vida religiosa consagrada*

Os comportamentos são estudados pela ciência da psicologia. A origem deste termo nos vem do grego “psiquê” que tem referência à “alma” e assim, está intimamente relacionado a pensamentos, sentimentos dos quais se originam os comportamentos.

Uma organização religiosa na qual os integrantes se consagram com objetivos claros de cultivar o amor-doação, semear o bem na humanidade, alentar os que sofrem, promover paz e a justiça no mundo, precisa estar atenta aos fenômenos do comportamento humano. Se nesta organização, não obstante a imperfeição técnica, busca-se a) compreender o comportamento individual e coletivo dos que a compõe; b) analisar as consequências de determinadas situações em vista de conter possíveis dificuldades, pode-se dizer que, nela, existe uma psicologia organizacional.

O sentido de uma psicologia organizacional numa Congregação religiosa, assim como ocorre em empresas profanas, é criar, manter e elevar o grau de satisfação dos que nela se integram. De modo especial, na comunidade de religiosas, de suma importância, são a cultura da pertença e a consciência de que cada uma é responsável pelo bem comum e que em todas recai a necessidade de discernimento e comprometimento. Como assegura Azevedo,

Na vida institucional de todo grupo humano, todos os membros da comunidade ou grupo, por sua vez, devem se empenhar no processo honesto de procura do bem comum, em função dos objetivos e da missão concreta de cada comunidade. Ele emerge, pois, como fruto de um consenso e expressão de uma consciência comunitária (AZEVEDO, 1977, p. 280).

Essa consciência comunitária, entretanto, resulta do entrosamento de todo o grupo e do encantamento da missão a ser desempenhada. Contudo, interfere, nesse processo, a motivação pessoal da religiosa decorrente do se sentir integrada, valorizada, reconhecida em suas atividades. Daí, a importância de um sistema que auxilie as lideranças canônicas no sentido de cuidar de si e daquelas que lhes são confiadas.

Assim, a líder canônica, como responsável maior pelo bem-estar da comunidade, estando atenta e desenvolvendo, em si, qualidades específicas de entrosamento comunitário pela utilização de critérios da psicologia, terá maiores chances de realizar sua missão com positivos resultados.

Embora não considerando exemplar, observa-se que, a cada dia, cresce o número de empresas profanas que aderem à estratégia da flexibilização no trabalho, pelo entendimento de que, assim, os colaboradores apresentam resultados positivos no desempenho de suas funções e com isso os lucros materiais ou simbólicos são acrescidos. Outro enfoque, no entanto, pode ser dado à flexibilização quando sua área de atuação se desloca da forma de um trabalho empresarial para a de um trabalho pessoal. Trabalhar a própria performance é uma das atribuições de quem integra um grupo social diferenciado, investido de práticas ascéticas propostas em instituições de caráter religioso.

Podemos dizer que aspectos interessantes de flexibilização são contemplados quando essa se volta para o desempenho pessoal de cada uma das integrantes numa comunidade de religiosas, impulsionadas pela conduta efetiva e motivadora da líder.

Situações difíceis acompanham a rotina de qualquer organização e, importa ter compreensão dessa realidade associada a um aprendizado que delas deriva. Essa habilidade, que chamamos resiliência, favorece o desenvolvimento da flexibilidade pessoal na forma de se conduzir, oportunizando algo positivo para todo o grupo.

Um aspecto do que na vida religiosa é entendido por humildade, as empresas profanas chamam de disposição a *feedbacks*. Nada mais é que, sem se sentir ofendido, ouvir como o outro vê a forma dele agir. A arrogância, socialmente

expressa por quem adere à vida religiosa, ainda que camuflada, é perceptível e não condiz com o propósito do seguimento evangélico. Considerar o que as outras pessoas pensam a respeito delas produz elementos de análise e, em consequência, possível crescimento pessoal. Buscar, então, esse *feedback* atenua situações conforme podemos captar nas palavras seguintes:

eu sempre procurei foi trabalhar a minha própria pessoa. Eu gosto muito de me colocar no lugar do outro, de pensar como é que eu faria no lugar do outro.... Então, isso foi o que muito me ajudou. Eu quebrei a cabeça muitas vezes, mas muitas vezes eu me saí melhor por isso. Na compreensão, na procura de escutar o outro, porque eu gosto de escutar e também eu gosto de agir não escutando só uma pessoa (VIOLETA, Anexo 1, p. 200).

Na VRC, estar aberto a mudanças retrata também predisposição à flexibilidade. Segundo o que foi possível observar, há quem considere um comportamento defensivo em relação a mudanças como ocasião propícia a embaraços, podendo ocasionar perda de oportunidades de crescimento ou um comportamento abatido, com indícios de possíveis frustrações, capaz de enfraquecer os canais de autoconfiança. Então, enfrentar desafios é outra forma de treinar a própria flexibilidade. Neste sentido a tentativa de realizar tarefas rotineiras numa forma diferenciada das usualmente praticadas, estimula a capacidade de inovação. A Ir. Clívia comenta,

Uma das coisas, que eu persistia era fazer diferente, querendo fazer melhor pra ver se atingia, se as coisas melhoravam. Experimentava fazer de uma forma, fazer de outra, porque uma coisa que eu gosto de combater em mim, é não ser uma pessoa que mude de opinião quando uma coisa não está dando certo. Então, esse querer ir até o fim, mesmo na dificuldade, é uma coisa que pra mim é um desafio muito grande. Querer ir até o fim mesmo sabendo que aquela coisa ali está lhe maltratando, está lhe fazendo mal, mas com a esperança de dias melhores. De achar que aquele quadro vai mudar! Porque você pode mudar, você pode reinventar a sua forma de agir! A esperança era o que me levava ao ponto desejado. Tentando, muitas vezes eu conseguia (CLÍVIA, Anexo 1, p. 210).

O novo é sempre suspeito, mas é preciso disposição para os desafios inerentes à missão. No depoimento acima, vemos que dificuldades são, também, oportunidades.

Para enxergar o mundo do próprio universo particular não se pode obscurecer a necessidade de atualização, o que nem sempre significa formação

acadêmica. A possibilidade de cursos, treinamentos, palestras, tem lugar de destaque no desenvolvimento geral da pessoa, mas existem outras formas de aprimorar conhecimentos. Aperfeiçoá-los se faz também na busca de fontes fidedignas que, no caso da líder canônica, além dos documentos eclesiais, existem os livros, revistas e artigos na internet como complementos disponíveis e valiosos ao permitir nova visão em relação às coisas e às pessoas. Questionada sobre quais conselhos daria a uma jovem que fosse assumir a liderança canônica numa comunidade, Ir. Rosa assim se expressou:

Além da convivência que não deixa de ser uma experiência muito rica, eu aconselharia a procurar fontes de estudo que hoje a gente encontra em muitos documentos, manuais e até nos próprios meios de comunicação. Aqueles que servem para os leigos que vão assumir uma liderança, podem servir também como um meio para trabalhar com as Irmãs (ROSA, Anexo 1, p. 195).

Contudo, percebemos que treinamento básico para habilitar lideranças tornando-as capazes de diagnosticar o nível de satisfação pessoal e grupal, conduz à flexibilização na gestão e, paralelamente, o afastamento de possíveis conflitos embora eles não possam ser eliminados. Uma comunidade religiosa não está isenta de ter, em si, um membro resistente, antagônico, causador de sofrimento. A convivência grupal, naturalmente, é composta de levezas e fardos. Sem uma devida capacitação, a líder tanto pode provocar sofrimento nas lideradas como sofrer incompreensões. Ainda nessas situações, o preparo tem lugar de destaque. Questionada sobre uma possível falta de motivação no desempenho da função de liderança, uma das religiosas afirmou que “Não foi trabalho nem responsabilidades assumidas. Foram as diferenças de comportamento. O maior desafio foi a convivência com certas Irmãs” (AMARÍLIS, Anexo 1, p. 196).

Percebemos que aplicar conceitos de psicologia organizacional, nos moldes apresentados acima, contribui para motivar líder e lideradas de uma comunidade de religiosas consagradas no desempenho de suas funções, garantindo ainda a perseverança na vocação. O apoio relatado pela líder canônica, no depoimento acima, revela a presença de uma flexibilização pessoal, motivada também pelo ser apoiada por parte da comunidade.

#### d) O espiritual na vida religiosa consagrada

O espiritual em uma Congregação religiosa é, segundo as normas, o fundamento da origem dela, o cerne do projeto, a representação do amor fraterno, a energia que brota e a percorre por todo seu existir, no vislumbre da expectativa delineada de estar a serviço do Reino de Deus (CDC, can. 573, §1).

Neste sentido, baseando-nos nas entrelinhas dos depoimentos, enquanto o político, o social e o psicológico, numa estrutura de religiosas consagradas são decorrências, o espiritual é essência. Sendo essência, significa que se constitui como a razão do existir. O termo essência se origina do latim *essentia* e refere-se ao mais importante de um ser. Pode-se, assim, dizer que o espiritual, na constituição da VRC, é a realidade motivacional imutável, não obstante às modificações ou interferências possíveis no percurso dos acontecimentos humanos. Interferências, de caráter benéfico ou não, sejam nas criaturas, ou nas instituições, fazem parte do cotidiano e, portanto, factível no mundo conventual.

Nesta perspectiva, a metodologia aqui empregada se vale de histórias de vida, como ferramenta de trabalho para uma análise científica que permita concluir o quão forte é este aspecto espiritual nas decisões pessoais, sobrepondo-se ao político, ao social e ao psicológico pela faculdade de envolver relação com o divino.

O espiritual, malgrado a sua complexidade, permite à líder canônica encontrar formas de superação no exercício do poder em suas atividades. Tal complexidade pode incluir, para algumas, a ausência de clareza da força presente nas simbologias as quais permeiam todo o contexto que envolve a vida de consagração. Mas, de modo geral, verificamos uma ênfase dada à oração. “Busquei força, também na oração” (MARGARIDA, Anexo 1, p. 215). A oração “dá a força que a gente vai procurando a cada dia...” (VIOLETA, Anexo 1, p. 204).

O valor representativo dos capitais simbólicos, inerentes ao *lócus numinoso* decorrente de um campo religioso, exerce força atravessando todo o sistema íntimo de crenças dos integrantes podendo exteriorizar comportamentos diversificados no modo de falar, gesticular, vestir etc. Bourdieu (2017, p. 211) diz que “o *habitus* tem um papel fundamental no comportamento e desenvolvimento dos indivíduos dentro de seu campo de atuação” e, o ingresso da jovem vocacionada na vida conventual

pressupõe excelssitude na estrutura espiritual sobre as demais. Ritos, objetos, textos adquirem sacralidade e, assim, empoderamento. Interessa, inclusive, perceber se o poder exercido pela líder canônica tem, ou não, sua raiz no que foi sacralizado.

As consagradas, no contexto da sua missão, demonstram entrega de suas vidas mediante a uma entrega total em que, o corpo físico se integra emoldurando o político, o social e o psicológico, num processo ascético com perspectivas de culminar na conquista do Reino de Deus. Diríamos que a realidade espiritual se traduz como experiência de Deus. Nem sempre essa total entrega de si é compreendida por quem não experimenta o chamado à ascese como ideal de vida. Também, para algumas vocacionadas, isso se dá de forma inconsciente. A pessoa humana não secciona o seu contexto vital e, suas práticas espirituais estão sempre entrelaçadas num campo político-psicossocial. A impenetrabilidade dessa vivência pode surpreender mesmo aquelas que buscam coerência. Precisa ter conhecimento, compreensão das coisas, pois, para algumas, a entrega de si pode acontecer de forma instintiva sem a devida absorção da sua complexidade.

Segundo Kierkegaard (1955), citado por Silva (2009, p. 98),

“o que me falta é, no fundo, ver claramente em mim mesmo, de saber o que ‘devo fazer’, e não o que que devo conhecer, salvo na medida em que o conhecimento precede sempre a ação. Trata-se de compreender meu destino, de ver o que Deus quer que eu faça. Trata-se de encontrar uma verdade que seja verdade para mim, de encontrar a ideia pela qual quero viver e morrer. (...) é evidente e não quero negar, que admito ainda um imperativo do conhecimento e que em virtude de um tal imperativo pode-se agir sobre os homens, mas é preciso também que eu absorva esse conhecimento de uma maneira viva” (KIERKEGAARD, 1955, p. 39-40).

O simbolismo que percorre a estrutura conventual é um capital a ser administrado por todo o corpo integrante da comunidade, composto pela líder e lideradas. Naturalmente, cabe à primeira a responsabilidade maior e, por tal circunstância, nosso enfoque recai no que a ela compete.

Tem-se, entretanto, que esse ideal passa pela fragilidade humana típica e diferenciada em cada ser; cada religiosa se distingue das demais pela própria subjetividade. Sem que se faça juízo de valor, os entendimentos entre elas nem sempre convergem, ocasionando desafios e situações a serem trabalhadas pela líder

canônica. Sabe-se o quão é delicado conviver. Na sutileza das palavras de Kierkegaard vê-se a importância da formação das subjetividades para uma efetiva redução da distância entre o real e o ideal.

Segundo Kierkegaard, citado por Vilares (2018, p. 24),

Desde que se elimine a subjetividade e da subjetividade a paixão e da paixão o interesse infinito não existe absolutamente decisão, nem neste problema nem em qualquer outro. Toda decisão, toda decisão essencial, reside na subjetividade (...), essencialmente na paixão, máxime na paixão pessoal que sente um interesse infinito por sua felicidade eterna (KIERKEGAARD, 1992, p. 32).

Kierkegaard entende que a paixão significa uma luta processual na busca de um ideal que justifica submeter-se, ainda que com sofrimento, mediante os limites e finitudes condicionados à existência humana.

Pode haver sofrimento por toda parte nos diferentes estádios da existência, mas quando se apresenta num livro um estádio estético, em seguida, um estádio ético e enfim um estádio religioso e que não é senão neste que se emprega a palavra sofrimento, isso parece indicar que o sofrimento se comporta de maneira diferente com o religioso do que com o estético ou o ético (KIERKEGAARD, 1971, p.54).

Podemos entender que esse sofrimento, na religiosa, significa um percurso direcionado à interioridade, como uma decisão firme por algo, muitas vezes não exteriorizada.

Dessa forma, a vocacionada em sua relação com Deus, conduz-se e se inspira em conceitos alheios ao que lhe propõe a razão. O encantamento do chamado obscurece determinadas análises levando-a a privilegiar o transcendente.

No campo religioso a teoria de Bourdieu, a qual trata do “entrar no jogo”, pode servir de auxílio nessa reflexão uma vez que, pela *illusio*, ao ingressar na vida religiosa, a vocacionada se integra a uma determinada classe com relações estruturadas, mas também estruturantes. Ao integrar-se, ela respeita, acolhe e mantém as regras, legitimando as anteriormente estabelecidas no grupo. Através da crença modelada pelo *habitus* torna-se cúmplice, admitindo a importância do “fazer parte”.

A *illusio* é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar. De fato, em um primeiro sentido, a palavra interesse teria precisamente significado que atribuí à noção de *illusio*, isto é, dar importância a um jogo social, perceber que o que se passa aí é importante para os envolvidos, para os que estão nele. Interesse é “estar em”, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos (BOURDIEU, 1996, p. 139).

Sabemos que para o cristão religioso, o alvo é o Reino do céu e, nesse sentido, segundo o pensamento de Bourdieu, a renúncia dos consagrados ratificada pelos conselhos evangélicos, justifica o mercado de bens simbólicos sem que esse mercado seja reconhecido pelos nele envolvidos, graças ao uso de eufemização. Sem que se aperceba, o discurso utilizado trata *marketing* como apostolado; clientes como fiéis; trabalho como culto etc (Bourdieu, 1996, p. 193). Sua teoria, nesse detalhe, se apresenta um tanto mais elucidativa com o que expôs em:

o trabalho religioso implica um gasto considerável de energia destinada a converter a atividade da dimensão econômica em tarefa sagrada; é preciso aceitar a perda de tempo, o esforço, até o sofrimento, para crer (e fazer crer) que se faz uma coisa diferente daquela que se faz. Há desperdício, mas a lei da conservação de energia permanece válida, porque o que se perde é recuperado em outro lugar (BOURDIEU, 1996, p. 191).

A partir desse raciocínio, fragmentos de interlocução sugerem uma disposição das entrevistadas em sacralizar ações rotineiras, condizentes com a liderança exercida. Nas entrelinhas dos depoimentos que abaixo apresentamos é possível perceber um esforço na tentativa de santificar condutas sociais.

Claro que muitas vezes não acertei, mas a minha maior realização era essa: saber que eu estava sendo útil, que estava prestando um serviço, que estava ajudando outra a caminhar na sua vocação (GÉRBERA, Anexo 1, p. 221).

Fui uma superiora muito presente. Foi árduo, mas me realizei. Cresci muito como pessoa. Pude partilhar da minha experiência religiosa com as outras Irmãs. Acredito que o meu trabalho, a minha missão foi bem feita (MARGARIDA, Anexo 1, p. 216).

A nossa religião tem muita simbologia. [...] E tem influência, sim. A eucaristia, a missa diária, as orações litúrgicas, a santificação das horas, desde a manhã até à noite, tudo isso influi na vida interior (CLÍVIA, Anexo 1, p. 211).

Cada pessoa é um mundo diferente. É importante ver na realidade como é a pessoa, como foi essa pessoa, sua história, por causa das dificuldades que estão acontecendo, porque isso, porque aquilo, e só Deus sabe o porquê das coisas. É aí que se tem a maior dificuldade. Cada vez que eu ia falar com uma pessoa, que eu ia enfrentar uma situação, eu tinha que pensar primeiro nisso (VIOLETA, Anexo 1, p. 201-202).

#### 4.3 Religiosas no exercício do poder

Acreditamos ser conveniente uma volta ao que foi visto no primeiro capítulo quando foi tratada a sociologia de Bourdieu sobre a reflexividade ocorrida nas relações do ser humano *versus* sociedade. Sabe-se que, em sua subjetividade, cada pessoa influencia o meio, ao mesmo tempo que por ele é influenciada. Obviamente, isso se dá em todos os espaços sociais (campo), permeando estruturas mentais (*habitus*) e formando crenças as quais se estruturam como indiscutíveis (*doxa*).

Aproximemo-nos um pouco das religiosas entrevistadas, líderes canônicas, como dignas representantes de tantas outras em semelhante missão. No exercício da autoridade canonicamente instituída, são figuras humanas com virtudes e limitações resultantes de uma formação pregressa um tanto quanto aperfeiçoada no decorrer da vida professada de acordo com os moldes da instituição à qual pertencem.

Esta Instituição, de direito pontifício, foi fundada na Europa, em 1868. Está distribuída em 21 países da Europa, África, América do Norte, Central e do Sul (Albânia, Áustria, Alemanha, Argentina, Brasil, Bolívia, Bósnia-Herzegovina, Croácia, Equador, Estados Unidos, Eslováquia, Haiti, Hungria, Inglaterra, Itália, Kosovo, Polônia, República Tcheca, Suíça, Uganda, Ucrânia). No Brasil, atua desde 1920. Conta, ao todo, com aproximadamente 950 religiosas. Dessas, 132 desenvolvem atividades no Nordeste brasileiro com pastorais sociais e educativas. Na educação trabalham com os níveis pré-escolar, ensino fundamental, médio e universitário. Nas obras sociais acompanham populações carentes residentes em cidades interioranas ou periferias de capitais. O quadro abaixo retrata parte do perfil delas.

Retratar uma fisionomia coletiva das entrevistadas, no nosso entender, permite perceber características interessantes e de mais eficácia que a individualizada.

	<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>Anos de LIDERANÇA</b>
01	Ir. Azaléia	54	Pós-Graduação	12 anos
02	Ir. Hortência	77	Graduação	15 anos
03	Ir. Margarida	40	Pós-Graduação	04 anos
04	Ir. Gérbera	84	Graduação	24 anos
05	Ir. Orquídea	55	Graduação	03 anos
06	Ir. Rosa	81	Ensino Médio	18 anos
07	Ir. Amarílis	87	Ensino Médio	13 anos
08	Ir. Perpétua	76	Pós-Graduação	12 anos
09	Ir. Gardênia	77	Pós-Graduação	03 anos
10	Ir. Violeta	77	Graduação	15 anos
11	Ir. Clívia	67	Pós-Graduação	12 anos
12	Ir. Magnólia	53	Mestrado	15 anos

Submissas, assumem a difícil tarefa de conduzir uma coletividade, ainda que condicionadas a uma obediência estrutural nem sempre fornecedora de subsídios para tal competência. Não obstante, metas são elaboradas com a finalidade de compreender e administrar possíveis conflitos. As dificuldades se apresentam e estratégias são empregadas com o fim último de superá-las.

*a) Nossas Líderes entrevistadas*

Embora tenhamos contatado um número reduzido de Irmãs que atuam ou atuaram na missão de líderes canônicas em Comunidades de Religiosas Consagradas, acreditamos ser possível considerar válidas as referências que nos forneceram, no sentido de formar um conceito sobre o que chamamos de crise do poder e obediência na VRCF. É importante repetir que esta tese não pretende diagnosticar e nem apresentar soluções para casos específicos desse fenômeno, pois baseando-nos no princípio da subjetividade, fica evidente a diversidade de situações vivenciadas neste estilo de vida. Apraz-nos, tão somente, perceber a força existente e preexistente da subjetividade como propulsora de fatores outros que interferem nas

relações entre pares, facilitando ou dificultando a harmonia no exercício do poder e da obediência.

Conforme dito anteriormente, entrevistamos líderes canônicas que, além de atuarem no Nordeste brasileiro, são originárias dessa região e, como tal, passíveis à influência da mística proveniente de uma religiosidade popular na qual, de acordo com Sciadini, é forte o

culto acentuado a Nossa Senhora e aos santos, o qual encontra sua expressão típica nas festas às vezes de muita duração (“festas longas”); peregrinações aos santuários: cultos e ritos de caráter sentimental, de preferência os celebrados por ocasião de importantes acontecimentos biológicos da existência (nascimento, fecundidade e morte); cultos extralitúrgicos dirigidos a pessoas mortas ou ainda em vida àqueles a quem se atribuem poderes especiais (SCIADINI, 1989, p. 1001).

Essa faceta da religiosidade popular propicia um olhar e uma visão de mundo que pode caracterizar o modo de agir das pessoas. Julgamos interessante vislumbrar, mesmo com falhas de percepção, o perfil das religiosas entrevistadas com a finalidade de entender melhor como se situam diante da perspectiva de crise do poder e da obediência em suas comunidades.

A forma de adquirir elementos para captar a fisionomia do grupo se deu através de uma dinâmica. Livremente, as religiosas participaram logo após a entrevista. De modo prazeroso, mas realizado com seriedade, foi-nos revelado características de comprometimento em todas, independentemente da idade cronológica ou tempo de vida conventual. Optamos por encontrar uma fisionomia grupal para evitar distorções interpretativas ou destaques para umas em detrimento de outras. Um elemento facilitador foi a convergência de opiniões e homogeneidade na condução dos procedimentos ali solicitados.

As respostas apresentadas indicaram um nível positivo de: a) responsabilidade no cumprimento das normas, com o devido cuidado de não ultrapassarem o que é de competências delas; b) acompanhamento da vida comunitária na busca de resolver, de imediato, questões delicadas; c) equilíbrio no relacionamento entre os pares evitando posicionamentos premeditados; d) cuidado para não se deixarem influenciar por opiniões, algumas vezes tendenciosas; e) credibilidade nas coirmãs; f) segurança de si acompanhada de reflexão em conjunto;

g) flexibilidade, docilidade e tolerância. Assim sendo, encontramos uma fisionomia jovial e saudável, sem rugas aprofundadas, com traços de confiança e credibilidade.

Algumas, revelaram-se um pouco mais rigorosas quanto à submissão das lideradas. Como causas, na visão dessas, pesaram as falhas na educação familiar e o estilo moderno de autossuficiência que libera a pessoa no “dar satisfação” dos seus atos. Outras apresentam indícios de autoritarismo, embora não se reconheçam com tal característica. Insegurança, rigidez, desatenção em casos específicos surgiram em alguns momentos, mas não merecem realce porquanto estamos analisando procedimentos levando em consideração a vulnerabilidade própria das subjetividades. Ao contrário, destacamos a predominância de valorização e respeito pelo outro e encorajamento frente as dificuldades no desempenho da missão de servir, reputando tais atributos como eficazes em tal missão.

Entendemos que, no exercício do poder, a visão de mundo de quem está na liderança canônica exercerá influência na dinâmica de efetivação das metas institucionais. Uma visão de mundo, a ponto de contribuir com propriedade e produzir resultados positivos na missão, requer da líder, abertura de mente para que, livre de preconceitos, possibilite a outros o encontro de caminhos diferentes dos seus. A essa singularidade, as Irmãs denominaram “humildade”.

Conforme nos fala Bourdieu,

dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço (BOURDIEU, 2004, p. 157).

as disposições dos agentes, o seu habitus, isto é, as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social (BOURDIEU, 2004, p. 158).

#### *b) Formação para a liderança canônica*

Como foi visto anteriormente, o poder é parte integrante das relações intergrupais e interpessoais e está sempre em luta num jogo interminável entre

agentes no intento de alcançar ou manter-se numa posição relevante (BOURDIEU, 1989, p. 146). O exercício do poder não se restringe apenas a algumas pessoas inseridas em um estruturado campo social. De forma similar, outros sistemas reproduzem estruturas poderosas e dentre tantas, a religião, com seus agentes gerenciadores do sagrado. Bourdieu diz que

As relações objetivas de poder tendem a se reproduzir nas relações de poder simbólico. Na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais exatamente, pelo monopólio da nomeação legítima, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e que pode ser juridicamente garantido (BOURDIEU, 2004, 163).

Antes de qualquer pronunciamento, considere-se o pressuposto de que o poder não é algo que se possui, mas é potencialmente inerente a todos os seres humanos. Em princípio, com níveis diversificados em categorias específicas, o poderio é uma possibilidade a ser usufruída. Qualquer que seja a situação, ao ser humano é dada a possibilidade de exercê-lo nem que seja sobre si próprio. E é por essa razão que se torna possível concordar com a ideia de que seja um jogo interminável, mesmo submetido a intempéries sociais.

No caso específico da VRCF, observa-se um tácito combate entre forças externas e internas. Se, por um lado, no interior da instituição normas são criadas para regular e preservar um poder capaz de conduzir os pares tendo em vista o desempenho dos objetivos fundantes, por outro lado essas mesmas normas precisam estar em consonância com critérios determinados por um comando maior, vindo de uma hierarquia androcêntrica.

A religião católica se serve do simbólico e, nessa ótica, através de seus símbolos, ou da doutrina apregoada pelos seus representantes oficiais, sugere concepções como se fossem universais ainda que as justas distinções decorrentes sejam concedidas apenas àqueles que se ajustam as suas orientações.

Percebe-se um estruturado esquema de doutrinação institucional que consegue produzir, dentre as entrevistadas no nosso campo de pesquisa, aceitação generalizada quanto ao *modus operandi* da vida conventual. Isso se explica pelo entendimento de Bourdieu (1989, p. 15) quando afirma: “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a

crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”.

A raiz dessa doutrinação, em alguns depoimentos, remete ao convívio familiar. Proveniente de tradicional família católica, a religiosa cresce na observação de preceitos inseridos e assimilados por gerações. Como algo inquestionável, aquilo que lhe foi ensinado tem força pelo simples fato de ter sido transmitido por alguém confiável. Muitas das nossas entrevistadas transpareceram a influência do convívio familiar nas suas decisões e modos de vida, conforme podemos observar.

o primeiro lugar onde a gente ouve falar de Deus e cria os primeiros conceitos de Deus, onde forma os conceitos de Deus é na família e foi lá que realmente eu ouvi falar de Deus de uma forma bonita que eu até gosto de me lembrar. Porque minha família é de tradição evangélica e eu era acostumada a ver minha mãe ali dentro daquele coro da igreja cantando. Então, foram momentos assim que aos meus olhos e meus ouvidos, de coisa bonita. E daí foi onde eu comecei a formar os primeiros conceitos de Deus (CLÍVIA, Anexo 1, p. 206).

Sou de uma família simples, religiosa e de vivência cristã onde, além de participar da Missa aos domingos, se rezava o terço em família diariamente [...] Nesse contexto de vida simples, cristã e orante, junto aos meus pais e irmãos, era convidada para rezar Novenas nas famílias da redondeza e, contemplando a imagem de Nossa Senhora, fui atraída para me vestir igualmente e sair pregando a Palavra de Deus. De repente, uma religiosa, parente minha apareceu o meu sítio visitando a sua família. Quanto a vi, não pensei outra coisa: “É isso que eu quero” (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 228-229).

minha família é católica e fui criada desde cedo pela minha avó que era deficiente visual. Desta minha avó trago a formação religiosa. Ela sempre rezava o terço e, apesar de, como minha mãe, não ser de missa diária, falava de Jesus numa catequese que me atraía. Fiz minha primeira Eucaristia e a partir da preparação para o sacramento da Crisma senti um desejo maior de conhecer e me aprofundar mais no conhecimento de Jesus. Quando era ainda jovem, frequentando baladas ou indo a festas, ao final eu sentia, dentro de mim, um vazio. Aqueles eram divertimentos passageiros que não me preenchiam (MARGARIDA, Anexo 1, p. 213).

Desde criança, morei numa cidadezinha pequena, não conhecia muito bem a vida religiosa, mas meus pais eram muito religiosos e quando eu cresci mais um pouco me colocaram numa escola de religiosas (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 183).

Eu acho que acentuou mais quando eu fui para o internato porque eu já tinha uma irmã que era religiosa nas Damas Cristãs e aí lá, no

internato, com o acompanhamento do bispo local e a convivência com as freiras, então me decidi (AMARÍLIS, Anexo 1 p. 106).

Observa-se nesses relatos que, prevalece uma influência familiar sem que tenha existido, por parte das depoentes, a preocupação de uma análise referencial e questionadora. Vygotsky (2001, p. 43) lembra que a atividade pessoal da criança não é estéril, mas permanece, por vezes, canalizada por influência dos adultos. Quando existe confiança no adulto que orienta, as informações recebidas se tornam inquestionáveis. Numa transferência de credibilidades, outras fontes adquirem força de persuasão.

No mais das vezes, importa apenas a doutrina, a orientação, o caminho a ser seguido, sem levar em conta quem interpretou e apresentou a mensagem que foi acolhida. O desejo de proximidade com o divino impele a jovem vocacionada na busca do aperfeiçoamento individual. Tão forte é o espírito de doação dela que não lhe importa o detalhe do androcentrismo presente na história da humanidade, assim como na vida da Igreja. Conceitos religiosos são assimilados já nos primeiros anos de vida e, se permanecem com o passar do tempo, marcam o modo de encarar os acontecimentos futuros. A credibilidade outorgada aos intérpretes dos conceitos religiosos justifica a autoridade que lhes é atribuída e aparenta que questionar alguma coisa poderia denotar um certo nível de rebeldia espiritual.

Na abordagem deste tema, por vezes, encontramos observações precisas de uma percepção tolerante do quadro eclesial androcêntrico. Para algumas poderia ser diferente, mas para outras a questão não afeta a ponto de emitirem um comentário superficial a respeito. Prevalece, nos depoimentos, uma acomodação que, por não ter sido investigada a fundo, não se pode, simplesmente, entender como abstração. Existe a possibilidade da autonomia pessoal a qual perpassa o preceito da submissão convencional. É o que nos inspira cada um dos comentários relativos ao androcentrismo na Igreja:

pode incomodar. A gente sabe que a hierarquia da nossa Igreja é bem masculina. Podemos até dizer machista, mas vamos apelar para o bom senso. Particularmente, não tenho objeção a esse respeito porque encontro pessoas que são muito boas, com visão, e sabem entender o sexo feminino (AZALÉIA, Anexo 1, p. ).

Não, isso não me incomoda. É algo que é fácil e se torna difícil para as pessoas que, às vezes, não aceitam a obediência. Eu vejo por aí. Agora... se tiver uma figura feminina eu acho que seria ótimo, seria maravilhoso, mas não rejeito ou condeno porque é só masculino (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 185).

Nosso trabalho é feito com seriedade, mas como nós somos Igreja e a Igreja é hierárquica... [...] A gente sabia que tinha que ser assim, a gente nem se dava conta. Talvez hoje seja diferente. É uma situação em que a gente tem que se acomodar. Não é que seja agradável, não é que seja como gostaríamos, mas pela obediência, pela submissão se aceita. Deveria ter mulher na hierarquia. Não diria que seria bom. Digo que deveria ter, ali, a experiência de quem é mulher (ROSA, Anexo 1, p. 194).

Agora, é que o Papa está dando funções, lá no Vaticano, às mulheres. E ele é muito criticado por isso. Muito criticado! Mas, é tudo homem, né? Até no Ofício que a gente reza, nas Liturgia das Horas, é tudo masculino (GÉRBERA, Anexo 1, p. 220).

Chama a atenção o plácido assentimento que perdura em alguma religiosa, tal como “eu acho que quando vai para a parte canônica é uma coisa bem mais da Igreja. Não é alguma coisa que uma pessoa esteja impondo” (AMARÍLIS, Anexo 1, p. 196). Interessante observar que, quando o tema abordado é analisado por parte de autores masculinos, acontece de ser apresentado com outra visão, como o que abaixo apresentamos.

Infelizmente, a Igreja Católica e a VRC têm dado apenas pequenos passos [...] As mulheres perfazem a maioria das pessoas religiosas no panorama atual do mundo. “A vida consagrada é, majoritariamente, feminina”. [...] Paradoxalmente, a instituição Igreja Católica continua sendo misógina. Tem horror ao feminismo. É demasiadamente fálica. Há desavenças interpessoais entre religiosos e religiosas, distâncias salariais e diferenças de status e prestígio e valorização entre ambos. Há competições entre padres e leigas e, principalmente, com as religiosas (PEREIRA, 2013, p. 343-344).

Acontece que a força do chamado reconhecido como missão proveniente do Deus criador para seguir o Cristo Jesus na devoção total à humanidade obscurece, na vocacionada, detalhes de ordem sociopolíticos e enaltece expressões simbólicas associadas ao divino, ao espiritual.

As religiões, inclusive a católica, são permeadas de simbolismo e o poder dos símbolos ultrapassa o que é possível ao humano vislumbrar. Sobre esse aspecto, Bourdieu (1989, p. 14-15) comenta, “O poder simbólico [...] se define numa relação

determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença”.

Tal como apresenta Bourdieu, por ser irreconhecível, o poder simbólico oferece a possibilidade de ação descomedida, ante a legitimidade que lhe é conferida por quem a ele está sujeito. O poder simbólico é tão mágico que se permite exercê-lo sem que seja percebido por quem a ele se submete assim como por quem o exerce. A estrutura que a partir dele se forma consegue estruturar um corpo social reforçando, ampliando costumes e se perpetuando. É dessa forma que, a grosso modo, poucas reflexões são elaboradas acerca de doutrinas apregoadas. Isto não significa dizer que se queira contestar verdades contidas na doutrina católica. Simplesmente afirma-se que, por parte de pessoas simples, existe a absorção, muitas vezes ingênua, de verdades que podem ter sido interpretadas à luz de uma cultura específica.

Para as pessoas de modo geral, e especialmente para aquelas mais condicionadas ao concreto, ou melhor, ao perceptível, os símbolos exercem um poder indescritível. Através do símbolo torna-se possível trazer presente, e tocável, o que é essencialmente abstrato e imaterial. Como se expressou uma das entrevistadas,

Para ser independente, eu não posso fazer um voto de obediência, não posso fazer um voto para viver uma vida comunitária porque comum unidade, comum união... então, é por aí que eu acho. Acho que hoje as Irmãs precisam receber uma formação melhor, e nisso a nossa Província precisa melhorar. Eu sinto que algumas irmãs querem uma coisa assim muito livre... de fazer a sua vontade. E, se eu vim, se optei por uma comunidade, para ser uma comunhão tenho que dividir, tenho que partilhar (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 185).

Dessa forma, considerando a força que o simbolismo exerce na vida das pessoas, e de modo peculiar no espaço conventual, a naturalização da subserviência feminina se fortalece tendo como base expressões bíblicas de um Deus masculino (que é o poderoso) e de um feminismo destinado à Igreja (que está a serviço). Ao masculino, o poder; ao feminino, o serviço. Sem qualquer preconceito ou ideias feministas, a Ir. Orquídea faz referência ao que acontece sem que muitos observem.

Vemos que as religiosas assumem trabalhos que um sacerdote não assume e, às vezes, é um trabalho que exige mais. É um trabalho mais difícil, mais árduo e a religiosa está ali mais próxima do povo, mais presente. É importante conhecer os documentos e a realidade porque

falar é uma coisa, mas vivenciar é bem diferente (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 225).

A religiosa consagrada, quando historicamente informada, sabe que ocupa um lugar na estrutura social da Igreja povo de Deus, mas tem consciência que seu espaço dentro da estrutura hierárquica eclesial se define em termos da cultura primitiva em que a mulher pertencia a uma classe subserviente. Para algumas religiosas, isso não tem relevância e não provoca constrangimento; outras, nem atentam para o fato. Encontramos, dentre as primeiras, quem considera injustificável, em tempos atuais, a discriminação sexual nos textos eclesiásticos, quando o próprio Jesus, não como um homem histórico, mas como Senhor em seu poder de ressuscitado, entregou a uma mulher, em primeiro lugar, a missão de levar a todos a boa nova da vida que vence a morte (Mt 28, 9-10). Nesse entendimento, uma missão, e talvez a mais importante, foi entregue a uma mulher: “revelar ao mundo que Jesus venceu a morte”. No entendimento de uma delas,

Não é fácil aceitar que coloquem na boca de Jesus, o que ele não disse. Aos apóstolos muito foi entregue como missão, mas a missão de anunciar o que é de mais contundente e expressivo, razão da nossa fé, foi entregue a uma mulher, Madalena. Entregar a ela o anúncio de ressuscitado, a meu ver, indica que, para Jesus, a proclamação da Sua Missão, do Seu projeto para a humanidade, compete ao ser humano, independente de gênero. Acho que só Ele voltando à terra pra desenhar (PERPÉTUA, Anexo 1, p. 226).

Numa fria análise, independente do sentimento de pertença a qualquer credo religioso, sabe-se da típica estrutura social prevalecente nos primeiros séculos. Fruto de tradições milenares, seria inadmissível a inclusão da mulher com direitos iguais em tais estruturas. Tão forte se deu essa submissão baseada unicamente em critério biológico que, após vinte séculos, o mundo ainda vivencia, no mundo ocidental, a luta das mulheres por igualdade de direitos. A Igreja não está isenta do aspecto social e, sujeita à influência de tal fator, incorporou e reproduziu esquemas também inerentes às relações de poder. É perceptível que autores bíblicos seguiram o senso comum, relatando acontecimentos reais na ótica predominante da época.

O estudo sobre a dominação masculina é parte do trabalho desenvolvido por Bourdieu que, em determinado momento, afirma:

Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do

senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêm envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica (BOURDIEU, 2012, p. 45).

Vimos, anteriormente, em documentos eclesiais, que a VRC se entende como um dom à “Igreja Povo de Deus”, suscitada pelo Espírito Santo o qual convoca, dentre o povo, alguns escolhidos para o serviço específico de fazer visível o amor de Deus invisível. Neste cenário, a hierarquia, sentindo-se responsável pelos bens espirituais, e para evitar situações abusivas/incoerentes, tomou para si o cuidado de analisar, autorizar, orientar, acompanhar o desempenho dos grupos que se formam com essa finalidade. São as famílias religiosas ou congregações religiosas, tal como conhecemos.

É indiscutível que, aquelas que livremente abraçam a VRC como estilo de vida sob a tutela da hierarquia eclesial, devem seguir as diretrizes as quais lhes são prescritas. Quem, espontaneamente, nela se insere, deve por obrigação, acolhê-las por inteiro. Diante dessa premissa, observamos que o exercício do poder de uma líder canônica é de sentido singular, surpreendente. O comando dela se fundamenta na obediência. Segundo a conceituação doutrinária, a obediência na VRC está diretamente vinculada ao modelo da de Jesus ao Pai só que, deve passar pela subordinação estabelecida pelo Ministério Eclesial. Assim, a autoridade de uma líder canônica pode ser entendida como uma representação de outra autoridade maior. Esse raciocínio nos vem das palavras de Azevedo quando hierarquiza a autoridade do corpo apostólico e diz que os superiores nas comunidades religiosas

são, em geral, eleitos ou designados pelo próprio grupo. Mas esta missão de serviço, que é a autoridade, lhe vem da Igreja hierárquica que confia assim ao próprio grupo, na pessoa de seus representantes, a tutela do bem de todo o corpo apostólico. No entanto, a Igreja retém seu interesse e vigilância em relação ao grupo, seja em nível universal, através do Papa, seja em nível local, através do Bispo. A autoridade, pois, na vida religiosa é, na medida de sua delegação pela autoridade hierárquica que a aprova e legitima, uma forma de presença hierárquica no seio de uma comunidade carismática. Esta presença se faz em níveis diversos, dos quais os mais habituais são o geral, o provincial e o local (AZEVEDO, 1977, p. 281).

Diante disso, temos que o poder conferido à líder canônica numa comunidade de religiosas consagradas é um poder em espírito de submissão.

Importa esclarecer que não se trata de minimizar a competência e a intencionalidade de quem interpreta a mensagem bíblica. Apenas insistimos que o ser humano se completa com a junção do masculino e feminino, portanto o olhar interpretativo se plenifica com a interseção de ambos os gêneros complementares e especificados já na criação. Que o olhar interpretativo feminino seja aceito e corroborado apenas quando da aprovação do masculino significa dominação, ainda que simbólica.

Submissa por convenção, mesmo que algo não seja totalmente aceito, a religiosa consagrada supera dificuldades pessoais considerando e priorizando a razão primeira da consagração. É próprio de quem ama, de quem se doa a uma causa, fixar o olhar no alvo desse amor, dessa doação. Assim, o termo “sublimação” utilizado na linguagem religiosa, adequa-se ao contexto, num reforço de convencimento à lógica social por ser assimilado como uma estratégia metodológica de aperfeiçoamento humano. Bourdieu explica tal conjuntura ao dizer que:

A lógica, essencialmente social, do que chamamos de "vocação", tem por efeito produzir tais encontros harmoniosos entre as disposi es e as posi es, encontros que fazem com que as vítimas da domina o simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnega o. (BOURDIEU, 2012, p. 72-73).

### *c) Metas na liderança*

Liderar   uma prática que tem sofrido amplas conceitua es no mundo dos negócios profanos e em alguns casos, também no mundo religioso. Para alguns significa ou significou chefia, condu o, determina o, poderio e até possibilidades de imposi o sobre pessoas e grupos. Percebe-se que, no momento atual, o exercício de uma saudável liderança vem adquirindo novos conceitos que envolve a ideia de incorpora o de atitudes capazes de criar confiabilidade nos liderados a ponto de influenciá-los na aquisi o de comportamentos. Sobre recomenda es a serem dadas a uma candidata   liderança, assim foi aludido.

Eu penso que deve ser uma pessoa decidida. Decidida em entender o novo mundo que temos agora; aberta a novas aprendizagens; que reconheça seus limites e partilhe sua liderança com quem pode auxiliá-la; que pense seriamente no bem estar das coirmãs; promova condições para todas crescerem na vocação e, também, na área acadêmica (PERPÉTUA, Anexo 1, p. 227).

Uma liderança, entretanto, sempre influencia, seja para a reprodução de condutas, seja para refutá-las, quando consideradas incompatíveis com os critérios e princípios de quem as avalia.

Há quem julgue a necessidade de técnicas nas quais, entre tantas qualidades, importam a comunicação, o saber ouvir, a capacidade de solucionar problemas, revitalizar a equipe, qualidades essas que, inegavelmente, são imprescindíveis ao líder. Como nos fala Ir. Hortência,

A superiora pra o mundo de hoje deve ser uma pessoa coerente, aberta para diálogo, saber ouvir, saber também corrigir. Corrigir não... saber conversar, dialogar sobre alguns erros. Deve ser uma pessoa que tenha uma abertura e que não seja egoísta, que tenha em mente e faça o bem ao outro mesmo diante das dificuldades. Ser superiora hoje é difícil porque as pessoas não querem muito seguir normas, horários... querem tudo muito à vontade e na vida religiosa não se pode ter tudo à vontade. Tem gente que não gosta de dar satisfação a ninguém. Se eu optei para viver uma vida de comunidade eu tenho que dar alguma satisfação. [...] Eu diria que ela precisa ser uma pessoa primeiramente humana, que saiba ouvir, que aceite as suas limitações e as limitações dos outros. Que mereça a confiança das Irmãs e não converse certos assuntos com uma e com outra. Que seja uma pessoa coerente com a função de ser religiosa. Que assuma com responsabilidade (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 186-187).

Algo, porém, precisa ser levado em conta – a razão de ser da instituição onde essa liderança é exercida.

Estamos numa pesquisa cujo campo de ação se desenvolve entre religiosas consagradas que exercem ou exerceram funções de liderança em comunidades locais ou provinciais. O contexto no qual se dá essa experiência de liderança, abrange uma vasta amplitude tendo, próximo a si, as disposições que regulam o funcionamento da instituição e, um tanto mais longínquo as prescrições da hierarquia institucional da Igreja Católica Apostólica Romana. Com isso dizemos que a Congregação participante nessa pesquisa, pressupõe um único objetivo expresso em suas Constituições, uma única meta que, segundo suas representantes, está no

desvelo de manter acesa, no mundo, a chama do amor pregado pelo Mestre Jesus de Nazaré. Como esclarece Azevedo,

No seguimento de Cristo, pois, o objetivo central é continuar a realizar no mundo a vontade do Pai. [...] As pessoas que para isso se consagram plenamente a Deus para o serviço dos homens, desejam recapitular de modo significativo a presença de Cristo no mundo. A busca da vontade do Pai e a sua concretização no quotidiano da vida é, pois, para elas alguma coisa de ineludível, é a razão mesma de sua vida (AZEVEDO, 1977, p. 277).

Observando com atenção aquilo que comporta o exercício da liderança canônica no quadro institucional da Congregação pesquisada percebe-se dois aspectos essenciais a serem trabalhados. Nas entrelinhas dos depoimentos podemos ver que um deles refere-se à forma de realizar a missão proposta pelo(a) fundador(a) e o outro se volta para o cuidado com todas as integrantes do corpo da comunidade.

Talvez seja uma das causas das incompreensões das súditas para com as superiores. Elas recebem outras atribuições e missões e deixam as irmãs sem nenhuma assistência. O cargo de superiora, se for bem vivido é um cargo ou missão que requer muitas preocupações e trabalhos. As superiores não deviam assumir outras funções além da de ser superiora (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 231).

Há uma especificidade no desempenho dessa liderança que transcende o que conceitua a liderança profissional empreendida no mundo profano. Nas entrelinhas dos relatos, tem-se que a base que fundamenta todo esse processo se enraíza no projeto do seguimento amoroso do Deus Filho, humanizado e presente entre os pobres. Assim se expressou uma delas:

Olhar para Jesus... isso é uma coisa muito importante para mim, Procurar vê-lo nos outros, nem sempre eu vejo, mas é uma coisa que eu vou procurar fazer até o final da minha vida. Fazendo, a gente cresce muito mais e vai sendo realizada como pessoa (VIOLETA, Anexo 1, p. 204).

Isso significa uma difícil tarefa de gerar respeito, contentamento, entusiasmo, fraternidade, apreço, estima, primeiramente no interior da comunidade religiosa, para que todos os componentes se sintam estimulados a lançarem-se integralmente na missão comum. Construir uma relação integrada é o que sugere a Ir. Azaléia, quando diz “Numa função de liderança, o primeiro passo é estar congregando, motivando e não apenas cobrando [...] Eu entendo que a liderança é

construída por várias pessoas. Sozinha a gente não alcança os objetivos” (AZALÉIA, Anexo 1, p. 179).

Desnecessário dizer que se trata de uma meta idealizada, mas de difícil concretização, dada a heterogeneidade na formação do grupo composto por subjetividades as mais diversificadas. Apenas com muito esforço, índices de consumação são alcançados. Dentre as dificuldades, algo em comum foi relatado, conforme se segue: “Numa comunidade encontramos várias diferenças e assim, muitas dificuldades por causa das culturas, do pensamento de cada uma. Mas, nos momentos de dificuldade, o que mais se precisa é esforço, é uma meta” (AZALÉIA, Anexo 1, p. 179); “Como superiora, o maior desafio foi entender que a prática da humildade era o primeiro passo para um bom trabalho com a comunidade. O segundo desafio foi saber perder diante das irmãs e aceitá-las com suas limitações” (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 230).

Lembrando o desafio das religiosas no exercício da liderança comunitária, Azevedo aponta para o que considera o cerne da dificuldade dizendo que

o equilíbrio, em tensão, entre [...] a atenção à pessoa e a atenção à missão, na realização concludente do que Deus quer, constitui talvez hoje o cerne da dificuldade para uma real vivência do projeto evangélico de obediência na consagração religiosa. Isto se traduz certamente na mais profunda ameaça à consistência desta vocação apostólica no contexto das vocações na Igreja (AZEVEDO, 1977, p. 286).

Assim, entende-se que a vida consagrada, segundo o documento *Vita Consecrata* (VC 29, p. 54), ocupa um lugar especial no mistério da Igreja e, estando presente nela desde os primeiros tempos, nunca poderá faltar, enquanto elemento imprescindível e qualitativo. Em outro momento, cita o documento que

a reflexão teológica acerca da natureza da vida consagrada aprofundou as novas perspectivas derivadas da doutrina do Concílio Vaticano II. À sua luz, constatou-se que a profissão dos conselhos evangélicos pertence indiscutivelmente à vida e à santidade da Igreja (VC, 29).

Nessa perspectiva, fica enunciado que, tendo em vista a razão de ser da instituição, nunca será demasiado o equilíbrio entre a atenção devida à pessoa e a atenção voltada à missão, o que significa parte das dificuldades para quem exerce a

função de líder e importante necessidade de preparação na busca de alcance das metas institucionais.

*d) Dificuldades e superação na liderança*

Quando essa questão específica de dificuldade, ou superação, é analisada no mundo do trabalho profano feminino, os aspectos apontados diferenciam-se dos semelhantes relacionados ao espaço conventual. Enquanto no trabalho profano a mulher está sujeita a incorporar características masculinas, desmistificar rótulos, submeter-se a salários mais baixos, empoderar-se lutando contra a cultura patriarcal na empresa, no ambiente das religiosas consagradas, pelo estilo de vida adotado, esses aspectos não são levados em consideração no mesmo nível de importância. Fatores referentes à interação grupal ganham peso na avaliação do desempenho da líder religiosa, mas de modo geral, destacam-se aqueles que estão ligados ao ser da própria líder.

É comum afirmar-se que liderar é a capacidade de influenciar pessoas para que, ardorosamente, se esforcem pela aquisição de resultados nos empreendimentos da instituição. Essa capacidade pode ser nata ou adquirida mediante treinamentos específicos. “Numa função de liderança, o primeiro passo é estar congregando, motivando e não apenas cobrando” (AZALÉIA, Anexo 1, p. 179).

Na VRC esse treinamento é de suma importância dado que é a alguém do quadro interno de seus membros que será entregue a condução de toda a Congregação, das Províncias e das Comunidades locais. Além desta específica necessidade, deve-se acrescentar que, em qualquer que seja o trabalho exercido pelas religiosas, existe uma missão a ser desempenhada em função da mensagem bíblica a qual se supõe estar embutida na atividade praticada. Isto pode ser apreendido pelo relato da Ir. Hortência: “estimular as Irmãs para que possam desenvolver a missão de servir aqui na comunidade e também lá fora. Como meta eu diria que foi fazer a comunidade motivada para servir aqui dentro e lá fora” (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184).

Segundo Gaudêncio (2009, p.15), o líder sabe o que quer e quer o que sabe. Isso prenuncia a competência que deve fazer parte do desempenho de quem está na liderança e que pode se fazer presente mediante treinamento. Independente

do estilo adotado, autocrático ou democrático, competências são ferramentas as quais induzem as lideradas a superar a vontade própria, para fazer a vontade de Deus. O carisma da Congregação tem em si, a força de direcionar a forma de liderança capaz de conduzir a participação de toda a comunidade, o que, naturalmente, faz transparecer no mundo profano, a fisionomia (VC 36; 93) própria da Instituição.

na nossa Congregação, a proposta é para, no mundo tornar visível o Amor de Deus. E aí, tornar visível o Amor de Deus pode ser pela oração, mas é muito mais pelo seu comportamento que torna visível. [...] dentro da própria casa você tem a obrigação entre aspas, de manifestar esse amor sobretudo pelo seu jeito de ser. Muito mais do que pelo seu jeito de fazer (GÉRBERA, Anexo 1, p. 220).

Em princípio, cada Congregação busca apresentar uma face do Cristo Jesus o qual, pelas Sagradas Escrituras, curou doentes, ensinou os discípulos, voltou-se para os necessitados sociais da sua época etc. Crianças, idosos, mulheres, todos aqueles que viviam na fragilidade existencial foram alvo da Sua atenção (Lc 4, 18-19). Observamos que Jesus não trabalhou sozinho (Jo 4, 35-38). Formou um grupo que, sob sua liderança, agiu com eficácia e eficiência fazendo chegar aos nossos dias a mensagem da Boa Nova. A um dos discípulos entregou o encargo de conduzir o grupo, mas os demais foram preparados para liderar nos respectivos campos de atividade (Mt 20, 17-28).

Isso nos leva ao entendimento de que, como proposta missionária, a Congregação que busca imitar Jesus tomará por base preparar-se e preparar seus membros para o exercício de uma liderança. Substancialmente todos, em suas específicas atribuições, exercem ou devem exercer a liderança preconizada por Jesus.

Trabalhar, então, em favor daqueles que, no momento atual, precisam de apoio exige não apenas boa vontade, mas preparo específico para cada situação.

O que seria importante cultivar no preparo do exercício de liderança religiosa? Interessa, aqui, partir do que encontramos nas entrelinhas dos relatos das religiosas quando questionadas sobre o perfil adequado de alguém para assumir a missão de líder canônica numa comunidade local. Segundo seus entendimentos,

se interessar pelas coisas da Congregação. Conhecer a vida da Madre fundadora, quais foram os ensinamentos dela. Primeiro tem que ter

conhecimento disso direitinho. Refletir e procurar colocar isso na sua própria vida. Aí, se ela fizer isso... eu fiz, mas ainda ficou muita lacuna [...] a parte da escuta, pra mim, é uma das coisas mais importantes da superiora para procurar entender o outro no lugar dele, como ele está (VIOLETA, Anexo 1, p. 202-205).

ela tem que ser humilde. Tem que ser, também, uma pessoa de oração porque se ela não tiver oração vai dificultar muito na caminhada dela [...] ter também uma mística alimentada a cada dia na intimidade com o Senhor, procurando entender como foi a missão d'Ele (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 224).

uma pessoa que tenha uma psicologia nata. Tenha sensibilidade porque o mundo de hoje tem trazido religiosas jovens, de famílias muito problemáticas. Pais separados, problemas que, no nosso tempo, não havia porque aquelas moças da nossa época eram pessoas com tudo muito certinho (CLÍVIA, Anexo 1, p. 208).

As dificuldades, nestes relatos, confirmam a percepção de que o impasse não está nas normas, nas coisas exteriores, mas, predominantemente, no ser da pessoa que lidera. É ela que deve adaptar-se, esforçar-se para cumprir o que lhe é determinado para o bem comum e crescimento grupal.

Receber o convite para assumir a condução de uma comunidade local significou, para algumas das entrevistadas, preocupação, receio, insegurança e, conseqüentemente, sofrimento. Segundo disseram, parecia-lhes um desafio crucial pela falta de preparação, em termos de liderança. Nas palavras de algumas,

Não passei por nenhum processo específico de formação para tal função. E muito menos fui convidada com antecedência. Fui comunicada, de repente, que assumiria o cargo de Superiora e Diretora de uma Escola. Lembro-me do impacto eu senti a ponto de perder o sono por alguns dias (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 229).

fui convocada para ser superiora numa cidade do interior. Aí eu caí no choro. Era dia de finados. A Provincial me consolava dizendo que eu tinha condição e eu falei: eu sei que eu tenho condição, mas eu sei que, Superiora sofre muito, e eu não quero sofrer (GÉRBERA, Anexo 1, p. 218).

Não seria difícil entender as razões do receio, da insegurança, da preocupação. As narrativas que expõem razões particulares nos levam ao que tratamos no primeiro capítulo acerca das subjetividades e, aqui, entramos num aspecto provocador de crises.

Vários estudos e publicações são encontrados sobre o que predomina nos contatos e relacionamentos na sociedade atual. Pereira (2016, p.141), nos lembra que “na sociedade primitiva, o traço principal de relacionamento era a vivência entre as pessoas em torno do clã”. Os relacionamentos eram mais afetivos entre os constituintes de uma família. Prevalcia um certo comunitarismo e a intimidade se estendia extrapolando, de certa forma, o aspecto do particular. Havia mais solidez nas afetividades. Nos tempos atuais, por razões da racionalidade, o autor fala que

A marca principal da subjetividade pós-moderna é o distanciamento de qualquer traço de igualdade. A palavra de ordem da subjetividade contemporânea é a diferença entre individualidade. [...] É um tempo imperativo do novo e do diferente. Estamos vivendo um momento ambíguo e de grande perplexidade diante do “novo”. É um período de grandes transformações culturais (PEREIRA, 2013, p. 142-143).

Continuando, estudos que tratam de uma possível crise de poder nas instituições religiosas, de modo geral são feitos numa perspectiva em que a figura da autoridade, apresentada como mestre, mandante, dirigente, superior, é a razão dos impasses. Nestes casos o enfoque recai sobre a necessidade de clareza do seu papel, resultante de um diagnóstico proveniente de quem o observa. Ainda que essa realidade continue merecendo atenção, vale considerar a mesma realidade partindo da perspectiva dos próprios líderes. Acreditamos que vale considerar a ótica de quem vivencia a dificuldade de liderar.

Dentre as dificuldades relatadas, uma se faz destacada, ostentada na fala das entrevistadas. O relacionamento entre os pares foi mencionado, reforçando a noção de que, além da formação religiosa, os aspectos psicológico, social e político são preponderantes no convívio e desempenho da missão da liderança comunitária religiosa. Ao responder sobre o maior desafio encontrado, algumas das respostas foram:

Numa comunidade encontramos várias diferenças e assim, muitas dificuldades por causa das culturas, dos temperamentos e divergência de pensamentos expressos em ações de cada uma (AZALÉIA, Anexo 1, p. 179).

Os maiores desafios enfrentados foram as diferenças. Diferença das Irmãs. Cada uma vem de um mundo completamente diferente, e é um desafio estar atenta às diferenças para saber agir bem. Além da educação familiar, que é básica, tem a formação profissional (ROSA, Anexo 1, p. 193).

Para mim, exercer a função de Superiora foi uma função dolorosa. [...] não me senti ajudada. Foi uma comunidade pequena de três irmãs, ambas com temperamentos difíceis onde a vida fraterna e sincera deixou a desejar (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 229).

Não foi fácil, foi um pouco difícil devido a várias situações... principalmente porque a Irmã que era a superiora antes continuou morando na comunidade... e isso também dificultou. [...] O maior desafio foi conviver com a Irmã que assumiu antes de mim e permaneceu na comunidade (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 223).

O primeiro (desafio) é a gente aceitar a situação de viver com pessoas de temperamentos diferentes, princípios diferentes, e é preciso aprender a conviver. Porque viver, a gente vive de qualquer maneira, mas para conviver é que há a necessidade de mais abertura, entendimento, compreensão, diálogo etc e, por aí vai. Esse foi o maior desafio (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184).

Não obstante, percebe-se um esforço destas líderes canônicas, no sentido de contornar os desafios do cotidiano. Vejamos o que disseram quando questionadas sobre como agiam para superar as dificuldades:

Eu penso que é a consciência de uma missão. Se somos responsáveis por uma missão temos que fazer aquele trabalho. Primeiro saber que é um trabalho que exige liderados, cooperados em uma instituição e que é missão de todos. Então, é possível encontrar formas através da vida fraterna, nos momentos de estudo ou reflexão comunitária. [...] Então, é parar, repensar, retomar as decisões porque às vezes a gente, como líder, está indo por um caminho errado, ou de forma errada. É importante ter humildade, sabendo ouvir, dividir os pensamentos, as ideias (AZALÉIA, Anexo 1, p. 180).

O que me ajudou nos desafios é que sempre fui mais direcionada ao estudo teológico. Nesses encontros semanais com a comunidade era um estudo de verdade. A gente estudava os documentos da Igreja e tudo isso ajudava as Irmãs como me ajudava também porque elas estando informadas já era um motivo para colocar em prática o que havíamos estudado. Para vencer os desafios da própria convivência eu buscava meios de me preparar e fazia isso com leituras e estudos que eu mesma encontrava. Uma coisa muito importante também é saber cuidar como o pastor cuida do rebanho. É ir ao encontro daquela que a gente está sentindo que está mais fraca (ROSA, Anexo 1, p. 193).

Olhe... realmente... eu paro, penso, rezo, peço a Deus para que me ajude e me dê muita paciência e que eu saiba ver, ouvir, agir (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184).

Na oração e no silêncio, na conversa com o outro, na compreensão. Às vezes leituras. Tudo isso pode ajudar a gente a superar. Mas, a oração é o que faz mais porque é o próprio Deus que está com a gente. Ajuda a toda hora... A oração é a base de tudo (VIOLETA, Anexo 1, p. 203).

Percebe-se, pelos relatos, a intenção de bem conduzir as lideradas em espírito de flexibilidade, distante do autoritarismo que prevê obediência apenas para os pares.

Exercer autoridade pela liderança canônica e fazer-se obediente na VRC não parece ser fácil. Pelo contrário, exige um alto grau de maturidade e coerência, com uma subjetividade equilibrada, a fim de não entrar em colapso a própria estrutura psicossocial e político-religiosa ou até mesmo, da instituição. Obviamente, obedecer é intrínseco à opção de quem professa viver os conselhos evangélicos. Numa comunidade de religiosas consagradas todas devem obedecer (VC 31, p. 60). “Para ser uma boa superiora eu diria que ela deve obedecer mais do que mandar” (GARDÊNIA, Anexo 1, p. 229). “Eu acho que (superiora) obedece mais” (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 224).

A obediência na VRC não deve ser entendida, ou comparada, àquela voltada apenas para o cumprimento de normas (VC 21, p. 39). Segundo Azevedo,

A obediência consagrada pressupõe a compreensão de que todos aqueles que foram vocacionados à vivência radical do projeto evangélico entendem que estão continuando no mundo a presença e a missão de Jesus. Supõe também a convicção de que, na prática e na história concreta, este chamado de cada indivíduo se faz no contexto de uma comunidade. Esta deve ser no mundo, como cada um de seus membros, presença do Senhor (AZEVEDO, 1977, p. 278).

Nessa perspectiva, o autor reflete que a obediência é algo que está numa relação direta entre o homem e Deus. Em princípio, não se trata de seguir prescrições elaboradas para o bom funcionamento de uma organização; não serve para cultivar virtudes; não dá o direito ao domínio sobre alguém. Assim, podemos inferir que poder e obediência, quando em crise, faz parte não apenas do relacionamento entre os pares, mas, em princípio, do relacionamento de cada uma, em particular, consigo mesma. A esta situação poderíamos vincular ao que denominamos, corresponsabilidade.

Já nos referimos, embora superficialmente, sobre o poder que é intrínseco a cada ser, a cada cidadão. Vimos que, em suas respectivas atribuições, todos exercem um nível de poder e, em se tratando de honrar o cumprimento das próprias decisões, podemos pensar que o limite impeditivo do exercício do poder relaciona-se

à subjetividade bem ou mal construída da pessoa. Assim, entendem algumas entrevistadas:

Eu vejo diferenças na responsabilidade de ser superiora. Algumas do meu tempo, como superioras, têm uma visão de não centralizar... mostram para a comunidade a questão do compromisso da partilha e dão mais liberdade, mais autonomia. Mas tem outras que não partilham (MARGARIDA, Anexo 1, p. 216).

A líder não é aquela que pode tudo. Eu entendo que na relação de poder é importante que as lideradas não sejam apenas submissas, sem um ponto de vista crítico, sem estudo, sem participação (AZALÉIA, Anexo 1, p. 181).

O espaço sagrado da comunidade religiosa representa um *locus numinoso* especial para reaprendizados e, conseqüentemente, apreensão de *habitus* condizentes com a missão institucional e particular. Diríamos que, uma escola evolutiva. Segundo Kierkegaard (2013, n.p.), “O esforço continuado é a consciência de estar existindo e a aprendizagem continuada é a expressão da realização constante, que em nenhum momento se conclui, enquanto o sujeito estiver existindo”.

Assim, entendemos que a subjetividade está sempre em processo de formação. Há sempre uma “porta” de possível acesso a mudanças e novos aprendizados. Vale considerar que “o caminho da subjetividade é [...] tão grande que não cessa, por irônico que possa parecer, nem mesmo quando a vida termina. (KIERKEGAARD, p. 38). Esse caminho é o caminho da interioridade que busca e conduz à verdade. Pode até não parecer, mas conceder poder pela corresponsabilidade, mais que empoderar outros, favorece o fortalecimento do poder da líder. Confiar, fazer alguém ciente de sua responsabilidade, propiciar-lhe competência, conceder autoridade para que possam exercer suas tarefas, reconhecer e valorizar os desempenhos são algumas estratégias que contribuem para resultados positivos.

#### e) *Crise ou Conflito na Comunidade*

Crise, palavra de origem grega *krino*, significa julgar, caminha ao lado da vulnerabilidade, pois envolve julgamentos de terceiros, mas também julgamentos próprios. Vivenciar uma crise é deparar-se com uma etapa da vida a qual possibilita impulsos para mudanças provisórias ou definitivas. Em geral, é acompanhada de

sofrimento e nem sempre de conflitos. Tratando-se do ingresso na VRCF, por ser uma decisão hipoteticamente definitiva como estado de vida, vivenciar uma crise tem o lado positivo no sentido de oportunizar o estabelecimento de critérios e metas de vida, fundamentados em convicções próprias de forma racional e assertiva.

Falar de crises e falar de conflitos é falar de situações desagradáveis, porém de diferentes conotações, já que envolvem sintomas díspares apesar da semelhança quanto ao desconforto causado.

Se nos prendemos à definição de conflito, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo significa: alteração, desordem, pendência, choque, embate, luta, oposição, disputa. Crise é definida como apuro, carência, queda. Entretanto, na tônica do nosso trabalho, essas expressões não traduzem, exatamente, o conceito pretendido tendo, aqui, uma conceituação própria.

Crises e conflitos fazem parte da história da humanidade, e nem sempre acarretam disputas, guerras e violências. Ter a consciência de que esse fenômeno não é um problema da atualidade propicia à paciência, esperança e sensatez. Desde sempre, a humanidade convive com a ambivalência dos conflitos.

Como estrategista e filósofo chinês, Sun Tzu (544-496 a. C.), já afirmava em sua obra “A Arte da Guerra”, que

Todo o mundo sabe que as pessoas de Wu e as pessoas de Yue são inimigas, mas se eles viajassem em um mesmo barco apanhado em uma tempestade, eles ajudariam um ao outro, da mesma maneira que as mãos esquerda e direita cooperam (TZU, 2000, p. XXXIX).

Assim, crises e conflitos são próprios das relações humanas e do convívio social impondo, aos grupos de convivência, aquisição de critérios básicos para serem encarados, enfrentados e resolvidos.

Dissemos, no capítulo 1, que crise nem sempre é acompanhada de conflitos. Sabemos que ambos, crises e conflitos, são ambivalentes pois carregam em si dois valores: positivo e negativo.

Não interessando entrar em detalhes sobre o negativo que pode decorrer desses fenômenos, voltamos nossa atenção para o aspecto positivo pela

possibilidade de oportunizarem criatividade, esclarecerem posicionamentos e obrigarem a busca de novas soluções. Redirecionam, enfim, as relações a partir de elementos antes não considerados provocando crescimento mútuo.

Toda convivência está sujeita à experiência de crises e até mesmo de conflitos. Portanto, como em qualquer outra, também numa comunidade de religiosas consagradas faz-se necessário certo nível de afinidade, o que não significa ausência de tolerância entre os pares. Tolerância e cooperação mútua, na dinâmica de qualquer convivência, são elementos imprescindíveis para arrefecerem a ocorrência de problemas conflituosos ou crises numa comunidade.

Conflito pode gerar crise assim como crise pode gerar conflito. Importa, porém, haver lucidez, mas não havendo na totalidade do grupo, cabe à líder o bom senso no lidar com a ocorrência. Como nos diz a Ir. Orquídea “Quem está à frente de uma comunidade vai ser um elo, vai ser uma cabeça no grupo e essa cabeça precisa ser bem conduzida” (ORQUÍDEA, Anexo 1, p. 225). Na VRC, um caminho está sempre à disposição no enfrentamento das dificuldades. Como dizem nossas depoentes, “às vezes, há um bocado de situações negativas que acontecem, e me lembro das parábolas de Jesus” (VIOLETA, Anexo 1, p. 204). Este outro depoimento confirma a mesma realidade.

A gente procura, mas nunca agrada a todas. Tem sempre dificuldades com uma, com outra, até a questão de empatia, de antipatia que, às vezes, a gente tem. Não é fácil quando se encontra alguém que não se afina bem com a gente. Você se esforça pra querer atingir já sabendo que os resultados não são os esperados. Surgiram coisas assim, que entristecem a gente nesse sentido (CLÍVIA, Anexo 1, p. 208).

Vimos, anteriormente que, devidamente preparadas, as líderes tornam-se mais hábeis em diagnosticar situações desconfortáveis e de possíveis causas de conflitos. A conduta adotada nestas circunstâncias revela o nível de amadurecimento das envolvidas. À medida em que o contexto é compreendido e vivenciado, pode se tornar oportunidade de novas aquisições. Nesse sentido, um conflito, ao contrário de negativo tem em si, também, elementos propulsores de positividade. Seja qual for a conotação dada por quem o vivencia, é de suma importância buscar uma resposta que o solucione. A experiência da Ir. Margarida atesta este pensamento, quando nos diz que

nessa época eu fiz uma terapia. Isso me ajudou muito. Busquei força, também, na oração. Outra coisa que eu não gostava de fazer, mas tive que fazer foi me impor. Impor minha autoridade. Não meu autoritarismo. Numa ocasião eu precisei chegar pra ela e dar um cheque mate. Mostrei que eu estava ali porque o serviço me foi confiado e ela deveria colaborar. Meu coração palpitava, a adrenalina também... eu nunca tinha sentido aquilo. Mas, depois eu percebi que a partir dessa minha atitude ela começou a me aceitar. Mudou! Mudou muito o comportamento dela (MARGARIDA, Anexo 1, p. 214-215).

Crises e conflitos, não importam quais sejam seus tipos, obstam o avanço da instituição e, portanto, precisam ser solucionados sem tardar. Quando se tornam permanentes sem uma devida atenção, resultam em perdas para todas.

Poder-se-ia pensar que num ambiente formado por pessoas unidas por uma especial religiosidade, na busca da perfeição, as relações seriam de anjos na terra. Entretanto, o que dizem as Irmãs, faz-nos entender a realidade da vida humana.

Pessoas com personalidade muito forte, que se sentem superiores diante de outros. Isso é comum e acontece em todas as instituições. Também nas religiosas porque faz parte do ser humano. As pessoas pensam que a vida religiosa é um lugar onde não pode existir isso (AZALÉIA, Anexo 1, p. 181).

Conforme nos diz a Ir. Hortência, “viver, a gente vive de qualquer maneira, mas para conviver é que há a necessidade de mais abertura, entendimento, compreensão, diálogo etc” (HORTÊNCIA, Anexo 1, p. 184). Quando falta algum desses elementos surge a dificuldade em lidar com a situação. Como nos diz a Ir. Margarida,

às vezes é complicado... saber lidar... uma delas tinha um temperamento muito difícil e eu não sabia lidar com esse temperamento dela. Então, eu sofri muito porque tinha receio de chegar pra ela e corrigir alguma coisa (MARGARIDA, Anexo 1, p. 215).

Segundo a Ir. Rosa, alguma coisa precisa ser feita e então, “para vencer os desafios da própria convivência eu buscava meios de me preparar e fazia isso com leituras e estudos que eu mesma encontrava” (ROSA, Anexo 1, p. 193). Afortunadamente, observa-se que no grupo pesquisado, existe alguém vigilante a detalhes aparentemente pequenos. Embora não tenha sido expresso com palavras, o relato seguinte transpareceu pelo semblante e entonação de voz, tentativas de trabalhar o problema.

Você poderia ter uma vida melhor, mais fraterna. Por exemplo, no recreio ficar conversando... Não! Cada uma pega o seu celular ou então vai logo para o seu quarto! A tecnologia atrapalhou bastante. Cada uma se não for preparada para o uso da tecnologia [...] Eu acho que essas coisas miúdas, práticas, podem mudar (GÉRBERA, Anexo 1, p. 220).

Solucionar situações difíceis é responsabilidade de toda equipe, mas exige prontidão e sensibilidade. Nem todas estão preparadas, causando um peso a mais na gestão da líder canônica.

Ainda em Sun Tzu, encontramos reflexões compatíveis com posturas e procedimentos que servem de ferramentas na gestão de conflitos. Segundo ele,

Existem só cinco notas musicais, mas as suas combinações produzem as mais agradáveis e maravilhosas melodias que se ouve. Existem só cinco cores básicas, mas combinadas produzem as cores mais bonitas e esplendorosas que se vê. Existem só cinco sabores, mas sua mistura produzem os gostos mais deliciosos que se provam (Tzu, p. XVII)<sup>16</sup>.

Dessa afirmação podemos entender que é importante atentar para elementos básicos disponíveis ao grupo tendo em vista: construir sistemas de alerta como prevenção de crise ou conflito; enfrentar a situação buscando mecanismos institucionais para a resolução dos problemas; buscar estratégias para superar ocorrências difíceis através da reconciliação e construção de relações positivas.

---

<sup>16</sup>Na China antiga, as notas musicais eram cinco: gongo, shang, jue, zhi e yu; cinco cores básicas: azul, amarelo, vermelho, branco e negro; e cinco sabores cardeais: azedo, salgado, pungente, amargo e doce.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corresponsabilidade é um termo que se adequa à vivência entre os pares de uma comunidade de religiosas consagradas.

Considerando o chamado à vocação religiosa como um dom de Deus, segundo observa-se nas entrelinhas dos depoimentos colhidos, esse chamado se assemelha a um grito de alerta que surge no seio da cristandade, muitas vezes sem uma devida compreensão até mesmo para aquela que se sente chamada. Poder-se-ia comparar a vocacionada a um profeta o qual assume a missão de trazer presente, em seu meio, as feições do Cristo, considerado Mestre e Senhor daquele que O segue. Basicamente, a consagração implica em mostrar ao mundo que, a todos, é possível desvencilhar-se do que é materialmente supérfluo; ser casto ainda que na vida a dois pelo matrimônio; e que a total submissão deve ser unicamente devida a Deus. Nisso, independentemente da posição ou da função exercida ou ainda do tempo de profissão, faz-se presente um compromisso que compete a toda consagrada. Digamos que se trata de uma responsabilidade primária, sem a qual não há sentido em estar integrada numa Congregação pela profissão dos votos de pobreza, castidade e obediência.

Na teoria, esse postulado é absorvido intelectualmente durante o processo formativo, próprio da conjuntura religiosa, com alcance, porém, em níveis diferenciados de pessoa para pessoa. Entendemos que as subjetividades são sugestivas de serem agentes propulsores das diferenças causando desequilíbrio nas relações e no cumprimento dessa missão primária. Admitamos que, como ser humano, toda e qualquer pessoa é factível de imperfeições. Nenhuma vocacionada à VRC está isenta de fragilidades e isso foi tratado, no primeiro capítulo, ao abordarmos a vulnerabilidade a que estamos todos sujeitos. Em suma, como admitem as entrevistadas, a missão primeira que assumem é com o próprio crescimento espiritual, na busca da perfeição que, apesar dos esforços, nunca é alcançada. A partir daí, seguem os demais compromissos que, reconhecidamente, sofrem, em vista das fragilidades e imperfeições as quais carregam no processo de formação, sempre necessária.

A reflexão que nos interessa, não tem a pretensão de diagnosticar e nem apresentar soluções para casos específicos pertinentes ao que chamamos de crise de poder e obediência na VRCF. É evidente a diversidade de situações vivenciadas nesse estilo de vida, obviamente destinado a poucos. “Muitos são os chamados, e poucos os escolhidos” (Mt 22,14). Interessou-nos, então, refletir acerca da relação entre tal crise com a vivência do poder como serviço cristão à luz dos princípios da corresponsabilidade em níveis psicossociais e político-religiosos. Num enfoque especial, é importante percebermos a força existencial e preexistencial das subjetividades como propulsora de fatores outros que interferem nas relações entre pares, facilitando ou dificultando a harmonia no exercício do poder e da obediência.

Em primeiro lugar, estamos tratando da vivência de um poder segundo um serviço cristão. Aqui, vale estabelecer a diferença entre poder e autoridade porque nem todo poder significa autoridade. No entanto, toda autoridade adquire poder, pelo simples fato de ser reconhecida como tal. O poder pode ser considerado conquista humana; enquanto que a autoridade, um dom e no mundo religioso, dom divino. Neste caso, o poder na vida conventual se reveste de autoridade através da sensibilidade ao se colocar como serviço em favor do bem comum. Essa dedução se fundamenta nos depoimentos os quais remetem à importância da percepção, necessária à líder canônica, das oportunidades propícias que alimentam a motivação e o encantamento pela vida em doação.

Em segundo lugar, um serviço à luz da corresponsabilidade. Mas, o que poderíamos entender como princípios da corresponsabilidade? Sem que haja pretensão de definir, apenas correlacionar, poderíamos enumerar pontos significativos que integram o conceito de corresponsabilidade: vínculo – sentir-me parte do todo; autonomia – consciência da opção de vida; solidariedade – entender que outros são afetados pelos meus atos; deveres – na ação comunitária, cabe a mim uma tarefa; diálogo – ninguém é dono da verdade e outros podem estar mais sintonizados com o ideal; culpabilidade – devo assumir a responsabilidade das negligências e erros praticados; educação – aprimorar-me, crescer na competência e no bom relacionamento.

Um hiato entre ser e estar corresponsável, por insignificante que possa parecer o contexto vivenciado, pode ou não, provocar abalo no desfecho de uma

atividade comum. Na conceituação popular diz-se que uma falha, uma omissão, apaga noventa e nove boas ações praticadas por alguém. Analogamente, o mau agir de um membro da comunidade pode obscurecer o esforço dos demais no exercício missionário. Faltar com a responsabilidade, na percepção cristã, significa invocar punição e isso está descrito na Parábola dos Vinhateiros (Lc 20, 9-16). Ao contrário, o “Vede como eles se amam” confirma a observância coletiva dos conselhos de Jesus aos seus que entenderam as exigências cotidianas do Amor, impostas na convivência fraterna. “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13, 35).

Portanto, reverência e atenção ao que concerne à corresponsabilidade encontramos nas palavras de Azevedo quando diz: “Ele se serve de qualquer um e não só dos constituídos em autoridade, para manifestar a todos o imperscrutável de seus desígnios” (AZEVEDO, 1977, p. 278). Aliás, esta foi uma observação correlata expressa por algumas entrevistadas, como por exemplo: “[...] na relação de poder é importante que as lideradas não sejam [...] sem um ponto de vista crítico, [...] sem participação” (AZALÉIA, Anexo 1, p. 181-182); “Eu tenho que ter responsabilidade, mas [...] vamos dividir as responsabilidades” (MARGARIDA, Anexo 1, p. 214); “cada Irmã ajuda a superiora, mais do que ela pensa. Cada convivência, cada ato, cada coisa... a gente vive numa escola muito bonita na comunidade” (VIOLETA, Anexo 1, p. 203).

Ainda que não possamos generalizar, o que aliás seria ideal, os relatos, naturalmente, prefiguram a existência da atenção e valorização de algumas das líderes em suas coirmãs para captarem os sinais de Deus manifestos no mais humilde, no aparentemente menos capacitado. Afinal, essas religiosas, no entendimento cristão, assim agindo, copiam as atitudes do Deus Pai que, pelo filho do carpinteiro, deixou-se tornar conhecido na humanidade.

Apesar da responsabilidade ser atribuída a todos os membros da comunidade, nas entrelinhas dos depoimentos ficou perceptível que, para as entrevistadas, cabe à líder uma parcela diferenciada que exige não só o desejo de acertos, mas tornar-se eficiente e eficaz. Noutras palavras, “fazer as coisas certas” e “fazer certo as coisas” atuando com visão multifocal, visto que, em tese, a vida humana se faz em relação de uns com os outros.

Terceiro, serviço corresponsável em níveis psicossociais e político-religiosos. Ao observarmos a estrutura da vida conventual, conforme nos detivemos no quarto capítulo, ficou claro que, nesta estrutura, quatro aspectos se fazem presentes de forma palpável e determinante: o político, o social, o psicológico e o religioso.

Num entrelaçamento constante, estes fatores vivenciados em harmonia garantem salubridade, energia, robustez, segurança e, em consequência, entusiasmo ao corpo comunitário quanto à missão comum. Discrepância em qualquer dos aspectos, prejudicará o todo, seja individualmente ou no conjunto da comunidade como um serviço cristão à luz dos princípios da corresponsabilidade.

Chamamos a atenção para o fato de que, na estrutura da vida conventual, o aspecto religioso está presente além do político, social e psíquico. Entrelaçados, na vida religiosa, todos se destinam ao serviço cristão, segundo elas próprias afirmam: “Eu vejo isso como um serviço e um serviço muito árduo porque você está ali pra servir” – político – (MARGARIDA, Anexo 1, p. 214); se “duas, três pessoas se identificam muito bem e é com essas que ela resolve tudo [...] a vida comunitária fica esfacelada” – social – (CLÍVIA, Anexo 1, p. 209); “Não sei se a superiora, por ser muito jovem... falta maturidade humana [...] tem gente que continua ainda na idade infantil” – psíquico – (GÉRBERA, Anexo 1, p. 221); “A oração não atinge somente a mim [...] vai até o final do mundo porque a força que é da oração [...] é força de alguém que abraça todo o mundo, ou seja, do próprio Deus” – religioso – (VIOLETA, Anexo 1, p. 201).

É extremamente difícil fazer o arremate de uma reflexão que, de certa forma, estende-se ao longo dos capítulos, conforme pode ser observado na leitura completa desta tese. Como foi assinalado anteriormente, ele busca provocar reflexão sobre o que poderíamos chamar de “crise” no poder e na obediência na VRFCF.

Voltemos, então, à pergunta chave: Existe crise de poder e obediência na VRFCF? Sim, disseram algumas das entrevistadas. Nos depoimentos colhidos, dificuldades foram comentadas em se tratando da vivência e do desempenho na liderança canônica. Um conjunto de fatores, por vezes, acarreta situações de mal-estar ou até mesmo de mau-humor. Segundo afirmaram, a diversidade de cultura,

criação familiar, subjetividades enfim, dificultam o relacionamento, exigindo autocontrole por parte de quem lidera. Desta forma, o trabalho das formadoras deve ser desenvolvido num sistema educativo de ordem pessoal e comunitário para evitar ocasionais tensões conflituosas provenientes de tais subjetividades.

No relato das entrevistas em anexo, é possível detectar o quanto é, ou foi, sofrido, para algumas, o exercício da liderança. Sobretudo a paciência, a compreensão e a humildade são destacadas. Em todas as menções, vê-se o reconhecimento da fragilidade pessoal, possível consequência do despreparo para assumir tal missão. Considerando o que já foi comentado a respeito da estrutura na vida religiosa envolvendo aspectos políticos, sociais, psíquicos e religiosos, fica evidente a necessidade de um mínimo preparo em relação ao complexo contexto a ser administrado, visivelmente exposto nas falas transcritas. Apesar da mudança que ultimamente vem sendo implantada na Congregação pesquisada, com oferecimento de cursos de liderança para as novas possíveis líderes canônicas, os resultados caminham a passos lentos, segundo nos foi revelado. Estimula, entretanto, a observação de que passos são dados nesse sentido.

Interessante percebermos que embora exista a crise, a relação que aqui se estabelece, entre a obediência e a vivência do poder/autoridade, segue um percurso diferenciado das crises que detectamos no mundo laico. No mundo laico elas, por vezes, são acompanhadas de conflitos com distúrbios sociais, agressões verbais, violência física, já no das religiosas essas adversidades podem até provocar a decisão extrema da desistência e abandono da vida religiosa institucional sem, porém, alardes nefastos. Aquelas que permanecem fiéis ao primeiro compromisso, seguem com suas dores emocionais no entendimento de que, assim, estão respondendo aos ditames e preceitos divinos. Acreditam ser a vontade de Deus nas vidas delas, pelo bem e resgate próprio ou da humanidade. Conforme disse a Ir. Perpétua,

numa situação de crise, umas apresentam um comportamento que atrapalha o convívio comunitário e outras acolhem o sofrimento achando que é vontade de Deus e que precisam suportá-lo pela salvação do mundo ou mesmo aperfeiçoamento próprio (PERPÉTUA, Anexo 1, p. 227).

Vale salientar que existe, no universo religioso, o entendimento da sublimação como prática ascética e virtuosa para a conquista do reino celestial na

eternidade. Nesta perspectiva, o sacrifício adquire valor sendo aceito de forma pacífica. Ir. Orquídia lembra o que disse Jesus: “se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome a cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lc 9, 23).

Uma outra pergunta, agora complementar, seria: por que, na VRCF, uma crise se apresenta distinta das que ocorrem em outras categorias de relacionamento organizacional?

Em Bourdieu encontramos elementos condizentes a uma reflexão plausível, merecedora de atenção e sugestiva de aprofundamentos para ratificá-la ou refutá-la.

Segundo ele, de forma quase imperceptível, nas dinâmicas organizacionais, subsiste uma violência simbólica. Por vezes tão sutil que, para algumas pessoas, esse cenário sobrevive sem que haja detecção por parte de quem a ele está submetido.

Como verificamos ao longo destas ponderações, Bourdieu se utiliza de uma praxeologia apoiada na dialética entre construções mentais (*habitus*) e construções sociais (campo), que se tornam legitimadas (*doxa*) e, quando internalizadas (violência simbólica) naqueles que integram uma determinada organização, permitem dominação alinhada com os interesses da organização.

A Igreja Católica se autodenomina “santa e pecadora”. Santa em razão da entrega que Cristo, o Santo, fez de si mesmo a ela. Jesus Cristo é a cabeça (LG 39), (Col 1,18) de um corpo composto de pecadores (LG 8). Na estrutura de pecadora, assim como organizacional, em consonância com a teoria de Bourdieu, a dinâmica simbólica se reproduz num contexto político-psicossocial com a lógica que envolve conceitos e preconceitos; aquilo que deve ser entendido por virtude ou pecado; o que é concebível ou inconcebível; inclusive quem delinea valores e quem apenas os segue.

A estrutura da VRCF, pela sua característica específica de organização dentro do campo sociorreligioso, prescreve um trabalho pedagógico de formação de *habitus*, numa *doxa* com traços comportamentais de docilidade, altruísmo, humildade, resignação, abnegação, conformidade, serviço, obediência, submissão. Esses valores

internalizados conduzem a uma aceitação das adversidades através do exercício da sublimação. Podemos dizer que este é o segredo da distinção no enfrentamento da crise de poder e obediência na vida conventual.

Consciente da entrega de toda a sua vida, inclusive da própria vontade dentro da VRC, a religiosa que assimilou o esquema estabelecido, voluntariamente se esforça para, cada vez mais, ser fiel a ele e, ainda não concordando totalmente com algum aspecto a ele acoplado, considera em primeiro plano o chamado divino da doação.

A *doxa* do poder no *locus numinoso* conventual, exercido a) pela hierarquia masculina da eclesiologia na Igreja Católica; b) pela liderança canônica imposta e nem sempre humanamente reconhecida; c) pela força dos membros na comunidade, alocações, orações, ritos e normas estatutárias; d) pelo compromisso pessoal (*habitus*) entendido como resposta ao chamado divino que deve ser levado a termo, é semente de crise que, se desenvolvida, encontra na sublimação (violência simbólica), um antídoto capaz de neutralizar reações inóspitas.

Concluindo, com base nas reflexões e nos depoimentos fornecidos, observamos: a) a crise de poder e obediência na VRCF se apresenta domesticada por subjetividades violentadas simbolicamente a partir da formação das meninas, ainda no âmbito familiar, cujo fim último aponta para valores cristãos, com destaque o da corresponsabilidade, numa sistematização político-social através da força e do poder religioso que persuade o enquadramento psicológico; b) a necessidade de um preparo específico para o exercício da liderança reconhecida pelo grupo, sugere uma abrangência de todos os membros da instituição oportunizando, em primeiro lugar, atender situações emergenciais na escolha de uma líder canônica e, em segundo lugar, para que essa desempenhe, com eficácia, o direcionamento da comunidade motivando-a na doação impulsionadora de realização institucional e pessoal; c) a dificuldade proveniente do convívio com diferentes subjetividades, marca o desempenho da liderança mesclado de “sofrimento x desafios”, aceitos como “vontade de Deus” no caminho do aperfeiçoamento pessoal.

Pela reflexão desse contexto preciso de interação humana numa dinâmica organizacional, porção de um todo mais amplo tendo, entretanto, o espiritual como

prioritário, retomamos a tese afirmando que a crise de poder e obediência na VRCF, difere das crises de poder no mundo laico por induzir subjetividades a “sublimar” conflitos e diferenças, produzindo (por violência simbólica) humildade, resignação, serviço, obediência, submissão.

O tema exposto, apesar das restrições em respeito à intimidade da vivência na VRC, evidencia relevância ímpar, propulsora de continuidade no estudo de questões similares que ponderem, ampliem ou mesmo refutem argumentos, na perspectiva de uma eficaz liderança na vida conventual.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. (org.) **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Minima Moralia**. São Paulo: Ática, 1992.
- AGOSTINHO, Santo. Cidade de Deus. Livro 10, cap. 5. *In*: Igreja Católica, Concílio de Trento. **Catecismo Romano**; tradução de Frei Leopoldo Pires Martins, O.F.M. 1. ed. São Paulo, Castela Editorial, 2000. 796p.
- AZEVEDO, Marcelo de Carvalho. O voto de obediência, um enfoque exigente e atual. Convergência – **Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil**. jun. ano X, n. 103, 1977. p 276-286.
- BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. **Metodologia Pastoral** – mística do discípulo missionário. 3. ed., São Paulo: Paulinas, 2012. 112p.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). 6. ed. São Paulo: Ave Maria, 1965. 1616p.
- BOURDIEU, Pierre (1989), **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 314p.
- BOURDIEU, Pierre. Observações sobre a história das mulheres. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **As Mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. 167p.
- BOURDIEU, Pierre (1930). **Razões Práticas** – sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 225p.
- BOURDIEU, Pierre, 1930. **Meditações pascalianas**. Tradução de Sergio Miceli, Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2001. 324p.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Ed. Sociedade Unipessoal Lda., 2003. 289p.
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **Coisas ditas – Pierre Bourdieu**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. 235p.
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004. 86p.
- BOURDIEU, Pierre. **Gente com história, gente sem história**. Diálogo entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Tradução de Flávio M. Heinz. **História Unisinos**, vol. 10, nº.1, jan/abr de 2006. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6173>. Acesso em 05 fev. 2020.
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **A Economia das trocas simbólicas**. Sergio Miceli (Org.). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007. 361p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008. 560p.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**:(1930-2002) Tradução de Maria Helena Kühner, 11. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 160 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Subjetividade, representação e sentido. *In*: BRANDÃO, Helena H. Nagamine, **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Ed. UNESP, 1998, p. 35-45.

CABRAL Newton Darwin de Andrade. Entre falas e silêncios: o trabalho com depoimentos orais em estudos sobre o campo religioso. *In*: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos Luz; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; MORAES, Alfredo (orgs.) **História das religiões no Brasil**, v. 5. Recife: Bagaço; Universidade da UFPE, 2010. P. 267-288.

CAMPELO, Rosana Delane. **A paixão da Fé**. Recife: Bagaço, 2018. 184p.

CANTALAMESSA, Raniero. O Mistério da Páscoa. Aparecida-SP: Ed. Santuário, 1994, *in* KEARNS, Lourenço. **Teologia da obediência religiosa**. Aparecida-SP, Ed. Santuário, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005

CELAM. **Documento de Aparecida**. Conselho Episcopal Latino-Americano. 2. ed., São Paulo: Paulinas, 2007. 301p.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Versão Portuguesa. 4. ed. Ed. Braga/Portugal: Ed. Apostolado da oração, 1983. 459p.

CODINA, Víctor; ZEVALLOS, Noé. **Vida Religiosa – História e Teologia**. Tomo IX Série IV: A Igreja, Sacramento de Libertação. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 203p.

COLLING, Ana Maria. Inquietações sobre educação e gênero. **Revista Trilhas da História**, v. 4 n. 8, jan/jun, Três Lagoas: 2015. p. 33-48.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA. **Lumen Gentium**. *In*: Compêndio do Vaticano II – constituições-decretos-declarações, 31. ed. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier O.F.M., Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 39-117. 744p.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL **Gaudium et Spes**, sobre a Igreja no mundo atual. *In*: Compêndio do Vaticano II – constituições-decretos-declarações, 31. ed. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier O.F.M., Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 141-256. 744p.

Decreto **Perfectae Caritatis**. *In*: Compêndio do Vaticano II – constituições-decretos-declarações, 31. ed. Coordenação Geral de Frei Frederico Vier O.F.M., Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 485-504. 744p.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005. 142p.

DIAS, Tatiane Lebre; BORCK, Ana Cláudia; OLIVEIRA, Keyla Aparecida Fortes de. Pesquisas em educação: a entrevista reflexiva. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 53, p. 1-4, e-16934, jul./set. 2019.

DONEDA, Danilo. **Privacidade, vida privada e intimidade no ordenamento jurídico brasileiro**: da emergência de uma revisão conceitual e da tutela de dados pessoais. 2008. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito->

civil/privacidade-vida-privada-e-intimidade-no-ordenamento-juridico-brasileiro-da-emergencia-de-uma-revisao-conceitual-e-da-tutela-de-dados-pessoais/. Acesso em: 21 set. 2020.

DÜRKHEIM, Émile (1858-1917). **Formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Joaquim Pereira neto. São Paulo: Paulinas, 1989. 177p.

DÜRKHEIM, Émile. Sociedade como fonte de pensamento lógico. *In*: RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Dürkheim**. Tradução: Laura Natal Rodrigues. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – v. 1. Cidade: Zahar Editores, 1994. 277p.

ENGLER, Steve; STAUBERG, Michael. “Metodologia em Ciência da Religião”. *In*: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. P. 63-73.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. **Evangelica Testificatio**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1971. 320p.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. **Vita Consecrata**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. 217p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais**: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Tradução de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995. 404p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. Ommnes et singulatim: por uma crítica da “razão política”. Michel Foucault. Tradução: Heloísa Jahn. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 26, março de 1990, pp. 77-99.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. 295p.

FRANCISCO, Papa. Carta apostólica **ÀS PESSOAS CONSAGRADAS**. São Paulo: Paulinas, 2014. 83p.

FRANCISCO, Papa. Carta apostólica aos consagrados. **Laudato sí**. São Paulo: Paulinas, 2015. 200p.

GAUDÊNCIO, Paulo. **Superdicas para se tornar um verdadeiro líder**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 136p.

GEBARA, Ivone, **Teologia Ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d’água, setembro/ 1997. 135p.

GEBARA, Ivone. **Novas relações de gênero são possíveis**. Disponível em: <http://latinoamericana.org/2004/testos/portugues/Gebara.htm>. Acesso em: 06 fev. 2020.

GEBARA, Ivone. **Gênero e teologia**: interpelações e perspectivas. São Paulo: Ed. Loyola. 2003. Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?id=q1A67sG0uOYC&pg=PA124&lpg=PA124&dq=Embora+haja+biblistas+e+te%C3%B3logas+que+acreditem+ser+poss%C3%ADvel+superar+essa+tradi%C3%A7%C3%A3o,+apelando+para+um+Deus+que+estaria+%E2%80%9Cal%C3%A9m+da+sexualidade%E2%80%9D,&source=bl&ots=rHxfyGn7cx&sig=ACfU3U3GXHZp7xgfSKludVMwNeWICH5jpA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiz9uDdnL3nAhWKFLkGHdcTDfAQ6AEwAHoECAIQAQ#v=onepage&q=Embora%20haja%20biblistas%20e%20te%C3%B3logas%20que%20acreditem%20ser%20poss%C3%ADvel%20superar%20essa%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20apelando%20para%20um%20Deus%20que%20estaria%20%E2%80%9Cal%C3%A9m%20da%20sexualidade%E2%80%9D%2C&f=false>. Acesso em 06 fev. 2020.

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia Feminista**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=CGkvDwAAQBAJ&pg=PT37&lpg=PT37&dq=Ivone+Gebara,+mudan%C3%A7a+de+comportamento&source=bl&ots=ybGlu80o49&sig=ACfU3U1XkJhzynoAS-YOQq\\_s2lu0WVtYNg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjVoZfa3KLjAhWIDbkGHQacCng4ChDoATABegQICBAB#v=onepage&q=Ivone%20Gebara%20mudan%C3%A7a%20de%20comportamento&f=false](https://books.google.com.br/books?id=CGkvDwAAQBAJ&pg=PT37&lpg=PT37&dq=Ivone+Gebara,+mudan%C3%A7a+de+comportamento&source=bl&ots=ybGlu80o49&sig=ACfU3U1XkJhzynoAS-YOQq_s2lu0WVtYNg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjVoZfa3KLjAhWIDbkGHQacCng4ChDoATABegQICBAB#v=onepage&q=Ivone%20Gebara%20mudan%C3%A7a%20de%20comportamento&f=false)> Acesso em 07 jul. 2019.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991. 156p.

GIDDENS, Anthony. Admirável Mundo Novo. **Cad. CRH**, Salvador, n. 21. p. 9-28, jul./dez. 1994.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, C. (2000). **Conversas com Anthony Giddens**; o sentido da modernidade. Tradução: Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro, FGV. 2000. 153p.

GIDDENS, Anthony. (1938). **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233p.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Alexandra Figueiredo; Ana Patrícia D. Baltazar; Catarina Lorga da Silva e Patrícia M. V. Gil, 6. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 725p.

GIMENES, Marcio de Paula. Kierkegaard e Plantinga: a subjetividade e a crença em Deus. **Revista Veritas**, v.56, n. 2, mai/ago. 2011, p. 32-46.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia**: ensaio de teologia bíblia enraizada na experiência humana universal. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 800p.

GOFFI, Tullo. Mundo. *In*: **Dicionário de Espiritualidade**. Stefano de Fiores, Tullo Goffi (Orgs). Tradução de Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989. 1205p.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1961. E-book disponível em <https://app.uff.br/slab/uploads/Manicomios-prisoos-e-conventos.pdf>. Acesso em 14. ago. 2019.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de J. Rodrigues de Menege. Versão eletrônica. <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Disponível em <https://docplayer.com.br/12160-Critica-da-razao-pura-imaanuel-kant.html>. Acesso em: 16 jun. 2019.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Diário Intimo**. Tradução e notas de Maria Angélica Bosco. Buenos Aires: Santiago Ruenda Editor, 1955. 451p.

KIERKEGAARD, Søren. **Textos Selecionados**. Tradução e notas de Ernani Reichmann. Curitiba: Editora da UFPR, 1971. 403p.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Post-Scriptum Définitif et non scientifique aux miettes philosophiques**, vol. I/II – *Oeuvres Complètes*, vols. 10/11, Paris: Éditions L'Orante, 1977, p. 190 – apud GIMENES, M. P. Kierkegaard e Plantinga (*Veritas*, v. 56, n. 2, maio/ago. 2011. p. 32-46).

KIERKEGAARD, Søren Aabye, (1813-1855). Diário de um sedutor; **Temor e tremor**; O desespero humano / Søren Aabye Kierkegaard; *In: Os Pensadores*. traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Editor: Victor Civita (digital) 450p.

KIERKEGAARD, Søren Aabye, (1813-1855). Diário de um sedutor; **Temor e tremor**; O desespero humano / Søren Aabye Kierkegaard; *In: Os Pensadores*. traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Editor: Victor Civita (digital) 279p

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Post-Scriptum Aux Miettes Philosophiques**. Tradução de Paul Petit. Paris: Gallimard, 1989. 531p.

KIERKEGAARD, Søren Aabye (2001). **Dois discursos edificantes de 1843**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fábrica de livros. 2001.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Post Scriptum no científico y definitivo a “Migajas filosóficas”**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. Pós-Escrito conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas, 1813-1855. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**, vol I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Pensamento Humano). Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 10 jan, 2021.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas**, vol II Ed. Digital. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2016. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=5D9QDQAAQBAJ&pg=PT150&lpg=PT150&dq=pathos+est%C3%A9tico+se+afasta+da+exist%C3%A2ncia&source=bl&ots=ZRbGBy\\_6zY&sig=ACfU3U3gY1kRfs6HXQVQRDMvzpr1TO9tAA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiltOao9pzjAhVQlRkGHVvADDIQ6AEwAXoECAkQAQ#v=onepage&q=pathos%20est%C3%A9tico%20se%20afasta%20da%20exist%C3%A2ncia&f=false](https://books.google.com.br/books?id=5D9QDQAAQBAJ&pg=PT150&lpg=PT150&dq=pathos+est%C3%A9tico+se+afasta+da+exist%C3%A2ncia&source=bl&ots=ZRbGBy_6zY&sig=ACfU3U3gY1kRfs6HXQVQRDMvzpr1TO9tAA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiltOao9pzjAhVQlRkGHVvADDIQ6AEwAXoECAkQAQ#v=onepage&q=pathos%20est%C3%A9tico%20se%20afasta%20da%20exist%C3%A2ncia&f=false). Acesso em: 05 jul. 2019.

MENESES, Ramiro Délio Borges. O vulnerável segundo a parábola do Bom Samaritano. **Revista de Cultura Teológica**, v. 14, n. 56, jul/set 2006. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/viewfile/15078/11259>. Acesso em: 04 jul. 2019.

MINAYO, M. Cecília de Souza (Org.) – **Teoria, Método e Criatividade** – 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80p.

NASCIMENTO, Abimael F. dos. VRC e Autonomia do Sujeito. **Revista Convergência**, Ano LIII, n. 509, março 2018.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Nossa resposta ao amor**: teologia das vocações específicas. São Paulo: Loyola, 2001. 328p.

PAIVA, Anselmo Chagas de. **Amoris Officium Pascere**: a dimensão do serviço da autoridade do superior religioso à luz da Regra de São Bento, a partir de uma leitura teológico-jurídica do cânon 619 do CIC. Rio de Janeiro: Ed. *Lumen Christi*, 2004. 317p.

PEREIRA, José Carlos. Religião e poder: Os símbolos do poder sagrado. **SOnline -- Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S.l.]. n. 3, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17055>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PEREIRA, José Carlos. **Novos ventos nos conventos**: desvelando os meandros da VRC em vista da sua renovação. São Paulo: Paulus, 2015. 200p.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos Presbíteros**: dor institucional. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2013. 544p.

PIGNA, Arnaldo. **Povertà evangélica e religiosa**. Roma: Ed. O.C.D, s/d. 176p.

PIGNA, Arnaldo. **Castità e virginità cristiana**. Roma: Ed. O.C.D, s/d. 232p.

PIGNA, Arnaldo. **Obbedienza christiana e religiosa**. Roma: Ed. O.C.D, s/d. 174p.

ROSSI, Cyntia. **Fundamentos Psicológicos para a Formação Religiosa**. Juiz de Fora: Subiaco, 2011. 190p.

SCIADINI, Patrício. **Religiosidade Popular**. In Dicionário de espiritualidade. Stefano de Fiore, Tullo Goffi (org.). Tradução de Augusto Guerra; Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989. 1207p.

SILVA, Carlos Hugo Honorato da. **A Existência como Possibilidade em Kierkegaard**: uma crítica à Ciência da Lógica de Hegel. 2009. 133p. Dissertação de Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, 2009. [Orientador: Dr. Deyve Redyson].

STEIN, Edith (1931). **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: EDUSC, s/d. 304p.

STEIN, Edith. **Teu coração deseja mais. 2 ed.** Petrópolis: Vozes, 2002. 162p.

TAYLOR, D. **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018. 261p.

TELES, Queila Ribeiro. Vida Religiosa e relações de poder: autoridade e circularidade do poder. **Revista Convergência**, Ano XLVIII, n. 459, p. 166-179, mar. 2013. 184p.

TURATO, Egberto Ribeiro. Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: definição e principais características. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, vol. 2, n. 1, jan/jun. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Psicossomática, 2000. p. 93-108.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2000. 48p.

VILARES, Ana Carina. **Ética**: dos fundamentos filosóficos aos princípios de ação. Ermano do nascimento, José Luís Gonçalves e Miguel prata Gomes (orgs.). S.l. Ed. Paula Frassinetti, 2018. 147 p.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole... [et al.]. Tradução de José Cipolla Neto,; Luis Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1991. 90p.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. (1896-1934). **Pensamento e Linguagem** Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, ([www.jahr.org](http://www.jahr.org)), 2001. 158p.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico - livro para professores. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka; tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. 136p.

## **ANEXOS**

### *ANEXO 1 - ENTREVISTAS*

#### *Entrevistada 1*

#### **Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Azaléia

**Idade:** 54 anos

**Tempo de superiorato:** 12 anos

**Instrução:** Pós-graduação

**Data:** 14 de outubro de 2020

#### **Como foi sua trajetória religiosa? Como você chegou a ser religiosa?**

Aos 17 anos, na preparação para a Crisma, conheci uma Congregação religiosa de vida ativa. Comecei a participar de um grupo de jovens. Depois eu pensei em conhecer as Irmãs do Mosteiro e passei para outro grupo de jovens. Me identifiquei com o estilo de vida delas e resolvi fazer uma experiência. Depois saí e vim para esta outra congregação que conheci primeiro.

#### **Como se deu esse processo de formação para chegar a exercer essa missão de liderança?**

Acho que a dedicação e o amor aliado a muito empenho e sacrifício são percebidos e quando fazemos assim nos dão funções de liderança.

#### **Como superiora, que metas você tem no desempenho dessa missão?**

Numa função de liderança, o primeiro passo é estar congregando, motivando e não apenas cobrando.

#### **Quais são os maiores desafios a serem enfrentados?**

Os desafios vêm porque cada pessoa é diferente. Numa comunidade encontramos várias diferenças e assim, muitas dificuldades por causa das culturas, dos temperamentos e divergência de pensamentos expressos em ações de cada uma. Mas, nos momentos de dificuldade, o que mais se precisa é esforço, é uma meta. Então, trabalhando com humildade temos formas de superar os desafios.

#### **Falta, em algum momento, a motivação necessária para o desempenho das suas atribuições como superiora?**

Sim, mas eu acho que só por coisas pequenas. São momentos de dificuldade em que vem a vontade de desistir, de achar que não vale a pena porque algumas pessoas não correspondem ao que você como líder quer construir. Eu entendo que a liderança

é construída por várias pessoas. Sozinha a gente não alcança os objetivos. Se a gente vai alimentando as pequenas desmotivações, vai criando mais obstáculos. Então, é parar, repensar, retomar as decisões porque às vezes a gente, como líder, está indo por um caminho errado, ou de forma errada. É importante ter humildade, sabendo ouvir, dividir os pensamentos, as ideias.

### **A que você atribui superar as dificuldades?**

Eu penso que é a consciência de uma missão. Se somos responsáveis por uma missão temos que fazer aquele trabalho. Primeiro saber que é um trabalho que exige liderados, cooperados em uma instituição e que é missão de todos. Então, é possível encontrar formas através da vida fraterna, nos momentos de estudo ou reflexão comunitária... muitas coisas alimentam essa caminhada.

### **As normas, o regulamento, adotado pela sua congregação são muito exigentes, difíceis de serem seguidas?**

Não... eu até acho que são claras. Algumas são difíceis de cumprir, mas são claras. Numa congregação internacional as distâncias culturais são grandes. Algumas coisas que são próprias para Roma não ficam tão boas para uma cidade do interior do nordeste do Brasil e eu acho que às vezes isso complica. Numa instituição internacional, cada segmento tem suas adaptações... veja: na comunidade local fica mais fácil seguir as normas porque em qualquer dificuldade, tudo se resolve numa comunicação. Numa segunda instância, que seria a Província, já se depende de um conselho para estudar a Constituição, o Diretório e esse estudo pode distorcer a realidade daquela comunidade. Mas... eu não tenho dificuldade em seguir normas.

### **Elas ajudam em alguns momentos?**

Sim, eu sinto que as normas da instituição me dão segurança. Eu encontro nelas a noção dos meus direitos e deveres na Congregação. Quando somos crianças, nossos pais nos protegem. Na Congregação essas normas contidas na Constituição e Diretório Provincial nos protegem por esclarecer situações da vida pessoal e da vida da comunidade.

### **O fato dessas normas precisarem de aprovação da hierarquia que é masculina, incomoda?**

É... pode incomodar. A gente sabe que a hierarquia da nossa Igreja é bem masculina. Podemos até dizer machista, mas vamos apelar para o bom senso. Particularmente, não tenho objeção a esse respeito porque encontro pessoas que são muito boas, com visão e sabem entender o sexo feminino que tem mesmo um pensamento diferente. Na nossa Congregação poderíamos citar nomes de homens que contribuíram muito positivamente. Mas eu acho que se a Congregação é feita de mulheres, se fosse mulher analisando e aprovando seria melhor, mas... não vou poder mudar.

### **Você é realizada nessa liderança?**

Eu entendo que o que pode realizar a pessoa numa liderança é conseguir que aconteça o bem comum e o meu também. Quando proporciono algo bom para o grupo, fica bom pra mim, também. Isso é importante. Realiza. Não se trata de realização

como *status*, mas como um fazer algo para o outro. Esse é o meu sentimento de liderança.

**Você percebe, entre as lideradas, um sentimento de pertença, de comprometimento com o bem comum?**

Não. No início, quando eu entrei na Congregação essa palavra “pertença” era muito forte. A Mestra do noviciado falava sempre nisso e eu até procurei estudar para entender o significado desse sentimento de pertença. Eu penso que esse sentimento vai se diluindo com o tempo. A gente vê, hoje, que as pessoas mais jovens não têm esse sentimento de zelo, de cuidado e não sei se isso vem da família porque às vezes nem na própria família faz sentido fazer parte. E isso vai entrando na vida religiosa. Então eu não vejo que todas têm esse sentimento, esse cuidado. Mas, complementando, eu acho que isso é da pessoa, é nato. A pessoa já nasce com esse sentimento e vai aperfeiçoando na convivência.

**O esforço despendido para um bom desempenho, como superiora, traz, para você, complicações de saúde?**

É, desgasta a pessoa, não é? Existe um *stress* quando se assume uma função assim, principalmente quando estamos numa comunidade grande e precisamos atender a diversas necessidades. Por exemplo, pra fazer uma compra de supermercado tem-se que pensar não em agradar mas atender aquela necessidade da outra. Isso gera um *stress*, um esforço mesmo sendo uma coisa simples. Dependendo da comunidade, com muita gente, com muita diferença de idade, isso gera um esforço grande. Mas, isso não chegou ainda a afetar minha saúde.

**Você acha que está havendo preparação para assumir liderança?**

É, até acho que a nível de CRB, em Congregações mais abertas existe um preparo. Na nossa, na minha opinião, precisa haver mais preparo, mais estudo para haver uma compreensão do que seja liderar. Por exemplo, é muito ruim ouvir comentário de que aquela Irmã é agora superiora porque não havia ninguém para assumir. Essa daí vai tensa, coitada... despreparada. Por que não preparam antes? Nos encontros intercongregacionais vemos que algumas Congregações se preocupam com isso e conseguem melhores resultados.

**A diferença na forma de liderança de tempos passados para o tempo de hoje, provoca atualmente uma crise de poder no meio da vida religiosa?**

Sim, existe pessoas que abusam da autoridade. Pessoas com personalidade muito forte, que se sentem superiores diante de outros. Isso é comum e acontece em todas as instituições. Também nas religiosas porque faz parte do ser humano. As pessoas pensam que a vida religiosa é um lugar onde não pode existir isso. Nós mesmas, quando a gente vem para o convento a gente pensa que ali é uma instituição de anjos. A gente vem tão inocente, pura... depois vai descobrindo que é como no filme “anjos e demônios” rrsrrsrs. Com o passar do tempo vamos vendo os demônios que causam problemas.

A líder não é aquela que pode tudo. Eu entendo que na relação de poder é importante que as lideradas não sejam apenas submissas, sem um ponto de vista crítico, sem

estudo, sem participação. Se for assim, a líder vai tomar uma decisão melhor ou pior sozinha e ela nem sempre está com a verdade. Daí, se o modelo for “o superior falou, está falado” pode haver uma decadência. Pessoas vão passar por um processo de não realização, de sofrimento e essa não seria uma comunidade ideal.

**Sabemos que não existe remédios ou receitas para solucionar certas situações, mas você tem alguma ideia do que poderia ser trabalhado para que a crise de poder não exista?**

Eu acho que a solução para evitar conflitos seria o diálogo porque o modelo tradicional já não funciona. Eu trabalho também na escola e vejo que nas famílias até as crianças têm querer. Isso é nato. Às vezes dá a impressão de que a vida religiosa quer tirar esse querer, mas a gente tem vontade, tem querer e o que faz fluir a vida é cada uma poder expor seu desejo, seu querer dentro de um universo onde todos tenham oportunidade. Senão vai prevalecer a vontade só de uma pessoa. Nem mesmo a vontade da superiora deve prevalecer. Ela não deve ser fraca deixando os outros mandarem, mas também não pode ser tão forte para impor sua vontade.

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua congregação?**

Eu aconselharia a pessoa a aceitar o papel de líder porque é preciso motivar novas lideranças para dar continuidade à instituição. O aprendizado vai ser diário, mas os estudos individuais e coletivos são meios disponíveis. Mesmo tendo uma experiência com resultado feliz, tenho que motivar para que a outra seja melhor do que eu quero ser. Não tenho um parâmetro de liderança. Mesmo sendo algo inato a congregação precisa muito dar suporte a quem assume. Os meios são vários e acho que o que é preciso é mudar a forma de liderar e a gente observa que está mudando. Se perguntarmos a uma Irmã de 80 anos, de 50 anos elas vão dizer que mudou muito. Mas acho que há uma necessidade permanente de mudança.

**Você teria algo a acrescentar? Algo que ficou faltando?**

Eu não teria a acrescentar, mas, reforçar a necessidade de um preparo para as lideranças na Vida Religiosa. Se em qualquer instituição isso é necessário, também na VR lembrando que há uma diferença porque envolve uma visão diferente com uma espiritualidade própria. Na VR não se lidera com objetivo de melhor remuneração e nem destaque pessoal como acontece no mundo das empresas. O que deve impulsionar para uma boa liderança é o fazer bem para que todas se sintam felizes e motivadas. Esse preparo vai sendo construído também pela pessoa e existem muitos meios para isso.

XXXXXXXXXX, 14 de outubro de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

## *Entrevistada 2*

### **Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Hortência

**Idade:** 77 anos

**Tempo de superiorato:** 15 anos

**Instrução:** graduação universitária

**Data:** 08 de outubro de 2020

#### **Como foi sua trajetória religiosa? Como você chegou a ser religiosa?**

É o seguinte. Desde criança, morei numa cidadezinha pequena, não conhecia muito bem a vida religiosa, mas meus pais eram muito religiosos e quando eu cresci mais um pouco me colocaram numa escola de religiosas e lá eu despertei, achava interessante aquela vida e foi despertando em mim este gosto... depois que eu terminei meu curso de segundo grau, e decidi entrar no convento. Foi uma caminhada que, realmente surgiu da minha pessoa, certamente deve ter sido inspiração de Deus.

#### **Atualmente você assume esse serviço de liderança canônica numa comunidade, não?**

Sim. Depois de 52 anos de vida escolar parei, pensei e solicitei da Provincial para deixar a função de diretora. Ela aceitou, mas me pediu esse serviço. Como sempre alimentei esse espírito de servir, sempre que sou convidada pela Província para servi-la, procuro me dedicar e servir com muito gosto. Quando era criança gostava de ler os evangelhos e gostei muito da passagem de Cristo que diz “eu vim para servir e não para ser servido”.

#### **Você já foi superiora noutras comunidades. Ao todo, quantos anos de tempo de superiora?**

Sim. Mais ou menos uns 15 anos. Como diretora foram mais de 28 anos.

#### **Sentiu-se preparada no início, quando assumiu esse serviço?**

Não! Não tanto... mas pela vivência, pelo dia a dia a gente vai observando a convivência e vai tentando conviver bem. De início não houve preparo. Depois de alguns anos a Província sentiu necessidade, talvez partindo das próprias Irmãs. Por um tempo foi pensado numa preparação antes da Irmã assumir a função. Atualmente acho que está meio esquecido. Está necessitando retomar essa atenção e preparar mais as Irmãs para assumirem a liderança.

#### **Como superiora, que metas você tem no desempenho dessa missão?**

Essa pergunta é difícil de responder porque a superiora fica... eu acho que um tanto limitada no seu espaço de superiora. Ela deve promover, estimular as Irmãs para que

possam desenvolver a missão de servir aqui na comunidade e também lá fora. Como meta, eu diria que foi fazer a comunidade motivada para servir aqui dentro e lá fora.

### **Quais são, quais foram os maiores desafios a serem enfrentados?**

Olhe, sempre que a gente assume uma função, eu pelo menos acho que vou enfrentar grandes desafios. O primeiro é a gente aceitar a situação de viver com pessoas de temperamentos diferentes, princípios diferentes, e é preciso aprender a conviver. Porque viver, a gente vive de qualquer maneira, mas para conviver é que há a necessidade de mais abertura, entendimento, compreensão, diálogo etc e, por aí vai. Esse foi o maior desafio.

### **Faltou, em algum momento, a motivação necessária para o desempenho das suas atribuições como superiora?**

Sim! No dia a dia, às vezes eu, pelo menos, me sinto assim desestimulada. Não procurando direitos, atenções e nem respeito, mas acho que as mínimas coisas devem ser respeitadas porque numa família organizada as pessoas se comunicam, trocam ideias, dialogam... então eu acho que isso deve existir no meio de uma comunidade.

### **Mas você está superando isso tudo? O que é que faz você superar isso?**

Olhe, o desafio é grande, especialmente porque sou uma pessoa de temperamento impulsivo, muito impulsivo. Às vezes as pessoas acham que falo muito, mas porque eu tenho a tendência de querer ter as coisas organizadas, as vezes alguns acontecimentos, mas eu primo muito pela organização por isso eu acho que deve ter mais um entrosamento, mais uma liberdade, mais uma confiança.

### **O que lhe dá força para ultrapassar essas dificuldades?**

Olhe... realmente... eu paro, penso, rezo, peço a Deus para que me ajude e me dê muita paciência e que eu saiba ver, ouvir, agir.

### **Então seria a espiritualidade. A oração, a espiritualidade lhe dão força para superar essas dificuldades.**

Esse espírito de sempre querer servir à Província. Servir! Eu vim pra servir.

### **A vocação, então!**

É! Não vim pra ser servida, pra ter vida boa. Vim pra servir

### **As normas, o regulamento adotado pela sua congregação, são muito exigentes, difíceis de serem seguidas? Estão claras?**

Não são tão difíceis, não! Agora... quando a gente chega na prática a gente encontra as dificuldades. O próprio evangelho, de Jesus Cristo nos diz: “amar a Deus e amar o próximo, respeitar o próximo”. Isso significa respeitar as pessoas, tratar bem as pessoas.

### **E isso está nas Constituições, no Diretório, não é?**

No Diretório, sim! E fala muito também sobre a oração. E diz que quando a gente deixa as nossas casas, nós vamos encontrar também outras famílias, outras casas, outro ambiente, outra convivência, outra fraternidade. Eu não acho difícil as Constituições, Diretório, não. Só acho que precisam ser atualizados.

**Falando em atualização, incomoda o fato de qualquer atualização precisar ser aprovada por uma hierarquia totalmente masculina como a da hierarquia da Igreja?**

Não, isso não me incomoda. É algo que é fácil e se torna difícil para as pessoas que, às vezes, não aceitam a obediência. Eu vejo por aí. Agora, se tiver uma figura feminina eu acho que seria ótimo, seria maravilhoso, mas não rejeito ou condeno porque é só masculino. Eu tenho minha mente muito aberta porque as coisas vão depender muito do que eu quero, do meu jeito. Sendo uma coisa que possa trazer o bem para todos...

**Você é, ou sentiu-se, realizada como superiora?**

Eu não diria “ser realizada”. A função, o desempenho de um cargo... eu nunca fui desejosa de assumir funções. Para mim tanto faz estar num cargo como também ser retirada. Quem assume uma função precisa ter unidade dos dois lados. Direitos e deveres. Mas hoje, a vida religiosa, eu particularmente porque sou tradicional, acho que precisa de reforma. Pecamos muito hoje, por falta de educação. Numa família organizada, quando uma pessoa vai sair de casa diz quando volta. Tal dia, tal hora... se alguém me procurar... e, às vezes eu sinto que algumas, nem todas, querem ser muito independentes e até questiono: “será que não erraram de lugar?” Para ser independente, eu não posso fazer um voto de obediência, não posso fazer um voto para viver uma vida comunitária porque comum unidade, comum união... então, é por aí que eu acho. Acho que hoje as Irmãs precisam receber uma formação melhor, e nisso a nossa Província precisa melhorar. Eu sinto que algumas Irmãs querem uma coisa assim muito livre... de fazer a sua vontade. E, se eu vim, se optei por uma comunidade, para ser uma comunhão tenho que dividir, tenho que partilhar, não é? Eu tenho que dar satisfação em algumas coisas. Não vou dizer que em tudo porque não há necessidade. Para mim isso não é ser tradicional. É questão de viver bem, viver em unidade, numa família unida e organizada.

**Seria coerência, não? Coerência com a opção que fez.**

Certo. A palavra é essa - Coerência.

**Você percebe, entre as lideradas, um sentimento de pertença, de comprometimento com o bem comum?**

Olhe, em algumas existe, mas pelo meu tempo de vida religiosa eu hoje sinto muita falta desse compromisso.

**Essa falta de compromisso seria entre as mais novas ou entre as mais antigas?**

Não, eu não diria que são as mais novas e nem culparia as mais antigas. Eu acho que em geral a vida religiosa precisa de uma mudança. Agora... o quê e como? Não sei... tem que ser estudado.

Seja nas novas ou nas antigas, existem as falhas. Acho que talvez o comodismo, a falta de cuidado com as coisas pequenas. A gente não valoriza as coisas pequenas e acho que para as mais novas precisaria uma formação mais específica, sei lá. Uma formação que ajudasse na convivência, que demonstrassem na prática que sabem e que têm condição de viver uma vida comunitária.

**No caso, essa dificuldade é própria do ser humano. Tanto faz uma época como outra.**

É, pode ser uma coisa própria do ser humano, mas em todos os empregos, onde você for, você vai encontrar disciplina, ordem determinações, direitos e deveres das pessoas. Só que às vezes as pessoas se envolvem muito com os direitos e esquecem os deveres. Não é assim? Em todo canto a gente tem que seguir as normas. Se eu tiver de trabalhar numa empresa, essa empresa me diz: “você tem que chegar às 7 horas, fazer isso, isso e isso”, Então, eu tenho que chegar e executar aquilo que foi determinado para a minha função. Aí se eu for deixar disperso, daqui a pouco eu faço, depois eu faço, não. Não é por aí.

**O esforço despendido para um bom desempenho, como superiora, trouxe, para você, complicações de saúde?**

Não! Pra atingir a saúde, realmente eu creio que não. Às vezes há coisas que aborrecem muito a gente. Não sei se é porque eu sou uma pessoa de temperamento forte, impulsivo... não sou de brigar, de ser agressiva embora tenha criado uma fama... mas não sou braba como dizem, rrsrs. Às vezes preocupações, mas são coisas que passam. Na verdade, eu acho que não prejudica, não afeta a saúde. Apenas mexe um pouco com o todo do ser humano, com o emocional. E... a gente fica abalada quando se quer dar uma resposta e tem que ficar calada. Machuca, não é?

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua Congregação?**

Olha... é... uma pergunta com uma resposta também difícil. A superiora pra o mundo de hoje deve ser uma pessoa coerente, aberta para diálogo, saber ouvir, saber também corrigir. Corrigir não... saber conversar, dialogar sobre alguns erros. Deve ser uma pessoa que tenha uma abertura e que não seja egoísta, que tenha em mente e faça o bem ao outro mesmo diante das dificuldades. Ser superiora hoje é difícil porque as pessoas não querem muito seguir normas, horários... querem tudo muito à vontade e na vida religiosa não se pode ter tudo à vontade. Tem gente que não gosta de dar satisfação a ninguém. Se eu optei para viver uma vida de comunidade eu tenho que dar alguma satisfação.

**Se uma pessoa estivesse pra ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Eu diria que ela precisa ser uma pessoa primeiramente humana, que saiba ouvir, que aceite as suas limitações e as limitações dos outros. Que mereça a confiança das Irmãs e não converse certos assuntos com uma e com outra. Que seja uma pessoa coerente com a função de ser religiosa. Que assuma com responsabilidade e não seja egoísta e saiba dar e receber elogios ou reclamações. Sei lá...

**Agradeço sua colaboração, mas pergunto: Você teria alguma coisa a dizer, além do que a gente conversou?**

Só acrescentar que, sem condenar as Irmãs, essas que entram precisam saber lidar com o dia a dia das coisas, dos acontecimentos e até do uso do seu próprio ambiente. Por exemplo, dizem que precisamos nos desapegar das coisas antigas, tradicionais. Sim! Concordo, mas o que vou colocar no lugar? Como modelar o antigo para ser melhor no dia a dia de hoje? Não posso só condenar e abandonar o antigo porque o moderno que se tem agora veio de onde? Do antigo! Por que temos uma televisão, um celular tão pequeno? Começou de uma coisa grande diferente que foi sendo aperfeiçoada. Como a medicina descobriu tanta coisa fantástica? Porque tiveram os estudiosos de antigamente. Até a nossa própria origem... Vamos, então, desprezar os que vieram primeiro?

XXXXXXXX, 08 de outubro de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 3*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Magnólia

**Idade:** 53 anos

**Tempo de superiorato:** 15 anos

**Instrução:** Mestrado

**Data:** 16 de março de 2021

**Como foi sua trajetória religiosa? Como você chegou a ser religiosa?**

Vindo de uma família religiosa, muito católica e praticante, logo cedo eu conheci religiosas na cidade onde eu morava. Acostumei a acompanhá-las nos trabalhos pastorais, a participar dos movimentos que elas coordenavam e me encantei com o jeito de ser de algumas Irmãs e, isso despertou minha vocação. É tanto que, logo cedo eu fui para o convento, com 17 anos. Desde que entrei, com uma liderança que me é nata, por ter sempre demonstrado que exercia liderança, logo depois que fiz os votos perpétuos, fui nomeada superiora de uma comunidade. Lá, mesmo na formação, eu já ajudava nos movimentos vocacionais como coordenadora de grupos, coordenadora de pastoral na comunidade e, depois, ainda trabalhei com as juvenistas, além de coordenar outras atividades.

### **Para ser superiora, foi só um passo a mais.**

Sim, foi só um passo a mais. Mas o processo para ser superiora é só no choro mesmo. É na pancada. Rsrrsrs. Certo dia você se vê superiora e aí... como é que eu vou fazer, não é? Obviamente que as Constituições têm orientações. Lí alguns documentos, alguns autores que falam sobre isso, participei de encontros, mas uma formação bem estruturada, organizada para essa função não existia quando iniciei esse serviço, como ainda hoje não existe. Não na minha Congregação. Algumas Irmãs iniciadas hoje já participaram de cursos, mas as mais avançadas no tempo aprenderam com a vida.

### **Em suma, você foi aprendendo na prática.**

É, na prática. No dia a dia. Eu aprendi muito com as primeiras superioras observando tanto as coisas boas que elas faziam e que eu pensava em copiar e também no que eu considerava errado para não fazer igual.

### **Como superiora, você pensou em metas? Houve essa intenção de atingir alguma meta?**

Eu tenho uma meta para qualquer coisa que vou fazer. Minha meta, em tudo, é a de fazer o melhor que eu possa. Então, quando eu assumi a primeira comunidade, como superiora, minha meta era essa: fazer com que a comunidade se sentisse bem diante daquilo que era possível para a vida religiosa, fazer o que era necessário... Acolher e oferecer às Irmãs tudo aquilo que fosse possível considerando as possibilidades da comunidade, tanto no aspecto humano quanto espiritual. Daí, minha meta era essa. Fazer bem aquilo que eu estava fazendo.

### **Encontrou desafios, não?**

Virgem Maria! Quantos!

### **Quais foram os maiores?**

Encontrei um grande desafio. Antes de falar nesse que foi o maior para mim, falo da pluralidade de pessoas que se tem na comunidade. As diferenças são desafiadoras e, aqui, não me refiro nem à diferença de idades porque acho que isso já é algo meio ultrapassado, mas a diferença de comportamentos, de educação, de formação humana ou dos desejos. Encontramos Irmãs, que parecem querer viver mais intensamente sua vida consagrada e, outras menos... Então, por vezes, enfrentar a falta de educação ou pessoas que estão na vida religiosa porque acham que não encontram mais um lugar na sociedade, fora daquilo ali, é ainda um grande desafio. Parece pensarem em ir até o fim porque não teriam como sobreviver. É uma pena!

Agora, o meu maior desafio foi enfrentar ou digamos assim, fazer a comunidade se restabelecer depois da morte trágica de uma Irmã com problemas psicológicos, e que provocou consequências sérias para o emocional das demais. Esse foi o maior desafio que eu jamais pensei que poderia enfrentar. Como superiora coube a mim a tarefa de fazer com que a comunidade voltasse a se sentir segura naquele espaço, a viver a vida. Integrar a comunidade novamente. Eu acredito que quando uma comunidade tem uma liderança que ela confia, que ela acredita, ela se apoia e apesar de ter sido

um grande desafio, eu senti que a comunidade se uniu muito em função do sofrimento que era comunitário.

### **Faltou, em algum momento, motivação?**

Motivação não me faltou porque o que me motiva, às vezes, não depende dos outros. Na verdade, o que me desagradou, muitas vezes, foram situações que, por exemplo, racham a comunidade já que pessoas que não tendo o que fazer, aquelas que eu chamo de consumidoras de comunidade, ficavam tentando colocar umas Irmãs contra as outras. São situações que não me desmotivam, mas não me agradam. Isso porque minha motivação não vem disso aí, embora seja um osso duro de roer. É um desafio!

### **A que você atribui a capacidade de superar esses desafios?**

Primeiro de tudo, essa consciência de que estamos lidando com gente. Cada um tem o seu jeito diferente de ser. Embora eu não tenha que aceitar que você é desse jeito, eu tenho que aceitar que, você é uma pessoa. Como pessoa você erra como eu, também, erro. Em segundo lugar, ter procurado fazer leituras que me levassem a ver isso aí. Terceiro, conversar com outras pessoas, principalmente alguns sacerdotes amigos que também são religiosos. Eu gosto muito, por exemplo, de ter um sacerdote religioso como nosso capelão porque é alguém que entende a Vida Religiosa e consegue nos fazer ver diferente algumas coisas que, às vezes, a gente não esteja entendendo. Isso me ajuda a superar. Também o encontro com a comunidade porque quando surge alguma coisa desafiadora é importante conversar. Por fim, a oração, a observância daquilo que é próprio da nossa vida, como as orientações que temos nas Constituições e Regras de Vida.

### **Como um símbolo, as Constituições tem força?**

Sim. Tem muita força. Não diria que tem poder. Digo assim porque, muitas vezes, a gente busca nas Constituições aquilo que nos interessa. E aí não teria validade, se fosse assim. Mas eu acho que as nossas Constituições são simples. Elas dizem de forma bastante simples o como se deve viver. Veja: as Constituições da nossa Congregação são baseadas nas Regras de Sto. Agostinho, mas se a gente for ler as Regras de Sto. Agostinho, pode alguém achar enfadonho. Apesar de baseadas nessas Regras as nossas Constituições não são pesadas. Inclusive estamos agora passando por um processo de estudo das nossas que foram renovadas e devidamente aprovadas. Estão bem fundamentadas na Sagrada Escritura em tudo aquilo que foi colocado em princípio pela Fundadora. E é muito gostoso de se ver. De ver e de viver. Não é difícil!

### **Assim, podemos dizer que, como um símbolo, as Constituições têm poder no sentido de que ter poder significa possibilitar algo.**

Sim. Eu acho que o diálogo ajuda muito tanto para a superiora como para as demais Irmãs. Se você faz alguma coisa que a comunidade está entendendo como errada e ninguém vai conversar sobre isso, você jamais vai saber... não vai acordar pra isso. Pode até ter a consciência de que não está fazendo certo, mas como ninguém está prestando atenção, então vou continuar.

As normas, para mim, são simples e não são difíceis. Outras pessoas podem achar. O fato de serem aprovadas por homens, não me incomoda. Eu fiquei muito feliz em participar do processo de renovação das nossas Constituições, tanto fazendo a síntese do que foi tratado na Província, quanto participando do Capítulo Geral da Congregação que estudou e que aprovou nossas intervenções. A gente percebe o quanto importante é, aquele processo. O quanto diz daquilo que a gente é, e daquilo que a gente acredita. Mesmo tendo peritos homens e, depois de ser encaminhada para a Santa Sé, ser analisada e aprovada por homens... Mas não sei se você sabe que o nosso processo foi analisado por uma mulher também. Isso é importante. Ter sido analisado por uma mulher que, também, faz parte da comissão. O Santo Padre convocou várias religiosas para entrarem nesse Dicastério para a Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica. É um passo grande! Mas, enfim, nestes casos, a mim não incomoda a predominância masculina embora eu seja meio feminista. Eu sou... Principalmente quando se trata de encontros, de movimentos intercongregacionais como também na Educação que é a área em que atuo... Quando formam uma mesa só masculina, eu fico irritada. Quando, nos eventos da Educação Católica, estão lá só os homens compondo a mesa, eu digo: por que? Eu sempre brigo quando lá estão só os homens. Por que, se somos quatro mulheres e três homens e só os homens vão compor a mesa? Graças a Deus que a presidência da CRB Nacional está com uma mulher e, pelo menos, quando vai representar a instituição, está lá a figura da mulher. Ela agora, também foi nomeada para o Dicastério da Mulher.

### **A comunidade ajudou ou dificultou seu desempenho como superiora?**

Ajudou muito. Houve momentos que dificultou, mas predominou a ajuda. Me sinto muito compreendida, muito aceita. As Irmãs me procuram para resolver situações. Não tenho a comunidade como um dificultador, de jeito nenhum.

### **Você acha que existe atualmente, nas Irmãs, o sentimento de pertença?**

É assim. Nós temos Irmãs e irmãos. Temos aquelas que têm esse sentimento de pertença muito forte e temos aquelas que não têm. Eu até lamento, às vezes, que algumas que tiveram esse sentimento, quando vão chegando no mais avançar da vida, vão perdendo, por algum motivo, como o desencanto ou por alguma doença que a pessoa nem percebe. Não posso afirmar, mas parece que perdem o encanto. Digamos, enfim, que mesmo havendo algumas assim, a maioria é altamente comprometida.

Por outro lado, penso que esse individualismo que vive a sociedade hoje, essa situação de não querer prestar conta de sua vida a ninguém, de achar que qualquer coisa é abuso de autoridade ou abuso de poder da mesma forma que interfere na sociedade, interfere também na vida religiosa. Quem não tem a vocação, quem não tem essa clareza do que é de fato a vida religiosa não vai ter nunca esse sentimento de pertença. Pode até ter por um determinado tempo, principalmente quando é mais jovem, quando participa e faz a coisa porque gosta daquilo, mas não porque sente-se membro.

### **Isso seria uma das causas de uma crise de poder?**

Sim. Acredito que sim. Eu escuto algumas que não querem ser superiores porque as Irmãs não obedecem mais e eu penso que nem tanto nem tão pouco. Acho que a

comunidade, a fraternidade hoje é muito mais dialógica e é muito mais participativa, dividida. Acho que é necessário sim, alguém que coordene a comunidade. Seja ela chamada de superiora, coordenadora, qualquer denominação que seja, não é? Eu acho que a comunidade, pra viver bem, precisa de uma pessoa que una, que faça uma articulação e que saiba compartilhar. Mas também é necessário ouvir as outras. Saber tirar proveito das colaborações, e na maioria das vezes, as outras estão mais certas. Então, ponderar as opiniões é uma coisa difícil, mas é possível. É o bom senso agindo sempre!

**Então, encontrando uma Irmã que vai ser superiora, antes de ela assumir, em função desse mundo contemporâneo, que conselhos você daria?**

Em certa ocasião, eu escutei uma frase que não sei de quem é a autoria, dizendo que uma superiora não pode ser muito santa, para entender os que não são santos; não pode ser muito saudável para entender os que não são saudáveis; não pode ser muito sábia para entender aqueles que também não são tão sábios. A frase não é exatamente assim, mas é mais ou menos isso, e eu acho muito sábio da parte de quem disse. Não que você, pra entender o outro precise disso. Mas você precisa entender que nem todo mundo é igual a você. Não existe clonagem e nem todo mundo é perfeito como eu não sou e ninguém é. Então, o segredo ou o recadinho que eu diria pra alguém que vai começar nessa vida seria assim: veja o que diz as Constituições, o que dizem os documentos da Igreja a respeito do papel no serviço da autoridade que, inclusive, há um documento recente sobre isso; converse bastante com a comunidade; escute o que a comunidade diz, o que a comunidade precisa e entregue a Deus. Peça a Ele para iluminar. Confie! Acho que ser amável com os demais é muito importante e, também não precisa estar fingindo não. Não vou engolir todo mundo, mas se estou chateada porque já disse à comunidade mil vezes que não deixasse essa porta aberta e a porta continua aberta, vou, sim, dizer que estou chateada. É um caso bem simples, mas exemplifica o que em toda comunidade acontece. Quando eu ando por aí afora, na minha e em outras congregações, um dos problemas é a porta que dever estar fechada e continua aberta e outro é o das chaves que devem estar num lugar e estão em outro que ninguém sabe onde é.

**Agradeço a sua colaboração e pergunto se gostaria de acrescentar alguma coisa que você acha importante e não tratamos até agora.**

O que eu acho importante colocar aqui, em relação à última pergunta que você fez, é tentar manter a comunidade unida. Unida na oração, unida nos estudos. Eu diria que é o segredo pra viver uma boa vida de comunidade porque quando há divisão na comunidade a coisa não funciona. Você pode achar que está abafando, mas não está.

XXXXXXXXXX, 16 de março de 2021.

Conferido, autorizo publicação

---

#### *Entrevistada 4*

### **Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Rosa

**Idade:** 81 anos

**Tempo de superiorato:** 18 anos

**Instrução:** ensino médio

**Data:** 08 de outubro de 2020

#### **Como foi sua trajetória religiosa? Como você chegou a ser religiosa?**

No primeiro momento, quando fui participar de uma missa na cidade onde eu morava, vi uma Irmã e quando vi aquela freira eu pensei: Eu vou querer ser freira como essa freira. Chegando em casa falei para a minha mãe. Ela não gostou muito, não simpatizou com essa história, mas como eu era criança... aí eu fui crescendo com essa ideia e fui ser catequista, sendo acompanhada pela superiora. Conversando com minha irmã mais velha ela disse que achava bom eu estudar no colégio das Irmãs Franciscanas porque a Congregação daquela Irmã que me atraiu não tinha colégio onde eu morava. As Irmãs Franciscanas ficaram sabendo da minha vontade de ser freira, mas foram muito compreensivas comigo, me acolhendo mesmo sabendo que era em outra Congregação que eu queria entrar. Quando chegou o tempo falei com a Provincial e entrei na candidatura. Me senti muito bem no ambiente. No noviciado, minha turma era muito alegre, muito amiga, e havia ajuda mútua nos trabalhos que tínhamos que fazer. No segundo ano de noviça fui transferida e comecei a fazer o curso pedagógico. Nessa caminhada eu observava muito o jeito de ser das Irmãs, o jeito de ser da superiora e eu ia vendo se eu realmente tinha condição de viver aquilo que as outras estavam vivendo. E... fui achando que dava, e procurava realmente me esforçar. Antes de entrar no convento eu li três vezes o livro da vida da fundadora. Então, eu sabia dos seus ideais e procurava fazer uma associação em certos momentos do espírito da fundadora com aquele que a gente estava vivendo. Eu estava disposta a fazer minha profissão de pobreza, castidade e obediência. Por 5 anos renovei meus votos. Em cada casa, em cada comunidade, eu me dava muito bem com as Irmãs. Gostava de conviver com elas e também no relacionamento com as pessoas... com os pais dos alunos. Fiz minha profissão perpétua depois desses 5 anos e continuei minha caminhada. Um dia a superiora Provincial me chamou e disse que precisava de mim para assumir a comunidade e a direção de uma escola. Me aconselhou a ter cuidado na forma de me expressar porque eu era um tanto intransigente, no jeito de falar. É porque eu tenho uma tendência ao perfeccionismo e isso era, e é ainda algo que preciso ser vigilante.

#### **Como se deu esse processo de formação para chegar a exercer essa missão de superiora?**

Depois de alguns anos, recebemos a visita da Madre Geral e com ela mantive um certo contato sem perceber que ela observava meu jeito de ser. Alguns meses depois que ela voltou recebi dela uma solicitação para assumir um serviço como superiora

Provincial. Para mim isso foi... eu não esperava nunca, porque eu sabia que pela sondagem, na relação enviada pra ela escolher, estava o nome de outras Irmãs fortes. Pensei que era uma coisa demais, mas como sempre, me voltei para a oração porque eu acho que toda decisão deve ser antecipada pela oração. Passei uma manhã numa casa a mesma área, onde tinha o Santíssimo Sacramento e à tarde eu mandei o telegrama dando o meu sim. Eu assumi porque quando estávamos naquele clima de sondagem as Irmãs, tanto pessoalmente como através de telefone, ficavam dizendo: “se você for consultada, aceite!”. Quando estava rezando parecia ouvir as Irmãs pedindo: “Aceite!”. Então, eu não contei com as minhas capacidades e me apeguei ao que disse São Paulo: “tudo posso naquele que me dá força”. Encontrei muita ajuda das Irmãs. Certamente algumas não acharam bom, mas eu pelo menos, sentia que a maioria estava comigo. Foi um tempo em que tentei servir com aquele lema: “comunhão e participação”. Tive um Conselho Provincial muito bom, com muita partilha e com a graça de Deus, cheguei ao fim, embora cansada.

### **Como superiora, que metas você tinha no desempenho dessa missão?**

Como falei anteriormente, minha meta era “comunhão e participação”.

### **Quais foram os maiores desafios a serem enfrentados?**

Os maiores desafios enfrentados foram as diferenças. Diferença das Irmãs. Cada uma vem de um mundo completamente diferente, e é um desafio estar atenta às diferenças para saber agir bem. Além da educação familiar, que é básica, tem a formação profissional... encontrei uma situação numa das escolas onde a secretária queria o resultado das notas e que eu desse um jeito na outra Irmã que era professora e demorava a corrigir e entregar as notas dos alunos. Ela não ia para a Irmã. Vinha pra mim. Por mais que eu conversasse com a Irmã, às vezes eu não conseguia convencê-la.

### **Faltou, em algum momento, a motivação necessária para o desempenho das suas atribuições como superiora?**

Faltou motivação como diretora. Como superiora não, porque eu tinha muita ajuda da comunidade. Os encontros que havia na Província, as reuniões que se fazia. Procurávamos colocar em prática o que era estudado.

### **A que você atribui ter superado as dificuldades?**

O que me ajudou nos desafios é que sempre fui mais direcionada ao estudo teológico. Nesses encontros semanais com a comunidade era um estudo de verdade. A gente estudava os documentos da Igreja e tudo isso ajudava as Irmãs como me ajudava também porque elas estando informadas já era um motivo para colocar em prática o que havíamos estudado. Para vencer os desafios da própria convivência eu buscava meios de me preparar e fazia isso com leituras e estudos que eu mesma encontrava. Uma coisa muito importante também é saber cuidar como o pastor cuida do rebanho. É ir ao encontro daquela que a gente está sentindo que está mais fraca. Então, ela se sente ajudada. Isso traz um relacionamento muito positivo.

### **As normas adotadas pela sua Congregação são muito exigentes, difíceis de serem seguidas? Estão claras?**

Não! Não acho tão exigentes. Não são complicadas. O problema é que, para algumas pessoas, é difícil porque elas têm dificuldade de pôr em prática.

### **Ajudam a conduzir nos momentos mais difíceis?**

Ajudaram sim, em alguns momentos.

### **O fato dessas normas precisarem de aprovação da hierarquia masculina incomoda?**

Nosso trabalho é feito com seriedade, mas como nós somos Igreja e a Igreja é hierárquica... uma vez eu participei de um Capítulo Geral para aprovação das Constituições e depois de todo um trabalho sério, tivemos que esperar um tempo para Sagrada Congregação aprovar. A gente sabia que tinha que ser assim, a gente nem se dava conta. Talvez hoje seja diferente. É uma situação em que a gente tem que se acomodar. Não é que seja agradável, não é que seja como gostaríamos, mas pela obediência, pela submissão se aceita. Deveria ter mulher na hierarquia. Não diria que seria bom. Digo que deveria ter, ali, a experiência de quem é mulher.

### **Você sentiu-se, realizada como superiora?**

Às vezes. As minhas limitações me traziam um estado assim de insatisfação porque eu não me sentia preparada. Claro que fazia tudo contando com a ajuda divina. Em alguns momentos estava realizada, mas em outros momentos faltava alguma coisa.

### **De que forma a comunidade lhe ajudou ou dificultou?**

A maioria da comunidade ajudou. Tive apoio. Agora... alguns elementos como eu já falei, do caso da secretária e da professora, e outros pequenos casos também, me trouxeram dificuldades, mas a ajuda foi maior do que as falhas.

### **Você percebia, entre as lideradas, um sentimento de pertença, de comprometimento com o bem comum?**

Agora, nesse tempo atual, não sinto muito esse sentimento de pertença. Algumas Irmãs apresentam... outras não.

### **Se fosse ser superiora agora, como seria pra você?**

Ah! Hoje eu não seria, não! Rsr rsrs não dava mais! É a questão das subjetividades. Sou muito exigente. Se tenho que fazer uma coisa, tenho que fazer e fazer bem. E a gente sente... eu atribuo, em parte, à formação na família, à formação da pessoa. A Irmã entra para a vida religiosa, mas tem muita coisa ainda a ser trabalhada. Que deveria ter sido trabalhada na família, mas não foi. Não soube vivenciar a autoridade em casa e no convento fica difícil. Até mesmo o jeito de se ter autoridade hoje está muito diferente do tempo em que eu entrei. Muito diferente! Porque naquela época a gente, em certos momentos, podia se impor. A superiora podia se impor. E hoje, me parece, as superiores têm medo de se impor. Temem... Aí, o que acontece? Fica desagradável.

### **O esforço despendido para um bom desempenho, como superiora, trouxe, para você, complicações de saúde?**

Como superiora... alguma coisa. Talvez, por causa do meu temperamento, querendo tudo muito direito e nem sempre a gente consegue. Isso mexe com a pessoa.

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua Congregação?**

Estou encontrando dificuldade para responder isso. Primeiro, acho que deve ser uma pessoa de muito conhecimento, de um ótimo relacionamento com as Irmãs... que se relacione bem. Que seja uma pessoa interessada pela necessidade dos outros. Principalmente daquelas que estão mais limitadas. Algumas Irmãs ainda conversam comigo mesmo eu não sendo mais superiora Local ou Provincial, e reclamam da falta de interesse de algumas superiores no sentido de dar atenção. Essa é uma missão da superiora. Quando a superiora é também a diretora da escola, eu percebo que deixa muito a desejar porque a superiora deve estar com e para as Irmãs. Atualmente a situação da Província é muito precária para encontrar Irmãs para esse serviço. Essa questão não foi muito bem pensada antes.

**Se uma pessoa estivesse pra ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Além da convivência que não deixa de ser uma experiência muito rica, eu aconselharia a procurar fontes de estudo que hoje a gente encontra em muitos documentos, manuais e até nos próprios meios de comunicação. Aqueles que servem para os leigos que vão assumir uma liderança, podem servir também como um meio para trabalhar com as Irmãs.

XXXXXXX, 08 de outubro de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 5*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Amarílis

**Idade:** 87 anos

**Tempo de superiorato:** 13 anos

**Instrução:** ensino médio

**Data:** 09 de outubro de 2020

### **Como foi sua trajetória religiosa? Como você chegou a ser religiosa?**

Eu acho que acentuou mais quando eu fui para o internato porque eu já tinha uma irmã que era religiosa nas Damas Cristãs e aí lá, no internato, com o acompanhamento do bispo local e a convivência com as freiras, então me decidi.

### **Como se deu esse processo de formação para chegar a exercer a missão de superiora? Houve alguma preparação?**

Eu fui superiora por 19 anos. Foi mais por necessidade da Província.

### **Mas houve alguma preparação pra isso?**

Não houve, não. Depois, sim. Aconteceram alguns encontros de superioras, mas não eram estruturados. Nunca foi.

### **Como superiora, que metas você tinha no desempenho dessa missão?**

Eu sempre gostei de comunidade com muita paz, que todas se sentissem bem, que todas fossem bem atendidas em suas necessidades e ter uma convivência tranquila porque eu vinha de um lar tranquilo. E na Congregação eu queria também encontrar aquela tranquilidade. Não digo que eu tenha encontrado sempre, mas eu primava muito pela paz na comunidade. A meta era essa: paz na comunidade.

### **Quais foram os maiores desafios a serem enfrentados?**

Não foi trabalho nem responsabilidades assumidas. Foram as diferenças de comportamento. O maior desafio foi a convivência com certas Irmãs.

### **De onde tirou força pra superar isso?**

Ah! Na oração e na convivência com aquelas Irmãs que me davam apoio.

### **Faltou, em algum momento, a motivação necessária para o desempenho das suas atribuições como superiora?**

Sim, mas encontrava força na comunidade, também.

### **As normas, o regulamento, adotado pela sua Congregação são muito exigentes, difíceis de serem seguidas? Estão claras?**

Não, não acho exigentes. São claras. Você, quando se decide seguir um estado de vida você vai enfrentar o que vier.

### **Nessas normas você encontrava uma ajuda pra resolver essas situações?**

Sim. Se precisasse eu tinha a quem recorrer.

### **O fato dessas normas precisarem de aprovação da hierarquia masculina incomoda?**

Não, porque eu acho que quando vai para a parte canônica é uma coisa bem mais da Igreja. Não é alguma coisa que uma pessoa esteja impondo.

**Você se sentiu realizada como superiora? De que forma a comunidade lhe ajudou ou dificultou?**

Mais ou menos. Havia dificuldades, mas eram superadas.

**Você percebia, entre as lideradas, um sentimento de pertença, de comprometimento com o bem comum?**

Sentia. Existiam falhas, mas de modo geral assumiam com responsabilidade.

**A superiora, hoje em dia, tem dificuldade para exercer essa função, com a divergência entre o pessoal antigo e o novo, com estilo de vida diferente em termos de autonomia, liberdade?**

Eu acho que elas enfrentam.

**Você acha que atualmente, existe uma crise de poder?**

Existe! Existe sim. Porque a gente vê a independência, não é? Tem uma que faz isso, faz aquilo e não está nem aí. É muito comum. A gente vê que umas têm mais liberdade... quer dizer, umas se tornam muito mais avançadas, mais libertas do que outras. Algumas ainda ficam muito naquela dependência. Poucas, mas... é outra visão hoje, não é? Eu acho. Coisas que a gente não fazia por isso, por aquilo e elas hoje fazem...

**Difícil para as antigas entenderem as novas?**

Em certos momentos, é.

**Difícil para novas entenderem as antigas?**

Também. Mas, tem novas muito boas, por exemplo, aqui não tenho dificuldade nenhuma com as novas. Eu sinto que elas têm muita confiança, conversam, tiram brincadeiras...

Há casos em que a superiora cobra muito, quer saber muito... quer saber de tudo... por exemplo, se eu chego um pouco atrasada na capela ela quer saber onde eu estava... precisa perguntar? Eu? Já uma velha? Não precisa, não é? Se atrasei foi por algum motivo justo. Não é por leviandade, por desinteresse, até porque hoje a minha vida de oração é muito melhor porque agora eu tenho tempo. Antigamente, lá na outra comunidade eu não tinha tanto tempo, era barra pesada. Eu tinha que resolver muita coisa desde a portaria até o fim da casa. Meu tempo de oração era muito sacrificado.

**Estávamos falando de crise. Então, existe, na verdade uma crise de poder. Crise de poder e obediência. Tanto difícil para quem manda porque quem manda também obedece...**

É, só que às vezes, quem manda tem um poder tão forte e... para governar bem não precisa ter tanta dureza.

**Mas você acha que ainda existe isso?**

Eu acho que existe em alguns casos.

**Mas esse tipo de comportamento, vamos dizer assim, não é que seja o normal. É questão da pessoa?**

É... da pessoa. Não é o normal, não. Acho que é pelo jeito de ser de certas pessoas.

**O esforço despendido para um bom desempenho, como superiora, trouxe, para você, complicações de saúde?**

Não!

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa para esse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua Congregação?**

Eu acho que deve ser uma pessoa que entenda o velho e o novo. O antigo e o novo. E outra coisa que eu acho é que, às vezes, por exemplo, eu gosto disso e então porque eu gosto, eu faço pra todo mundo. Não! Ela deve respeitar cada pessoa individualmente. É difícil? É! Mas é a função dela como superiora. É ver o estilo de cada uma. Não botar uma norma para todas. E, para governar bem ela deve ver cada indivíduo como cada indivíduo é.

**Você acha que a Província tem responsabilidade sobre isso? Preparar as pessoas?**

Ela deve preparar. Tem responsabilidade para preparar.

**Mas, acha que prepara?**

Não sei lhe dizer.

**Se uma pessoa estivesse pra ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Que olhasse a comunidade como um todo. Olhando as antigas e as novas e tirasse aí uma média para poder dar conta do recado.

**Agradeço sua colaboração. Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Não... só que, é preciso, para uma superiora, se preocupar com a convivência na comunidade. Estar com as antigas e as novas e ver com mais carinho aquelas doentes, as que têm problema sério de saúde porque às vezes não veem.

XXXXXXXXXXXXXI, 09 de outubro de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 6*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Violeta

**Idade:** 77 anos

**Tempo de superiorato:** 15 anos

**Instrução:** graduação universitária

**Data:** 21 de agosto de 2020

**Como foi sua trajetória religiosa? Fale um pouco sobre como foi sua formação em geral e como você chegou a ser religiosa.**

Eu entrei para o convento no terceiro científico e depois fiz a faculdade de matemática já como religiosa. Fiz também alguns cursos de religião como iniciação teológica e li muito sobre religião e a formação.

Em casa não se tinha religião nenhuma. Meus pais são católicos. Católicos porque batizavam os filhos, fazíamos a primeira comunhão e éramos crismados. Não tinha missa. Tinha a novena, essas coisas que se costuma participar no interior porque a gente morava no interior. Quando eu fui fazer a primeira comunhão a preparação era decorar as orações. E isso era fácil. Eu tinha facilidade. Comecei a estudar com minha mãe, e na escola do interior até o quarto ano. Do quarto ano em diante foi no colégio. Depois que eu comecei a estudar no colégio é que eu fui conhecer um pouco mais de religião. A vocação religiosa veio quando eu cheguei no colégio. Não tive conhecimento antes de como era ser religiosa, nunca havia tido informação sobre isso, alguém falando sobre isso. A única coisa que vi quando eu era criança, eu tinha sete anos pra oito, nas aulas de catequese e uma catequista falou assim: “essa menina dava para ser freira”. Ela já era bem idosa, e eu me lembro muito bem. Mas eu também não sabia o que era isso. Era pequenininha e, depois, quando eu entrei no colégio, eu comecei a ver as Irmãs, e fiquei me lembrando do que era “essa menina dava para ser freira”, e eu me senti muito bem ali. E era ali que eu queria ficar e aqui estou até agora.

**Como se deu esse processo de formação para chegar a exercer essa missão e função de superiora?**

Não havia. Ninguém tinha formação para assumir a vida na função de superiora. A gente era escolhida pelas provinciais que mandavam e a gente obedecia. Agora estão sendo preparadas, fazendo cursos. São cursos de dois meses intensivos para se prepararem para as funções de liderança como superiora.

**Essa mudança foi uma das solicitadas pelo concílio Vaticano, mas parece que começou a pouco tempo, não?**

Já faz uns seis anos. Na nossa província, dois grupos já foram mandados para fazer essa preparação de liderança, lá em Brasília. Há outros cursos que a nossa provincial proporcionou na área de liderança.

**Você acha que, com essa preparação, melhorou?**

Eu não vi a atividade de cada uma. A primeira vez que estão na função depois do curso é no momento atual. Mas como pessoa, eu acho que vai muito do temperamento e do caráter que a Irmã recebeu da família, da formação que recebeu em casa. Depende muito do que a pessoa é, muito mais do que a pessoa sabe. Por exemplo, eu fiz também curso para formação, quer dizer, de formadoras. Mas, foi um curso que era de muita teoria. Na prática é bem diferente. É como fazer a faculdade e ensinar. Só se vai aprender alguma coisa de verdade, do que se vê na faculdade, quando se ensina. Sabemos que é assim mesmo, não é?

**Esse curso, essa preparação, atende mais a parte humana ou entra a parte espiritual?**

As duas. Tem parte humana e também espiritual. Leituras são recomendadas, com trabalhos que se faz em casa.

**Vimos que nesse processo, para ser superiora não houve preparação. Neste caso, você acha que conseguiu desenvolver esse trabalho por intuição ou ...**

Por estar num lugar, mandada por alguém, por obediência, porque o que eu sempre procurei foi trabalhar a minha própria pessoa. Eu gosto muito de me colocar no lugar do outro, de pensar como é que eu faria no lugar do outro.... Então, isso foi o que muito me ajudou. Eu quebrei a cabeça muitas vezes, mas muitas vezes eu me sai melhor por isso. Na compreensão, na procura de escutar o outro, porque eu gosto de escutar e também eu gosto de agir não escutando só uma pessoa, de escutar só um lado.

**Você disse que não foi por intuição, foi por obediência. Então eu pergunto: como superiora, a pessoa, entre o mandar e o obedecer, o que ela faz mais? Ela manda mais ou obedece mais?**

Acho que obedece mais. Eu nunca fui de mandar. Eu fui muito de pedir, muito de compreender procurando, neste sentido, por isso é que eu nunca fui de brigar com ninguém. Tive dificuldade internamente, mas chegar a agredir alguém, ou ser agredida por alguém, isso foi muito difícil de acontecer. Muito raro. Se aconteceu nem me lembro.

**Se você acha que obedece mais, obedece a que ou a quem? A superiora deve obediência maior a quem? A quem ou a quem ela obedece?**

Para mim, é ao próprio Deus. Você está tratando de uma questão que eu sempre vi como uma coisa que é um trabalho de Deus e não um trabalho só das pessoas. Eu procuro ter a relação entre fé e vida em todo trabalho que faço, não

somente na função de superiora. Em tudo que faço, sempre tenho presente a fé. Obedeço a Deus. E eu via essa parte também, nas minhas superiores, nas provinciais, em quem me mandava para o trabalho. E eu confiei em Deus! Não confiava muito nelas não, porque a gente não pode confiar só nas pessoas.

**Neste sentido, se é obedecer a Deus e Deus é um ser, uma energia, um ser invisível, Ele é representado... Na verdade a gente vê o que é palpável. Que tipo de representação de Deus fez esse seu obedecer? Através de que?**

Eu não vejo muito esse negócio de Deus como uma energia. Deus, como uma coisa importante lá fora. Vejo um Deus que está dentro de mim, um Deus que age em mim, que me escuta, que está presente. Eu vejo assim. Sei que quando comecei como superiora via muito menos isso! Mas com o crescimento de muitos anos... já tenho 77 anos e já vou fazer 78 no mês que entra. Então, depois que deixei essa função, já estou revendo minha própria vida, quer dizer, nunca deixei de crescer, né? Nunca deixei de rever. Vejo que cresci muito no trato com as Irmãs, no trato com as situações. Cresci muito mais do que fiz crescer. Pelo menos, sei que Deus age em cada uma também. Age em mim, é claro! Mas, acho que foi uma experiência que foi positiva para mim. Muito positiva. Faço minhas orações e sei que não estou rezando para alguém que está lá fora escutando. Estou rezando para alguém que está rezando comigo, está vendo as coisas comigo. A oração é uma ação pessoal.

**A oração traz a presença de Deus, e O representa?**

Não representa, mas faz sentir a presença d'Ele ali, porque sinto a presença de Deus ali, de verdade, na oração.

**E nas celebrações?**

Nas celebrações também. A Eucaristia, as missas, as orações litúrgicas... todas falam muito alto para mim. Têm muita força. E hoje posso escutar as pessoas e dizer alguma coisa que também as ajuda e a mim também. A gente investe na fé quando se fala com a outra pessoa sobre a própria fé. Quanto mais se fala, mais nos fortalecemos. A oração não atinge somente a mim ou ao ambiente em que estou, mas vai até o final do mundo porque a força que é da oração não é uma força minha, não é uma força só daquela pessoa, mas a força de alguém que abraça todo o mundo, ou seja, do próprio Deus. Gosto muito de comparar duas coisas finitas mas, que pra mim, sabe... é o mar como Deus e eu como um copo de água do mar. Perto do mar. Então eu vejo o meu tamanho e o tamanho de Deus e. Deus é muito maior do que o mar. E eu, apenas um copo d'água. Mas assim mesmo está acontecendo, formando uma coisa só pra o mundo inteiro. E isso me dá uma força muito grande. Acho linda a vida da religiosa, a vida com Deus, porque vale a pena!

**Como superiora, quais são (ou foram) os maiores desafios a serem enfrentados?**

Foi ver cada pessoa como ela é. Cada pessoa é um mundo diferente. É importante ver na realidade como é a pessoa, como foi essa pessoa, sua história, por causa das dificuldades que estão acontecendo, porque isso, porque aquilo, e só Deus sabe o porquê das coisas.

É aí que se tem a maior dificuldade. Cada vez que eu ia falar com uma pessoa, que eu ia enfrentar uma situação, eu tinha que pensar primeiro nisso. Essa pessoa é alguém que está com dificuldade, mas tem coisas positivas e que eu preciso corresponder a isso na minha fé, diante de Deus. Não quero machucar a pessoa. Nem sempre a gente pensa assim de forma consciente, mas eu sempre quis procurar fazer isso com os outros. Agora, às vezes surge uma coisa ou outra que na hora a gente não está pensando e por estar cansada pode-se responder mal. Também, se já tive ocasião de responder mal a uma pessoa depois eu peço desculpas. Graças a Deus não tenho dificuldade de perdoar ou pedir perdão.

**Você diz que, como superiora, importante era cuidar das outras, olhar as outras como um ser que é diferenciado, que deve ser respeitado, mas acontece de, às vezes, a superiora ter outras atividades e ficar sem tempo suficiente. Houve essa dificuldade? Teve que dividir seu tempo?**

Houve. Muitas vezes eu precisava conversar com pessoas ou elas procuravam falar comigo também. Tinha que ter tempo, também, para leitura. Sempre comprava livros de psicologia, livros voltados para o humano para se poder crescer no conhecimento das coisas, para entender melhor o outro. Eu lia o mundo de livros que podia. Ao menos um pouquinho a cada dia porque as leituras me ajudaram muito. Além da oração foram as leituras que me ajudaram para entender muitas situações.

**Às vezes a superiora era diretora da escola ou dava aulas, não?**

Eu dava aulas, mas minhas aulas eram mais, quando não era superiora. Eu tinha mais tempo. E também outra coisa que, normalmente é difícil, é quando há diretora e superiora. Uma e outra, se não forem de procurar ter uma convivência boa, ter empatia, há uma dificuldade grande. Essa dificuldade eu não tive, graças a Deus.

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua Congregação?**

Primeiro eu acho que ela precisa conhecer as coisas da Congregação, o seu projeto missionário. Como é a Congregação... se dar para a Congregação... se interessar pelas coisas da Congregação. Conhecer a vida da Madre fundadora, quais foram os ensinamentos dela. Primeiro tem que ter conhecimento disso direitinho. Refletir e procurar colocar isso na sua própria vida. Aí, se ela fizer isso... eu fiz, mas ainda ficou muita lacuna.

**Me parece que a fundadora dessa Congregação estava muito à frente do seu tempo, não?**

Correto. Há outras Congregações que parecem estar díspares, antagônicas, entre o mundo de hoje e o tempo da fundação. A nossa precisa se ajustar com esse *aggiornamento*, mas o que é do começo nunca precisa. É como a própria Bíblia, a própria Sagrada Escritura, a própria fé, a própria religião. O fundamento não muda, o fundamento é o mesmo. As raízes... ali não se pode mudar, apenas vai tornar presente, no modo do tempo presente. Mas as raízes têm que permanecer.

**Houve alguma coisa que você, como superiora, precisou pedir, solicitar das Irmãs, mas você pediu porque fazia parte do contexto? Pelo seu entendimento você não solicitaria?**

Não, acho que não, porque os fundamentos são o carisma da Congregação, são os ensinamentos primeiros da Madre. A espiritualidade da nossa forma de vida, está nos evangelhos. Isso eu nunca questionei. Bispos ou escritores que mostraram várias outras modalidades, um novo modo ver uma outra coisa, isso eu nunca aprofundi, nunca procurei ir por lá, não. Sempre fico com as coisas que vêm das raízes, as coisas da Bíblia, as coisas de Deus. As coisas dos homens vão passando porque tudo isso passa e as raízes ficam. Eu não sou muito de questionar essas coisas. Eu fico muito na minha, nesse sentido. Isso não vem mexer com a minha pessoa nem vai mexer com as coisas de Deus por onde eu ando, por onde eu falo. Ai, isso daí não me incomoda. Deixo passar!

**Se uma pessoa estivesse para ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Que ela procure se preparar como pessoa, que procure se trabalhar, ser especialmente humilde, com muita fé. Se ela tiver muita fé, olhar para Jesus de verdade, ela passa por tudo isso sem se queimar e sem fazer nada de mal a ninguém. Procurar fazer sempre o bem para o outro, mesmo quando o outro sentir que não é isso, mas Deus trabalha na pessoa que procura fazer o que Ele quer.

**Você é, ou sentiu-se realizada como superiora? Se sim, qual a sua maior realização como superiora?**

Como superiora, nunca me senti nem realizada nem com essas coisas todas. Eu me senti sempre como pessoa. Esse negócio de superiora pra mim, foi sempre uma palavra que não me fez ser mais do que a minha pessoa. Eu sempre fui eu. Nada mais do que isso. Não procurei agir como superiora, como uma mãe que vai cuidar da filha. Não... cada uma das Irmãs é uma minha irmã e eu estou aqui para ajudá-la e também ser ajudada por ela. Apenas tenho essa função porque precisa ter alguém que lidere.

Essa sua pergunta sobre a maior realização como superiora, eu diria que cresci muito como Irmã, por ter essa função. Isso aconteceu. Porque, como Irmã, com esse nome, me senti com mais responsabilidade de ajudar do que de ser ajudada. Cada Irmã ajuda a superiora, mais do que ela pensa. Cada convivência, cada ato, cada coisa... a gente vive numa escola muito bonita na comunidade. Para mim, pelo menos, a vida de comunidade é uma coisa linda. Tem muita coisa de alguém que magoa, alguém que se estressa, qualquer coisa negativa assim, mas as coisas positivas são em quantidade e, em qualidade, muito maiores e nos acrescentam.

**Onde você encontra força para superar essas coisas?**

Na oração. Na oração e no silêncio, na conversa com o outro, na compreensão. Às vezes, leituras. Tudo isso pode ajudar a gente a superar. Mas, a oração é o que faz mais porque é o próprio Deus que está com a gente. Ajuda a toda hora... A oração é a base de tudo. Acho que seja. Olhar para Jesus... isso é uma coisa muito importante para mim. Procurar vê-lo nos outros... Nem sempre eu vejo, mas é uma coisa que eu

vou procurar fazer até o final da minha vida. Fazendo, a gente cresce muito mais e, vai sendo realizada como pessoa. Graças a Deus, já passei por alguns problemas na minha vida, e pode acontecer ainda muitas coisas negativas de quedas, de desacertos, mas a gente se levanta e fica muito mais forte e mais feliz.

**Você acha que os símbolos que existem na nossa igreja, na nossa religião ajudam, fortalecem, como por exemplo os sacramentos, a bíblia?**

Claro! Dá a força que a gente vai procurando a cada dia... Aí estão os símbolos como você diz: a oração, os sacramentos todos e também uma parte que acho muito importante na nossa vida que pode parecer bobo mas eu acho importante, é a parte lúdica. Sempre procurei ter uma parte lúdica, uma parte de brincadeiras, uma parte de alegrar o ambiente, de deixar as coisas com alegria, de contar anedotas. Essas coisas eu sempre gostei. Contar historinhas para descontrair. Isso foi uma coisa que muito procurei fazer na minha vida e incentivar outras também, para isso. Às vezes, há um bocado de situações negativas que acontecem, e me lembro das parábolas de Jesus e de outras historinhas que também dão pra contar.

**Essa parte lúdica, você acha que na vida do dia a dia são trabalhadas para a Irmã aprender ou ela tem que descobrir sozinha, esse valor?**

Eu não sei nem responder. Sei que vendo a situação que está acontecendo se conta uma história, conta uma brincadeira e as pessoas que estão ali vão aprendendo, assim na convivência. Eu mesmo aprendi muito com meu pai que tinha isso. Ele gostava de contar anedotas, gostava de contar brincadeiras e isso ajudava. Uma coisa que me fez crescer um pouco e gostar muito, quando era criança, foi de acompanhar, sair com meu pai. Ele viajava bastante. Era negociante, viajava com carro de farinha, carro de milho, de feijão, de mandioca, de goma, dessas coisas todas. Dormia nas casas das pessoas noutras cidades, e eu enfrentava tudo com ele. E isso fez eu ir me comunicando com pessoas e em cada lugar que eu estava eu me adaptava... dava certo.

**Na sua opinião, quem conseguia uma atuação melhor? As superiores antigas ou as mais atuais, em função da diferença da formação recebida?**

Eu não olho muito pelo tempo, não. Eu olho muito pela própria pessoa. A formação de hoje dificulta porque essa formação tecnológica, por exemplo, ela leva muito a pessoa a se dispersar de certas coisas como a parte da oração, a parte do trabalho pessoal, da meditação, do tempo de tirar para Deus. Hoje é mais difícil do que era antigamente. Para mim, por exemplo eu tenho que fazer uma força grande pra poder ter a minha hora de oração, meditação de manhã, meditação à noite ou à tarde, de ter a minha leitura diária porque sem isso eu sei que não vou pra frente. Há dia que é difícil. Sei que essas coisas de tecnologia, as coisas do mundo de hoje dificultam, até para as pessoas que são jovens.

**É, essa tecnologia atrapalha um pouco seguir as normas, o convívio e pode trazer incompatibilidades gerando crise de relacionamentos entre o poder da líder e a obediência na comunidade. Você acha que existe, atualmente, crise nesse sentido?**

Essa crise, não é questão de tempo, não. Depende da pessoa. Sempre houve e sempre vai haver porque esse negócio de querer ter poder, isso é uma praga terrível. Se a pessoa não ficar muito na humildade, não mudar e ter fé em Deus, isso atrapalha a vida das pessoas, mesmo. Quem está no poder pode se apossar e pode querer ser a dona da coisa. Porque a gente está para servir e não para mandar. Eu vejo assim. Por isso que a parte da escuta, pra mim, é uma das coisas mais importantes da superiora para procurar entender o outro no lugar dele, como ele está.

### **Uma superiora mais nova tem mais dificuldade de servir? Ela tem mais tendência a mandar?**

Aí vai depender mais de onde ela veio. Porque as coisas da gente, vem de pai e mãe. Vem de casa. Se em casa ela tinha a possibilidade de aprender, se desenvolver, vai ajudar. Mas quando a pessoa tem dificuldade, por exemplo, se não tiver limites em casa, se não tiver orientação em casa, dificulta para a pessoa.

### **Como fazer para ajudar essas Irmãs? Trabalhar as subjetividades?**

Eu não posso mudar ninguém. Eu posso dizer alguma coisa ou o outro ver em mim e ir aprendendo. Eu posso dizer alguma coisa para o outro e o outro escutar e fazer em si. Porque você sabe que a gente não muda ninguém. Você tem a experiência que eu também tenho. A gente só pode mudar a gente mesmo. Ao outro, podemos dizer alguma coisa dependendo do que o outro vai falando da própria vida. Por isso que, escutar o outro é o modo mais importante de você ensinar alguma coisa a ele. Você vai dizendo o que você pensa, com o que você já escutou, o que você viu, o que você é, e o outro vai escutando e ele tem a possibilidade de pegar. Não se pode trabalhar o outro. Trabalha-se a si mesmo. Pode-se, apenas, dar o exemplo. E outra coisa, essa confiança em Deus, na nossa vida, no tempo passado, no tempo presente, no tempo futuro é importante para cada um. Se ficar bem firme nessa presença de Deus na gente, que Ele pode nos ajudar a levantar e, como disse, ter os olhos fixos em Jesus Cristo, se fizer isso, é muito mais fácil passar por cima das coisas. E uma coisa que eu acho importante nas pessoas que se trabalham, é ter uma palavra de Jesus para lembrar quando está com dificuldade. Por exemplo, quando Jesus estava indo ao encontro da barca, lá no mar da Galileia... Se pegar uma situação dessas e procurar ver Jesus dizendo VEM! E a pessoa vai... tudo passa, tudo permanece na calma, tudo fica bem. Porque quando Ele chega, isso ajuda a qualquer ente, por pior que ele seja e vai pra frente.

### **Agradeço a sua colaboração, mas você ainda teria alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de acrescentar?**

Eu diria a cada uma que vai ser superiora, que ela receba, realmente, cursos. Que faça... participe de encontros e que ela procure fazer leituras de livros bons neste sentido, porque existem muitos. Eu me senti muito ajudada humanamente, fazendo isso. E outra coisa também é trabalhar a si mesma no próprio caráter. Não mentir, fazer com que os outros tenham confiança em nós, escutar o outro sem atrapalhar. Nunca agir com o outro só porque escutou de um lado. Escutar sempre o outro lado. Por mais que seja difícil. Essas coisas ajudam a ser justa. E a fé, a oração, a confiança em Deus, olhar para Jesus e tentar ver Ele, também nas pessoas. Por pior que veja

as pessoas, isso vai ajudando, não só a ser superiora, mas a ser uma pessoa, a ser gente.

XXXXXXXX, 21 de agosto de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 7*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Clívia

**Idade:** 67 anos

**Tempo de superiorato:** 12 anos

**Instrução:** Pós graduação universitária

**Data:** 21 de agosto de 2020

**Como foi sua trajetória religiosa? Fale um pouco sobre como foi sua formação em geral e como você chegou a ser religiosa.**

Na minha trajetória religiosa, eu diria que o primeiro lugar onde a gente ouve falar de Deus e cria os primeiros conceitos de Deus, onde forma os conceitos de Deus é na família e foi lá que realmente eu ouvi falar de Deus de uma forma bonita que eu até gosto de me lembrar. Porque minha família é de tradição evangélica e eu era acostumada a ver minha mãe ali dentro daquele coro da igreja cantando. Então, foram momentos assim que aos meus olhos e meus ouvidos, de coisa bonita. E daí foi onde eu comecei a formar os primeiros conceitos de Deus. Essa formação, depois, foi se desenvolvendo. Claro que naquela época era muito diferente de hoje em que as crianças tem mil informações e conhece tudo repentinamente. Assim vivi no mundo limitado da minha família até que, quando eu fui pra escola, fui conhecendo outras coisas. A partir do momento que eu conheci a noiva de um tio meu, que estudava na escola de freira, até então eu não sabia o que era freira e nem como era a religião católica, através dela fui adentrando nesse mundo todo novo pra mim e me despertou curiosidade. Tocou meu coração de forma diferente e eu comecei a querer participar também daquilo ali. Na época eu tinha meus 12 ou 13 anos. Não era batizada porque a minha família estava deixando que eu completasse 15 anos para fazer aquele batismo das águas. Eu fui a primeira a mudar a rotina e quebrar os paradigmas da religião da minha casa quando eu pedi para ir me batizar na igreja católica. E fui. Lá fiquei estudando o catecismo. Minha mãe me deu essa liberdade. No início ela não queria. “Não tem ninguém católico na família, você não invente isso aqui, não!” Depois minha avó começou a dizer, “não... mas é falando de Deus. Deixe, deixe ela ir porque é coisa de Deus, não vai fazer mal a ela não”. E eu achei muito bonito porque minha avó era de muita experiência e eu acho, de uma sabedoria nata. Ela não sabia ler nem

escrever, mas tudo que ela dizia, hoje eu lembro e vejo que ela era uma pessoa de muita sabedoria. Ai eu passei a estudar no colégio das Irmãs e fui fazendo amizade com aquele povo, gostando daquela convivência. Quando eu já tinha meus 16, 17 anos, pedi pra fazer uma experiência na vida religiosa, morando com as Irmãs pra ver se descobria se era aquilo ali mesmo que Deus queria de mim, se eu ia me identificar. Chegando, me senti tão atraída por aquilo ali, aquela vida fraterna das Irmãs, eu achei a congregação muito aberta, as Irmãs muito alegres, aquele recreio que elas faziam, todo mundo cantando, rindo, brincando, então aquilo ali me atraiu. E, realmente, quando entrei na congregação, me identifiquei com o carisma, com o trabalho, a missão da congregação que é a educação. E toda essa formação foi crescendo à medida que eu fui me aprofundando, fazendo votos. Depois eu fiz algum cursinho de religião, de catequese. Em geral, essa foi a minha formação.

**Como aconteceu o processo de formação pra chegar a exercer essa função de superiora?**

É... eu também sou do outro século... devo dizer que nunca recebi instruções, preparação, um curso que dissesse: olhe, para ser superiora tem que dar esses passos. A gente foi usando, na prática, aquilo que a gente aprendeu das próprias superiores Gerais e Provinciais, dos estudos que a gente fazia. Então, eu fui tirando a seiva de todos esses ensinamentos. Quais critérios usavam para nomear, eu não sei. Sei que a Irmã achou que eu daria conta e eu topei, me dediquei e fiquei. Entrei de corpo e alma na função.

**O que você acha que levou você a aceitar esse desafio? Porque é um desafio.**

Eu acho que não foi nem tanto só o espiritual. Acho que é o próprio instinto materno na gente. Eu gostava de ficar com as Irmãs, me sentindo aquela pessoa responsável por elas, como uma galinha com os pintinhos... eu me sentia bem, por exemplo, de me reunir com as Irmãs, de fazer alegria a elas, de rezar com elas. Agora, na verdade é um desafio. Um desafio muito grande porque quem se destaca num grupo é visto por todos. Então, todo mundo vê qual o defeito que a pessoa tem, a coisa que deixou de fazer. Esse, eu acho um desafio. Você ter que superar críticas, coisa que existe muito no nosso meio.

**Você acha que as Irmãs acataram bem a maneira de você liderar? Ou você teve dificuldades com isso?**

Eu acho que houve aceitação porque se não houvesse, eu sou meio desconfiada e, no fundo no fundo eu tenho alguma timidez também. Eu não teria tido coragem de levar a frente, me sentindo rejeitada. Até porque eu tenho um temperamento aberto. Às vezes eu me afobava, dizia as coisas, mas daqui a pouco elas sentiam que eu não guardava mágoa, nem ficava chateada com ninguém, não marcava ninguém. E elas demonstravam gostar dessa maneira que eu tenho de querer fazer uma novidade, de me interessar, por exemplo, por uma dificuldade de uma família, de uma coisa, de outra. É coisa assim, muito inata dentro de mim. Eu faço com muita naturalidade e não destaco pessoas. Esse lado meu, eu sentia que, realmente, era uma coisa que fazia a harmonia.

### **Sentia cobrança das Irmãs?**

Também. Isso eu sentia, não vou dizer que não. Até porque eu sendo filha única me dedicava muito a minha mãe. Às vezes eu sentia alguma crítica. Quando, por exemplo, eu ia em casa, trazia minha mãe pra ficar comigo alguns dias. Quando eu tinha que ir em casa porque ela precisava de mim, achavam que eu estava me dedicando muito à família e tem essas coisas que as vezes até choca a gente e entristece, né?

### **Você sentia mais cobranças das Irmãs, das superiores ou da instituição?**

Não! Eu achava que era mais da própria comunidade, porque é ali que a gente está todo o dia. É dali que a gente se ausenta quando precisa sair.

### **Você se sente líder natural ou se fez líder? Teve que se fazer líder?**

Olha, eu não sei, eu acho que seria muito convencimento eu dizer que me sinto uma líder. Agora, eu sinto que nesse âmbito de aceitação que você falou agora, eu sentia que elas me aceitavam porque, por exemplo, sempre me indicavam para coisas, entende? E eu procurava corresponder.

### **Como superiora, quais foram os maiores desafios a serem enfrentados?**

É, dentre os maiores desafios, o primeiro é essa questão de a gente se expor. A gente procura, mas nunca agrada a todas. Tem sempre dificuldades com uma, com outra, até a questão de empatia, de antipatia que, às vezes, a gente tem. Não é fácil quando se encontra alguém que não se afina bem com a gente. Você se esforça pra querer atingir já sabendo que os resultados não são os esperados. Surgiram coisas assim, que entristecem a gente nesse sentido.

### **Você disse no começo que, como era próprio da época não teve uma formação, uma preparação pra ser uma superiora. Então, você acha que sua liderança foi mais por intuição ou teve uma técnica?**

Não. Eu não tinha técnica, não. Eu fazia comigo um tipo de projetinho de vida, pra ver se eu conseguia cumprir aquilo ali. Mas não teve técnica. Eu até ouvi falar que duas Irmãs foram fazer um curso lá em Brasília para serem coordenadoras mas isso, no tempo que eu fui nomeada, nem se ouvia falar. Aconteceu agora, já recentemente. Agora já não me interessaria mais fazer esse curso. A prática ensina muita coisa que esses curso não têm.

### **No seu entendimento, a partir do projeto missionário da sua congregação, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo?**

Em primeiro lugar, ela tem que ser uma pessoa muito esclarecida. Tem que ser uma pessoa que entenda as coisas, que entre no mundo da tecnologia também. Ela tem que ser uma pessoa que tenha uma psicologia nata. Tenha sensibilidade porque o mundo de hoje tem trazido religiosas jovens, de famílias muito problemáticas. Pais separados, problemas que, no nosso tempo, não havia porque aquelas moças da nossa época eram pessoas com tudo muito certinho. Aquela formação muito tradicional. Hoje em dia a coisa é muito aberta. Chega a excessos que não haviam no nosso tempo e são coisas que não se justifica, como excluir pessoas. E, pra receber essas jovens é preciso gente que tenha conhecimento pra poder lidar com elas, saber

dar uma formação que atinja. Não receber pessoas, acumular pessoas que não são trabalhadas porque tem mestras ou superiores que não sabem lidar com os problemas de hoje. Então eu acho que tem que ser uma pessoa bem preparada. Hoje não pode ser, só por intuição.

### **Mas você acha que está havendo esse preparo?**

Também não. Essa é a nossa falha. Até porque, não sei se estou falando demais, mas a gente vê também que nós, que fomos superiores, eu por exemplo, deixei de ser superiora agora a pouco tempo, não é? A gente vê que hoje, as que são nomeadas, além de preparação a gente percebe que não têm muito compromisso, não tem esse espírito de pertença com o grupo. São pessoas jovens sem muita experiência, que não cuidam... não têm aquela sensibilidade de perceber o que que a gente está precisando mais, até no sentido de ouvir quem está precisando de conversar, passando por alguma dificuldade, de estar atenta ao que é que falta naquele grupo, ter uma temática melhor para desenvolver os estudos, transformar alguma coisa que não está caminhando bem. Então, eu acho que hoje, com toda tecnologia, está pior.

### **Pelo que eu percebi, agora tem superiores que têm mais tempo, estão mais liberadas para exercer a função, coisa que antigamente era um pouco mais difícil. Elas acumulavam funções. A dificuldade de hoje, seria acúmulo de funções ou falta de compromisso?**

É falta de compromisso porque quando eu vejo, por exemplo, uma superiora que cuida muito suas coisas, passa o dia inteirinho dentro do seu quarto, fazendo aquilo que lhe apraz enquanto as outras coisas estão aí necessitando de atenção, ou alguém precisando de cuidados ou alguma coisa que está faltando dentro de casa, coisas corriqueiras. A gente percebe que ela está desligada. Não sei até se esse novo meio de comunicação, essa tecnologia está atrapalhando. Porque a pessoa pega o celular e fica o dia todinho naquele celular e esquece os afazeres. Hoje não está havendo acúmulo de trabalho. Está havendo uma dedicação aos meios de comunicação.

### **Você diz isso, a partir de uma observação, de uma vivência, que talvez seja um caso específico. Mas, você acredita que isso é um caso esporádico ou é algo que já está permeado no meio conventual?**

Não sei dizer das outras, que a gente não tem esse dia a dia fora. Só estamos dentro da nossa casa. Mas eu também ouço, às vezes, pessoas angustiadas em outras comunidades achando, por exemplo, que aquela Irmã jovem não tem muita consideração às Irmãs idosas e, é ela que está à frente da comunidade. Como superiora, não reconhece que aquela Irmã foi uma pessoa que já trabalhou tanto pela Província, que se doou tanto e ela não tem o menor apreço por ela, porque não se liga muito dentro daquele grupo que ela está. Por exemplo, duas, três pessoas se identificam muito bem e é com essas que ela resolve tudo. Mas a vida comunitária fica esfacelada. Então, a gente vê que é falta de preparo para as pessoas que estão assumindo essa função de liderança porque a gente não pode, como líder de um grupo, fazer um gueto. A gente tem que se dedicar a todas e é com todas que a gente tem que caminhar.

### **Então, nesse caso, esta questão da falta de preparação foi uma falta que houve no passado e continua havendo?**

É... houve, mas eu acho que é um saudosismo comparar as realidades. Mas a espiritualidade ajudava muito neste sentido.

### **E as subjetividades, também, não? Eram diferentes, não?**

Eram diferentes. O espírito de oração, por exemplo. Havia uma espiritualidade mais profunda que evocava um compromisso com Deus, com o outro. Hoje, também, se recebe pessoas de famílias muito diferentes daquelas de tradição, onde tinha a formação dos filhos. Hoje em dia a gente vê que as famílias nem têm muito tempo para os filhos. Pais separados e é daí que estão vindo as vocações.

### **5 – Se uma Irmã estivesse para ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria a ela?**

Eu não sei se... porque o momento que a gente está passando, especialmente nessa comunidade... o que eu diria a ela, caso fosse uma pessoa que eu pudesse conversar e fazer alguma recomendação, eu pediria que ela fosse uma pessoa que levasse bem a sério o compromisso assumido, como uma pessoa responsável pelo grupo. Que ela procurasse agir de forma humana com todas, fazer tudo combinando, porque isso também é um desafio! Se uma quer, outra não quer... é difícil conciliar, mas que quando você conquista o todo, aí a coisa sai de uma forma mais prazerosa, mais amistosa e eu acho que, o que eu mais recomendaria era que fosse uma pessoa séria na missão; agisse com seriedade. Que desse a sua palavra, para conquistar credibilidade, porque isso é muito importante. Se você não tiver a credibilidade do grupo, você não consegue muita coisa não.

### **6 – Você se sentiu realizada como superiora? Se sim, qual a sua maior realização como superiora?**

Olhe! Eu tive momentos bons, mas tive momentos de tempestade, não é? E os momentos bons que eu tinha era ficar com o grupo, me sentir parte do grupo. O grupo comigo. No momento em que alguém estivesse me fazendo oposição, eu me sentia muito mal porque eu não estava atingindo aquela pessoa e sentia que aquilo ali quebrava a harmonia do grupo. Porque tem sempre uma ou outra que toma partido e daí começa desafio de você ter resiliência pra suportar essas diversidades, e pra gente ultrapassar essas dificuldades, só a gente se unindo a Deus, certo? Mas, o que mais me atraía como superiora, era me sentir bem dentro do grupo, sentir que eu estava unindo o grupo, nos momentos de oração, momentos de celebrações, de festas... de “estar com”. Esse “estar com” sempre me fez muito bem.

### **Você disse que teve momentos de tempestades, não? Então, eu pergunto: o que fez você superar esses momentos? O que que a impulsionava, mesmo com as dificuldades?**

Uma das coisas que eu persistia era fazer diferente, querendo fazer melhor pra ver se atingia, se as coisas melhoravam. Experimentava fazer de uma forma, fazer de outra, porque uma coisa que eu gosto de combater em mim, é não ser uma pessoa que mude de opinião quando uma coisa não está dando certo. Então, esse querer ir até o fim, mesmo na dificuldade, é uma coisa que pra mim é um desafio muito grande. Querer ir até o fim mesmo sabendo que aquela coisa ali está lhe maltratando, está lhe fazendo mal, mas com a esperança de dias melhores. De achar que aquele quadro

vai mudar! Porque você pode mudar, você pode reinventar a sua forma de agir! A esperança era o que me levava ao ponto desejado. Tentando, muitas vezes eu conseguia.

### **Você está falando isso num enfoque mais humano, verdade?**

Mas esse lado humano eu não conseguia sozinha porque eu rezava também nessas situações. Eu rezava na minha vida porque a gente sabe que essa força vem do divino que está dentro da gente. Eu apelava pra oração como ainda hoje

### **Dentro da religião, onde você encontra luz?**

Eu encontro luz na oração. Eu encontro luz, também nas reflexões, nas leituras que a gente faz porque tem muitos livros bons que instruem. Eu sempre tenho buscado muito leituras boas, e elas ajudam demais...

### **A gente sabe que a nossa religião, o catolicismo, tem muitos símbolos, ritos... isso aí também influi? Tem influência na sua vida?**

A nossa religião tem muita simbologia. Os símbolos, os ritos, a espiritualidade da Congregação, inclusive as celebrações que a gente faz são coisas que a gente coloca no dia a dia, nos trabalhos, entende? E tem influência, sim. A eucaristia, a missa diária, as orações litúrgicas, a santificação das horas, desde a manhã até à noite, tudo isso influi na vida interior. Uma das coisas muito boas são os retiros, porque quando a gente faz um retiro bem feito com um pregador que lhe leva a fazer uma revisão de vida bem profunda, faz também uma renovação interior. Isso ajuda muito na vida comunitária.

### **Você teve alguma dificuldade no seu superiorato? Precisou exigir das coirmãs, alguma coisa que não lhe agradava? Coisas que você exigia porque a Igreja, a instituição, as normas pedem? Por você mesmo, não estaria cobrando...**

É, não é bom cobrar dos outros. Eu não me sinto muito bem nessa coisa de estar cobrando. E eu tenho consciência de que eu faço muita leseira quando eu cobro. Não vou com muito rigor, achando que aquilo ali é um lado direito demais e tem que ser feito dessa forma. Ser repreendido não é muito bom e por pessoas que sejam indiscretas... Tem coisas que são da índole da gente. Não gostar de fazer. E, cobrar de uma pessoa adulta, que deve ter a mesma consciência que eu tenho que ter, é difícil porque nenhuma de nós tem menos de 18 anos. Na vida religiosa todo mundo deve ter a consciência do que vai fazer, do que vai cumprir.

### **Você concorda com todas as regras que tem que cumprir? Olhando quem organiza as normas da Igreja... mesmo quando são organizadas pelas religiosas, por mulheres, precisam ser aprovadas por pessoas masculinas...**

São pessoas que às vezes nem têm essa vivência, da vida fraterna. Aí vão revisar uma coisa que não têm experiência. Não têm experiência do mundo feminino. Por isso, não são todas as coisas que a gente concorda, não. Claro que não! Tem coisas que se dependesse da gente, a gente faria diferente.

### **Eu pergunto porque tem teólogas, teólogas femininas que têm falado sobre isso. Têm comentado muito sobre isso esse tema. Ivone Gebara é uma.**

É, mas Ivone Gebara, já pelo que ela comenta, já não é bem vista. A gente sabe que ela é muito atacada porque é vista como revolucionária. Exatamente porque ela fala com uma outra linguagem. Que todo mundo não tem coragem de expressar e ela tem.

### **Quem é que condena? São as outras mulheres ou são homens?**

Às vezes as próprias mulheres também. Não são só os homens.

### **Será que essas mulheres condenam porque já estão trabalhadas?**

Estão acostumadas, condicionadas... Se acostumaram mesmo e até acham que ela é muito pra frente! É um tipo de religiosa que não cabe, entende? É uma pessoa que não tem a cabeça muito boa não... que tudo ela acha errado. Não tem aquela pessoa que apoia o marido “deixa ele dar em mim”? por conta da subjetividade. Porque às vezes as pessoas são adestradas e se acostumaram a isso.

Dentro da vida religiosa, por exemplo, a gente vê muitas pessoas que lutam muito pelo tradicional e eu acho incrível que, às vezes, muitas pessoas que têm 90 anos são pessoas que querem novidade. Algumas, acham que aquilo ali que sempre foi feito assim, não pode ser feito diferente. Se fizer de outro jeito fica descaracterizado da religiosa. Nada pode mudar. Às vezes, até pra mudar alguma forma dentro de casa... porque toda vida foi assim. Se a gente trocar isso aqui está correndo o risco de descaracterizar. É por isso que eu digo que pra uma pessoa assumir a liderança como superiora ela não pode ter essa cabeça. De jeito nenhum! Tem que ser pessoa esclarecida, formada, que tenha um preparo, que tenha um conhecimento, porque dessa forma eu acho que nada vai pra frente, nada pode progredir.

XXXXXXXXXX, 21 de agosto de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 8*

### **Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Entrevistada:** Irmã Maria Navegantes de Melo

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Margarida

**Idade:** 40 anos

**Tempo de superiorato:** 4 anos

**Instrução:** Pós graduação universitária

**Data:** 21 de agosto de 2020

**Como foi sua trajetória religiosa? Fale um pouco sobre como foi sua formação em geral e como você chegou a ser religiosa.**

Bem, minha família é católica e fui criada desde cedo pela minha avó que era deficiente visual. Desta minha avó trago a formação religiosa. Ela sempre rezava o terço e, apesar de, como minha mãe, não ser de missa diária, falava de Jesus numa catequese que me atraía. Fiz minha primeira Eucaristia e, a partir da preparação para o sacramento da Crisma, senti um desejo maior de conhecer e me aprofundar mais no conhecimento de Jesus. Quando era ainda jovem, frequentando baladas ou indo a festas, ao final eu sentia, dentro de mim, um vazio. Aqueles eram divertimentos passageiros que não me preenchiam. Um dia, conversando com uma amiga catequista falei pra ela que iria ser evangélica para preencher esse vazio que sentia. Ela, então, disse que eu também poderia preencher esse vazio como católica. Foi quando eu recebi um convite para participar de um encontro vocacional. Fui, apenas por curiosidade. Eu lembro que minha mãe dizia que, quando criança, eu tinha um grande desejo de ser religiosa e que não queria casar. Não queria ter filhos. O tempo foi passando e, mesmo por curiosidade, fiquei participando dos encontros. Desde o primeiro encontro, o que me encantou foi o acolhimento na casa das Irmãs. Eu me senti muito bem acolhida por elas. Por ser tímida e envergonhada eu quase não falava. Ficava com receio, com medo. Nesses encontros, me ajudava muito a questão do autoconhecimento, do significado da vocação, do chamado e isso me encantou muito, mas passei dois anos sempre com medo de dar o meu sim quando era cobrada pela Irmã promotora vocacional. Ao final de dois anos resolvi dizer que, mesmo não estando preparada, eu queria fazer uma experiência. Sempre com medo e com muitas dúvidas, eu dei o meu sim. Por causa do apego à minha família, somos só dois filhos, meu irmão e eu, sem nunca ter saído de casa, o primeiro ano foi muito difícil. Chorava, mas o interessante é que quando eu ligava para minha mãe dizendo que estava com saudades, ela dizia: “não... isso vai passar! Se ela dissesse “venha para casa”, eu iria, mas ela só dizia: “isso vai passar”. Então, acho que isso me confortou e me segurou. O segundo ano foi mais tranquilo e eu já com mais experiência. Depois disso fui para o postulante que para mim foi uma etapa muito difícil porque no convento tudo era mais restrito. Antes, na experiência, vivendo com apenas duas Irmãs, eu tinha acesso às pastorais e vivia numa casa normal... era como se estivesse na minha casa. No convento havia a rigidez de horário para acordar, levantar, rezar, tudo muito milimetrado... Ainda tive vontade de ir pra casa, mas com muita oração consegui ultrapassar as dificuldades. As fases seguintes foram mais leves.

**Como se deu o processo na formação pra exercer essa função de superiora?**

Para ser superiora não houve nenhum processo de preparação. Lembro que, em 2015, num dia de festa, e a festa para mim acabou logo em seguida porque a Provincial chegou pra mim dizendo, primeiramente, que estava precisando de mim para uma comunidade. Ai eu disse: tudo bem! Quando ela me disse para que local eu me assustei: Ai minha Nossa Senhora! Por fim, ela acrescentou: tem mais! Eu quero que você seja a superiora. Daí, eu perguntei: por que eu? Não tenho capacidade, não estou preparada e... mais ainda, para um local tão distante! Porque... não é daqui pra ali, né? Era uma realidade que eu ainda não tinha vivido. Morar em pequena comunidade... Diante da minha insegurança ela me mandou a Brasília para fazer um curso de liderança, o que já era um primeiro passo. Prometeu, também, me ajudar.

Eu sempre colocando dificuldade e ela dizendo que ia estar mais de perto, acompanhando. Enfim, foi só choro. (rsrsrsrs). Fiz o curso de dois meses como preparação. Mas... na verdade, não havia preparação antes. Considero que fui privilegiada porque quantas são chamadas com apenas um “você vai ser superiora!”.

### **Como superiora, quais foram os maiores desafios?**

O desafio, eu digo que é entender que ser superiora é um serviço. Muitas Irmãs veem isso como um cargo. Eu já não vejo. Eu vejo isso como um serviço e um serviço muito árduo porque você está ali para servir. De certa forma, para mim, foi um pouco difícil pela questão das minhas limitações. Chamar a atenção de uma Irmã é difícil. Conduzir a casa não é tanto, nem também mantê-la, mas a questão de uma certa burocracia... porque eu tinha que estar dando conta daquilo que entrava e do que saía na casa. E até mesmo a convivência. Foi difícil porque peguei a comunidade com algumas dívidas que a superiora anterior tinha deixado e eu tinha que equilibrar as finanças da comunidade. O caso estava sério e eu me perguntava como iria dar conta daquilo. Com muito jeito, controlando muita coisa, eu consegui, mas não é fácil estar lá na frente. Eu dizia sempre que nasci para ser mandada e não pra mandar (rsrsrsrs). Eu brincava, mas sentia muita dificuldade embora a comunidade tenha me ajudado muito. Eram duas Irmãs contemporâneas minhas. Com uma, eu já tinha convivido por dois anos e com a outra eu já tinha uma amizade. Então, não foi tão difícil assim porque elas me ajudaram muito. Eu acho que ser superiora é ser responsável pela casa, mas as outras também são. Não é porque eu sou a superiora, que eu tenho que fazer tudo. Então, se estamos em comunidade, por que não a outra também fazer?

Elas ajudaram. A minha visão é a de que eu estou ali como serviço, mas as outras também estão. Não é porque eu tenho o cargo de superiora que é tudo pra mim. Eu tenho que ter responsabilidade, mas vamos separar e vamos dividir as responsabilidades.

### **Pra você, qual a principal responsabilidade da superiora? Porque nesse caso você está se referindo mais à administração da casa...**

Eu acredito que a responsabilidade da superiora é ser presença. É estar muito presente. Ser superiora hoje não é só fazer coisas, mas ser presença na comunidade. Eu fui presente, até demais. Eu abdicava das minhas coisas para estar presente na vida da comunidade. Ser presença é ver o que uma Irmã está precisando. Exames de saúde, por exemplo...

Nos dois primeiros anos foram difíceis, mas tive muito apoio da comunidade. Houve acolhimento... se eu errava elas diziam “não, está tudo bem! É isso mesmo, a gente está com você.” Nos dois últimos anos ficou mais difícil porque eram outras coirmãs e às vezes é complicado... saber lidar... uma delas tinha um temperamento muito difícil e eu não sabia lidar com esse temperamento dela. Então, eu sofri muito porque tinha receio de chegar pra ela e corrigir alguma coisa.

### **Como você conseguiu superar essa dificuldade? Onde você encontrou força?**

É... nessa época eu fiz uma terapia. Isso me ajudou muito. Busquei força, também, na oração. Outra coisa que eu não gostava de fazer, mas tive que fazer foi me impor. Impor minha autoridade. Não meu autoritarismo. Numa ocasião eu precisei chegar pra

ela e dar um cheque mate. Mostrei que eu estava ali porque o serviço me foi confiado e ela deveria colaborar. Meu coração palpitava, a adrenalina também... eu nunca tinha sentido aquilo. Mas, depois eu percebi que a partir dessa minha atitude ela começou a me aceitar. Mudou! Mudou muito o comportamento dela.

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa pra esse mundo atual considerando o projeto, a missão da sua Congregação?**

Deve ser alguém de mente aberta, sem centralizar as coisas. Ter um horizonte maior e não ver só o que está à sua frente. Acho que o mundo pede isso. Às vezes percebo centralização de poder... por ser a superiora... Não! Acho que deve ser uma pessoa mais liberal, entre aspas.

**Você acha que o poder da superiora é exercido de forma equilibrada?**

Hoje? Com algumas, sim. Com outras, não.

**O que falta naquelas que não exercem o poder com equilíbrio?**

Acho que as que não fazem bem, não evoluíram. Elas ainda estão no passado. As atitudes ainda são presas...

**São presas a que?**

Eu acho que à tradição. Aquela coisa de pensar: “porque sempre foi assim e vai ser assim”. Eu acho que deve mudar.

**Você entrou após o Concílio. Você não tem a visão de antes do Concílio, mas mesmo assim você está sentindo essa coisa presa. Quer dizer, nesses 50 anos de pós concílio, você acha que a coisa não caminhou como deveria?**

Eu acho que caminhou, mas a passos lentos, entende? Eu vejo diferenças na responsabilidade de ser superiora. Algumas do meu tempo, como superioras, têm uma visão de não centralizar... mostram para a comunidade a questão do compromisso da partilha e dão mais liberdade, mais autonomia. Mas tem outras que não partilham, não passam pra outra...

**O básico da fé está presente? Ou está sendo trabalhado mais o humano em detrimento do espiritual?**

Essas Irmãs mais jovens estão tendo uma espiritualidade bem mais aguçada. Eu vejo, em algumas Irmãs, uma espiritualidade muito arcaica. Seguem muito ao pé da letra, sem sair do ritmo. Então eu vejo que essas novas superioras são mais abertas na questão da espiritualidade, da religiosidade.

**Você acha que com isso está existindo alguma crise? Por que certamente existe algum choque...**

Existe. Existe porque... é como se aquelas Irmãs antigas não aceitassem as mais novas e o modo como elas exercem o cargo de superiora. Existem muitas críticas também porque “no meu tempo era desse jeito e agora está sendo desse jeito”. Existe uma crise de poder e até mesmo às vezes a gente brinca dizendo que tem umas que

não querem largar o osso. Querem estar naquele poder sempre... e as Irmãs mais jovens não querem aquela coisa fechada, estruturada. Então, isso gera conflito na comunidade.

**Nesse tipo de crise, você sente um respeito das antigas para com as mais novas e das mais novas com as antigas?**

Depende da pessoa, da formação que ela teve. Umhas não sabem lidar com isso. Às vezes não é questão da formação religiosa, mas da formação humana. Eu percebo que tem Irmãs que mesmo sem uma formação intelectual, acolhem, têm atenção e respeito para com as Irmãs mais novas, mesmo as que são espalhafatosas. Mas tem outras que não. Do mesmo jeito já tem Irmãs jovens que acolhem a Irmã que foi de outro tempo. Vai depender muito da formação de cada uma.

**Se uma pessoa estivesse para ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Que conselho eu daria? Não se apegar a esse cargo! Quando eu converso com as Irmãs mais velhas elas sempre dizem que esse cargo é serviço. “Não se aposses daquilo que não é seu”. É um serviço, que você está ali fazendo um serviço pra Deus.

**Você sentiu-se realizada como superiora? Se sim, qual a sua maior realização como superiora?**

Nos primeiros anos eu me senti. Como eu falei pra você, a gente ali era uma comunidade de amor, comunidade trinitária... éramos três. Eu era acolhida como eu sou, com minhas fraquezas, com meus dons. Me doei, me dediquei muito, não querendo me sobressair, não querendo me mostrar. Fui uma superiora muito presente. Foi árduo, mas me realizei. Cresci muito como pessoa. Pude partilhar da minha experiência religiosa com as outras Irmãs. Acredito que o meu trabalho, a minha missão foi bem feita. Pude fazer aquilo que eu gostava. É uma pena que chegou ao fim de uma forma tão inesperada, porque a casa foi fechada. Não por causa da gente, mas por causa de situações na Diocese.

E eu me cobrava muito. Ser superiora não é o fazer, o construir. É ser quem você é, mostrar o seu lado não tão bom, como o seu lado bom. Então, graças a Deus, até quando a casa fechou eu agradei muito a Irmã Provincial esse trabalho, esse serviço que ela me deu... eu disse que não tinha capacidade, mas quando você abraça essa missão com fé, com dedicação, com amor, Deus vai fazendo a Sua parte. Foi um tempo de muito aprendizado.

**Essa missão serviu também para fazer com que as outras crescessem?**

Sim! Também. Eu acredito que elas cresceram muito. Nós crescemos juntas. Eu acredito que a missão da superiora é crescer junto. Nada de crescer sozinha.

**Você teria alguma coisa que não foi perguntado e que você gostaria de colocar, acrescentar?**

Não... as perguntas foram muito bem elaboradas... eu não tenho nada a acrescentar. É só isso mesmo...

### **Eu agradeço a sua contribuição...**

Ah! Eu que agradeço por poder estar contribuindo com o trabalho da senhora, porque a gente não vê um estudo, uma pesquisa direcionada mais para essa missão da superiora. E eu acredito que o trabalho vai ajudar muito. Que essa pesquisa que a senhora está fazendo possa abrir a mente, também de algumas Irmãs jovens que ainda entendem a missão como um cargo. Não é cargo. É missão. Da mesma forma Irmãs mais idosas que ainda estão arraigadas.

XXXXXXXXXX, 21 de agosto de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 9*

### **Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Gérbera

**Idade:** 84 anos

**Tempo de superiorato:** 24 anos

**Instrução:** graduação universitária

**Data:** 21 de agosto de 2020

### **Como foi sua trajetória religiosa? Fale um pouco sobre como foi sua formação em geral e como você chegou a ser religiosa.**

Quando eu era pequena, meu pai dizia que lá em casa só se casava quando completasse 18 anos. Então, meu sonho era completar 18 anos pra me casar. Só que eu não tinha namorado, mas eu queria completar 18 anos pra me casar. E minha mãe dizia: Ah! Minha filha se eu tivesse conhecido religiosas eu não tinha me casado. Não, mamãe! Ai eu não tinha nascido! Não senhora! Graças a Deus que a senhora não conheceu e eu nasci. Bom, tudo bem... quando terminou o curso primário eu fui estudar, interna num colégio. Por uma série de motivos eu estava detestando o internato. Resisti muito sem querer voltar depois das férias de julho, mas minha mãe conseguiu me convencer relatando o sacrifício do meu pai para pagar o colégio e prometendo que no final do ano eu poderia trancar a matrícula. Mas, não sei... fui me acostumando, e quando chegou no fim do ano não falei mais em trancar a matrícula. No internato, uma das Irmãs falava muito da beleza da Vida Religiosa, de se entregar totalmente a Deus, de não dividir o coração, de ir para as missões pra onde Ele quisesse...

Um dia ela me deu um santinho e disse: Menina, seja sempre boa interna. Ah! Estão me achando boa... então, eu posso ser ótima! Se eu sou boa, eu posso ser ótima. Não disse nada, e naquele dia eu decidi ser religiosa, com tudo aquilo que ela dizia, de me entregar a Deus, não dividir meu coração... sem nem saber o que era. Aos 16 anos dei meu nome para falar com a superiora Provincial que estava visitando a comunidade e acertamos minha ida para a casa de formação. Lá, como candidata, eu continuei meus estudos e ajudava na secretaria do colégio. Entrei para o noviciado. Ah, como eu gostei do noviciado! As coisas eram mais sérias. Tudo assim com hora marcada, tudo direitinho... as orações... eu gostei do noviciado. Terminado o noviciado, fui transferida para fazer faculdade. Iniciei a faculdade, mas o último ano do curso já foi em outra cidade. Um dia, recebi um telegrama da Provincial me transferindo para assumir a direção de um colégio. Depois de alguns anos fui convocada para ser superiora numa cidade do interior.

Aí, eu caí no choro. Era dia de finados. A Provincial me consolava dizendo que eu tinha condição e eu falei: eu sei que eu tenho condição, mas eu sei que Superiora sofre muito, e eu não quero sofrer. Ela disse: mas minha filha... não, não faça isso, não sofre tanto não. – Sofre, Madre. Uma superiora sofre muito. Eu não quero sofrer, mas... chorei, e fui sofrendo.

### **Nesse processo, houve alguma orientação para ser Superiora?**

Não. Naquele tempo não tinha preparação nenhuma. Era intuição. Hoje não, hoje se faz cursos para exercer liderança..., mas naquele tempo não. O que eu sabia, aprendi também na faculdade. Eu aproveitava o máximo essas coisas de liderança, mas pra ser Superiora mesmo, nunca.

### **As superiores jovens demonstram aprender com esses cursos? Demonstram preparo?**

Bom, eu sei que as Superiores Provinciais promovem esse curso e mandam até para outros lugares... parece que em Belo Horizonte tem um curso desses e várias de nossas Irmãs já foram. Pelo menos, deveriam aprender, né?

### **Você disse que não queria sofrer. Houve mesmo esse sofrimento?**

Não... eu sofria porque eu sempre gostei das coisas muito certas. É a minha formação de casa. Era sim, sim! Não, não! Mentira nem de brincadeira. Então eu via muitas Irmãs que enrolavam. Isso me fazia sofrer. Às vezes você chamava uma... Irmã, você... – Não! eu não Irmã, a senhora está enganada dizer que... e eu não estava enganada. Eu não era doida, nem cega. Então, pra mim isso era muito desgastante e também eu não gostava de ninguém atrás de mim. Eu sempre fui uma pessoa muito livre. Então, a primeira vez que eu fui ser Superiora, as Irmãs tinham um negócio de ciúme e aquilo eu achava péssimo, terrível, terrível. Era um sofrimento pra mim.

### **Como superiora, quais foram os maiores desafios a serem enfrentados? Talvez você já tenha dito anteriormente, mas teria algo a acrescentar?**

O maior desafio a ser enfrentado era quando eu via que uma Irmã não estava sendo sincera. Estava mentindo. Estava fazendo as coisas diferente e eu ia com muito jeito, rezava pra conversar com ela e ela se desculpava, não, não! Parecia que, no

fim, era eu que estava errada. Então, isso pra mim foi o maior, sempre foi o maior desafio. Tanto como Superiora local, como quando Superiora Provincial ou como Conselheira Geral. Depois, lidar com as diversidades porque eu queria que todo mundo fosse do jeito que eu pensava. Hoje eu não penso assim. Pra mim a vida comunitária continua sendo um desafio por causa das diferenças.

### **Que metas você tinha no desempenho dessa missão?**

Servir a Deus e à Igreja. Contribuir com o bem comum, dando tudo de mim mesma, sem medir sacrifícios.

### **Faltou, em algum momento, a motivação necessária? Se sim, a que você atribui ter superado dificuldades?**

Não. Não faltou motivação. Para superar dificuldades, encontrei força na oração e na ajuda de pessoas amigas.

### **As regras, as normas da instituição também são desafios, não?**

Na Congregação, no meu tempo, assim mais antigo, era proibido entrar na sua casa. Só podia de tanto em tantos anos, quando era férias, mas, fora disso não. Tanto assim que se morresse um irmão, um tio... você ia comer na casa do vizinho. Não se podia dormir em casa. Eu achava isso horrível. Meus irmãos adolescentes não aceitavam isso. Que coisa absurda! “Como é que ela não pode entrar na casa dela?” Minha mãe dizia... “meu filho, foi opção dela”. Não poder entrar na casa da minha família... foi difícil.

### **Depois do Concílio, com a renovação, isso foi liberado e muita coisa mudou nesses 50 anos pós Concílio. Mas, mudou o suficiente?**

Eu acho que não. Eu acho que tem umas coisas que a gente fica ainda protestando. Não sei se é... se foi... se é a Congregação ou muitas vezes é a superiora da casa. Muitas vezes a própria superiora, pra mim, jamais aquela seria superiora... pelo menos, do jeito que ela pensa. Aí atrapalha as coisas. Você poderia ter uma vida melhor, mais fraterna. Por exemplo, no recreio ficar conversando... Não! Cada uma pega o seu celular ou então vai logo para o seu quarto! A tecnologia atrapalhou bastante. Cada uma se não for preparada para o uso da tecnologia... Muitas vezes eu acho que depende até mais da Superiora Local porque às vezes a Provincial nem está sabendo. Mas também muitas vezes a própria Provincial não é aberta e aí você não pode nem dialogar. Eu acho que essas coisas miúdas, práticas, podem mudar.

### **Na verdade, a Superiora Local, a Provincial tem um certo poder. O poder vem da hierarquia da Igreja que concede um poder à Superiora Provincial e Local representando essa hierarquia. Como está funcionando nos conventos tendo toda a hierarquia masculina?**

Agora, é que o Papa está dando funções, lá no Vaticano, às mulheres. E ele é muito criticado por isso. Muito criticado! Mas, é tudo homem, né? Até no Ofício que a gente reza, nas Liturgias das Horas, é tudo masculino. Tudo masculino. Só, só a Igreja é feminina. (rsrsrsrs)

## **No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua Congregação?**

Na verdade, na nossa Congregação, a proposta é, para, no mundo, tornar visível o Amor de Deus. E aí, tornar visível o Amor de Deus pode ser pela oração, mas é muito mais pelo seu comportamento que torna visível, né? Porque nem sempre você vai ter uma função... muitas vezes nem sai de casa. Trabalha dentro da própria casa, mas dentro da própria casa você tem a obrigação, entre aspas, de manifestar esse amor sobretudo pelo seu jeito de ser. Muito mais do que pelo seu jeito de fazer. Por exemplo, uma coisa simples. Na nossa Congregação a gente tem oração em comum, não é? De manhã, meio dia e de noite. Ao meio dia, onde é possível, mas pelo menos de manhã e à noite. A Superiora da casa, eu acho que é a primeira que deve estar presente. Mas se ela gosta muito de dormir e aí fica dormindo, acaba que as outras vão começar a oração sem ela... às vezes a oração é depois do café, mas ela fica naquela lentidão... não acaba mais nunca pra tomar aquele café... De repente uma diz: "vamos esperar a Madre Superiora"... e ela vem com: "Que besteira!" depois comenta: "Que besteira... fica cobrando, parece que está obrigando a gente a participar"... e não vai. Quer dizer então, eu acho que nos dias de hoje essa coisa de você ser, demonstrar, isso ainda precisa muito ser mudado. Não sei... só porque você é superiora pode fazer do jeito que você quer? Não pode fazer do jeito que você quer! As Irmãs não são autômatas. As Irmãs são pessoas como você. Com suas diferenças. Aí, se você nunca senta pra partilhar, dizer o que você pensa e ouvir o que as outras pensam. Nesse sentido eu acho que ainda precisa crescer muito. Muito! Eu acho que ainda está lá, antes do Concílio.

## **Nesse tempo contemporâneo será que está faltando a força dos símbolos? Ou os símbolos nunca foram devidamente percebidos nas práticas diárias?**

Não, eu acho que, muitas vezes a gente fazia por fazer. Sem nem saber porque estava fazendo. Rezando, proclamando a Palavra... tudo isso, mas sem nem saber o verdadeiro significado. Já se fazia assim e eu acho que hoje, muitas vezes continua. De manhã, por exemplo, nas Laudes, como a gente não tem missa agora por causa da pandemia, na hora da Palavra de Deus, lê o Evangelho. Mas, acho que quando acaba... das próprias Irmãs que estão alí, eu acho que nem perceberam que foi o Evangelho. Não estão prestando atenção.

## **Não notavam e, agora, menos ainda! É isso?**

Eu acho! Não sei se menos, mas deveria ter mais atenção porque agora a gente tem muito mais chance, tem muito mais explicação. Uma coisa que eu sinto muito... parece que se tem medo, vergonha não sei... de compartilhar. Ninguém quer se expor. Como se fosse perder alguma coisa por isso. Não sei se a Superiora, por ser muito jovem... falta maturidade humana. Aí, faltando maturidade humana, como é que pode? Isso é básico, básico! Tem gente que continua ainda na idade infantil... bebezinha, querendo, sei lá, as atenções pra ela, se magoando porque nem me ligaram, não sou considerada pra nada. Nem adianta falar... porque, pra que que eu vou falar? Não serve pra nada... É falta de maturidade humana, né? Acho que o humano da gente ainda precisa ser muito trabalhado... muito trabalhado.

## **Se uma pessoa estivesse para ser superiora, antes de assumir essa função, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Primeiro eu perguntaria se houve algum curso de preparação para ser Superiora. Se alguém nesse curso mostrou as qualidades necessárias para ser uma superiora, porque ser Superior é ser um servo. Quanto mais alto, mais servo do servo. Assim o Papa prescreve. O servo do servo. Então, eu perguntaria pra ela: foi dada alguma formação pra você, nesse sentido? Se ela dissesse não, então eu diria minha filha... não assuma agora não. Peça primeiro. Para o seu bem e o bem da sua comunidade. Era o conselho que eu daria pra ela. Não entre assim, de cara, não. Com a coragem e a cara. Porque a gente, como se diz na gíria, entrava com a coragem e a cara. Hoje não dá mais pra entrar com a coragem e a cara, não.

**Você sentiu-se realizada como superiora? Se sim, qual a sua maior realização como superiora?**

Na verdade, eu me senti realizada porque eu sempre tive a noção da Superiora como aquela que presta um serviço. Tanto maior era a minha função, maior a responsabilidade de prestar aquele serviço e, eu procurava fazer nem que eu morresse. Eu fazia tudo pra prestar um serviço à minha comunidade. Claro que muitas vezes não acertei, mas a minha maior realização era essa: saber que eu estava sendo útil, que estava prestando um serviço, que estava ajudando outra a caminhar na sua vocação.

**Para terminar, eu agradeço, mas a gente vai dirigindo a entrevista e às vezes a pessoa tem outra coisa que gostaria de abordar. Gostaria de acrescentar alguma coisa?**

Por exemplo, hoje, o santo do dia, Papa Pio X, diz: Me dê um exército de pessoas que rezam o terço todo dia e eu enfrento qualquer guerra no mundo. Eu acho que essa devoção a Nossa Senhora, não sei... não sei se não foi bem explicada... ou era como Ave Maria, Santa Maria... Ave Maria, Santa Maria. O fato é que, aqui por exemplo, nessa comunidade nós já combinamos, meia hora antes de começar a oração a gente se reúne pra rezar o terço. Mas eu sei de Irmãs que nunca rezam o terço. Acho que, não é o terço em si. É a devoção a Nossa Senhora. Acho que a devoção mariana poderia, poderá, deverá ser mais aprofundada. Principalmente na nossa Congregação porque, não só a devoção mariana, mas também as outras devoções, as jaculatórias por exemplo... parece que às vezes a gente diz assim só por dizer. É... “Senhor Deus, abençoai-nos! Nossa Rainha da Paz, rogai por nós! São José, rogai por nós! Santo Agostinho, rogai por nós!” Não sei que mais lá... parece uma ladainha. Eu já, aqui mesmo nessa comunidade, pensei... como é que eu vou dizer isso sem machucar as pessoas. Tem uma Irmã, em especial, que num dia eu contei seis invocações, depois da oração que ela estava fazendo. Então, pra mim, aquilo é automático. Por que que eu rezei? Ai, vem: “Nossa Senhora do Amparo, rogai por nós! Nossa Senhora Rainha da Paz, rogai por nós! Ai, vai Cristo Jesus...” mistura! Eu acho que fica assim uma coisa que... é uma devoção popular nossa, mas muitas vezes já fica automática.

XXXXXXXX, 21 de agosto de 2020.

Conferido, autorizo publicação

*Entrevistada 10*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Orquídia

**Idade:** 55 anos

**Tempo de superiorato:** 03 anos

**Instrução:** graduação universitária

**Data:** 22 de agosto de 2020

**Como foi sua trajetória religiosa? Fale um pouco sobre como foi sua formação em geral e como você chegou a ser religiosa.**

Primeiro eu digo que tem muito a ver com as missões de Frei Damião na minha cidade, porque ele sempre ia lá. Desde criança eu ia com mamãe. Eu ajudava nas missões. Coletava, ajudava na casa onde estava Frei Damião, e participava de grupo de jovens na comunidade... O tempo foi passando e quando eu tinha dezessete anos, eu não sei nem explicar como... eu falei que queria ser freira. Minha mãe não queria de jeito nenhum. Quando meu pai faleceu eu tinha 11 anos. Então meu tio disse, “você quer ser freira? Se seu pai fosse vivo você não ia”. Uma irmã de mamãe disse assim: “você está louca, deixar sua filha ir pra um convento” e mamãe tinha concepção de que freira sofria muito. Ela lia aquelas histórias de conventos de antigamente e não tinha uma filha pra ir ficar sofrendo num convento. Ela não queria. Preferia que eu viesse a casar. Então, conversando com uma senhora que ajudava nas coisas da igreja, falei que eu queria ser freira, não importava nem a Congregação. Ela tinha uma filha que estudava aqui no Colégio e disse que ia me trazer para conhecer as Irmãs. Eu vim, conheci as Irmãs. Vim, gostei muito e cheguei em casa muito realizada. Gostei demais! Então, fiquei participando e vinha semanalmente para os encontros. E chegou certo dia que a Irmã perguntou se eu queria fazer uma experiência. Ai eu falei que queria e ela perguntou se aqui mesmo ou em outra comunidade. Eu era muito apegada em casa e não sabia nem sequer dormir fora de casa. Então eu preferi ir para essa outra cidade, para testar a mim mesma se eu tinha condições de conviver fora de casa. E assim aconteceu. Eu me decidi, fui me preparar pra sair de casa, porém isso não era muito aceito por minha família... Sei que me perguntaram e eu aceitei. No caminho, indo, eu rezava muito pedindo a Deus que me desse a graça. Se Ele me chamou, que desse ajuda para eu me acostumar lá. Passei um ano morando lá com as Irmãs fazendo a experiência e depois fui para a casa de formação. Assim, fiz aspirantado, postulante, noviciado. Na véspera da entrada no noviciado, passei a noite sem dormir. Eu não via a hora de vestir o hábito. Como noviça de segundo ano fui transferida e depois retornei à casa de formação onde fiz a preparação para os meus primeiros votos. Em seguida fui transferida, e morei em várias comunidades convivendo com as Irmãs a cada dia, até chegar os meus votos perpétuos. Assim foi a minha caminhada na vida religiosa.

### **Como se deu o processo na formação pra exercer essa função de superiora?**

Para ser superiora não tive nenhuma preparação. Eu lembro muito quando, um certo dia, a Irmã Provincial ligou para mim perguntando... Sinceramente, na hora eu falei que não queria. Então ela disse: "reze primeiro" e, eu rezei. Rezei muito... "Senhor me ajuda. O que que eu faço agora? Eu digo sim? Eu digo não?" Então, eu rezei até dar o meu sim. Porém, eu chorei muito porque eu não queria, já que eu conhecia a realidade da comunidade. Eu sabia que não ia ser tão fácil pra mim. Lá, eu iria encontrar muita dificuldade. Assim que eu assumi, coloquei Nossa Senhora para conduzir a comunidade e, eu falei a ela que eu ia ser só um instrumento. Na época eram uns 14 membros na comunidade, com formandas e, também noviças. Eu disse, "Senhor me ajuda, viu!" Era a minha primeira experiência e eu já conhecia um pouco da realidade da comunidade e disse, não vai ser tão fácil... Eu sei que a Irmã ficou esperando minha resposta. Quando eu liguei pra ela, eu falei também das condições que, no caso, eu não seria superiora só no papel. Para assumir, seria de fato. Então, eu assumi a comunidade por três anos. Não foi fácil, foi um pouco difícil devido a várias situações... principalmente porque a Irmã que era a superiora antes, continuou morando na comunidade... e isso também dificultou.

### **Você falou que foi difícil, foi uma cruz, enfrentou desafios então... como superiora, quais foram os maiores desafios?**

O maior desafio foi conviver como eu já falei, com a Irmã que assumiu antes de mim e permaneceu na comunidade. Um outro desafio foi a questão das Irmãs doentes a quem eu precisava dar assistência quando eu não estava em sala de aula, além das responsabilidades de feira e outras coisas para a comunidade.

### **Então, assumir como superiora e exercer outras atribuições é complicado?**

Sim, complica! Vamos supor que alguém assuma, como superiora, e tenha uma função a mais, mas não deve ficar sobrecarregada. Eu me senti sobrecarregada. Eu tinha sala de aula, trabalhava na paróquia e nunca havia assumido comunidade.

### **No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa pra esse mundo atual considerando o projeto, a missão da sua congregação?**

Primeiramente, ela tem que ser humilde. Tem que ser, também, uma pessoa de oração porque se ela não tiver oração vai dificultar muito na caminhada dela. Ela vai assumir uma cruz e precisa de uma espiritualidade para enfrentar o desafio, até mesmo na questão da obediência porque vai encontrar pessoas com dificuldade de obedecer. São donas de seu nariz...

### **Falando em obediência, você acha que a superiora manda mais ou obedece mais?**

Eu acho que obedece mais. Nisso, é uma missão muito espinhosa. Talvez alguém ache que ser superiora é uma promoção. Eu não acho! Esse é um serviço que você assume. É um serviço por um tempo... não é vitalício. Não! Você está ali assumindo hoje e amanhã volta a ser a mesma Irmã, igual às outras. Pra mim, não teve diferença.

**Quando você fala na obediência da superiora, nesse obedecer, a quem ou a quem a superiora obedece?**

Ela obedece à superiora maior. Em casa ela obedece muito à comunidade, às opiniões. Muitas vezes, ela precisa ter um discernimento pra ver até onde é certo ou não, essa obediência. Ver o que vai construir e o que não vai. Então, isso é fundamental. Não é uma obediência cega, analisando o que convém e o que não convém. Tem ainda as leis como os horários, as estruturas,

**Você acha que as normas da Congregação e da própria Igreja são muito pesadas?**

Não, elas não são pesadas. Só que exigem um pouco porque a superiora deve ser um exemplo para as outras Irmãs. Então, por exemplo, se tem determinados horários para a comunidade e ela não vai, as outras vão se sentir com o mesmo direito de não ir e ela vai ficar sem autoridade para cobrar, se ela mesma não cumpre.

**Se uma pessoa estivesse para ser superiora, antes de assumir essa função, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Primeiro que ela tivesse uma preparação para assumir e, também, que fosse muito humilde procurando ter uma espiritualidade para se fortalecer na sua caminhada que não é fácil

**Você acha que a doutrina da Igreja dá suporte para essa espiritualidade?**

Acho que, hoje, está havendo um avanço nessa parte por oferecer cursos de espiritualidade que favorece a uma preparação. Mas temos que ter também uma mística alimentada a cada dia na intimidade com o Senhor, procurando entender como foi a missão d'Ele. E lembrar o que Ele disse: "quem quiser me seguir, tome sua cruz e siga-me". Os documentos da Igreja e a história da nossa fundadora servem para uma vivência voltada para Deus.

**Falando sobre os documentos da Igreja, você acha que, sendo preparados por homens, esses documentos falam adequadamente para as mulheres?**

Muitas vezes, a mulher fica um tanto à margem, sem tanta vez ou tanta voz como tem um sacerdote. Sabemos que a Igreja tem uma linguagem um tanto machista deixando a mulher mais fragilizada. É sempre o homem que tem voz ativa, está à frente. No entanto, muitas vezes, em muitos lugares, é a mulher que faz mais. Ai da igreja, se não fossem as mulheres porque quem conduz mesmo a Igreja, são as mulheres. Vemos que as religiosas assumem trabalhos que um sacerdote não assume e, às vezes, é um trabalho que exige mais, é um trabalho mais difícil, mais árduo e a religiosa está ali mais próxima do povo, mais presente. É importante conhecer os documentos e a realidade porque falar é uma coisa, mas vivenciar é bem diferente.

**Você é, ou sentiu-se realizada como superiora? Se sim, qual a sua maior realização como superiora?**

Na verdade, eu posso dizer pra você que, pra mim, não foi uma realização. Eu vi apenas como um serviço. Se me perguntarem se quero ser superiora, eu digo não.

Ser uma simples Irmã, é o meu desejo. Talvez por ter sido uma experiência muito difícil pra mim, eu não desejo.

**Eu agradeço a sua colaboração e termino perguntando se você gostaria de acrescentar algo além do que conversamos.**

A vida religiosa é o seguimento de Jesus Cristo onde vamos encontrar empecilhos e uma preparação é necessária para se ter uma clareza das dificuldades que se vai assumir. A preparação é fundamental para a superiora e para a própria comunidade. As normas são necessárias e precisam ser seguidas com consciência. Sem elas não sabemos onde iríamos parar. Quem está à frente de uma comunidade vai ser um elo, vai ser uma cabeça no grupo e essa cabeça precisa ser bem conduzida.

XXXXXXX, 22 de agosto de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 11*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira

**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Perpétua

**Idade:** 76 anos

**Tempo de superiorato:** 12 anos

**Instrução:** Pós graduação universitária

**Data:** 14 de outubro de 2020

**Como foi sua trajetória religiosa? Como você chegou a ser religiosa?**

Venho de uma família católica, mas sem frequência das cerimônias litúrgicas, inclusive da missa dominical. Quando fui estudar num colégio de religiosas conheci esse estilo de vida e me interessei em fazer a experiência. Acreditei que, ali, eu encontraria um campo muito mais vasto do que aquele da vida matrimonial, para realizar meu desejo de contribuir com a sociedade.

**Como se deu esse processo de formação para chegar a exercer essa missão de liderança?**

Não houve processo de formação. Fui solicitada e quando pedi algum roteiro para me orientar na função, me foi dito que não havia. Então, a formação foi no dia a dia, exercendo as tarefas com erros e acertos.

**Como superiora, que metas você tem ou teve no desempenho dessa missão?**

Minha meta consistiu em ser fiel ao que me pedia a Congregação, tentando seguir junto com a comunidade, num crescimento pessoal e grupal.

**Quais são ou foram os maiores desafios a serem enfrentados?**

Os desafios foram muitos, a começar por compreender e ser compreendida numa comunidade com diferentes formações de origem. Ser indicada para liderar não significa ser aceita por todas. Chegar a um consenso em determinadas situações é quase impossível e isso provoca desencontros, incompreensões que machucam.

**Faltou, em algum momento, a motivação necessária para o desempenho das suas atribuições como superiora?**

Sim, faltou. A vida comunitária, a meu ver, é um elemento forte de motivação. Quando existe compreensão, apoio, convergência de objetivos, os erros não pesam tanto. Mas quando aparece uma Irmã mal resolvida disposta a atrapalhar, até os acertos perdem o colorido. Neste caso, como superiora, nossa reponsabilidade é maior na comunidade. Entretanto, ainda que o importante seja a consciência de estar fazendo o melhor que se pode, por sermos humanas não escapamos a esses sofrimentos

**A que você atribui superar as dificuldades?**

Bem, o que nos motiva a consagração é o espiritual. É a conexão com Deus Trindade. Ter a certeza de estar conectada com Deus é o que salva.

**As normas, o regulamento, adotado pela sua congregação são muito exigentes, difíceis de serem seguidas?**

Não... nossas Constituições e Diretório Provincial foram preparados com muito cuidado, e percebo uma harmonia entre o que ali está determinado e as nossas condições como pessoas humanas. Não existe nada que não se possa fazer ou seguir.

**O fato dessas normas precisarem de aprovação da hierarquia que é masculina, incomoda?**

Não, não me incomoda que sejam aprovadas por homens. Muitos deles são valorosos. O que incomoda é a exclusividade machista, como se só eles tenham sido valorizados por Jesus. Isso incomoda. Esse machismo que existe na nossa igreja é cultural. Quem se apossa de um poder tem dificuldade de largá-lo. Mas, nós mulheres, sabemos driblar essas coisas. Vamos filtrando e ficando com o que é mais importante ou seja: vamos nos desviando de certas interpretações e vamos olhando mais para a pessoa de Jesus Cristo.

Não é fácil aceitar que coloquem na boca de Jesus, o que ele não disse. Aos apóstolos muito foi entregue como missão, mas a missão de anunciar o que é de mais contundente e expressivo, razão da nossa fé, foi entregue a uma mulher, Madalena. Entregar a ela o anúncio de ressuscitado, a meu ver, indica que, para Jesus, a proclamação da Sua Missão, do Seu projeto para a humanidade, compete ao ser humano, independente de gênero. Acho que só Ele voltando à terra pra desenhar.

**Você é realizada nessa liderança?**

Essa liderança não me realiza. O que me realiza é a consciência de estar apoiada e amada por Deus. Buscando sempre acertar... é o meu caminho de realização.

**Você percebe, entre as lideradas, um sentimento de pertença, de comprometimento com o bem comum?**

Não. Muitas são comprometidas e demonstram dar a vida para serem fieis ao carisma da Congregação. Algumas, talvez por formação familiar, demonstram estarem mais preocupadas com o lado profissional ou consigo mesmas. Algumas vezes, para tornar-se próxima de amigos, até mesmo com familiares, a Irmã partilha de conversas com termos inadequados a uma religiosa ou faz uso de bebidas que, para algumas pessoas, parece estranho. Considero que tudo é permitido, mas dentro de limites. Talvez, por questões de educação básica, esses limites sejam desconsiderados e esquecem que devem ser testemunho. Isso não parece ser de quem tem o sentimento de pertença porque compromete a imagem das outras.

**Você acha que está havendo preparação para assumir liderança?**

Infelizmente, acho que ainda falta caminhar muito para que haja uma preparação adequada nesse sentido. Ainda que nunca chegue a assumir a função de superiora, cada uma deveria ser preparada. Claro que os cursos acadêmicos ajudam muito, mas mesmo sem esses cursos, internamente, nas províncias, poderia haver esse tipo de formação. Obedecer e mandar são coisas que se aprende aos poucos.

**Sabemos que não existem remédios ou receitas para solucionar certas situações, mas você tem alguma ideia do que poderia ser trabalhado para que a crise de poder não exista?**

Crise de poder vai haver sempre, não? É natural que aconteça porque a questão é a dificuldade que temos de nos adaptar às diferenças de quem lidera e também de quem é liderado. As normas existem e são necessárias, mas às vezes são interpretadas em benefício próprio, provocando contratempos. Acho, então, que poderia melhorar se nós aprendêssemos a ser mais imparciais. Pra mim, numa situação de crise, umas apresentam um comportamento que atrapalha o convívio comunitário e outras acolhem o sofrimento achando que é vontade de Deus e precisam suportá-lo pela salvação do mundo ou mesmo aperfeiçoamento próprio.

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa nesse mundo contemporâneo, a partir do projeto missionário da sua congregação?**

Eu penso que deve ser uma pessoa decidida. Decidida em entender o novo mundo que temos agora; aberta a novas aprendizagens; que reconheça seus limites e partilhe sua liderança com quem pode auxiliá-la; que pense seriamente no bem estar das coirmãs; promova condições para todas crescerem na vocação e, também, na área acadêmica.

**Você acha que o desempenho de uma líder canônica ou da própria comunidade religiosa pode desencantar uma religiosa a ponto de desligar-se da congregação?**

Sim, porque a primeira pessoa a ser seguida é Jesus como modelo de perfeição, mas quando o seguimento se materializa na pessoa da líder como referência através do voto de obediência, e quando se começa a perceber a incoerência dela, mesmo sabendo que é humana, não correspondendo à figura que se espera, pode causar um

desencanto. É claro que a desistência pode ser fruto de uma fraqueza pessoal, falta de resiliência, mas se a religiosa não encontra um testemunho autêntico da sua líder e do seu grupo, ela procura buscar a realização do seu propósito noutra forma de vida.

**Você teria algo a acrescentar? Algo que ficou faltando?**

Não. Apenas agradeço a oportunidade de participar do seu trabalho. Espero que renda frutos positivos e estimule as congregações a preparar melhor as lideranças para que a nossa vida comunitária, de consagradas, seja uma vida mais estimulante e possa atrair novas vocações.

XXXXXXXXXXXX, 14 de outubro de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

*Entrevistada 12*

**Transcrição da entrevista autorizada para publicação de tese em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP**

**Doutoranda:** Luzia Valladão Ferreira  
**Pseudônimo da entrevistada:** Ir. Gardênia  
**Idade:** 77 anos  
**Tempo de superiorato:** 03 anos  
**Instrução:** Pós graduação universitária  
**Data:** 21 de agosto de 2020

**Como foi sua trajetória religiosa? Fale um pouco sobre como foi sua formação em geral e como você chegou a ser religiosa.**

Sou de uma família simples, religiosa e de vivência cristã onde, além de participar da Missa aos domingos se rezava o terço em família diariamente. Cresci nesse ambiente até meus 24 anos. Por morar no sítio não tinha nenhuma formação catequética. Com 10 anos de idade meus pais acharam que eu devia fazer a minha Primeira Comunhão que consistia em ir para a Igreja, com distância de uma Léguas, confessar os pecados ao Padre da Paróquia e comungar pela primeira vez. Na véspera da minha confissão, num pôr do sol bem bonito, onde o mesmo se escondia por trás da Serra deixando raios luminosos, o meu pai, como de costume, me chamou para rezar o terço e, olhando para o pôr do sol, disse: Olhe para aqueles raios do sol. Eu olhei. Ele disse: Amanhã a sua alma vai estar do mesmo jeito porque Jesus vai entrar no seu coração. Eu fiquei impactada com a comparação e, a partir daquele dia, sempre que recebo

Jesus na Eucaristia, lembro dele com carinho pois foi a minha única e maior catequese na minha vida, que valeu até a morte.

Neste contexto de vida simples, cristã e orante junto aos meus pais e irmãos, era convidada para rezar Novenas nas famílias da redondeza e contemplando a imagem de Nossa Senhora, fui atraída para me vestir igualmente e sair pregando a Palavra de Deus. De repente, uma religiosa, parente minha apareceu no meu sítio visitando a sua família. Quando a vi, não pensei outra coisa: **‘É isso que eu quero’**. E conversando com ela, falei que desejava ser religiosa. Ela me orientou e, a partir dali, fui encaminhada para o Colégio das Irmãs onde completei minha formação acadêmica e ingressei no Noviciado.

### **Como se deu o processo na formação pra exercer essa função de superiora?**

Não passei por nenhum processo específico de formação para tal função. E muito menos fui convidada com antecedência. Fui comunicada, de repente, que assumiria o cargo de Superiora e Diretora de uma Escola. Lembro-me do impacto que senti a ponto de perder o sono por alguns dias.

### **Então, você acha que exerceu essa função por intuição ou alguém lhe ajudou no processo?**

Para mim, exercer a função de Superiora foi uma função dolorosa. Aprendi que para ser superiora de uma Comunidade Religiosa você tem, antes de mais nada, que ser profundamente humilde. Não me senti ajudada. Foi numa comunidade pequena de três irmãs, ambas com temperamentos difíceis onde a vida fraterna e sincera deixou a desejar. Passei somente três anos e renunciei para abraçar outra forma de vida religiosa – a Contemplativa – onde fiz uma experiência de seis meses.

Para mim, ser superiora de uma comunidade religiosa e, antes de tudo ser humilde. Quem não tem o dom da humildade, não deveria assumir a função de ser superiora.

### **Como superiora, entre mandar e obedecer, o que você acha? ela manda mais ou obedece mais?**

Tem que haver um equilíbrio entre as partes. Há casos que ela precisa mandar. Outros, que deve obedecer. Há momentos que ela precisa ser humilde e obedecer aos membros. Para ser uma boa superiora eu diria que ela deve obedecer mais do que mandar. Pois os membros também têm o mesmo Espírito para discernir o que convém e o que não convém.

### **Você disse que não teve nenhuma preparação para ser superiora...**

Exatamente. Diante dos fracassos e despreparos de algumas superioras, a Província despertou para formação específica de algumas irmãs para ajudar na missão de liderança ou superiora de Comunidades Religiosas.

### **E essa preparação está atendendo às necessidades da comunidade? Elas estão preparadas mesmo? Esse curso deixa as Irmãs preparadas?**

É difícil responder à esta pergunta. Sabemos da complexidade do ser humano quanto a sua formação inicial, cultural, religiosa e familiar. Acredito que pode ajudar até certo ponto. Mas o preparo depende muito da própria pessoa. Conheci superiores de comunidade excelentes quase analfabetas. Nunca fizeram um curso e exerciam a função de Superiora que deixaram marcas nas suas súditas de grande santidade. Eram humildes, caridosas, obedientes e amorosas para com as irmãs. Ao contrário, conheci superiores que agiam a contrário.

**Como superiora, quais são (ou foram) os maiores desafios?**

Como superiora, o maior desafio foi entender que a prática da humildade era o primeiro passo para um bom trabalho com a comunidade. O segundo desafio foi saber perder diante das irmãs e aceitá-las com suas limitações.

**No seu entendimento, como deve ser uma superiora religiosa pra esse mundo atual considerando o projeto, a missão da sua Congregação?**

Hoje, para ser uma boa superiora religiosa requer, em primeiro lugar, uma boa formação humana, senso de caridade fraterna, conhecimento profundo da psicologia humana, bondade e principalmente, humildade. É assumir realmente o papel de mãe que acolhe, perdoa, entende e se coloca no lugar do filho (a). É procurar conviver no juntamente de acordo com o grupo e não isoladamente no seu mundo. Assim, a cruz se torna mais leve.

**Quem entra agora tem uma formação e uma visão de mundo diferente das que entraram no seu tempo. Você acha que antes era melhor, ou essa essa turma nova está conseguindo fazer melhor do que antigamente?**

Escuta-se, hoje, muitos testemunhos brilhantes das nossas irmãs mais idosas com relação as vivências fraternas no início da nossa Província. Significa que havia mais caridade fraterna, compreensão, união e obediência. Não aceito que a turma nova de hoje esteja fazendo melhor. Existe uma barreira entre irmãs novas e irmãs velhas. A própria formação que é entregue às novas gerações, se encarrega de separar as gerações. Isso dificulta a convivência fraterna nas comunidades. Nas comunidades religiosas onde existem membros de ambas as gerações, é muito claro o distanciamento entre elas. Por isso acontecem as distorções, barreiras e desavenças.

**Mas esse afastamento era para o tempo de preparação como candidatas, noviças, não?**

Não. Continua a separação embora menos acentuada, mas quando se chega no Noviciado sente-se logo o isolamento das noviças. Quando elas são transferidas para as comunidades só sabem conversar com a superiora e, às vezes, com a diretora.

**Você acha que as superiores antigas entendem a vida das jovens ou são as superiores jovens entendem a vida das antigas?**

As superiores antigas têm dificuldades em entender algumas irmãs jovens e vice-versa. Há superiores novas que excluem as irmãs idosas. Isso é fato.

**Existe, então assim, uma crise de poder, será?**

É provável que possa existir uma crise de poder nas duas gerações devido ao impacto entre o modo de agir das mesmas. As consequências disso são as dificuldades de relacionamentos entre as partes.

### **As antigas estão ultrapassadas...**

Não. Conheço um pensamento que diz: “ ‘A melhor sala de aula do mundo é aos pés de uma pessoa mais velha’”. As pessoas idosas têm o acúmulo da sabedoria dos anos que os mais novos não têm. É que, muitas vezes a Província não sabe aproveitar dessa sabedoria e riqueza e deixam as irmãs idosas sem ocupar nenhuma tarefa nas comunidades dizendo que não têm mais condições.

### **Se uma pessoa estivesse para ser superiora, antes de assumir esse cargo, que sugestões ou conselhos você daria para essa pessoa?**

Em primeiro lugar, que fosse humilde, sincera, caridosa e bondosa com todas sem exceção. Segundo, que procurasse entender as gerações e caminhasse junto com elas e não sozinha fazendo somente a sua vontade. Que ficasse atenta as necessidades primárias das irmãs e atendesse, na medida do possível, com pressa, a cada uma.

### **Você acha que hoje as superiores têm tempo para se dedicar às Irmãs? Ou elas têm outras atribuições que atrapalham?**

Talvez seja uma das causas das incompreensões das súditas para com as superiores. Elas recebem outras atribuições e missões e deixam as irmãs sem nenhuma assistência. O cargo de superiora, se for bem vivido é um cargo ou missão que requer muitas preocupações e trabalhos. As superiores não deviam assumir outras funções além da de ser superiora.

### **De modo geral isso acontece agora? Há algum tempo, no caso de escolas, às vezes a superiora era também diretora ou chefe de algum setor... o trabalho tomava o tempo e ela não tinha tempo para se dedicar à comunidade. Não sei agora, se isso melhorou.**

Isso continua existindo. E aí para algumas irmãs, ocupar vários cargos e funções é Chic. É ter capacidade. É bonito. É disponibilidade e inteligência. Nada disso. É não entender o que significa ser superiora. Aí vai tudo para o” Brejo.”

### **Você é, ou sentiu-se realizada como superiora? Se sim, qual a sua maior realização como superiora?**

Me senti realizada sim. De qualquer maneira conheço meu dom de liderança.

### **Tem alguma coisa que não foi perguntado e que você gostaria acrescentar?**

Não. Só agradecer a oportunidade de relatar um pouco minhas experiências de VRC.

XXXXXXX, 21 de agosto de 2020.

Conferido, autorizo publicação

---

## ANEXO 2 – DINÂMICA

Esta dinâmica supõe um previsto Sínodo a ser realizado por iniciativa do Sumo Pontífice, o Papa, cujo objetivo seria estudar, avaliar, propor iniciativas às Congregações Religiosas Femininas, atuantes nos vários continentes, para uma renovação de vida e de atividades tendo em vista os desafios da atualidade. Cada Congregação deve enviar duas das suas religiosas como representantes e o governo Provincial, de determinada Congregação, decidiu fazer uma enquete com o fim de escolher quem estaria preparada para participar deste evento. Questões foram elaboradas a partir de dificuldades gerenciais no dia a dia da líder canônica possibilitando o reconhecimento do seu perfil administrativo. Posturas assumidas poderão ser evidenciadas revelando características pessoais quanto à autonomia, firmeza, benevolência, flexibilidade, tolerância, coragem, responsabilidade, equilíbrio, docilidade, interatividade etc. no desempenho da função.

Em primeiro lugar, pelo glossário, tem a descrição de cada uma das suas coirmãs lideradas. Em seguida, opta por uma das alternativas apresentadas para cada questão problema.

### GLOSSÁRIO

**Ir. Amélia:** esta jovem, por insistência da avó, só ingressou na Congregação, após terminar o Curso Médio. Amélia é esforçada e sempre se mostra dedicada nos trabalhos assumidos na comunidade. É ajudante na enfermaria da Escola. Você a considera uma amiga especial, com quem conta em todas as situações.

**Ir. Joana:** é a mais velha da ordem, filha de imigrantes holandeses. Já próxima de seu octogésimo aniversário, Joana vem apresentando sinais de debilidade mental, não podendo mais exercer suas funções totalmente desacompanhada. Seu sobrinho, Cristiano Jansen, faz visitas periódicas e já falou algumas vezes em levá-la para um passeio de alguns dias em sua casa de praia.

**Ir. Cristina:** tem 29 anos, dos quais pelo menos 10 foram dedicados à vida missionária. Auxilia nos trabalhos da cantina da Escola, sendo querida pelos alunos e funcionários, mas vez por outra se desentende com Ir. Rosa.

**Ir. Rosa:** tem 32 anos e administra a cantina junto com Ir. Cristina. As duas costumam entrar em pequenas discussões, aparentemente por uma diferença de temperamento. Ir. Rosa é tão competente quanto Ir. Cristina, mas um pouco mais rígida.

**Ir. Matilde:** tem 27 anos e trabalha como professora de geografia na escola (por formação anterior à sua entrada na Congregação. Ultimamente tem dado aulas em algumas outras escolas da cidade, o que a tem mantido muito ocupada para as atividades cotidianas da comunidade.

**Ir. Klécia:** costumava trabalhar nas turmas do Infantil I e II, mas foi transferida para a biblioteca por causa do stress e de seu temperamento explosivo. Desde então, Ir. Klécia tem se mostrado, a cada dia, menos paciente, discutindo com frequência com as outras Irmãs e, por vezes, demonstrando rebeldia à própria Superiora.

**Ir. Magda:** tem 46 anos e bastante experiência na comunidade, sempre estando disposta a dar conselhos. Mais que isso, parece se sentir pronta para assumir o comando, apresentando críticas e alternativas para muitas propostas da superiora. Ir. Magda é responsável pelo almoxarifado.

### *PREPARADA PARA PARTICIPAR DO SÍNODO?*

1- Como de costume, todas as Irmãs, reunidas na sala de jantar, fazem a oração antes da refeição preparada por Ir. Rosa e Ir. Cristina. O clima é calmo, mas pequenas conversas vão e vêm entre as Irmãs, inclusive com você, SUPERIORA. Ir. Magda, que senta à sua esquerda, está reportando a falta de tesouras em estado de uso para um setor da escola e sugere que você mande uma das Irmãs mais novas comprar uma dúzia, na papelaria. A quantidade lhe parece exagerada, mas sua conversa é interrompida por um puxão leve em sua manga. À sua direita, a idosa Ir. Joana aponta com o rosto para outra parte da mesa. Olhando para a direção indicada, você nota a mais jovem, Ir. Amélia, tentando chamar sua atenção para falar algo. Você decide:

a) Continuar a conversa com Ir. Magda, para deixar seu ponto de vista bem claro (VÁ PARA 2).

b) Ver o que Ir. Amélia quer conversar, antes que a timidez dela a faça desistir de falar (VÁ PARA 3).

**2-**Você faz um sinal para Ir. Amélia e continua conversando com Ir. Magda. Você diz que a quantidade é demasiada dando permissão para que quatro tesouras sejam compradas. Ir. Magda concorda, a contragosto, mas não contesta e o jantar segue tranquilamente. Antes de se recolher, você vai atrás de Ir. Amélia e pergunta sobre o que ela queria conversar, mas a moça desconversa, mesmo com sua insistência. (VÁ PARA 6).

**3-**Ir. Amélia fala em voz baixa, o que dificulta a compreensão do que ela diz (CONVERSAS PARALELAS). O que você prefere fazer?

- a) Pedir silêncio à mesa, para que Ir. Amélia possa falar (VÁ PARA 4).
- b) Levantar-se e chamar a Ir. para conversar noutro ambiente. (VÁ PARA 5).

**4-**Você bate uma colher contra seu copo e pede silêncio antes de pedir que Ir. Amélia repita a pergunta. O rosto da jovem ruboriza totalmente, mas ela pergunta, gaguejando, se poderia agendar uma visita médica durante o período da tarde, para a próxima semana. Como a cantina não é muito usada pela tarde, você decide que pode deixar Ir. Cristina na enfermaria até Ir. Amélia retornar. O jantar termina pouco após isso, e todas as Irmãs se recolhem. (VÁ PARA 6).

**5-**Ir. Amélia a acompanha até um outro ambiente anexo à sala de jantar. Aos cochichos, ela explica que precisa marcar uma visita ao psicólogo. Uma vez que a enfermaria não recebe muitos alunos após o almoço, você decide que pode deixar Ir. Cristina substituir Ir. Amélia até seu retorno. Vocês duas retornam à mesa e terminam a refeição, e todas se recolhem. (VÁ PARA 6).

**6-**A manhã seguinte transcorre normalmente, com as obrigações administrativas sendo interrompidas apenas pelas orações e refeições comunitárias. Após o almoço, você recebe uma ligação da sala de Ir. Magda, avisando que Cristiano, sobrinho da Ir. Joana, veio visita-la e convidá-la para passar uns dias em sua casa. As normas da Congregação não permitem que você conceda essa autorização. Seria necessário recorrer a uma autoridade superior. Ir. Joana está com um dos caseiros do convento no jardim, podando as cercas-vivas. Você...

- a) Você autoriza porque reconhece que será benéfico à Ir. Joana. (VÁ PARA 7).
- b) Você não permite porque não tem autoridade para isso. (VÁ PARA 8).
- c) Você solicita essa permissão à autoridade competente. (VÁ PARA 9).

**7-**Você explica ao sobrinho da Ir. Joana que está autorizando, indo de encontro às normas da Congregação e pede para que da próxima vez avise com antecedência. (VÁ PARA 10).

**8-**Você explica ao sobrinho da Ir. Joana o porque de não permitir a ida da Irmã, embora, pessoalmente, não tenha nada contra. (VÁ PARA 10).

**9-**Você pede para que o sobrinho aguarde a resposta da autoridade competente. (VÁ PARA 10).

**10-**O dia termina e, com ele, o mês. Você consegue terminar de ler os balanços da tesouraria antes do jantar, livrando o dia seguinte de quaisquer pendências. Enquanto a refeição da noite é preparada por Ir. Rosa e Ir. Cristina, Ir. Amélia aproveita a sala vazia para falar com você. Ela parece nervosa, mas decidida. “Como a senhora sabe, entrei para a Congregação há pouco tempo e vim para cá logo após terminar o Ensino Médio. “Eu não tenho dúvidas quanto a minha vocação” ela hesita. “Mas gostaria de terminar minha formação, para melhor servir a esta Congregação e peço permissão para cursar Direito”. O pedido de Ir. Amélia não foi exatamente uma surpresa (a moça sempre se mostrou estudiosa e admitia sentir-se incompleta em sua atual formação). Sabendo que a Ir. Amélia pretendia Direito Internacional e que este curso não se enquadra nos objetivos da missão da Escola, você procura refletir com ela sobre o curso pretendido. Ainda assim, promete que irá pensar sobre este pedido. Logo que a jovem segue para a cozinha para ajudar as outras Irmãs, é possível ouvir vozes elevadas e de tons ríspidos através da porta. O que você faz?

- a) Vai para cozinha investigar? (VÁ PARA 11).
- b) Espera para perguntar à mesa, durante o jantar? (VÁ PARA 12).
- c) Não interfere na discussão? (VÁ PARA 13).

**11-**Entrando na cozinha, você encontra Ir. Cristina e Ir. Rosa, em uma de suas discussões habituais. A história lhe é conhecida: Cristina simpatiza com Gustavo Priori, um político progressista, enquanto Ir. Rosa prefere Pastor Anselmo, que é conservador. Ir. Rosa acusa Ir. Cristina de apoiar um abortista e Ir. Cristina se defende dizendo que ela não concorda com o candidato neste ponto, mas que suas propostas combatem a pobreza, algo que todo cristão deveria apoiar. Ir. Cristina acusa Ir. Rosa de apoiar um pastor evangélico por estar mais alinhada com esta religião, ao que Rosa responde que não compartilha das crenças de Anselmo, mas acredita que ele é um homem íntegro que defenderá os bons costumes se for eleito, algo que também deve ser prioridade para um bom cristão. Por experiência, você já conhece estas discussões de trás pra frente. Como você reage?

- a) Não interfere, voltando para a sala de jantar? (VÁ PARA 13).
- b) Interfere, pondo um fim à discussão sem tomar partido? (VÁ PARA 14).
- c) Interfere, apoiando Rosa? (VÁ PARA 15).
- d) Interfere, apoiando Cristina? (VÁ PARA 16).

**12-**Você espera pacientemente enquanto a mesa é posta e, todas se servem, após a oração. Durante o jantar, quando as Irmãs começam a conversar, Ir. Cristina e Ir. Rosa voltam a sua discussão, embora mantenham um tom muito mais civilizado à mesa. Você chama a atenção das duas e pergunta sobre o que estão discutindo. A resposta não surpreende muito, pois é a base da rixa entre as duas: Ir. Cristina e Ir. Rosa apoiam candidatos políticos em lados opostos do espectro, e aproveitam qualquer oportunidade para discutir os méritos e deméritos de seus candidatos. Ir. Cristina apoia um candidato da esquerda, considerando o combate à miséria uma atitude cristã, enquanto Ir. Rosa apoia um candidato da direita, atendo-se à defesa dos valores da família. Ir. Cristina ressalta que o candidato de Ir. Rosa é um pastor que, rotineiramente, destrói imagens de Nossa Senhora e Ir. Rosa destaca que o candidato de Ir. Cristina apoia o aborto. O que você faz?

- a) Não interfere, deixando a discussão seguir? (VÁ PARA 17).
- b) Interfere, pondo um fim à discussão sem tomar partido? (VÁ PARA 14).
- c) Interfere, apoiando Cristina? (VÁ PARA 16).
- d) Interfere, apoiando Rosa? (VÁ PARA 15).

**13-**Você retorna à sala de jantar e ajuda Joana a sentar enquanto as outras Irmãs terminam de arrumar a mesa. Durante o jantar, Ir. Cristina e Ir. Rosa voltam a discutir, embora estejam falando muito mais calmamente em meio às Irmãs reunidas. Como você se comporta?

- a) Não interfere, deixando a discussão seguir. (VÁ PARA 17).
- b) Interfere, pondo um fim à discussão sem tomar partido. (VÁ PARA 14).
- c) Interfere, apoiando Ir. Rosa. (VÁ PARA 15).
- d) Interfere, apoiando Ir. Cristina. (VÁ PARA 16).

**14-**Você silencia as duas Irmãs e ordena que não discutam mais política durante as refeições da comunidade, afirmando que não deixará que a política afete a vida comunitária. Ambas permanecem em silêncio pelo resto da noite e todas as Irmãs se recolhem pacificamente. (VÁ PARA 19).

**15-**Você repreende Ir. Cristina, lembrando-a que a vida não é uma comodidade a ser negociada pelo avanço social, mas um presente de Deus a seus filhos. Ela passa o resto da noite em silêncio e as Irmãs se recolhem pacificamente. (VÁ PARA 19).

**16-**Você repreende Ir. Rosa, dizendo que há pouca valia em apoiar um homem que judiou a mãe de Cristo com tanta brutalidade e publicidade, lembrando que ele poderia usar do poder estatal para causar ainda mais mal em nome dos bons costumes que clama servir. Ir. Rosa passa o resto da noite em silêncio e as Irmãs se recolhem pacificamente. (VÁ PARA 19).

**17-**As Irmãs continuam sua discussão por quase toda a refeição, mas mantêm a calma enquanto estão à mesa. Algumas das outras Irmãs entram e saem da discussão ou só acompanham em silêncio, mas ninguém se inflama a níveis descontrolados. Após arrumarem tudo, as Irmãs se recolhem pacificamente. (VÁ PARA 19).

**18-**Através das suas respostas, você demonstrou um bom desempenho em sua liderança e, estamos convictos de que você tem um perfil adequado para representar nossa Congregação no Encontro Internacional de Religiosas com o Papa. Parabéns.

**19-**Uma semana se passa, e a comunidade segue estável, com todas as Irmãs cumprindo suas funções de maneira exemplar. A única exceção é Ir. Matilde, a professora de geografia da escola, que ultimamente tem se atrasado um pouco para as reuniões das Irmãs, mas isto é compreensível, visto que ela agora também dá aulas em dois outros colégios que ficam no centro da cidade. No entanto, Ir. Magda sugere que você a mande largar uma das escolas para que ela não se desvie de suas obrigações na comunidade. O que você acha?

a) Ir. Matilde já está se dedicando muito à comunidade e tem paixão pelo seu trabalho. Ela se sentirá punida injustamente se eu a obrigar a largar uma de suas turmas, então prefiro deixá-la em seu rumo. (VÁ PARA 20).

b) O primeiro e único verdadeiro compromisso de Ir. Matilde é com Deus e com sua ordem. Se eu não interferir agora, ela se acostumará a seguir seus projetos pessoais sem atentar a suas obrigações, e se ressentirá mais ainda com quem quer que a force a controlar sua ambição no futuro. Irei falar com ela sobre largar uma turma. (VÁ PARA 21).

**20-**Você decide deixar Ir. Matilde continuar com suas aulas, mas chama sua atenção para os atrasos. (VÁ PARA 25).

**21-**Você conversa com Ir. Matilde na sala dos professores, durante o intervalo, e pede que ela largue uma de suas outras escolas. Ir. Matilde, no entanto, insiste que pode manejar melhor seus horários e pede por outra chance. “Estive correndo por causa das provas, mas posso organizar tudo durante o recesso” ela diz. O que você faz?

- a) Dá uma chance a Ir. Matilde. (VÁ PARA 22).
- b) Ordena que Ir. Matilde largue uma das escolas. (VÁ PARA 24).

**22-**“Oh, muito obrigada” diz a Ir. Matilde apertando suas mãos. Sorrindo, agradece: “Você não vai se arrepender!”. (VÁ PARA 25).

**23-**Através das suas respostas, você demonstrou um bom desempenho em sua liderança e, estamos convictos de que você tem um perfil adequado para representar nossa Congregação no Encontro Internacional de Religiosas com o Papa. Parabéns.

**24-**Ir. Matilde abaixa a cabeça e diz: “Entendo. Não se preocupe, irei dar meu aviso esta semana e saio na próxima”. (VÁ PARA 25).

**25-**Apesar da sua dedicação, após alguns dias, você sente dificuldades pelo clima insustentável que surgiu na comunidade e percebe que o tenso relacionamento é fruto da liderança paralela exercida pela Ir. Magda, contrária a sua decisão de não mais permitir que assistam o noticiário de determinado canal de TV. O que você faz?

- a) Reúne a comunidade para justificar e confirmar sua decisão. (VÁ PARA 26).
- b) Reúne a comunidade para refletirem, conjuntamente, a atuação da Ir. Magda e ponderarem a determinação dada. (VÁ PARA 30).
- c) Entra em contato com a Provincial em busca de ajuda. (VÁ PARA 38).

**26-**Você reúne a comunidade para falar sobre a proibição de assistir o noticiário de um canal de TV, explicando a todas que o conteúdo da emissora, além de tendencioso e polêmico, é muitas vezes deliberadamente falso. Ir. Magda tenta contestá-la abertamente durante este momento. Como você reage?

- a) Colocá-la em seu lugar na frente da comunidade? (VÁ PARA 27).
- b) Pedir silêncio e falar com ela após a reunião? (VÁ PARA 28).
- c) Deixá-la falar e retrocar com seus argumentos? (VÁ PARA 29).

**27-**Você lembra Ir. Magda que você é a Superiora da comunidade, e não ela, e que ela lhe deve este respeito. Ir. Magda se submete à sua autoridade e não interfere mais na reunião. Após isto, o dia transcorre normalmente. (VÁ PARA 40).

**28-**Após terminar sua fala, você chama Ir. Magda para sua sala. Qual o tom que você deseja ter nesta conversa?

- a) Punitivo. Ir. Magda não deve questioná-la abertamente e muito menos na sua ausência, e deve atender a suas determinações quando você pedir. (VÁ PARA 36).

- b) Conciliador. A experiência e dedicação é valiosa para a comunidade e será melhor se vocês estiverem trabalhando juntas em harmonia. (VÁ PARA 37).
- c) Pragmático. Ir. Magda deve discutir suas contestações com você, e não pode dar induzir as outras Irmãs contra suas determinações. (VÁ PARA 38).

**29-**Você e Ir. Magda dão seus argumentos, e uma parte considerável da comunidade parece concordar, ao menos em parte, com Ir. Magda. Mesmo entre as que não querem assistir o noticiário, há algumas que acham que não deveria ser proibido fazê-lo. O que você decide?

- a) Manter a proibição, pedindo a compreensão de todas? (VÁ PARA 35).
- b) Revogar a proibição? (VÁ PARA 33).

**30-**Reunidas, as Irmãs parecem divergir em suas opiniões quanto à situação. A maioria condena a atitude de Ir. Magda, mas, mesmo entre estas, boa parte não acha justo ou necessário proibir que se assista ao noticiário. Como você reage?

- a) Insiste em seus argumentos, a fim de convencer mais Irmãs e ganhar a maioria. (VÁ PARA 34).
- b) Acata o desejo da maioria, dando razão a Ir. Magda. (VÁ PARA 33).
- c) Mantém sua determinação e decide punir Ir. Magda. (VÁ PARA 31).

**31-**Você se mantém impávida em sua decisão e encerra a reunião. Mais tarde, em sua sala, você diz a Ir. Magda que irá puni-la. Vocês retornam a seus aposentos e o dia se encerra. (VÁ PARA 39).

**32-**Através das suas respostas, você demonstrou um bom desempenho em sua liderança e, estamos convictos de que você tem um perfil adequado para representar nossa Congregação no Encontro Internacional de Religiosas com o Papa. Parabéns!

**33-**Você aceita a opinião das Irmãs, revogando a sua determinação anterior. A comunidade retorna aos seus afazeres e, em breve, o dia se encerra. (VÁ PARA 39).

**34-**Você enumera seus argumentos cuidadosamente, explicando cada ponto de seu raciocínio por trás desta determinação. Ao final de sua fala, uma boa parte da comunidade parece convencida de seus argumentos, e apoia a manutenção de sua ordem. Após isto, o dia termina normalmente. (VÁ PARA 39).

**35-**Você reconhece a preferência da comunidade, mas mantém sua decisão, pedindo que confiem na sua experiência. As Irmãs parecem um pouco apreensivas, mas não questionam sua determinação. Ao final do dia, todas se recolhem sem quaisquer transtornos. (VÁ PARA 39).

**36-**Como punição você, publicamente, repreende Ir. Magda por suas atitudes e exige que ela prometa que não repetirá este comportamento. Após isto, todas as Irmãs se recolhem sem mais transtornos. (VÁ PARA 39).

**37-**Você ouve os argumentos de Ir. Magda novamente e discute alguns dos pontos que lhe preocupam sobre a questão. Após algum tempo de conversa, você aceita permitir que as Irmãs assistam ao noticiário enquanto você estiver presente, e reserva o direito de desligar a televisão caso surja um tema muito polêmico ou uma informação claramente falsa. (VÁ PARA 39).

**38-**Você conversa demoradamente com Ir. Magda procurando ser paciente com ela e demonstrando que entende seu ponto de vista mas, procura manter sua autoridade. Ela demonstra compreender e promete que falará com você particularmente sobre dúvidas e sugestões futuras. Após isto, o dia termina tranquilamente. (VÁ PARA 39).

**39-**Algumas semanas se passam e o ritmo de atividades da comunidade se mantém estável. Num certo dia, no entanto, você se vê frente a um dilema. Em três dias, haverá um importante encontro litúrgico da Diocese e um evento acadêmico, ambos importantes, sendo que o acadêmico oportunizará um conceito favorável para a escola, inclusive com perspectiva de retorno financeiro. Ambos estão agendados em horários muito próximos, mas serão realizados em lados opostos da cidade, impossibilitando sua presença nos dois. Ir. Cristina (que discutia política com Ir. Rosa nos últimos tempos) se oferece para ir a um deles em seu lugar, mas Ir. Rosa vem à sua sala para conversar em particular pouco depois. “Não é segredo que eu e Ir. Cristina temos nossos desentendimentos” afirma ela. “Mas independente das nossas divergências gostaria de aconselhá-la a não enviá-la. Apesar de dedicada é, também, distraída e dada a desleixos em suas tarefas. Com certeza não será uma boa substituição. Eu posso ir em seu lugar, se achar conveniente. Como você resolve?”

a) Ir para o evento litúrgico e enviar Ir. Cristina para o evento escolar. (VÁ PARA 40).

b) Ir para o evento litúrgico e enviar Ir. Rosa para o evento escolar. (VÁ PARA 41).

c) Ir para o evento escolar e enviar Ir. Cristina para o evento litúrgico. (VÁ PARA 42).

d) Ir para o evento escolar e enviar Ir. Rosa para o evento litúrgico. (VÁ PARA 43).

**40-**Você atende ao evento litúrgico enquanto Ir. Cristina atende ao evento escolar. Ela desempenha sua tarefa satisfatoriamente, e ambas trazem boas notícias ao retornar para a comunidade. (VOLTE PARA 18).

**41-**Você atende ao evento litúrgico enquanto Ir. Rosa atende ao evento escolar. Ela desempenha sua tarefa com diligência, e ambas trazem boas notícias ao retornar para a comunidade. (VÁ PARA 44).

**42-**Você atende ao evento escolar enquanto Ir. Cristina atende ao evento litúrgico. Ela desempenha sua tarefa com empenho, e ambas trazem boas notícias ao retornar para a comunidade. (VOLTE PARA 32).

**43-**Você atende ao evento escolar enquanto Ir. Rosa atende ao evento litúrgico. Ela desempenha sua tarefa com dedicação, e ambas trazem boas notícias ao retornar para a comunidade. (VOLTE PARA 23).

**44-**Através das suas respostas, você demonstrou um bom desempenho em sua liderança e, estamos convictos de que você tem um perfil adequado para representar nossa Congregação no Encontro Internacional de Religiosas com o Papa. Parabéns.